

A photograph of two people holding hands, with a focus on their bodies and skin. The image is a close-up, showing the hands clasped together in the center. The skin is a warm, brownish tone. The background is bright and out of focus, suggesting a window or a bright indoor space. The overall mood is intimate and supportive.

Caos

v.1, n.28, ano 23, jan./jun. 2022

Dossiê
FAT STUDIES

CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais

Curso de Ciências Sociais

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Universidade Federal da Paraíba

Publicação semestral da Coordenação do Curso de Ciências Sociais, v. 1, n. 28, jan./jun. de 2022

ISSN 1517-6916 (online)

CONSELHO EDITORIAL

Adriano de Léon, UFPB, Brasil

Antonádia Monteiro Borges, UNB, Brasil

Edmundo Pereira, Museu Nacional/UFRJ, Brasil

Frédéric Vandenberghe, IFCS/UFRJ, Brasil

Karina Biondi, UEMA, Brasil

Lisabete Coradini, UFRN, Brasil

Maristela Oliveira de Andrade, UFPB, Brasil

Miqueli Michetti, UFPB, Brasil

Sônia Weidner Maluf, UFPB, Brasil

Stênio José Paulino Soares, UFBA, Brasil

Tássia Rabelo de Pinho, UFPB, Brasil

Vagner Gonçalves da Silva, USP, Brasil

EDITORIA

Giovanni Boaes e Adailton Aragão

COMISSÃO EDITORIAL

Aécio Amaral, UFPB, Brasil

Aina Azevedo Guimarães, UFPB, Brasil

Luciana Aliaga, UFPB, Brasil

Terry Mulhall, UFPB, Brasil

Thiago Panica Pontes, UFPB, Brasil

Victória Lombardi Freire, UFPB, Brasil

REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO

Giovanni Boaes

Revisão de inglês: Terry Mulhall

CAPA

Jonas de Sene Pinto

Gerente de capa: Aina Azevedo Guimarães

Fotografia: “As pontes são nossas mãos”

Créditos: Milena Paulina da Silva Mendes

Caos

Publicação da Coordenação do Curso de Ciências Sociais

Universidade Federal da Paraíba

(Campus I – João Pessoa)

ANO 23

volume 1

número 28

jan./jun. 2022

ISSN 1517-6916 (online)

Dossiê Temático

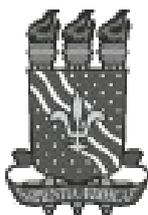
FAT STUDIES

Nicole Pontes

Simone Magalhães Brito

Luciana Pionório

(organizadoras)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor: Valdiney Veloso Gouveia

Vice-reitora: Liana Filgueira Albuquerque

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

Diretor: Rodrigo Freire de Carvalho e Silva

Vice-diretor: Marcelo Sitcovsky Santos Pereira

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Coordenador: Terry Mulhall

Vice-coordenador: Aécio Amaral Júnior

Indexação e Registros



PKP|INDEX

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C111 CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais/Coordenação do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. – v. 1, n. 28 (jan./jun. 2022). – João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Coordenação do Curso de Ciências Sociais.

Semestral

Publicação online: www.periodicos.ufpb.br/index.php/caos

ISSN: 1517- 6916

1. Antropologia. 2. Ciência Política. 3. Sociologia.

- 6 EDITORIAL
Giovanni Boaes, Adailton Aragão

DOSSIÊ *FAT STUDIES* / *FAT STUDIES DOSSIER*

- 13 “MULHERES QUE COMEM TODAS AS MAÇÃS”: apresentação do dossiê / “*WOMEN WHO EAT ALL THE APPLES*”: *dossier presentation*
Simone Magalhães Brito
- 21 A INVIABILIZAÇÃO DO CORPO GORDO NAS REVISTAS FEMININAS BRASILEIRAS: estudo de caso sobre capas da revista digital Elle Brasil / *THE INVALIDATION OF THE FAT BODY IN BRAZILIAN FEMALE MAGAZINES: a case study on the covers of the digital magazine Elle Brasil*
Jayane Souza
- 38 FEMINISMO GORDO: epistemologias, saúde e mídia / *FAT FEMINISM: epistemology, health and the media*
Maria Luisa Jimenez Jimenez, Agnes de Sousa Arruda, Marcelle Jacinto da Silva
- 65 BATUKA: introdução aos *Fat Studies* / *BATUKA: a Fat Studies primer*
Cat Pausé
- | Entrevista |
- 95 *FAT STUDIES*: entrevista com Cat Pausé / *FAT STUDIES: interview with Cat Pausé*
Cat Pausé, Nicole Pontes

OFÍCIO DE CIENTISTA SOCIAL / *THE OFFICE OF SOCIAL SCIENTIST*

- 101 TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB) / *SCHOOL TRAJECTORIES OF UNDERGRADUATE STUDENTS IN SOCIAL SCIENCES AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARAÍBA (UFPB)*
Aina G. Azevedo, Joery Pereira de Oliveira, Mariana P. de M. Novais

SEÇÃO ESPECIAL: homenagem a Mauro Guilherme Pinheiro Koury / *SPECIAL SECTION: tribute to Mauro Guilherme Pinheiro Koury*

- 119** FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA / *FRAGMENTS OF A TRAJECTORY*
Jacob Carlos Lima
- 130** SOBRE LUTO E DOR, EMOÇÕES E PANDEMIA: encontros com o pensamento de Mauro Koury / *ABOUT MOURNING AND PAIN, EMOTIONS AND PANDEMIC: encounters with the thought of Mauro Koury*
Ednalva Maciel Neves

ARTIGOS / *ARTICLES*

- 143** UMBANDA INTERIORANA: relato em um terreiro de Vilhena (RO) / *RURAL UMBANDA: report in a terreiro in Vilhena (RO)*
Heron Cristiano Mairink Volpi
- 163** “TÁ VENDENDO O QUE EU TÔ FALANDO?” Reflexões sobre a escuta ativa e as performances da voz no contexto educacional durante a pandemia da Covid-19 / *“DO YOU SEE WHAT I'M TALKING ABOUT?” Reflections on active listening and voice performances in the educational context during the Covid-19 pandemic*
Melissa Contreiras
- 182** PANDEMIA DA COVID-19 E USO DAS TICs: as dificuldades no acesso ao auxílio emergencial / *COVID-19'S PANDEMY AND THE USE OF ICTS: the difficulties in accessing emergency assistance*
Felipe Franklin Anacleto da Costa, Maelson dos Reis Dutra

RESENHA / *REVIEW*

- 199** TRADIÇÕES JOGADAS / *RELEASED TRADITIONS*
Gabriel Farias Pereira

TRADUÇÃO / *TRANSLATION*

- 210** PREFÁCIO À FILOSOFIA POSITIVA DE AUGUSTE COMTE / *PREFACE TO THE POSITIVE PHILOSOPHY OF AUGUSTE COMTE*
Harriet Martineau; Fernanda Henrique Cupertino Alcântara

Vem a público o número 28 da Caos. Traz o dossiê *FAT STUDIES*, composto por cinco peças, organizado e escrito por mulheres (acadêmicas e ativistas) gordas. Além do dossiê, integram o *corpus* deste número três artigos livres, um artigo na seção ofício de cientista social, dois artigos em homenagem ao professor Mauro Koury, uma resenha e a tradução de um texto de Harriet Martineau. Com esta publicação, completamos a trilogia de vozes silenciadas, emanadas de grupos estigmatizados, “subalternizados”. Vozes negras (número 26), vozes albinas (número 27), e, por último, fechando a trilogia, as vozes gordas (número 28). Essa linha editorial será interrompida pelo número 29, mas pretendemos retomá-la em números subsequentes.

O dossiê foi organizado por Nicole Pontes, Simone Brito e Luciana Pionório. Nicole Pontes é professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Graduada em ciências sociais, com mestrado e doutorado em sociologia. Seu interesse de estudo e pesquisas se volta para gênero, políticas públicas, teoria sociológica, metodologias qualitativas e corpo gordo feminino. Simone Brito é professora do Departamento de Ciências Sociais e da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Possui graduação em ciências sociais, mestrado e doutorado em sociologia. Seu interesse de estudo e pesquisa se orienta para teoria crítica e sociologia da moral. Luciana Pionório é doutoranda em sociologia, desenvolvendo pesquisa sobre corpos fora dos padrões estéticos hegemônicos. Possui graduação em ciências sociais e mestrado em sociologia. Orienta seus estudos e pesquisas para as áreas de sociabilidades nas redes sociais da internet, *body positive*, entre outros.

O dossiê reúne três artigos e uma entrevista, além do texto de apresentação. Inicialmente deveria se chamar “Corpos gordos femininos”, que em seguida foi modificado para “Gordas”. Finalmente adquiriu o título definitivo “*Fat Studies*”. Essas mudanças de nomes ocorreram em decorrência de mudanças na composição das partes do dossiê, pois alguns artigos que estavam previstos não foram apresentados pelas proponentes. Para que as organizadoras chegassem ao título definitivo, pesaram o artigo e a entrevista de Cat Pausé, uma das mais importantes sistematizadoras e divulgadora dos chamados *Fat Studies* (estudos da gordura).



Além disso, como os textos das autoras mais alinhadas com o pensamento crítico decolonial não foram enviados, permaneceram os textos mais alinhados à proposta dos estudos da gordura.

O dossiê resultou de convite do editor feito às organizadoras. Estabeleceu-se prazo para que os manuscritos fossem submetidos. A política da seção dos dossiês se respalda na avaliação por pares, portanto, no fluxo editorial, primeiramente os manuscritos foram submetidos à verificação de similaridade por meio do aplicativo *Plagius*, seguindo para o *desk review*; uma vez aprovados nessas etapas, seguiram para a avaliação de dois pareceristas externos (sistema *peer review e double blind*). Daí se iniciou o diálogo entre avaliador/a e autor/a, mediado pela equipe editorial. Resolvidas as demandas, os manuscritos seguiram para revisão de português e normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e, finalmente, para validação das autoras. Do dossiê, apenas a entrevista e o texto de apresentação não passaram por avaliação externa, conforme política das duas seções. Dos artigos submetidos (quatro no total), um foi rejeitado na fase de avaliação externa, pois a autora optou por não realizar as modificações sugeridas pelos pareceristas.

Um fato marca, de forma repentina e triste, a história deste dossiê. Enquanto processávamos a sua publicação, recebemos a impactante notícia do falecimento da mundialmente conhecida Dra. Cat Pausé, ilustre colaboradora do dossiê, ao qual havia oferecido um artigo — *BATUKA: INTRODUÇÃO AOS FAT STUDIES* — e uma entrevista — *FAT STUDIES: ENTREVISTA COM CAT PAUSÉ*. A entrevista, realizada pela professora Nicole Pontes, aconteceu em janeiro deste ano, sendo que pouco mais de um mês soubemos do falecimento da entrevistada, ocorrido no dia 25 de março. Talvez, esta tenha sido a última entrevista dada por ela a uma revista acadêmica. Sentimo-nos na obrigação de dedicar este número 28, que vocaliza vozes gordas, à sua memória: pesquisadora e professora vinculada à *Massey University* (Nova Zelândia), ativista, mulher, feminista, gorda maior e arauto dos *Fat Studies*. Sua voz, neste dossiê como em todos os seus outros trabalhos, “clama por uma nova ética da gordura, que desmascare o papel que a ciência tem desempenhado na opressão das pessoas gordas”.¹

Na seção ofício de cientista social, Aina Guimarães Azevedo — professora do Departamento de Ciências Sociais da UFPB e colaboradora permanente da Revista Caos —,

¹ CAT PAUSÉ PhD. About Cat. Research interests. **Site Friends of Marilyn**. Disponível em: <https://www.friendofmarilyn.com/about>. Acesso em: 26 maio 2022, tradução nossa.



Joery P. de Oliveira e Mariana Novais — alunas do Curso de Ciências Sociais da UFPB — assinam o texto: *TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)*. Nele, as autoras apresentam relatos de estudantes do Curso de Ciências Sociais, com o intuito de delinear trajetórias a partir de temas geradores sobre racismo, questões de gênero e a importância de políticas públicas educacionais de apoio a essas trajetórias no espaço universitário. Com isso, elas pretendem destacar o que acontece com esses/essas estudantes, a fim de identificar possíveis potenciais que não estão recebendo a devida atenção por parte dos/das docentes e demais quadros institucionais da UFPB. A finalidade do artigo — para se adequar à política da seção na qual se insere —, antes de apresentar análises aprofundadas, é fazer uma descrição mais próxima possível das narrativas dos/as discentes. A submissão foi feita a convite do editor, portanto não foi avaliada por dois pareceristas externos, passando pela verificação de similaridade e demais etapas do processo editorial como descrito anteriormente.

Os textos para a seção especial em homenagem ao professor Mauro Koury — falecido no ano passado — também partiram de convite feito aos autores pelo editor. Inicialmente, o convite foi dirigido àqueles/as que conviveram com o homenageado de modo mais próximo; cinco foram convidados/as, mas apenas dois nos enviaram os textos no prazo estabelecido. O primeiro deles — *FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA* — é de autoria do professor Jacob Carlos Lima, professor titular do Departamento de Sociologia da UFSCar, referência nacional na área da sociologia do trabalho, que relata no artigo os momentos de convivência que teve com o professor Mauro Koury; em um primeiro momento, no Departamento de Ciências Sociais da UFPB e, em um segundo momento, em São Carlos, onde o homenageado concluiu seu doutorado. Além disso, o autor nos brinda, a partir da memória, com informações sobre a história das ciências sociais da UFPB, da qual os dois foram protagonistas. O segundo texto — *SOBRE LUTO E DOR, EMOÇÕES E PANDEMIA: ENCONTROS COM O PENSAMENTO DE MAURO KOURY* — é da professora Ednalva Maciel, titular do Departamento de Ciências Sociais da UFPB. Nele, relata os encontros que teve com o professor Mauro Koury a partir de suas obras, uma vez que o interesse de pesquisa de ambos se voltavam para os mesmos temas. A autora também registra momentos de convivência com o homenageado, especialmente vividos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, no qual compartilhavam tarefas da vida acadêmica. O texto, além de narrar tais episódios, preocupa-se também em comentar



algumas das obras do professor Mauro Koury, assumindo, em alguns trechos, uma feição de resenha descritiva. Esta seção, assim como a precedente, captou os manuscritos por meio de convites, portanto o material não foi submetido à avaliação de pareceristas externos, ela ficou a cargo dos editores, empregando-se as etapas já descritas (verificação de similaridade, *desk review*, revisão de português e normas da ABNT e validação dos autores).

Na seção de artigos livres, vigora a política da avaliação por pares. O processo é idêntico ao que foi descrito para os artigos do dossiê, o que nos poupa de o descrever novamente. Cotados para este número estavam quatro manuscritos. Um deles foi rejeitado na etapa de avaliação externa, pois o autor optou por não responder às solicitações dos pareceristas.

O primeiro artigo — UMBANDA INTERIORANA: RELATO EM UM TERREIRO DE VILHENA (RO) —, escrito por Heron Cristiano Mairink Volpi, aluno de mestrado em antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), apresenta resultados de etnografia feita em terreiros de umbanda em uma cidade do interior do estado de Rondônia. É fruto de uma pesquisa exploratória, na qual o autor se aproxima dos cultos realizados nos terreiros. Seu olhar se volta para cenários, gestos, atos, rituais e configurações de parentesco. Suas conclusões, entre outras direções, apontam para o caráter familiar que os cultos da umbanda assumem no campo estudado.

“TÁ VENDENDO O QUE EU TÔ FALANDO?” REFLEXÕES SOBRE A ESCUTA ATIVA E AS PERFORMANCES DA VOZ NO CONTEXTO EDUCACIONAL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 — é o segundo artigo. Escrito por Melissa Contreiras, aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB). A autora se debruça sobre experiências (suas próprias como auxiliar da professora, experiências da professora e das alunas) em sala de aula remota durante o período de pandemia. Sua reflexão, inspirada pela antropologia, volta-se para a importância de determinados recursos de aprendizagem, destacando como o contexto da pandemia problematizou questões voltadas para o corpo, os sentidos. Insiste que a visão tem sido o sentido privilegiado em sala de aula, permanecendo o sentido da audição em segundo plano. Diante disso, valendo-se de relatos de alunas das disciplinas nas quais atuou, a autora põe em evidência a importância do *podcast* como recurso didático importante durante a época de isolamento social, em que se aderiu forçosamente às modalidades de ensino remoto. Ele se mostra como recurso didático que realiza um duplo movimento: (i) possibilita o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos mais efetivos por meio da performance da voz e da escuta;



e (ii) possibilita o aprendizado no ato de escutar, a partir da ação de ensinar ativamente pelo corpo.

O terceiro artigo — PANDEMIA DA COVID-19 E USO DAS TICs: AS DIFICULDADES NO ACESSO AO AUXÍLIO EMERGENCIAL —, escrito pelo mestre em sociologia pela UFPB, Felipe Franklin Anacleto da Costa, em coautoria com Maelson dos Reis Dutra, aluno do Curso de Serviço Social da UFPB, analisa alguns problemas relacionados à concessão do Auxílio Emergencial (política de assistência do Governo Federal brasileiro) durante a pandemia de Covid-19 e os mecanismos de sua obtenção por uma população alvo, majoritariamente pauperizada e com limites de acesso e de uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Os autores revisam a literatura concernente ao tema, e suas conclusões apontam para aproximação otimizada entre as políticas neoliberais dos governos brasileiros e a precarização dos serviços públicos e sociais, situação que se agravou significativamente em decorrência da pandemia de Covid-19. Sobre este artigo, é importante acrescentar algo a mais. Ele originalmente foi submetido à outra revista ligada à UFPB; por lá passou pelo processo de avaliação, porém, por questões internas, a revista paralisou suas atividades, ficando o manuscrito estancado. Os autores, em acordo com os editores da outra revista, fizeram a submissão à *Caos* já em tempo bastante avançado para ser publicado no número 28. Porém, como o artigo já havia sido avaliado por pares no processo editorial da outra revista, concordamos em inseri-lo neste número. Mesmo assim, ainda houve tempo para, além de passar pela verificação de similaridade e o *desk review*, ser submetido à avaliação de um parecerista externo. Com a aprovação do parecerista, seguiram-se as outras etapas do processo editorial.

A seção de resenhas livres traz a resenha — TRADIÇÕES JOGADAS — de Gabriel Farias Pereira, aluno do Curso de Ciências Sociais da UFPB, sobre o livro *Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana*, de autoria de Paulo Andrade Magalhães Filho, publicado em 2012 pela editora da Universidade Federal da Bahia. A seção de resenhas livres, a exemplo dos artigos, pede que o manuscrito seja submetido à avaliação por pares, então todo o resto do processo repetiu o que já foi descrito para as seções que pedem a avaliação por pares. Para apresentar a resenha, aproveitamos este trecho de um dos pareceres:

[O autor da resenha] valoriza o livro, que revela um universo muito particular envolvendo disputas de práticas, sentidos e políticas de um saber-fazer complexo,



É permitido **compartilhar** (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e **adaptar** (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

DOI: <https://doi.org/10.46906/caos.n28.63228.p6-11>

denso e muito estimulante. Por outro lado, sua leitura apaixonante não evita críticas nem a explicitação dos limites da argumentação do autor – assim como das dificuldades que ele enfrenta para precisar um dos conceitos mais profundos e problemáticos das ciências sociais (por isso mesmo tantas vezes evitado): a tradição. As reflexões apontadas neste livro e na sua resenha são de grande interesse e profundidade, e creio que poderão ser úteis a todos quantos se interessarem por esse debate, travado em diversos campos e sobre diversos temas. A resenha também mostra como o caminho e o sentido da pesquisa foram conduzidos de modo dialógico e sensível: autor, problema e "revelações" do campo, tanto na observação direta quanto na pesquisa histórica. (informação verbal).²

Fechando o número, trazemos a tradução de um texto de Harriet Martineau, autora já traduzida em outro número da *Caos* (n. 24). A professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, campus Governador Valadares, Fernanda Henrique Cupertino Alcântara, Dra. em sociologia pelo IUPERJ e especialista na obra de Harriet Martineau, traduz o PREFACE TO THE POSITIVE PHILOSOPHY OF AUGUSTE COMTE. O propósito da tradução, como diz a professora Fernanda Alcântara, em nota de rodapé do texto aqui traduzido, é “trazer aos leitores o contato com o prefácio desta obra [para ajudar a] esclarecer algumas confusões a respeito e mostrar o papel ativo de Martineau [...] na divulgação tardia da obra de Comte e sem, entretanto, figurar como uma seguidora deste ou uma positivista.” A política de seção da tradução não exige a avaliação de pareceristas externos, logo a submissão passou pela verificação de similaridade, *desk review* e avaliação de um parecerista técnico (cientista social versado na língua original do texto traduzido), seguindo, finalmente, para a validação da tradutora.

Por último, queremos agradecer a todas/os que deram tempo, matéria e energia para compor este número: às organizadoras do dossiê, às dez autoras, aos quatro autores, às doze avaliadoras e aos cinco avaliadores. Como nos outros números, destacamos a ação de bastidores da professora Aina Guimarães (responsável pela capa), do professor Terry Mulhall (revisor de inglês), de Jonas de Sene Pinto (artista e designer gráfico responsável pela produção da capa) e de Victória Lombardi (suporte técnico), a quem vão duplicados os agradecimentos.

BOA LEITURA.

OS EDITORES.

² Trecho do parecer emitido em 10 de setembro de 2021. Parecerista anônima, professora titular de uma IFES, antropóloga.



| DOSSIÊ *FAT STUDIES* |



“MULHERES QUE COMEM TODAS AS MAÇÃS”: apresentação do dossiê**“WOMEN WHO EAT ALL THE APPLES”:** dossier presentation

Simone Magalhães Brito *

Resumo

Este texto apresenta o Dossiê Gordas. Com o intuito de iniciar uma breve discussão das características centrais dos *Fat Studies* (perspectiva na qual os trabalhos se inserem), são apresentados elementos da experiência de pessoas gordas e uma breve caracterização da gordofobia. Recorrendo à ideia de economia moral, delinerei os aspectos centrais do tipo de dominação que caracteriza a gordofobia.

Palavras-chave: estudos do corpo gordo; gordofobia; corporalidade; mulheres.

Abstract

This text presents the Fat Dossier. In order to start a brief discussion of the central characteristics of Fat Studies (perspective in which the works are included), elements of the experience of fat people and a brief characterization of fat phobia are presented. Through the idea of moral economy, the central aspects of the type of domination that characterizes fatphobia are outlined.

Keywords: fat studies; fatphobia; corporality; women.

Uma epidemia é a disseminação de um contágio. É uma marcha incontável de uma doença infecciosa que se espalha pela humanidade. Ao longo da história, existiram muitas epidemias-sarampo, gripe, varíola, peste bubônica, febre amarela, malária, cólera, mas, segundo incontáveis relatos de noticiários, nenhuma é tão mortal e disseminada quanto a epidemia da obesidade. Em lugar de febre, pústulas que vazam, glândulas inchadas ou lesões, seus sintomas são a circunferência da cintura e a mudança de rumo da massa corpórea. O corpo obeso é a expressão do excesso, da decadência e da fraqueza. O corpo obeso é um local de infecção maciça. É a perda de terreno na batalha, numa guerra entre a força de vontade, a comida e o metabolismo, na qual você é o maior perdedor.

Roxane Gay (2017, p. 109).

Estes são os fatos: meu Índice de Massa Corporal é superior a 40. Esta é a classificação mais alta do IMC, obesidade nível três. Aqueles que usam essa escala me chamam de “obesa mórbida”. Na minha cultura, estou encarnada como algo mórbido. Como foi fácil para a linguagem tirar minha vida e transformá-la em morte e doença. E não é tão fácil recriar uma linguagem que me traga de volta à vida plena. Deixe-me levar isso ao nível da sensação: quando digito ou digo que sou obesa mórbida, algo ocorre em meu corpo que não estava acontecendo apenas um momento antes. Meu pulso acelera e minha cabeça lateja. Às vezes, sinto pânico e quero chorar. Sinto que preciso respirar

* Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba/Brasil. PhD em Sociologia pela Lancaster University/UK. E-mail: simonebritto@hotmail.com.



fundo, limpar meus pulmões. Eu tenho lidado com os temas e a linguagem da corporeidade há décadas e essa ainda é minha experiência com a linguagem. Não é como se eu estivesse lidando com um diagnóstico repentino que traz medo do desconhecido. Não é como quando alguém diz: você tem câncer. Não há doença no meu corpo, nenhuma doença e, no entanto, de acordo com o IMC, minha existência é mórbida. Essa afirmação é trazida para descrever uma experiência cotidiana em um corpo que vive, age, faz amor e experimenta alegria. Sou afetada por essa classificação e linguagem e carrego a classificação no corpo. Eu sinto meu nível de estresse aumentar só para poder te dizer isso – e haverá um esforço envolvido em me tirar dessa ansiedade de volta para o estado neutro.

Kimberly Dark (2021, p. 37, tradução nossa).

The Hymn of a Fat Woman

All of the saints starved themselves.
Not a single fat one.
The words “deity” and “diet” must have come from the same
Latin root.

Those saints must have been thin as knucklebones
or shards of stained
glass or Christ carved
on his cross.

Hard
as pew seats. Brittle
as hair shirts. Women
made from bone, like the ribs that protrude from his wasted
wooden chest. Women consumed
by fervor.

They must have been able to walk three or four abreast
down that straight and oh-so-narrow path.
They must have slipped with ease through the eye
of the needle, leaving the weighty
camels stranded at the city gate.

Within that spare city’s walls,
I do not think I would find anyone like me.

I imagine I will find my kind outside
lolling in the garden
munching on the apples.

Joyce Huff (2001, p. 36, tradução nossa)¹

¹ **O hino de uma mulher gorda/** Todos as santas passaram fome. Nenhuma era gorda. As palavras “divindade” e “dieta” devem ter vindo da mesma raiz latina (divinity e diety em inglês)./ Aquelas santas devem ter sido magras como ossos dos dedos ou cacos de vidro manchado ou Cristo esculpido em sua cruz./ Duras como bancos de igreja. Frágeis como túnicas de pano de saco. Mulheres feitas de osso, como as costelas que se projetam de seu gasto baú de madeira. Mulheres consumidas pelo fervor./ Elas devem ter sido capazes de andar umas três ou quatro, lado a lado, por aquele caminho reto e tão estreito. Elas devem ter pasado com facilidade pelo buraco da agulha, deixando os pesados camelos encahalados no portão da cidade./ Dentro das muralhas daquela cidade, acho que não encontraria alguém como eu. Imagino que encontrarei meu tipo lá fora descansando no jardim, comendo as maçãs.

Esse excesso de epígrafes não é um problema para este dossiê. Capa, organização, apresentação e escrita foram todas produzidas por mulheres gordas, portanto acostumadas com as gramáticas do excessivo: sua inscrição no corpo, no cotidiano e, bem mais recentemente, na política e na pesquisa. Uma vez que a natureza da convenção sobre o tamanho das epígrafes é tão arbitrária quanto aquela que estabelece o valor de um corpo pela relação entre peso e altura e, principalmente, como já nasci ferindo essa última, não devo me sentir culpada por quebrar a primeira. Ser reconhecida como gorda mau comportada seria um ótimo sinal para todas as mulheres que participam deste dossiê², mas meu caso é mais simples e justificado: cada uma dessas epígrafes relata experiências que permitem uma aproximação não apenas dos principais problemas tratados neste dossiê, mas de todo o campo dos *Fat Studies* ou estudos sobre o corpo gordo.

Primeiro, temos o “problema da obesidade”. Obeso, obesa são palavras extremamente problemáticas para se referir a pessoas gordas porque representam o complexo de controle e vigilância dos corpos produzido pela medicina contemporânea. Certamente, um dos aspectos da estigmatização e exclusão é que a escolha de palavras degradantes não se dá, na maioria das vezes, por falta de informação, mas por prazer. Entretanto, para além do reconhecimento de que há variados tipos de gratificação associados com a humilhação de pessoas gordas, precisamos entender o contexto sociológico em que se passa a problematizar o rótulo de obesos — que para não-gordos parece mais cortês e neutro. O aparente ideal de objetividade (apenas um número numa escala) transforma corpos em “um local de infecção maciça”, “morte e doença”. As falas de Roxane Gay e Kimberly Dark retratam a experiência das pessoas que são associadas à morte e doença, além de preguiça, incompetência e fraqueza.

Depois, a tentativa de confrontar e subverter o modo como esse discurso da obesidade inscreve sentidos de medo, vergonha e nojo nos corpos das pessoas gordas é o aspecto central dos *Fat Studies*, um campo de pesquisa em estreita relação com o ativismo gordo. Aqui, a poesia de Joyce Huff apresenta um sentido de aceitação e, especialmente, de autoaceitação das pessoas gordas. A ideia de comer maçãs, que uso como título desta

² Pensei em dizer que seria uma honra para qualquer feminista, mas seria um exagero. Há o mesmo cartaz em todas as consciências: antes uma letra escarlate que o título de gorda. Infelizmente, o feminismo tem sido magro.



apresentação, brinca com o fato de que se Eva foi condenada por comer apenas uma maçã, o que podemos imaginar das mulheres que desejam ou comem mais de uma? Quando escolhi falar das mulheres que comem “todas as maçãs”, busquei indicar dois sentidos em disputa: uma justificativa para o rebaixamento moral do corpo gordo, já que ele, supostamente, apropriar-se-ia “do que não lhe pertence”, seja comida ou espaço. E, ao mesmo tempo, a utopia de Huff: a recusa dos sofrimentos impostos ao corpo e a aceitação de suas diferenças.

Nesse sentido, as vozes nessas epígrafes estão muito próximas daquelas vozes presentes nos artigos deste dossiê. As pesquisas aqui apresentadas convergem na crítica da retórica da obesidade, produzida por meio da patologização e medicalização dos corpos gordos. Os *Fat Studies* estão baseados numa variedade de pesquisas (como os estudos críticos da obesidade referenciados pelo artigo de Cat Pausé aqui publicado) que questionam a validade de se tomar o peso como fator determinante de saúde, bem-estar e valor moral (MONAGHAN et al, 2010). Não se enquadrar nas convenções a respeito do peso dos corpos se transforma numa condenação, e o pânico moral que sustenta a “epidemia de obesidade” reforça as práticas de gordofobia e vai além do desrespeito: também adoece as pessoas gordas.

Uma das contribuições centrais dos *Fat Studies* é demonstrar como a gordofobia é um sistema de reprodução de estigmas, seu caráter é estrutural (JIMENEZ-JIMENEZ, 2018). Ao tratar de experiências individuais é difícil separar a gordofobia da misoginia, dos preconceitos de classe, racismo e capacitismo. Uma vez que esses processos não podem simplesmente ser adicionados ou sobrepostos como “novas temáticas” ou problemas, os *Fat Studies* costumam se engajar no debate interseccional, ao mesmo tempo em que seus pesquisadores buscam delimitar as particularidades da exclusão e injustiça produzidas pela gordofobia.

Como lógica de dominação, a gordofobia coloniza a linguagem e a imaginação. Formas de desumanização são vistas como naturais de modo que mesmo situações para a reflexão crítica, como os espaços acadêmicos, naturalizam a ridicularização de pessoas gordas. O texto de Jayane Souza (incluído neste dossiê) traz um conjunto exemplar dessas imagens degradantes e a naturalidade com que são usadas.

Gostaria de chamar atenção para a economia moral que organiza a gordofobia. Não se trata apenas de um jogo de mais ou menos capital, belo e repulsivo, precisamos pensar que a gordofobia produz ganhos existenciais, seja para as pessoas magras, seja para a indústria do emagrecimento. Dentre esses ganhos, destacamos uma espécie de “segurança ontológica” produzida pela fantasia de que só os gordos morrem. O imaginário organizado pela gordofobia permite sentir que a magreza resolve os problemas da finitude. Durante a pandemia, muitas vezes ouvi, após a notícia de que alguém estava na UTI ou tinha morrido, a pergunta: era gordo? Era gorda? Assim, acreditar que evitando a gordura se evita a morte é um mecanismo tão poderoso quanto a percepção de que ser magro ou emagrecer demonstra força de caráter. Pessoas gordas são retratadas como vítimas da falta de amor-próprio ou de tenacidade. A facilidade com que pessoas gordas emagrecem para, em seguida, engordarem novamente, dificilmente gera a desconfiança de que, talvez, a distribuição do peso corporal não seja uma questão de decisão. Aqui, mais uma vez, temos que a gordofobia esconde, além do medo da finitude, outra angústia que caracteriza a estrutura da subjetividade burguesa: de que haja situações que estejam fora do controle. O privilégio magro é, assim como o privilégio branco, uma espécie de interdito à reflexão sobre a produção de si e da vida.

Como sistema de crenças e valores morais, a gordofobia impede que as pessoas gordas reconheçam seu próprio corpo e vivam porque estão à espera: a vida começa quando se emagrece. Essa vida em compasso de espera é uma batalha com a natureza, e seu resultado é o adoecimento. Com base na perspectiva dos *Fat Studies*, é possível dizer que pessoas gordas nascem saudáveis e são adoecidas pela gordofobia. Como processo de produção de estigma, a gordofobia reduz as capacidades de ação das pessoas gordas. Por serem ridicularizados nas atividades físicas, suas habilidades corporais tendem a ser limitadas; pessoas gordas são excluídas dos benefícios socioemocionais da comensalidade; suas possibilidades de educação e aprimoramento são restritas pelo *bullying* e *fat-shaming*; suas dores e doenças, por serem sempre associadas “ao peso”, tendem a não receber tratamento adequado.

Também ficará claro nos artigos aqui apresentados que essa produção de conhecimento, além de transdisciplinar, também é feita numa associação estreita com o ativismo gordo. Como em outros movimentos, teoria e ativismo têm possibilitado a



transformação de experiências individuais de alienação e exclusão numa gramática das injustiças.

Em “A inviabilização do corpo gordo nas revistas femininas brasileiras: estudo de caso sobre capas da revista digital Elle Brasil”, Jayane Souza discute a moda como uma ferramenta de inclusão e exclusão de corpos, particularmente como um certo nicho de publicações, ao operar sistematicamente na produção do descontentamento com o corpo, também reproduz estereótipos sobre mulheres gordas, mesmo quando parece trabalhar no terreno de uma abertura para a diversidade dos corpos. A análise das capas de revista apresenta um viés crítico ao que aparenta ser uma conquista ou o início da inserção de mulheres gordas no imaginário da moda. Porém as três capas que retratam mulheres gordas, de um total de 20, não apresentam o corpo inteiro das mulheres ou o deixam totalmente coberto, sem grandes variações de cores e poses, levando a concluir que o “corpo da moda não é o corpo gordo”, mesmo quando o mercado propõe o discurso de inclusão da diversidade. Mulheres gordas estão acostumadas a ouvirem que têm um “rosto bonito”, o suposto elogio que serve apenas para reforçar a impossibilidade de aceitação de se seus corpos. Nesse sentido, o artigo traz ferramentas e um modelo com questões importantes para o estudo dos termos ou enquadramento da representação e aceitação de corpos gordos na mídia.

“Feminismo Gordo: epistemologia, saúde e mídia”, artigo escrito por Maria Luisa Jimenez Jimenez, Agnes de Sousa Arruda e Marcelle Jacinto da Silva apresenta uma perspectiva feminista, crítica e decolonial sobre a gordofobia. As autoras aprofundam a discussão sobre como a associação entre corpo gordo e doença “não só é arbitrária como reforça e naturaliza ainda mais a gordofobia como um traço da cultura ocidental contemporânea, impulsionando a permanência e atualização desse tipo de preconceito. Além de um importante conjunto de referências aos modos como a gordofobia é expressa no Brasil, o trabalho também discute a questão da retomada do poder das pessoas gordas sobre suas narrativas, corpos e experiências.

Em “Batuka: introdução aos *Fat Studies*”, Cat Pausé apresenta a história dos *Fat Studies*, considerando seus problemas centrais e caminhos futuros, destacando como, por sua relação com os ativismos em diversas partes do mundo e sua base na experiência, os *Fat Studies* são a perspectiva mais apropriada para estudar corpos gordos e a experiência



das pessoas gordas. De modo importante, o artigo destaca a origem e desenvolvimento das principais vertentes de pesquisa sobre o corpo gordo: pesquisas sobre obesidade, estudos críticos da obesidade, ciência do peso e *Fat Studies*. A autora demonstra as implicações da patologização do corpo gordo, especialmente como as tentativas de “resolver o problema da obesidade” terminam por reforçar os estigmas que oprimem e limitam a existência das pessoas gordas. Num texto escrito especialmente para esse dossiê, a autora sintetiza a relevância desse projeto intelectual: “os *Fat Studies* e o ativismo gordo sinalizam um mundo emergente: onde as libertações dos corpos gordos não podem ser desagregadas da libertação de todas as opressões.

A entrevista realizada por Nicole Pontes com Cat Pausé deveria ser o retrato de um momento de grande alegria pelo início de um diálogo importante para os estudos do corpo gordo no Brasil. Como um dos nomes mais importantes nos *Fat Studies*, a socióloga estadunidense apresenta um diagnóstico do momento atual dos estudos sobre o corpo gordo e, principalmente, delinea caminhos para a pesquisa futura com a precisão e esperança que são característicos de seu pensamento. Contudo, com a sua morte em 25 de março deste ano, a comunidade de pesquisadoras, pesquisadores e ativistas gordos precisará lidar com a perda de uma de suas principais referências, alguém particularmente responsável por criar pontes entre a pesquisa acadêmica e o ativismo político. Nesse sentido, entendemos que essa última conversa nos mostra meios de homenagear e continuar os estudos de uma pioneira da “sociologia gorda”.

Também sentimos muito que Cat não tenha visto esse dossiê finalizado. Temos certeza de que ficaria encantada com o trabalho de Milena Paulina — “As pontes são nossas mãos” — que ilustra a capa do dossiê. Como os outros trabalhos da artista³, esse é um exemplo de abertura e ampliação do imaginário sobre a experiência e encontro das mulheres gordas. É uma imagem da diferença e da alegria.

Em nome de todas as organizadoras e autoras também agradeço aos editores da Revista Caos pela pronta acolhida da proposta e paciência durante todo o processo.

Na esperança de novos encontros e debates, desejo excelente leitura!

³ Para conhecer mais das obras de Milena Paulina ver: <https://olhardepaulina.com/>.



Referências

DARK, Kimberly. Language, fat and causation. *In*: PAUSÉ, Cat; TAYLOR, Sonya R. **The Routledge international handbook of fat studies**. New York, NY: Routledge, 2021. P. 37-39.

GAY, Roxane. **Fome**: uma autobiografia do (meu) corpo. São Paulo: Globo, 2017.

HUFF, Joyce. The hymn of a fat woman. **Gargoyle**, Arlington-VA, n. 44, p. 36, 2001. Disponível em: https://www.loc.gov/programs/poetry-and-literature/poet-laureate/poet-laureate-projects/poetry-180/all-poems/item/poetry-180-097/the-hymn-of-a-fat-woman/?loclr=lsp1_rg0001. Acesso em: 10 maio 2022.

JIMENEZ-JIMENEZ, Luisa, Maria. **Gordofobia médica**: a reprodução do estigma social. **Todas Fridas** (online), 2018. Disponível em: <http://www.todasfridas.com.br/2018/07/23/gordofobia-medica-a-reproducao-do-estigma-social/>. Acesso em: 10 maio 2022.

MONAGHAN, Lee F.; HOLLANDS, Robert; PRTICHARD, Gary. Obesity epidemic entrepreneurs: types, practices and interests. *Body & Society*, Nottingham, UK, v. 16, n. 2, p. 37-71, jun. 2010.

Recebido em: 04/05/2022.

Aceito em: 11/05/2022.



A INVIABILIZAÇÃO DO CORPO GORDO NAS REVISTAS FEMININAS BRASILEIRAS: estudo de caso sobre capas da revista digital Elle Brasil

THE INVALIDATION OF THE FAT BODY IN BRAZILIAN FEMALE MAGAZINES: a case study on the covers of the digital magazine Elle Brasil

Jayane Souza *

Resumo

O mundo globalizado fez com as plataformas midiáticas e de comunicação tivessem que se reinventar, como foi o caso das revistas impressas que convergiram, e algumas ressurgiram no formato digital. O presente artigo tem como objetivo discutir a inviabilização do corpo gordo feminino nas revistas femininas brasileiras, mais especificamente na revista digital Elle Brasil. A pesquisa ancora-se nos conceitos de gordofobia com Santos e Jimenez (2021), corpo ideal midiático com Siqueira e Faria (2007) e Oliveira (2018), explicando a moda como instrumento cultural. Para compor o artigo, três capas, cujos modelos estampados no produto eram gordos, foram objeto para análise textual e de imagem. Foi feito também um apanhado, de maneira bibliográfica, de como funcionam as escolhas editoriais e de como essas estruturas corpóreas foram representadas nas capas estudadas.

Palavras-chave: corpo gordo; moda; Elle Brasil; revista.

Abstract

The globalized world has meant that media and communication platforms have had to reinvent themselves, as was the case with printed magazines that converged and some re-emerged in digital format. This article aims to discuss the invalidation of the female fat body in Brazilian women's magazines, more specifically in the digital magazine "Elle Brasil". The research is anchored in the concepts of fatphobia of with Santos and Jimenez (2021), media ideal body of Siqueira and Faria (2007), and Oliveira (2018) explaining fashion as a cultural instrument. To compose the article, three covers, whose models stamped on the product were fat, were the object of textual and image analysis. A bibliographic survey was also made of how editorial choices work and how these corporeal structures were represented in the studied covers.

Keywords: body fat; fashion; Elle Brasil; magazine.

Introdução

A globalização traz consigo diversas plataformas comunicativas que convergem entre si, assim como uma pluralidade de assuntos pautados nos meios de comunicação que conseguem se difundir de maneiras diferentes. Adentrando nesse panorama, é

* Bacharela em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba/Brasil. Mestranda em Comunicação (PPGC/UFPB)/Brasil. E-mail: jayaneevellen@gmail.com.



interessante perceber que questões sociais vão mudando de abordagem com o passar do tempo. O autor Castells (1999), no livro *A sociedade em rede*, justifica que essa revolução tecnológica não se configura somente na centralidade de conhecimento e informação, mas coloca-os em plataformas digitais, que causam a renovação do ciclo e do uso. Portanto, essa transformação pode acontecer em diversos assuntos que permeiam a sociedade.

O jornalismo impresso, a partir da última década do século XX, passou por algumas transformações no que diz respeito à tecnologia, como também no conteúdo veiculado. Não apenas essa ferramenta, mas as mídias de massa, como rádio e televisão, também passaram por alterações. O suporte físico se modificou e, por isso, foi possível notar uma mudança nas palavras e performances utilizadas para falar sobre o corpo feminino (MATTOS, 2013).

Desse modo, tem-se como exemplo as revistas femininas brasileiras que, ao longo dos anos, vêm passando por mudanças em suas configurações e, ainda assim, conseguem reproduzir formas, conceitos de corpo e comportamento ideal para cada época, ou seja, sínteses de representações do imaginário. Logo, se forem observadas as capas que foram publicadas ao longo dos anos e compararmos com as abordagens obtidas atualmente, pode-se perceber uma série de transformações, tanto na linguagem visual quanto de palavras e estruturas textuais. Esses pontos podem ser testemunhados no interior desses produtos, mas também perpassam pelas capas das edições, e esse é o foco deste artigo (SIQUEIRA; FARIA, 2007).

Portanto este artigo tem como tema “a inviabilização do corpo gordo nas revistas femininas brasileiras”, no qual constará também um estudo de caso sobre capas da revista digital *Elle Brasil*. A escolha do assunto central se deu por aproximação pessoal da autora, já que ela produz material acadêmico desde a graduação acerca de gênero, corpo e identidade, além de ser mulher, gorda, consumidora de produtos comunicacionais impressos e em plataformas digitais, e, mais do que isso, por ser formada na área da comunicação e saber que toda produção possui algo por trazer, algum discurso na retaguarda, além do objetivo comercial e social.

A partir disso, dentre o leque de assuntos existentes e que abarcam todas essas temáticas, era importante encontrar um objeto de estudo que fosse viável para análise, que estivesse disponível nas plataformas digitais, que falasse com o público feminino,



tivesse alcance nacional ou internacional, mas que ao mesmo tempo não tivesse um volume tão grande de conteúdo, o que impossibilitaria a análise. Existem algumas revistas de grande repercussão no Brasil que falam sobre comportamento feminino, entre elas estão: Cláudia, Marie Claire, Capricho, TodaTeen. Porém, em respeito a história da Elle Brasil no país e, por produzirem conteúdo especialmente digital e recente, essa foi a escolhida para compor o corpus do artigo.

Após a seleção do objeto de estudo, inicia-se a fase que fomenta o arcabouço bibliográfico. Como a autora já se aprofundava nos estudos da área, algumas das referências já eram conhecidas, porém, como todo material novo, foi necessário adentrar mais especificamente em temas como revista impressa, linha editorial, relações de gênero, moda como instrumento de exclusão e inclusão social, corporalidade e estruturas coletivas. Portanto este artigo passou por uma revisão bibliográfica para trazer embasamento sólido, real e previamente desenvolvido.

Logo em seguida, foram observadas todas as capas existentes da revista online Elle Brasil (edição digital) até o mês de novembro de 2021, pois elas começaram a ser veiculadas em julho de 2020. Portanto, ao explorar as 16 capas, foi decidido que somente três iriam ser analisadas, com a justificativa de que somente este quantitativo teria corpos gordos estampando as edições, já que o foco principal desta pesquisa é esmiuçar o objeto de estudo e entender como esse tipo de corpo é visto, fotografado, representado e falado no produto comunicacional escolhido. Mais do que isso, é importante compreender até que ponto essas questões podem refletir na forma como as grandes marcas comerciais da moda brasileira e internacional veem essa estrutura física, e até mesmo como a revista aborda e pauta esses assuntos, principalmente como a imagem fala com o leitor e com a coletividade.

A análise será feita de acordo com critérios fundamentados em imagem e linguagem, porém é possível que a opinião pessoal e vivência da autora sejam levadas em consideração. Entretanto, é importante falar que todas as caracterizações, explanações e justificativas serão baseadas nos estudos e leituras previamente feitos. As observações serão desenvolvidas a partir do conteúdo imagético e textual, ou seja, o sentido das roupas utilizadas, corpos escolhidos, tamanhos, cores, posições, além de palavras escolhidas nos títulos, subtítulos; assim como o período em que a revista está sendo veiculada. Pois,



como será falado e justificado adiante, o espaço colabora para a compreensão e formação cultural das pessoas.

Outro ponto que colabora com a compreensão deste artigo é o fato de que o aumento no acesso a informações e a possibilidade de se comunicar em grandes redes, e a individualidade, são características afloradas na sociedade digital e que explicam segmentação e personalização de conteúdos (GIARRANTE, 2012). A individualização traz a possibilidade de escolher os assuntos que serão consumidos, quando serão consumidos e por qual motivo serão consumidos, e é justamente por isso que a digitalização das revistas contribui para abordagem de outros tipos de temas.

É interessante lembrar também que discussões acerca de termos como “gordofobia”, “gorda”, “padrão estético” vêm ganhando força desde 2018, quando houve os primeiros passos do movimento Corpo Livre no Brasil. E, apesar de o corpo da mulher ser uma pauta bastante falada nas revistas femininas, a representatividade do corpo gordo em capas de revistas de moda feminina ainda é escassa como iremos observar ao longo deste artigo.

Além de adentrar em questões de corporalidade, este estudo traz a questão da moda como ferramenta social e coletiva, em que se pode justificar a exclusão ou inclusão de um determinado tipo de corpo no mercado e na sociedade.

1 Mercado da moda e exclusão social do corpo gordo

De acordo com a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS) e Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCPO Brasil), o Brasil é o país líder no ranking de procedimentos cirúrgicos estéticos; são mais de 1,5 milhão de cirurgias realizadas por ano, desse total, 15,8% são de cirurgias de implante de silicone feitos no público feminino. Esse número pode refletir a insatisfação das mulheres pelo próprio corpo e a necessidade de mudá-lo para alcançar a perfeição. Essa questão se expande para diversos campos, inclusive para o da moda. Porém, quando se fala de vestuário e mulheres gordas, as problemáticas vão além do descontentamento corporal, muitas vezes existem a falta de acesso e exclusão social do corpo gordo (PORTAL HOSPITAIS BRASIL, 2021).



Pacheco e colaboradoras (2019) contextualizam que a realidade vivenciada pelas mulheres obesas — de não encontrarem vestimenta adequada e que as agrada para os seus respectivos corpos — constrange e limita em termos de convívio social. Além disso, os autores trazem a concepção de que o Brasil ainda é um país que pouco pensa em incluir essas pessoas e numerações das lojas de vestuário:

O Brasil ainda é incipiente quando se trata de estudos acerca das medidas do corpo feminino, portanto não existe padronização de tamanhos. Confeccionar roupas adequadas a fim de atender pessoas acima do peso não é algo simples para uma empresa de confecção, mas com o crescente número de mulheres com sobrepeso e obesidade no Brasil, é necessário voltar os olhos para este público ávido por participar da moda e lhes permitir a inclusão a partir do ato de vestir o corpo e, assim, proporcionar o sentimento de identidade e pertencimento (PACHECO et al., 2019, p. 452).

Ou seja, apesar de existirem a necessidade e o interesse dessas pessoas em roupas que caibam em seus corpos, o mercado não se dispõe a produzir esse tipo de produto. E, por isso, muitas mulheres se sentem inviabilizadas. As autoras citadas acima (PACHECO et al, 2019) complementam ainda que além desses percalços, existe o fato de que essas mulheres acima do peso não possuem informação de moda, bom caimento e conforto, são frustradas ao se sentirem traídas pelo próprio corpo, discriminadas, e sofrem com atributos pejorativos que a sociedade lhes atribui. Esses pontos, em conjunto com as representações da mídia sobre os corpos, podem inflar estereótipos em relação a padrão de beleza e de corpo da moda.

Uma questão que contribui para que exista inviabilização desse corpo é a forma como a medicina trata o assunto. Lopes (2014) explica que essa área divide a questão corporal em categorias e a partir daí chega-se ao “corpo da moda”:

O saber da medicina confere-lhe o poder de criar categorias que separaram/separam os sujeitos em loucos e sãos, normais e anormais, magros e gordos. É dessa forma que chegamos ao que chamamos nesse texto de “corpo da moda”. Para falarmos dele respaldamo-nos na perspectiva foucaultiana que desvinculou o sujeito de sua individualidade para considerá-lo em uma posição constituída a partir dos discursos que o interpelam socialmente. É por isso que podemos considerar que o “corpo da moda” é uma construção histórica, social, enraizada nos discursos que o produziram. (LOPES, 2014, p. 4)

Logo é interessante observar que a percepção sobre o comportamento e performance do corpo é baseada na construção histórica, social e no ambiente em que ele se relaciona. E, apesar da individualidade de cada pessoa, os fatores externos também



contribuem para a solidificação do conceito de “corpo da moda”. Pensando nessa perspectiva, Pacheco e colaboradoras (2019) correlacionam estruturação da mulher, estética e moda com a mídia, explicando que um dos modos de controle é a imposição pelos discursos midiáticos que delegam ao feminino a responsabilidade de gerir o corpo, em que se associa ao belo ou o antônimo disso, que justificaria um fracasso ou incapacidade individual.

Adentrando essa concepção, as autoras Santos e Jimenez (2021) determinam que gordofobia é um estigma que pessoas gordas sofrem e, por isso, passam por discriminação e, conseqüentemente, exclusão social, que corrobora para a perda de acessibilidade e direitos básicos dessas pessoas. Dessa forma, pode-se perceber que a conceituação desse termo e as implicações sociais que os indivíduos vivem estão diretamente associadas às relações corpo-padrão de beleza-moda.

O conceito de saúde, formulado em 1946 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente uma ausência de doença ou enfermidade. Por ser considerado algo difícil de ser alcançado e um padrão ideal e utópico, esse conceito sofreu muitas críticas. Nos dias atuais é constantemente colocado em pauta por ativistas contra gordofobia e em prol do Movimento Corpo Livre.

Outro ponto que é importante compreender para o prosseguindo da análise de imagem proposta pelo artigo, é a concepção de que corpo ideal é transmitido pelos veículos de comunicação, já que na presente pesquisa será explorado conteúdo midiático. Siqueira e Faria (2007) explicam que não é o espetáculo dos suplícios e as dificuldades que existem para se alcançar o corpo de modelo, mas as transformações propostas e acatadas pelas mulheres que auxiliam a busca pelo corpo ideal, que de acordo com as autoras, é o das modelos das revistas.

Dessa forma, esses questionamentos têm impacto em outros campos da sociedade em que o corpo gordo está em pauta. Pode-se citar por exemplo, a performance dessas pessoas em diversas situações em que a saúde é colocada em prova por causa da condição corporal, ou até mesmo, em como ele é representado em produtos midiáticos e comerciais.

Nesse contexto em que está sendo abordado desde o início do artigo, a depreciação corporal quando parte da própria mulher em questão, carrega pressão que perpassa pela



cultura que culpa o corpo gordo pela exclusão social em que ele vive. Sobre isso, Pacheco e colaboradoras expressam:

Ao investigar os processos de exclusão pelo vestir, pode-se afirmar que corpo e vestuário andam lado a lado, ao longo da história, e em tempos e espaços diversos há estereótipos normativos de beleza, vestimenta e conduta. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, cultua-se o corpo magro e jovem. As mulheres que não estão de acordo com este padrão de beleza, imposto pela cultura do consumo, assimilam certo “fracasso pessoal”, por vezes, incorporando visões depreciativas acerca do seu próprio corpo. Nesse caso, a não correspondência ao padrão exigido tende a ser visto como sendo única e exclusivamente sua culpa e desleixo. Portanto, as mulheres com sobrepeso e obesidade tendem a ser marginalizadas em meio a este cenário (PACHECO et al., 2019, p. 453).

Por isso, é interessante perceber que existe um recorte em que a problemática perpassa por gênero, condição social, pressão estética e preconceitos. Mais do que isso, essa ideia que Pacheco e colaboradoras (2019) trazem de fracasso pessoal de uma mulher que não se encaixa no padrão de beleza corrobora para autodepreciação e autocrítica, juntamente com o cenário de exclusão social do corpo gordo, não só da moda, mas da coletividade como um todo.

Dessa forma, outro ponto interessante de analisar é como a visão que a mulher tem pelo próprio corpo depende de vários fatores externos e internos a ela. E, sobre essas características corporais femininas, Freitas (2002), explica:

Magro e limpo adjetivam a construção de um novo corpo que se combina à forma leve e iluminada de estar no mundo. Em particular, sobre o corpo da mulher, a escultura revestida de falta de excesso de peso, abdome magro e ossatura em evidência, torna-a parte do mercado. E assim ela pode caminhar apressadamente por entre as vias públicas sem se sentir diferente, e, conseqüentemente, perceber-se mais presente nos acordos com o mundo. Ao sentir-se light e fast, ela se concilia e reidentifica-se no mesmo mundo que a ameaça e pode estigmatizá-la (FREITAS, 2002, p. 25).

Ou seja, fica perceptível que o corpo feminino é uma peça de mercado que é utilizada para fomentar a ideia de que a magreza é um produto que pode ser alcançado na medida que se investe capital nesse objetivo. Portanto se pode considerar que o mercado da moda resulta de uma cultura de magreza e de culto ao corpo perfeito, seja por influência dos conceitos de saúde pela medicina ou por como a estrutura corpórea é representada pela mídia tradicional. Isso faz com que sejam produzidos diversos efeitos na vida das mulheres, o que implica em sua qualidade de vida e bem-estar, sobretudo na



percepção de autovalor enquanto pessoa única e sujeito social (HESSEL; FURTADO, 2019).

Apesar de todos esses apontamentos acerca de como a moda exclui corpos que não estão dentro do padrão esperado, é importante perceber que esse deveria ser um espaço para que outros padrões pudessem ser representados. A autora Oliveira (2018) explica que a moda é um instrumento cultural e que pode trazer diversos tipos de movimentos sociais nela:

A moda enquanto instrumento cultural é tradicionalmente confundida com o padrão estético europeu: branco, magro, de cabelos lisos. Essa moda, que historicamente não atende aos corpos negros que por muitos anos precisou se adequar às vestimentas e às formas europeias de produção para assim poder se enquadrar em um padrão aceitável na sociedade, hoje é plural e descentralizada. Falamos de uma moda produzida no seio da cultura popular, dos movimentos sociais e que passou a ganhar uma conotação de enfrentamento (OLIVEIRA, 2018, p. 4).

Entretanto, o fato de que ocorre a abertura para uma sociedade plural e descentralizada, não quer dizer que essa é uma realidade constante. Oliveira (2018) traz a concepção de que a moda é uma expressão da cultura popular, ou seja, é a maneira que algumas pessoas encontraram de demonstrar sentimentos, levantar bandeiras e se enquadrar em diversas situações. Porém, apesar de ver esse movimento natural desse instrumento cultural e social, o mesmo não acontece em veículos de mídia impressos e/ou digitais como veremos nas capas da revista *Elle Brasil*.

2 Movimento Corpo Livre e *Elle Brasil* edição digital

A Revista *Elle* é de origem Francesa. Em 1988, chegou ao Brasil pela Editora Abril, e ficou nas bancas brasileiras durante 30 anos. Na França, a revista surgiu em um período pós-guerra e buscava discutir ideais e valores políticos da mulher naquele contexto. Já aqui, ela vem em uma época em que também aconteciam mudanças políticas, mas são as transformações da sociedade que marcaram esse período. Em 2018, houve o fechamento da revista brasileira, mas logo em seguida voltou às bancas reformulada a partir das modificações midiáticas: trouxe o Podcast *Ellen News*, revista trimestral impressa e revista digital mensal (REIS, 2020). A esta última se dedicará a análise deste artigo.



Como já foi explicitado, a concepção de corpo da moda vai mudando ao longo dos anos e baseados por fatores sociais. Guedes e Pereira (2017) defendem que a mídia também é peça fundamental nessa questão:

A mídia é uma peça de destaque na produção e circulação de discursos tidos como verdades e está implicada nos modos de condições da vida dos sujeitos sociais. Na sociedade contemporânea existe uma pressão cultural para emagrecer, que gera um pavor quase doentio de engordar. E a mídia propaga esse medo através do discurso legitimado de especialistas das mais diversas áreas: nutricionistas, médicos, fisicultores, nutrólogos etc. O corpo gordo, ao ganhar visibilidade nas capas de revista; ao virar notícia; ao ser discursivizado pela mídia, deixa de ser um evento médico para se transformar em um evento social (GUEDES; PEREIRA, 2017, p. 4).

Desse modo, fica claro que o corpo gordo é alvo de estereótipos que são fomentados pela mídia e que, por muitas vezes, consegue inverter essa circunstância ao se posicionar na mídia tradicional de maneira não pejorativa. Porém, ainda assim, se compreende que as concepções acerca desses assuntos são interpretadas e moldadas por ideologias e por relações de poder, as quais interferem nas construções identitárias e nas relações sociais como também nos sistemas de conhecimento e crenças de uma sociedade (GUEDES; PEREIRA, 2017).

Esses debates sobre corpo, gênero, construção de identidade acontecem não somente em ambientes acadêmicos, mas também em ambientes virtuais. Em alguns casos, são discutidos de maneira mais incisiva, o que é chamado de ativismo digital. No final de 2017, Alexandra Gurgel, jornalista e ativista gorda, foi capa de uma matéria veiculada na BBC Brasil, na qual falava sobre saúde e aceitação corporal. Após esse acontecimento, ela foi alvo de piadas consideradas gordofóbicas pelos internautas e pelo apresentador Danilo Gentili. Depois do episódio, a jornalista trouxe o movimento *Body Positive* para o Brasil, e o batizou com o nome Corpo Livre, que consiste em promover ações nas plataformas digitais que estimulam as pessoas a aceitarem o próprio corpo e criam uma relação de acolhimento mútuo.

O movimento é novo no Brasil, mas, no campo da moda, o termo *plus size* apesar de ter sido criado em 1920, vem ganhando força desde o surgimento desse movimento, já que ele incita o autoconhecimento e empoderamento do próprio corpo, o que colabora para que as pessoas consumam mais, já que praticam a aceitação corporal. A expressão *plus size* é utilizada para designar moda/modelos fora do padrão estético esperado, ou



seja, roupas e modelos maiores que os tradicionais manequins 38 a 44. Betti (2014) explica que é um mercado que está em expansão:

O surgimento de mais marcas especializadas no segmento, a presença de coleções para tamanhos grandes na grade de marcas que até então só se dedicavam às numerações tradicionais, a criação de eventos exclusivamente dedicados à moda plus-size e o relativo destaque que esses eventos e que as carreiras das modelos plus-size vêm recebendo na mídia nacional atestam a expansão e a maior visibilidade deste mercado (BETTI, 2014, p. 56)

Ou seja, com o advento do movimento corpo livre e o aumento da representatividade na moda, dá a entender que o mercado está sendo ocupado por essa onda *plus size*. Nesse sentido, existe procura e a necessidade das mulheres de se sentirem bonitas e vestirem roupas que caibam em seus corpos. E esse cenário só é possível por causa da visibilidade que esses eventos trazem para o mercado da moda e das modelos *plus size* que conseguem fazer com que as mulheres se identifiquem com o corpo delas e sintam que é possível estar na moda mesmo não possuindo o corpo magro e padrão.

Entretanto, o fato de esse mercado seguir o fluxo das mudanças culturais, não quer dizer que no âmbito comunicacional será da mesma maneira. O próximo passo desta pesquisa é verificar se a mídia tradicional está seguindo esse pensamento.

3 Análises

Desde que a Elle Brasil voltou a ser veiculada no país foram lançadas 16 edições das revistas digitais. Pelo que se pode observar nesses produtos, o objetivo é trazer capas com poucas informações escritas, mas com a fotografia sendo o objeto principal, sem sair da linha editorial, que neste caso, é de ser uma revista de moda. Das 16 edições, 13 possuem opções de capas diferentes para a mesma publicação, já as outras três possuem capas únicas. Para começar a análise, é importante dizer que desse mesmo total (16), somente três têm corpos gordos estampando a revista.



Figura 1 — Capa da edição digital 3 da revista Elle Brasil: setembro/2020



Fonte: Elle Brasil (2021, online)

A edição de setembro de 2020 (figura 1) tem como tema “Dançar para não dançar”. Nela existem cinco opções de capas, são cinco corpos diferentes, em diferentes posições, todas simbolizando a dança. Em uma delas podemos ver um corpo fora do padrão “magro”, podendo ser considerado gordo, com poucas roupas, aparentemente fazendo um passo de dança. Na foto, pode-se ver as celulites, e como o corpo está em movimento, é interessante perceber as curvas de um corpo real, inclusive pelos traços das pernas. A capa tem cores vibrantes que ornamento com a proposta da dança, e todas as fotos escolhidas para as capas seguem a mesma linha de posições.

Figura 2 — Três opções das capas da edição digital 7 da revista Elle Brasil: janeiro/2021



Fonte: Elle Brasil (2021, online)

A próxima capa a ser analisada é a da edição de janeiro de 2021 (figura 2). A revista é estampada pela cantora Mc Carol, famosa por cantar músicas classificadas com “funks proibidões” que possuem muitos palavrões, exaltam a negritude, a mulher e o dia a dia nas comunidades do Rio de Janeiro. Além disso, ela compartilha a sua vivência diária nas redes sociais, e traz à tona temas como gordofobia, racismo e machismo.

A Mc Carol é gorda maior, ou seja, veste manequim maior que 56/60, negra e periférica. Sem dúvidas, está à margem da sociedade e já traz representatividade por causa disso. Entretanto poderia trazer ainda mais se, em umas das três opções de capa, fosse mostrado o corpo todo da cantora. Pois uma revista do porte da Elle Brasil, cujo tema central é moda, trazer uma capa com uma mulher gorda maior, e mostrar somente o rosto dela é alimentar o estereótipo de que o corpo gordo só é bonito de rosto.

Figura 3 — Capa da edição digital 17 da revista Elle Brasil: novembro/2021



Fonte: Elle Brasil (2021, online)

A última capa a ser analisada com pessoas gordas é a da edição de novembro/2021 (figura 3). No mês da consciência negra, a revista traz duas cantoras negras nas opções de capa: Alcione e Ludmilla. Nesta opção, Alcione está sentada, com um vestido longo e de manga. Ela tem uma posição mais serena, sem muitos adereços no cabelo e corpo, aparenta ser uma foto mais contemplativa.

Aparentemente, a proposta é trazer algo mais familiar, com expressões de felicidade e harmonia. Alcione pode ser vista de corpo inteiro, porém ele se encontra completamente coberto. Também não possui título ou subtítulo, o que deixa a desejar, já que não existem adereços que exaltem o mês temático, nem o fato de o corpo ser gordo, aparece simplesmente o nome da cantora.



Figura 4 — Capas das edições digitais 11, 10 e 9 da revista Elle Brasil: maio, abril e março (respectivamente) de 2021



Fonte: Elle Brasil (2021, online)

Como uma forma de trazer o panorama de como acontecem as posições dos modelos, cores utilizadas e corpos, pode-se observar outras três capas que trazem modelos magros na figura 4. Esses produtos carregam uma diversidade de cores e raças, já que trazem Paola Antonini, pessoa com deficiência física; Camilla de Lucas, negra, digital influencer e ex-bbb; e um casal negro estampados nas três capas.

A Elle Brasil, desde o seu relançamento em 2020, veio com uma proposta de mostrar a diversidade e representatividade para seus lançamentos, o que de fato podemos considerar ao analisar esses produtos da figura 4. Porém existe um ponto interessante e que deve ser analisado: em todas essas capas são mostrados os corpos por completo de todos os modelos, além disso, eles utilizam roupas que conseguem mostrar toda a estrutura física, o que não se pode ver nas capas analisadas anteriormente. Essa situação acontece em todas as outras capas, exceto nas três anteriores que já foram analisadas. Dessa forma, mostra-se que, apesar da tentativa de abordar e representar todos os corpos, alguns deles ainda saem atrás nessa disputa.

Sobre as representações dos corpos na moda, Betti (2014) explica:

Os discursos produzidos no campo criticam a magreza “excessiva” das modelos *magras* e exaltam o aspecto supostamente mais real da aparência das modelos *plus-size*. Segundo esses discursos, enquanto as primeiras representariam um ideal estético impossível para a maioria das mulheres, um ideal que ignora a diversidade de formas e tamanhos de corpos femininos, as segundas seriam uma alternativa a este ideal, representando mais adequadamente as mulheres “de verdade” (BETTI, 2014, p. 68).

Desse modo, essa afirmação consegue mostrar claramente que a revista digital Elle Brasil ainda não conseguiu compreender que a diversidade de tamanhos e a representatividade que essas capas podem trazer para a sociedade é grande. Principalmente quando se observa a grande proporção que a revista tem na vida das mulheres brasileiras e, também, no meio da comunicação de massa.

Além disso, percebe-se que os corpos *plus size* são os que mais se assemelham aos corpos reais e, ao se verem nesses produtos, as mulheres se sentem parte do círculo da moda. Por isso, é de extrema importância investir nesse mercado, o que não está acontecendo, já que das 16 capas, somente três são estampadas por pessoas gordas.

4 Considerações finais

O corpo é um elemento importante para entender a cultura de um local, a maneira como ele é representado pelas plataformas de mídias tradicionais condiciona as pessoas, pensamentos e estereótipos. Neste artigo, conseguiu-se perceber que a moda pode ser considerada um espaço de inclusão ou exclusão social do corpo gordo e que, apesar de existir consumidoras e mercado para isso, ainda existe uma resistência para que as marcas produzam produtos de tamanhos maiores.

Concomitante a isso, é interessante pontuar também que a existência do Movimento Corpo Livre evidencia e aumenta a aceitação corporal das mulheres e, conseqüentemente, aumenta a adesão do mercado *plus size*, tentando obter a normalização do fato de que nem todos os corpos possuem o mesmo padrão e estrutura.

Contudo, ao analisar as capas da revista digital Ellen Brasil em que aparecem modelos gordos(as) estampando o produto, pôde-se perceber que os corpos, em sua maioria, não aparecem como um todo (figura 2), os que aparecem são de pessoas gordas



menores (figura 1) ou com o corpo coberto (figura 3). Esse fato colabora para a solidificação do conceito de que corpo da moda não é o corpo gordo, já que aparentemente ele não pode ser representado por completo em uma capa de revista.

Referências

BETTI, Marcella Uceda. **Beleza sem medidas?** Corpo, gênero e consumo no mercado de moda plus-size. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ELLE BRASIL. História. **Site da Elle Brasil**. 2021. Disponível em: <https://elle.com.br/tag/historia>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FREITAS, Maria do Carmo Soares. Mulher lighth: corpo, dieta e repressão. *In*: FERREIRA, NASCIMENTO. **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Bahia: Coleção Bahianas, 2002. p. 23-34.

GIARRANTE, Ana Carolina. As revistas na sociedade digital. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Unifor, 2012, p- 8-17.

GUEDES, M. Alixandra; PEREIRA, Tânia Maria Augusto. Discurso e resistência nas capas de revista: novos olhares sobre o corpo gordo feminino. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS, 4., 2017, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Centro de Convenções Raymundo Asfora/Garden Hotel, 2017. p. 1-13.

HESSEL, B. R. C.C. B. de Almeida; FURTADO, I. M. C. da Graça. A influência do padrão de magreza para a mulher na contemporaneidade. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 75-85, 2019. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2098>. Acesso em: 31 jan. 2022.

LOPES, Michelle. Da moda do corpo ao corpo da moda: descontinuidades discursivas sobre o sujeito “gordo”. **Trabalhos Completos Aled Brasil**. São Carlos, v.1, n. 2, p. 1-12, 2014. Disponível em: <http://www.revistaaledbr.ufscar.br/index.php/revistaaledbr/article/view/48/43#>. Acesso em: 31 jan. 2022.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **A revolução digital e os desafios da comunicação**. Cruz das Almas: Editora Ufrib, 2013.

OLIVEIRA, Geise. Representatividade importa sim: moda como ferramenta de autoafirmação. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE CULTURAS: MEMÓRIA E SENSIBILIDADE: CENÁRIOS DA EXPERIÊNCIA CULTURAL CONTEMPORÂNEA, 4., 2018, Cachoeira (BA). **Anais [...]**. Cachoeira (BA): Universidade Federal do Recôncavo Baiano, 2018. p. 1-12. Disponível em: <https://www3.ufrib.edu.br/eventos/4congressoculturas/wp-content/uploads/sites/19/2019/03/OLIVEIRA-Geise..pdf>. Acesso em: 31 jan. 2021.



PACHECO, Bruna et al. Moda inclusiva: percepção de mulheres obesas em relação ao corpo e ao vestuário. **Revista Artemis**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 443-456, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis>. Acesso em: 30 jan. 2022.

PORTAL HOSPITAIS BRASIL. **Brasil é top 1 mundial em número de cirurgias plástica**. 04 de outubro de 2021. Disponível em: <https://portalhospitaisbrasil.com.br/brasil-e-o-top-1-mundial-em-numero-de-cirurgias-plasticas/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

REIS, Ivan. **Retorno de Elle Brasil: uma análise do jornalismo de moda**. uma análise do jornalismo de moda. **Inteligência em Moda**. 15 de novembro de 2020. Disponível em: <https://iaminteligenciaemmoda.com.br/ponto-de-vista/o-retorno-de-elle-brasil-passado-presente-e-futuro-do-jornalismo-de-moda/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SANTOS, Claudia Reis. JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez. Gordofobia na escola: lute como uma gordinha. In: OLIVEIRA, Vanilda Maria de; FILGUEIRA, André Luíz de Souza; SILVA, Lion Marcos Ferreira. **Corpo: corporeidade e diversidades na educação**. Uberlândia: Culturatrix, 2021. p. 201-217.

SIQUEIRA, Denise; FARIA, Aline. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 171-188, 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/95/96>. Acesso em: 18 jan. 2022.

Recebido em: 16/01/2022.

Aceito em: 01/05/2022.



FEMINISMO GORDO: epistemologias, saúde e mídia***FAT FEMINISM: epistemology, health and the media***

Maria Luisa Jimenez Jimenez *

Agnes de Sousa Arruda **

Marcelle Jacinto da Silva ***

Resumo

Gordofobia é um estigma cultural, estrutural e institucionalizado na contemporaneidade; preconceito sustentado por saberes que identificam corporalidades gordas como doentes, sem levar em consideração suas subjetividades, histórias, culturas. Saúde e mídia amparam o discurso da patologização do corpo gordo na construção do entendimento do que é estar saudável ou doente. No entanto, desde a década de 1970, mulheres gordas denunciam tal maneira de entender essa condição como violência, uma vez que não leva em consideração o que esse grupo pensa, conhece e experimenta. Como resistência, surge um movimento feminista gordo, que demanda como pauta central de suas reflexões e militância, a denúncia dessa violência, a revisão desses saberes que patologizam e a necessidade de despatologizar esses corpos, a fim de proporcionar dignidade e respeito a mulheres gordas invisibilizadas em sociedade. Tal processo é demonstrado no presente artigo por meio de análise crítica, pesquisa documental e bibliográfica, destrinchando os mecanismos de patologização e de depreciação cultural do corpo gordo.

Palavras-chave: feminismo gordo; epistemologias; saúde; mídia.

Abstract

Fatphobia is a contemporary cultural, structural and institutionalized stigma: prejudice sustained by knowledge that identifies fat bodies as sick, without taking into account their subjectivities, histories, cultures. Health and the media support the discourse of pathologization of the fat body in the construction of an understanding of what it is to be healthy or sick. However, since the 1970s, fat women have denounced this condition as violence, since it does not take into account what this group thinks, knows and experiences. As resistance, a fat feminist movement emerges, which has as a central issue of their reflections and activism a denunciation of this violence, the revision of these pathologizing knowledges and the need to depathologize these bodies with the aim of providing dignity and respect to fat women, invisible in society. Such a process is demonstrated in this article through critical analysis, documentary research and bibliographic research, unraveling the mechanisms of pathologization and cultural depreciation of the fat body.

Keywords: fat feminism; epistemologies; health; media.

* Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal do Mato Grosso/Brasil. E-mail: malujjimenez@gmail.com.

** Doutora em Comunicação pela Universidade Paulista/Brasil. E-mail: agnesarruda@gmail.com.

*** Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará/Brasil. E-mail: marcelle.silva.cs@gmail.com.



1 Introdução

Este artigo apresenta, em uma perspectiva feminista, crítica e decolonial, derivada das investigações independentes de suas autoras desenvolvidas entre 2015 e 2021, em pesquisa bibliográfica, análise crítica e pesquisa documental, o processo de construção e relevância de um feminismo gordo, a partir da problematização em relação à gordofobia e suas imbricações com a saúde e com a mídia. O objetivo é demonstrar a necessidade da existência de um pensamento feminista decolonial em relação às vivências e experiências das mulheres gordas, a partir de uma análise social e cultural da forma de tratamento e consequências da gordofobia na sociedade e na mídia contemporânea, essa última em análise de conteúdo (BARDIN, 1988). Conclui-se como resultado desse processo a possibilidade de romper com a única e possível narrativa atribuída às mulheres gordas, levando em consideração a possibilidade de construírem e contarem suas próprias histórias. Isso porque a construção do discurso midiático sobre saberes-poderes que relacionam saúde e corpos gordos na sociedade contemporânea está inter-relacionada a uma construção epistemológica que hierarquiza corporeidades que não se encaixam no que esses discursos valorizam como corpos saudáveis.

Entende-se por gordofobia o preconceito contra as pessoas gordas e que afeta de modo particular as mulheres, agindo e retroagindo socialmente para além daquilo que se convencionou chamar de pressão estética. Às pessoas gordas é direcionado um tratamento que as consideram cidadãs de segunda classe, em privação de direitos básicos, assim como violências de ordens mil, em um ciclo no qual ora são vítimas ora são algozes de si mesmas na perpetuação do preconceito. Isso porque, institucionalizada, a gordofobia se infiltrou nos pilares da organização social, nominalmente a família, a igreja, o Estado e a mídia (ROMANO, 1998), de forma que não se percebe mais sua ação no comportamento das pessoas, normalizando uma vida de sofrimento, inclusive autoimposto, que pode levar até à morte (ARRUDA, 2019; JIMENEZ-JIMENEZ, 2020a).

Disfarçada de preocupação com a saúde, afinal as pessoas gordas são tratadas como doentes a partir do momento em que a relação peso/altura no chamado Índice de Massa Corpórea (IMC) passou a determinar graus daquilo que no vocabulário médico se conhece como obesidade, a gordofobia também pode ser considerada um problema de saúde pública a partir da seguinte ótica: apesar de associadas à obesidade estarem uma



série de doenças, como cardiopatias, hipertensão e diabetes, essa associação, além de ignorar que a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) considera como uma propensão, não como uma determinante (WORD HEALTH ORGANIZATION, 1995), na ponta do atendimento médico ela faz com que as pessoas gordas sejam tratadas como desenganadas, maltratadas ou não recebam atendimento adequado. Há muitos exemplos do que se afirma. É comum, por exemplo, encontrar relatos de pessoas gordas que precisaram ir a clínicas veterinárias para fazer seus exames, já que em clínicas convencionais os aparelhos médicos, como de ressonância magnética não suportam na maioria das vezes mais de 100 quilos (OLIVIO, 2018). Mais recente são os casos das pessoas gordas que morreram à espera de atendimento por não haver equipamentos adequados para seus corpos na crise de saúde pública causada pela pandemia de covid-19 (LO PRETE, 2021), ou das que enfrentaram dificuldades para conseguir o laudo médico que ateste sua condição de IMC acima de 40 para se vacinar contra a Covid-19 (CRUZ, 2021).

Assim, o que se chama de gordofobia médica, que Rubino, Puhl e Cummings (2020) também apontam em seus estudos, é a ponta do *iceberg* para que pessoas gordas deixem de ir aos consultórios, clínicas e hospitais para tratar de seus problemas, elevando o índice de mortes daquelas que são chamadas de obesas, e comprovando, de maneira enviesada, que pessoas gordas morrem mais. E apesar de a gordofobia atingir homens e mulheres, são as próprias mulheres que, em um movimento de olhar para si e para suas questões, em perspectivas feministas e interseccionais, apontam não só para a injustiça epistêmica praticada em relação aos seus corpos e seus conhecimentos, como também para a necessidade e a criação de um saber que esteja centrado nesses aspectos e localidades; saber esse desvinculado, ainda, de padrões de feminilidade associados a um tipo de estética desejável para corpos femininos: um corpo magro e esbelto. Como reflexão proposta em considerações finais, entende-se que associar doença e corpo gordo de maneira arbitrária faz parte de um discurso social e midiático que reforça e naturaliza a gordofobia em uma estrutura de poder problematizada e reivindicada pelo feminismo gordo, que busca romper com a narrativa única sobre mulheres gordas e seus corpos, por meio da retomada de seus poderes de fala, narrativas, corpos e experiências.



2 Corpos em risco permanente: noções hegemônicas de saúde e feminilidade na reprodução da gordofobia

A noção de saúde contemporânea mantém uma relação íntima com noções de beleza, alto rendimento, autocontrole, sucesso e disciplina. Ser saudável é conciliar tudo isso ao cuidado com os excessos de peso e de gordura corporal, particularmente. Quando se trata de corpos femininos, esse imperativo se torna ainda mais invasivo, tendo em vista que a noção hegemônica de feminilidade é associada ao comedimento em relação a tudo o que representa um excesso. O argumento que buscamos desenvolver parte do pressuposto de que os discursos e práticas biomédicos e midiáticos são datados, tendo em vista possuírem uma historicidade e serem produzidos em contextos culturais, sociais e políticos particulares. É com esse intuito que, neste tópico, abordamos uma discussão sobre os enquadramentos biomédicos direcionados aos corpos femininos, em um ponto de vista histórico, sem pretensões de linearidade temporal.

Silvia A. Nunes (2000, p. 11) destaca que houve, a partir do início do século XVIII, a elaboração de estratégias de regulação do corpo feminino provenientes, sobretudo, dos campos da psiquiatria e da sexologia, cujo objetivo principal era “circunscrever as mulheres à esfera doméstica e à maternidade”, tornando assim “a mulher e sua sexualidade como assunto privilegiado dos discursos médicos” e, simultaneamente, como assunto de higiene pública, “reforçando velhos mitos e caucionando um projeto de controle minucioso sobre a sexualidade feminina”.

Rohden (2002) ressalta que importantes transformações ocorreram entre os séculos XIX, XX e XXI, no tocante à medicalização da sexualidade feminina, apesar de haver manutenção de algumas regularidades. A autora diz que enquanto no século XIX o locus da atenção concentrava-se em questões anatômicas e na fisiologia, já no século XX a medicalização se volta para questões hormonais, substancializando a diferença entre homens e mulheres e alocando nos hormônios, ou na falta deles, a razão de inúmeras patologias e desequilíbrios. Posteriormente, no século XXI, também englobou a estética, acentuando um aspecto higienizante e fortemente relacionado à sexualidade, dimensão associada à discussão que temos abordado em nossas pesquisas de doutorado e pós-doutorado.



De acordo com Vieira (2002, p. 23), as narrativas biomédicas consistem em importante “tecnologia de intervenção” sobre os corpos das mulheres e suas sexualidades, pois produzem um modelo específico de feminilidade com base na anatomia e na biologia que contribui consideravelmente para a forma como as mulheres passaram a conhecer/desconhecer seus próprios corpos. A “medicalização” aqui é entendida nos termos propostos por Vieira (2002, p. 19), enquanto processo que transforma “aspectos da vida cotidiana em objeto da medicina de forma a assegurar conformidade às normas sociais”.

Nesse contexto, o corpo feminino passa a ser objeto privilegiado da medicina quando esta passa a ter legitimidade enquanto saber científico, conforme nos diz a autora, fato que se dá especialmente a partir da formação da sociedade capitalista, no âmbito da qual surge a preocupação na elaboração e manutenção de um projeto de medicalização dos corpos que aperfeiçoará o papel político e social da prática médica. Historicamente, esse processo de medicalização do corpo feminino baseia-se na concepção de uma natureza biológica que determina e domina a mulher. Esse é precisamente o argumento que concede legitimidade ao discurso biomédico hegemônico sobre o corpo feminino, encontrando base nos eventos físicos que as mulheres experimentam no decorrer da vida, como a capacidade reprodutiva. Tal determinação biológica feminina contribui fundamentalmente na divisão de gênero na sociedade, e conseqüentemente, para a diferença sexual (MARTIN, 2006).

Na medida em que a mulher passa a ter um lugar privilegiado no hospital, em torno dos cuidados médicos, estes se baseiam na ideia de que as doenças das mulheres são difíceis de tratar e são “acompanhadas de muito sofrimento e sensibilidade nervosa, o que requer atendentes especialmente treinados para lidar com os perigos desse excitação nervoso” (ROHDEN, 2002, p. 110). Tratar do que se considera como os males femininos requer, então, maior cuidado, especialmente porque a mulher é considerada eternamente doente, no sentido de que seu corpo a submete a etapas naturais de adoecimento como durante a gravidez, durante e após o parto, durante o aleitamento, no período da menstruação, durante e após a menopausa, experiências da vida feminina que a colocam constantemente em risco (NUNES, S., 2000, p. 60). Se os corpos femininos



são considerados corpos em risco constante, o que dizer então de corpos gordos femininos?

As concepções a respeito do corpo gordo, assim como os hábitos alimentares, foram mudando na medida em que as concepções da ciência sobre o corpo, de modo geral, foram se transformando. Sant’anna (2016) afirma que houve um tempo em que o corpo foi pensado como um armazém, então, era preciso armazenar comida nele, mantê-lo cheio. Depois, especialmente com o desenvolvimento industrial, a ideia que associava o corpo com uma máquina foi introduzida na sociedade, quando a comida começou a ser entendida como um combustível necessário para o funcionamento da máquina. A ideia de fracasso e de responsabilização individual foi, então, uma consequência desse processo (SILVA, M., 2020) e, nesse “processo de responsabilização do indivíduo pelo seu corpo, a partir do princípio de autoconstrução, a mídia e, especialmente, a publicidade têm um papel fundamental.” (GOLDENBERG; RAMOS, 2007, p. 32).

A gordura aparece com mais insistência na mídia como uma grande inimiga, especialmente das mulheres, algo a ser expulso do corpo, seja com exercícios físicos, cirurgias cosméticas, como com remédios e vitaminas, tendo em vista sua associação tanto com doença como com feiura. Mas a pressão estética sobre os corpos não se espalhou de forma homogênea e democrática para todos os corpos, já que ainda no século XX, era possível perceber que as mulheres eram as personagens mais mencionadas na imprensa. Se antes, ter um corpo com formas arredondadas era mais desejável por representar um ambiente ideal para uma boa gestação, com o tempo, ter um corpo magro passou a ser uma expectativa e, conseqüentemente, um padrão de beleza. Ter um corpo gordo passou de motivo de orgulho para algo vergonhoso, virou uma doença, a obesidade, condição associada a um rol de outras doenças, solidificando o imaginário sociocultural ocidental que passa a enxergar e tratar a pessoa gorda como uma pessoa fatalmente doente. Por ser uma doença, há necessidade de um tratamento, de uma cura, ou seja, é preciso emagrecer (SILVA, M., 2020).

Na segunda metade do século XX, “uma profusão de fórmulas para emagrecer tomou conta dos meios de comunicação de massa de maneira espetacular” (SANT’ANNA, 2016, p. 123), acompanhada da “aparente liberação dos corpos, sugerida por sua atual onipresença na publicidade, na mídia e nas interações cotidianas” (GOLDENBERG; RAMOS, 2007, p. 25), sua exposição cada vez maior e o seu cada vez



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

maior constrangimento às normas sociais e culturais. Dessa forma, com a ampla e assídua divulgação do que se chama de problemas do sobrepeso e da obesidade na mídia, “o medo de engordar generalizou-se. Transformado em sentimento necessário para garantir a saúde, o dito medo afirmou-se, primeiro, como uma demonstração legítima e normal de amor-próprio e, logo a seguir, como uma prova de autoestima” (SANT’ANNA, 2016, p. 112). Na década de 1990, começam também a ser amplamente divulgadas na imprensa informações sobre “distúrbios graves, como a anorexia nervosa e o transtorno dismórfico corporal” e, assim, “o medo de engordar viu-se mundialmente acompanhado por uma miríade de outros medos referentes à alimentação” (SANTANNA, 2016, p. 117).

A Associação Médica Americana (AMA), em 2013, inseriu oficialmente a obesidade no campo da doença e, no mesmo ano, ela entrou no Código Internacional de Doenças (CID), o que gerou um acalorado debate envolvendo médicos(as), ativistas e pesquisadores(as). O critério para definição da obesidade não é o peso da pessoa, mas sim o Índice de Massa Corporal (IMC) em consonância com exames específicos. De acordo com Sant’anna (2016, p. 146-147), obesa é uma pessoa com um IMC acima de 30, mas um IMC considerado alto, no entanto, não significa que uma pessoa obesa irá necessariamente adoecer (GOMES, 2019). A obesidade passou a não ser mais uma exceção, e o “sobrepeso, por sua vez, tendeu a se aproximar do que é banal e regular” (SANTANNA, 2016, p. 146-147), configurando-se como um problema de saúde pública tanto em países ricos como pobres, também considerada como uma pandemia que atinge mais as mulheres do que os homens (JIMENEZ-JIMENEZ; ABONIZIO, 2017), no que se refere à população brasileira. O Brasil estaria, segundo pesquisas apresentadas pela *British Broadcasting Corporation* (BBC), entre os países com mais obesos do mundo.

É importante levar em consideração que em muitas situações, “a abordagem focada no peso pode matar” (LIRA, 2019), especialmente quando o diagnóstico médico é feito sem que o (a) paciente seja examinado (a) de forma mais ampla. Loureiro (2017, *online*) observou que um estudo desenvolvido por psicólogos da Universidade de Los Angeles (UCLA) apontou que “usar o IMC para determinar índice de saúde levou à classificação incorreta de 54 milhões de americanos saudáveis como ‘doentes’”. Ainda de acordo com a pesquisa, “quase metade dos norte-americanos considerados acima do peso conforme seus índices de massa corporal são saudáveis, assim como

aproximadamente 20 milhões de obesos”. Isso significa que “Obesidade não é sinônimo de doença, assim como magreza não é sinônimo de saúde” (LOUREIRO, 2017, *online*).

Falar em gordofobia é, portanto, falar de um “estigma que sustenta a perda de direitos” (JIMENEZ-JIMENEZ, 2018b), que nega a existência de pessoas gordas, negando, assim, saúde e, em se tratando de corpos femininos, a feminilidade. Assim, evidencia-se que a gordofobia é uma questão estrutural, um aspecto da cultura ocidental contemporânea que, muitas vezes, passa despercebida pelas pessoas não gordas, pelos movimentos sociais, pelos feminismos e pelas políticas públicas.

3 Feminismo gordo: denúncia à violência episteme

A ação política dos saberes no capitalismo contemporâneo, no que tange ao controle dos corpos, na construção de raça e gênero dentro da lógica colonialista de corporalidades produtivas, passa necessariamente por discursos de poder sobre saúde e suas tecnologias na normalização das subjetividades corpóreas como regimes de controle. A lógica do regime cisheteronormativo é política na reprodução de corpos e tecnologias que estejam dentro de um pensamento hegemônico sobre saúde, no que tange a corpos considerados normais ou patológicos. No que diz respeito ao tema/objeto deste trabalho, tem-se a construção histórica de uma performance de gênero que tenta a todo custo extirpar o que de genuinamente uma mulher cisgênero tem de feminino em si.

Já há muitos anos que o Brasil é o líder mundial no mercado estético e no de cirurgias plásticas; o índice agora passa a atingir as adolescentes, segundo dados da própria Sociedade Brasileira de Cirurgias Plásticas, a SBCP (BORGES, 2019). Cabe ainda ressaltar que cirurgias íntimas, como o rejuvenescimento vaginal ou a retirada de pele em excesso dos lábios vaginais como correção estética, são mais feitas no Brasil do que em qualquer outro lugar no mundo. São também as mulheres que se sentem mais insatisfeitas com seus corpos e que sofrem de distúrbios de distorção de imagem e alimentares (AMBULIM, 2021), aplicando tempo, dinheiro e energia sem limite para modificar sua aparência ao gosto da sociedade.

Nesse conceito de feminino, há uma performance de feminilidade, criada e difundida como mais uma forma de controle social da mulher a partir de seu corpo; uma evolução daquilo que Federici (2017) coloca acerca do que pontua como “acumulação



primitiva” em nossa sociedade, a partir do controle reprodutivo e da divisão sexual do trabalho desde a Idade Média.

A divisão dos corpos, realizada por meio do aparelho genital, é uma construção histórica e social que busca apagar a pluralidade e as diferenças, definindo e normatizando a representação dos corpos dentro de uma existência binária (SWAIN, 2000), realizada por meio da coerção física e ideológica. Trata-se de um padrão que descarta as mulheres em suas individualidades, que na cultura masculina não passam de beldades; e só quem tem o poder de cancelar o que é belo é o patriarcado, criando uma necessidade constante de aperfeiçoamento do corpo feminino aos olhos dos homens em ritos de beleza, nos quais a magreza é um dos elementos utilizados para definir socialmente se as mulheres são mais ou menos femininas.

Assim, no foco dessa performance está a gordura corporal, ou melhor, a incessante busca por sua total ausência; associada à alimentação, tal processo se caracteriza, em um primeiro momento, pela repressão do apetite oral feminino. Com isso a gordura da mulher se tornou uma preocupação da comunidade, colocando-a em um estado constante de vigilância. Nesse sentido, quando fome e inanição passam a ser vistas como sinônimo de saúde e beleza, no entanto, outros aspectos da feminilidade, além da gordura, também desaparecem. O corpo reduz ao mínimo sua produção de estrogênio, como forma de poupar energias. A mulher deixa de ovular, de menstruar, e a beleza magra, esquelética, que a coloca em um lugar de vulnerabilidade e sedação, passa a ser celebrada e os corpos das mulheres que rompem com os padrões normatizados pelo sistema cisheteronormativo são deslegitimados pela estereotipia. Os estereótipos estão relacionados às imagens físicas dos corpos e aos seus comportamentos na sociedade.

Foucault (1997, p. 127) explica que “O certo é que as redes do poder passam hoje pela saúde e pelo corpo. Antes passavam pela alma, agora pelo corpo.” Ou seja, acaba-se por imprimir no corpo — revestido de símbolos e interpretações — julgamentos e expectativas, ao qual “[...] se aplicam sentimentos, discursos e práticas que estão na base das vidas sociais.” (FERREIRA, 1994, p. 101). Pensar epistemologicamente em um feminismo dentro dessa análise é entender que esse movimento tem como centralidade a denúncia de violências, epistemes patriarcais e propostas de epistemologias decoloniais



feministas que valorizem as experiências das mulheres no mundo como saberes legítimos, potentes e revolucionários.

No que se refere à proposta do feminismo decolonial, as *cuirs*¹, lésbicas, pretas, latinas, putas, trans, asiáticas, indígenas, feias, gordas, *sudakas*² apresentam perspectivas de conhecimento que rompem com esse regime político hegemônico, ou seja,

O conhecimento do ponto de vista do não marcado é realmente fantástico, distorcido e, portanto, irracional. A única posição a partir da qual a objetividade não tem a possibilidade de ser posta em prática e honrada é a do ponto de vista do senhor, do Homem, do deus único, cujo Olho produz, apropria e ordena toda a diferença. Ninguém jamais acusou o deus do monoteísmo de objetividade, apenas de indiferença. O truque de deus é auto-idêntico e nos enganamos ao tomá-lo por criatividade e conhecimento, até por onisciência (HARAWAY, 2009, p. 27).

Quando se tem a ideia única e universal de conhecimento, legitima-se o pensamento eurocêntrico como superior. Essa construção colonizadora de episteme soberana às demais, principalmente as construídas no Sul do mundo, está ligada diretamente ao contexto histórico/social da colonização, na qual deslegitima todo pensamento que não esteja localizado numa lógica heteronormativacolonial.

A ideia de conhecimento universal legitima o pensamento eurocêntrico como único, da mesma forma que se deriva dele. O estabelecimento dessa proposição opera de forma silenciosa a calar formas de pensar à margem do padrão. Esta forma de genocídio intelectual pode ser considerada uma violência epistêmica. Esta atinge a episteme de um indivíduo/povo e está principalmente ligada ao contexto histórico da modernidade e do colonialismo. Se apresenta como a violência relacionada a determinado conhecimento, podendo ser entendida como uma forma de exercício de poder simbólico de um indivíduo, grupo ou nação sobre um outro através do conhecimento científico, como forma de invisibilizar este outro (Spivak, 2010). A violência epistêmica se apresenta como uma relação de poder e dominação perpetrada no campo do conhecimento, permitindo que determinada visão de mundo se imponha sobre outras, impossibilitando sistemas de conhecimento e produção de saberes alternativos e alterando as visões dos povos colonizados (Gnecco, 2009). (SILVA; BALTAR; LOURENÇO, 2018, p. 71).

¹ *Cuir* é uma tradução livre de *Queers*, que se refere à teoria *queer* pensada/localizada no Sul do mundo: América Latina — *Abya Yala* — como objeto de pensamento de uma multidão de corpos anormais que se diferenciam de uma normalidade sistêmica. Sugerimos a leitura do livro organizado por Fernando R. Lanuza e Raúl M. Carrasco *Queer & cuir: políticas de lo irreal* (LANUZA; CARRASCO, 2015).

² *Sudakas* trata-se de uma expressão xenófoba para definir, de forma depreciativa, os sul-americanos, usada na lógica *cuir* como ressignificação política de seu significado original, poder subversivo do termo. Sobre o assunto consultar Butler (2004).



Nesse sentido, construir novos saberes a partir da violência epistêmica contra mulheres gordas é entender que não se pode ignorar sentimentos, emoções, dores e violências que essas mulheres, desde suas infâncias, passam por serem gordas. A proposta é exatamente o contrário: quais são essas emoções? E o quanto isso pode ser violento para essas corporalidades.

Esses interesses feministas pelas pesquisas epistemológicas localizados em suas realidades e, portanto, contextos sociais localizados, têm impulsionado que muitas mulheres de todos os tipos e lugares apresentem inúmeros caminhos epistêmicos que valorizem essas histórias e dores (HARAWAY, 1991).

O saber produz poder e vice-versa: “[...] não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” (FOUCAULT, 1997, p. 30). Portanto toda construção epistemológica está construída em relações de poder dependendo da força de dominação daquele conhecimento sobre os demais. O conhecimento é constituído por relações de poder:

Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência para fazê-lo aparecer e para modificá-lo não é revelar os pressupostos filosóficos que podem habitá-lo; não é retornar aos fundamentos que a tornaram possível e que a legitimam: é colocá-la novamente em questão como formação discursiva; é estudar não as contradições formais de suas proposições, mas o sistema de formação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas. É retomá-la como prática entre outras práticas. (FOUCAULT, 2013, p. 224).

O feminismo gordo, dentro dessa perspectiva epistemológica decolonial, propõe romper com esse regime político de saber-poder, intencionando formas subalternas de sobreviver. A proposta é denunciar esses saberes que construíram um chamado conhecimento que patologiza, ou seja, considera doentes nossas corpos; como a doença intitulada “obesidade”, por exemplo, que classifica corpos por um cálculo de IMC (Índice de Massa Corporal) em doentes e não doentes, determinado pelo tamanho dos corpos, que em sua maioria são periféricas, latinas e pretas³, pessoas hierarquicamente inferiores por serem consideradas doentes.

³ A Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (2022) divulga os dados em seu Mapa da Obesidade. O IMC acima de 25 está presente em 53,9% das mulheres brasileiras e, acima

Esses saberes têm tido consequências devastadoras para esse grupo de pessoas que são consideradas doentes por serem gordas. Delas é retirada a dignidade de autonomia sobre suas corporalidades. Todos esses saberes que constituem e validam a patologização dessas corporalidades são injustos e violentos, porque estão baseado numa divisão hierárquica de saber-poder que acessam ou não tecnologias de extermínio (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020b). Dentro da proposta da teoria *cuir*, numa perspectiva de revisões epistemológicas, o feminismo gordo propõe uma revisão sobre o entendimento da “obesidade” como doença ser uma injustiça episteme, no que se refere à construção do conhecimento sobre os corpos gordos, já que, durante séculos, nossos corpos foram percebidos, sistematizados e controlados como “coisas monstruosas”, que não deveriam existir dentro da sociedade heteronormativa (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020b).

Existe uma lacuna nos estudos da “obesidade”, da gordura, em levantar questionamentos sobre qual caminho estamos seguindo nessa questão de transformar todo corpo gordo em doente, anormal e patológico. Essa obsessão na busca pelo corpo magro leva a um preconceito que mata mais que a própria “obesidade” anunciada por eles. É urgente o desenvolvimento de pesquisas sobre o corpo gordo brasileiro na comunidade acadêmica, como já existem em outros países (os *fat studies*, por exemplo), para um entendimento epistemológico da construção de discursos de saúde, fundamentados em bem-estar e vida saudável, mas que, verdadeiramente, em nosso mundo capitalista, os interesses sempre são de impérios empresariais que manipulam nossas investigações científicas. Estamos colapsando ao apoiar a ideia construída pelo discurso biomédico. Aliás, a medicina não tem conseguido diminuir ou melhorar os índices de pessoas gordas no mundo, muito pelo contrário. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020b, p. 157).

A saúde, como saber-poder soberano, tem todo um aparato de estudos, cálculos, ferramentas e experiências no combate a essa “epidemia” de pessoas gordas como sustentação de retirada de direitos, acessibilidade e dignidade sobre suas próprias vidas (ROSE, 2013).

Posicionar-se é, portanto, a prática chave, base do conhecimento organizado em torno das imagens da visão, é como se organiza boa parte do discurso científico e filosófico ocidental. Posicionar-se implica em responsabilidade por nossas práticas capacitadoras. Em consequência, a

de 30, em 20,7%. De acordo com o relatório, o índice diminui conforme o nível de escolaridade. Assim, ao cruzar com dados da escolaridade da população brasileira, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), sabe-se que o analfabetismo se concentra na população preta e parda das regiões Norte e Nordeste, tendo-se, então, o perfil de quem sofre mais com a segregação ao serem patologizados os corpos gordos.



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

política e a ética são a base das lutas pela contestação a respeito do que pode ter vigência como conhecimento racional. (HARAWAY, 2009, p. 28).

Foucault (2004) denuncia a medicina como um dos mais poderosos discursos de poder, regime político dessa epistemologia que sustenta a construção da “doença obesidade”; discurso que está sendo financiado pelo autoritarismo, hierarquização da ciência, instituições que permitem a normalização que violenta corporalidades dissidentes, controle dos corpos e do conhecimento. Ou seja, a autonomia de discursos como verdades inquestionáveis, seja no consultório médico, na escola, nas mídias, nas universidades, leva a verdades que violentam pessoas. Como propõe Paul Preciado (2021), são necessárias — e estão acontecendo — denúncias dessas violências epistemes, propostas epistemológicas a partir desse entendimento, revisões do que já existe, mas, principalmente, um rompimento e construção de saberes subalternos que não sejam violentos com nenhuma corporalidade.

São inúmeros casos de pessoas gordas que morrem com doenças fatais, por não serem diagnosticadas a tempo no consultório médico. Já que, um gordo quando entra no médico para reclamar de qualquer dor ou sintoma que sente, automaticamente é diagnosticado como obeso e deve urgentemente emagrecer. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2018a, online).

Assim, a doença que pode ser fatal se agrava, não sendo diagnosticada a tempo e levando o indivíduo a óbito. São inúmeros os casos de pessoas gordas que morrem com doenças fatais por não serem diagnosticadas a tempo no consultório médico (WALKER, 2017 apud JIMENEZ-JIMENEZ, 2018a).

Dessa maneira, essa injustiça/violência epistêmica denunciada pelo feminismo gordo afeta diretamente mulheres gordas, devido ao estigma da gordofobia, e suas vozes e denúncias não serem levadas a sério como legítimas, já que essa violência está sempre justificada em cuidado, saúde e amor (FRICKER, 2007).

Os feminismos (dissidentes) emergem situados em condições particulares que se desenvolvem por meio da vida cotidiana de mulheres em contextos sociais específicos. Esse olhar mais peculiar aos problemas enfrentados por grupos de mulheres localizados em todos os lugares e situações na sociedade foi de total importância para a visualização de sujeitos subalternos, tanto como reconhecimento político como nas análises teóricas. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020a, p. 17).



O que o feminismo gordo propõe é a denúncia dessas violências, e que esses conhecimentos sejam revistos e modificados, de forma que as mulheres gordas centralizem a discussão sobre suas corporalidades, localizando esses saberes e respeitando essas subjetividades.

4 Prejuízos nos processos de comunicação e de informação em saúde: o peso, a mídia e o preconceito

A própria comunidade médica deu início a uma revisão da ideia patologizante dos corpos gordos, reconhecendo as graves consequências da gordofobia na vida das pessoas. Para Wharton et al (2020, p. 875, tradução nossa), “Pessoas com obesidade experimentam um preconceito generalizado que contribui (independente do peso e do IMC), ao aumento da morbidade e da mortalidade”. No estudo, os autores propõem uma nova abordagem na atenção básica de saúde canadense, considerando que o estigma associado às pessoas gordas também é reproduzido no atendimento médico, conforme demonstrado em tópicos anteriores. Outro trabalho, publicado na *Nature Medicine*, mostra que, por causa do preconceito, pessoas gordas são expostas à depressão, ansiedade, isolamento social, distúrbios alimentares e consumo de drogas e álcool, podendo levar à morte tanto por overdose de substâncias químicas quanto pela prática do suicídio (RUBINO; PUHL; CUMMING, 2020). Para os autores:

O estigma e a discriminação de peso são generalizados e causam danos significativos aos indivíduos afetados. A narrativa generalizada da obesidade na mídia, em campanhas de saúde pública, no discurso político e até mesmo na literatura científica atribuindo a causa da obesidade principalmente à responsabilidade pessoal tem um papel importante na expressão do estigma social de peso e reforça o peso baseado em estereótipos. O estigma do peso pode enganar as decisões clínicas e as mensagens de saúde pública e pode promover a alocação improdutiva de recursos limitados de pesquisa. O preconceito de peso e o estigma podem resultar em discriminação e minar os direitos humanos, os direitos sociais e a saúde dos indivíduos afetados. Explicando a lacuna entre as evidências científicas, e uma narrativa convencional da obesidade construída em torno de suposições e equívocos não comprovados pode ajudar a reduzir o preconceito de peso e seus efeitos prejudiciais. (RUBINO; PUHL; CUMMINGS, 2020, p. 495, tradução nossa).

Com a denúncia, são recomendadas pelos autores medidas de combate à gordofobia que envolvem a ampla divulgação de informações corretas sobre o assunto, tendo a mídia e o jornalismo papel essencial nessa missão. Neste tópico o que se considera



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

é a proposta de uma mudança de paradigmas acerca das pessoas gordas e seus corpos para os meios de comunicação, uma vez que se constata íntima relação entre esse preconceito e a mídia (ARRUDA, 2019).

Isso porque a ideia de que somente o peso corporal indica a condição de saúde de alguém, de que a magreza é uma meta a ser atingida a qualquer custo e de que o emagrecimento está relacionado exclusivamente a um mérito individual, é amplamente disseminada pelos meios de comunicação em seus produtos e de entretenimento e no noticiário, associando magreza à saúde, e gordura à doença, conforme será demonstrado em análise de conteúdo a seguir. Nesse sentido, e em uma sociedade cujo conjunto de hábitos e costumes fundamentais no âmbito das instituições e da cultura é permeado pela mídia, suas mensagens, imagens, e representações operam em simbiose, uma espelhando a outra (CABRAL, 2002). Assim, ao contrário do que acontece com corpos magros, que estampam revistas, apresentam programas jornalísticos, predominam em produções televisivas, filmicas e séries como modelos positivos, corpos gordos são rechaçados pela mídia. Além de representações positivas desses corpos serem praticamente inexistentes, elas seguem padrões estereotipados.

Entre outras representações [...], têm-se modelos em que as pessoas gordas apresentadas e representadas servem ou de alívio cômico à história, quando suas características físicas são utilizadas como ponto de humor, ou de estepe para o personagem principal, seja como conselheiro, melhor amigo ou aliado. Outra representação comum é a da pessoa gorda como sendo feio, repulsivo, com poucos hábitos de higiene, ou então uma abobalhada patética. Entretanto, é difícil uma pessoa gorda aparecer como personagem principal ou modelo a ser seguido. Não raro é possível ver que, para ser bem-sucedido, o personagem percebido gordo precisa passar por uma transformação estética que inclui, obviamente, o processo de emagrecimento. Isso é possível ver, apenas para citar um caso como exemplo, com o que acontece a Monica Geller, do seriado de sucesso internacional, *Friends*. (ARRUDA, 2019, p. 14).

Outro estereótipo comum é do emagrecimento milagroso, no qual “Não raro, as personagens gordas, para serem aceitas por seu grupo, passam por transformações estéticas que incluem, obviamente, o emagrecimento. É um modelo repetido à exaustão [...]” (ARRUDA; MIKOS, 2020, p. 123).

Os casos são inúmeros, não se esgotam em um tipo de veículo, nem em um tipo de produção, como telenovela, jornal, seriado ou filme, conforme apontam os estudos já mencionados de Arruda (2019), Arruda e Mikos (2020). Nesse sentido, para fins de

exemplificação do que se afirma, destacam-se alguns casos de gordofobia contra mulheres praticados pela mídia. Para isso, foram escolhidas narrativas jornalísticas a partir do final da década de 1990 que demarca, com a difusão das telecomunicações, a chegada e consolidação da internet, na história da comunicação e da mídia, o que se convencionou chamar de Era da Informação (COSTELLA, 2001), e, por isso, com poder de influência sobre o que pensa a população acerca das pessoas gordas, ao mesmo tempo que é influenciada pelo que a sociedade manifesta em seu bios (CABRAL, 2002).

Além disso, também são apresentados casos de gordofobia sofrida por profissionais da imprensa no ambiente de trabalho como forma de demonstrar a institucionalização desse preconceito no exercício profissional, bem como são trazidos casos recentes de cobertura midiática, com argumento em saúde, tratando da relação da obesidade com o Coronavírus que, como será demonstrado, não apresentam informações em profundidade sobre o tema, contribuindo para a manutenção do estigma das pessoas gordas.

Considerando a variedade de formatos e abordagens, tais casos são apresentados a partir dos critérios de seleção, catalogação e inferência da análise do conteúdo proposta por Bardin (1988). Tal método permite uma análise em conjuntura que relaciona os dados tais como se apresentam, o contexto no qual eles estão inseridos, o conhecimento de quem pesquisa acerca do assunto, o objetivo que se tem com a análise, a inferência como exercício intelectual e a validação que vem como consequência desse processo. Para isso, os exemplos a seguir passaram pelos processos de organização, codificação, categorização, inferência e tratamento.

O primeiro caso, da década de 1990, traz reportagem do *Jornal Hoje* sobre uma agência de modelos que só trabalha com gente “feia”. O trecho entre aspas corresponde exatamente ao que é dito em vídeo (FERRAZ, 2020). Ao apresentar a responsável pelo empreendimento, o repórter, um jovem César Tralli, diz: “Gordinha, baixinha, com cara de bolacha e que descobriu em sua própria feiura sua fonte de renda”. A matéria segue com falas como: “Ninguém aqui tem rosto para revista ou comercial de televisão”, ou quando na pergunta para uma entrevistada: “Tá vendo aquela gordinha ali? Você acha que ela tem condições de fazer comercial de TV?”, no que recebe a resposta: “Tá louco? Essa gorda?” (FERRAZ, 2020), reforçando, conforme se vê em Sanches (2018), que há um padrão estético para aparecer de maneira positiva na mídia.



O que aparece na televisão, também é transportado para a internet. Uma reportagem publicada no VivaBem, seção de saúde do principal portal de conteúdo do Brasil, o UOL, traz a manchete: “Estudo revela que 61% das brasileiras querem emagrecer, mas metade não se esforça para isso”. O título vem ao lado da imagem de uma mulher gorda, deitada no sofá, assistindo à televisão e com a boca cheia de comida; já o texto reproduz resultados do mencionado estudo, associando apenas iniciativas individuais ao emagrecimento, como a mudança na alimentação e a prática de exercícios físicos, sem problematizar subjetividades que levam ao aumento de peso, nem políticas públicas de segurança alimentar e acesso a atividades físicas (ANDRADE, 2012), o que reforça a ideia já problematizada em tópicos anteriores a partir de estudos prévios de que todas as pessoas gordas são preguiçosas, sedentárias e desleixadas.

Para o final da década de 2010, o que temos é a matéria sobre o emagrecimento da atriz Guta Stresser, publicada no Portal R7. Com montagem do antes e depois do corpo da atriz, a manchete diz: “Após perder o pai e o emprego, atriz emagrece 15 quilos e fica gata” (KTV, 2017). A matéria conta sobre como a atriz passou por um processo depressivo e problemas de saúde que a levaram ao emagrecimento. Mesmo assim, a perda de peso é vista como algo positivo. “Fica gata” atribui valor estético ao emagrecimento e, para isso, não importa se ele vem de um processo doloroso, traumático e nada saudável, o que não sustenta, finalmente, o argumento de que o monitoramento do peso alheio se dá a partir de uma pretensa preocupação com o estado de saúde da pessoa, e reforça, então, que beleza, felicidade e sucesso só se alcançam com a magreza (SANCHES, 2018), mesmo sem emprego e enfrentando o luto.

E enquanto nos exemplos apresentados o tema das produções estava diretamente relacionado ao corpo ou peso, há casos de que em pautas de assuntos diversos a gordofobia também se faz presente. Em 8 de junho de 2020, ao trazer a pauta dos direitos da família e da violência doméstica em tempos de pandemia de Coronavírus, o vespertino Mulheres, da TV Gazeta, constrangeu ao vivo a advogada convidada para tratar do assunto, Sandra Daniotti. Enquanto explicava questões jurídicas ao público, a profissional foi interrompida por uma participação da endocrinologista Maithê Pimentel com a fala: “Sandrinha, se eu te pedir uma coisa você me ajuda? Eu quero te ajudar a emagrecer”

(PACHECO, 2020). Sandra cobriu o rosto envergonhada enquanto a apresentadora, Márcia Volpato, eximiu-se da culpa: “No meio da pauta jurídica, Maithê?”, perguntou.

Cabe dizer ainda que, se o conteúdo jornalístico é gordofóbico, a própria estrutura das redações também é, e especialmente mulheres, a despeito da competência, vivem sob a ameaça muitas vezes concretizada de perderem seus cargos caso ganhem peso. Assim relatam Micheli Diniz e Michelle Sampaio, jornalistas que afirmam terem sido demitidas da afiliada da Rede Globo em que trabalhavam após não voltarem ao peso que tinham antes de suas gestações. Apesar de a emissora negar as acusações, ex-colegas de trabalho das jornalistas admitiram informalmente que o relato tem procedência e que o controle do peso por questões estéticas é recorrente, especialmente entre as jornalistas mulheres (SCARDOELLI, 2019).

Assim, a gordofobia experimentada em sociedade, por vezes reproduzida e por outras provocada pela mídia, causa prejuízos também quando a informação jornalística se faz crucial para a sobrevivência. É o caso da cobertura da pandemia da Covid-19: quando pouco se sabia sobre a doença e seus métodos de prevenção, foi com o noticiário que as pessoas puderam encontrar informações que elas julgavam confiáveis sobre o assunto (BUCCI, 2020). No entanto, os estereótipos gordofóbicos se fizeram presentes em todo o processo dessa cobertura, conforme apresentado na sequência.

A ideia de que o período de quarentena levaria à obesidade, uma vez que um dos estereótipos da pessoa gorda é aquele em que ela fica em casa, deitada vendo televisão e comendo o dia todo, ganhou força (BALBINO, 2020), e o jornalismo se ocupou em oferecer dicas de emagrecimento focadas em alimentação e rotinas de exercício em casa, como em “10 dicas para não engordar na quarentena”, do Portal de Saúde VivaBem (GRANCHI, 2020); em “Confira cinco dicas para emagrecer na quarentena”, da editoria de Saúde do Jornal Correio da Bahia (2020); ou em reportagem do G1 com o título: “Home office nos tempos de coronavírus: improviso, tentação de comer toda hora, postura ruim... como melhorar o ambiente e os hábitos” (FONSECA, 2020).

Depois foi o momento de recorrer ao estereótipo do corpo gordo adoecido e apresentá-lo entre os que estão no grupo de risco de morte pela Covid-19. Enquanto cardiopatias e diabetes representam juntas mais de 50% das comorbidades elencadas pelo Ministério da Saúde em relação à Covid no Brasil, seguidas por pneumopatias, doenças



nerológicas e doenças renais (DANTAS, 2020; NUNES, 2020; VALENTE, 2020), bem como a idade avançada se mostra um fator de relevância nessa área, a produção jornalística usa a obesidade como gancho para falar sobre o assunto como em “Covid-19: obesidade é pior para mais jovens do que para idosos”, do Jornal Metrôpoles (NUNES, 2020), ou em “Sobrepeso e obesidade: grupo de risco para COVID-19”, do Jornal Estado de Minas (MONTEIRO, 2020).

Uma das mais significativas reportagens veiculadas sobre o assunto, no entanto, foi ao ar na edição de 17 de maio de 2020 do Fantástico, da Globo. O título “Coronavírus: Drauzio Varella explica por que a mortalidade entre obesos é mais alta” (FANTÁSTICO, 2020) não se sustenta na narrativa, que mostra, na sequência: o caso de uma pessoa em torno de 50 anos que teve Covid-19, classificada como obesa a partir de seu IMC; a fórmula do IMC e como calcular seu próprio índice em uma “calculadora” disponível no site do Fantástico; a classificação do IMC em seus seis diferentes graus, com foco na obesidade; sobre a imagem de uma pessoa subindo na balança e tendo uma fita métrica envolvendo sua barriga, há texto que acompanha a narração indicando o nome das doenças relacionadas à obesidade: pressão alta, diabetes e doenças cardiovasculares; dados estatísticos da população brasileira considerada acima do que chama de “peso ideal” a partir de dados do IMC; sem apresentar dados estatísticos, fala que, nos Estados Unidos, a obesidade é o segundo principal fator de risco; a falta de procedimentos médicos adequados para atender corpos gordos; o caso de mais uma pessoa que teve Covid-19 com IMC acima de 30, filho do primeiro personagem; ambos recuperados; nos 6 minutos de reportagem, acompanhando a narração, e com trilha sonora dramática, a frase: “Obesidade é um fator de risco para a Covid. Cuide-se!”; a reportagem termina com dicas sobre alimentação e exercícios físicos dentro de casa.

A reportagem é marcada por um tom dramático em sua trilha sonora e na narração de Drauzio Varella. Outro elemento presente são as imagens dos personagens em superclose (feitas muito de perto) e em contra plongée (de baixo para cima); enquadramentos conhecidos por fazer as pessoas parecerem maiores do que são, além de adicionar drama à narrativa (XAVIER, 2008). Outro elemento importante é o recurso gráfico utilizado para reforçar pontos do texto, em especial o cálculo do IMC e a frase “Obesidade é fator de risco”. Chama a atenção, no entanto, a menção à falta de



atendimento especializado a corpos gordos, que é tratada como de responsabilidade da pessoa gorda, e não do sistema de saúde que não está preparado para atender esses corpos. Além disso, reforça essa responsabilidade individual ao recomendar alimentação saudável, sem explicar exatamente do que se trata, e exercício físico, sem se aprofundar no assunto.

Não bastasse, a visão patologizada do corpo gordo voltou a aparecer em um terceiro momento quando as atenções se voltam para as possibilidades de uma vacina. Com uma disputa entre os principais laboratórios do mundo para a criação de um método eficaz de imunização, a matéria: “Obesidade pode prejudicar eficácia de vacina contra o novo coronavírus”, publicada em 5 de junho de 2020 no VivaBem, ilustrada por uma imagem de arquivo de um homem gordo, de feição triste, sentado na cama em um ambiente escuro, traz, assim como a reportagem do Fantástico, hipóteses de estudos em andamento sobre a vacina que, em muitos casos, ainda vem sendo testada, acerca de uma resposta imune mais lenta em corpos com IMC acima de 40 (VIVABEM, 2020).

Assim, a partir da compreensão de uma relação simbiótica entre sociedade e mídia (CABRAL, 2002) na retroação social, o que se vê é o ideal da magreza perseguido a todo custo, inclusive de morte: apesar das dietas serem a principal causa dos transtornos alimentares e distúrbios como o transtorno dismórfico corporal (SANCHES, 2018), estima-se que mais da metade das brasileiras deseja uma silhueta menor (LAUS, 2012). São elas as principais vítimas da anorexia alcoólica e de algo que na internet se encontra facilmente como “dieta da coca” e “dieta do crack”, em que há o uso deliberado dessas drogas para emagrecer (ARRUDA, 2019). A dependência química motivada pela gordofobia vem também de medicamentos receitados, que derivam da anfetamina, cujos efeitos colaterais, como sonolência, taquicardia, diarreia e enjoo são comuns, assim como o caso da jovem de 23 anos que, em 2016, morreu ao saltar da janela de seu apartamento após um surto alucinógeno causado pelo consumo desses medicamentos (MESTRE, 2016).

Nesse sentido, o discurso de preocupação com a saúde não se sustenta no contexto de guerra, combate contra a obesidade, que se propaga tanto no seio social quanto na medicina ocidental contemporânea; contextos que são reforçados e estimulados pelos meios hegemônicos de comunicação. Conforme é possível observar a partir dos exemplos apresentados ao longo do texto, pessoas gordas estão morrendo; mulheres gordas estão



morrendo; não pelas doenças que se associam aos seus corpos, mas sim pelo preconceito que negligencia essas corporalidades, colocando-as em situação de vulnerabilidade social, política e econômica.

5 Conclusão

O corpo gordo é patologizado, considerado sempre doente, passível de morte e em risco permanente. A sociedade ocidental contemporânea impõe padrões de normalidade do corpo que são, em sua essência, excludentes, misóginos e racistas, produzindo estereótipos a respeito de corpos gordos que têm como principal função deslegitimar, patologizar e desmoralizar. As tecnologias que estabelecem normas e modelos de corpo, de gênero, de sexualidade e de comportamento como ideais para uma convivência harmoniosa e feliz para todas e todos são as mesmas práticas e discursos que “também produzem hierarquias, discursos e práticas discriminatórias que agem em nossos corpos e condicionam nossas emoções gerando desidentificação e sofrimento para muitos de nós” (ARRUDA, 2019, p. 17).

Instaurada no século XX, a mídia ocupa um lugar peculiar na vida das pessoas, tornando-se logo como um “privilegiado *locus* de ‘verdades’”, distribuidora de “ensinamentos sobre o corpo, sobre o que é certo e errado em relação a ele e o que devemos fazer para ter saúde e vivermos ‘melhor’” (ZORDAN, 2003, p. 273). Com a banalização do vocabulário médico, particularmente a partir da década de 1960, o discurso midiático e o biomédico passam a conviver em uma íntima relação de reciprocidade tendo em vista que esse universo tem sido palco para a publicidade de procedimentos biomédicos diversos, assim como tem um papel fundamental na circulação de representações sociais do corpo, particularmente do feminino, estando o corpo gordo feminino estereotipado em suas representações (ARRUDA, 2019).

Assim, as mulheres se veem mais afetadas pela violência da gordofobia, é dentro dessa constatação que nasce o feminismo gordo enaltecendo vozes esquecidas e invisibilizadas que se opõem à lógica heteronormativa de que apenas um corpo é possível, “que impõe um regime político tecnológico da reprodução de corpos. Em oposição, subvertemos esse raciocínio e recriamos novas propostas de saberes, registros, e outras

maneiras de ser e estar no mundo, reivindicando a descolonização de nossos corpos, desejos e saberes” (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020c, onlilne).

A associação entre corpo gordo e doença não só é arbitrária como reforça e naturaliza ainda mais a gordofobia como um traço da cultura ocidental contemporânea, impulsionando a permanência e atualização desse tipo de preconceito. A obesidade como uma doença seria, nesse sentido, a história única das pessoas gordas. De acordo com Adichie (2019), ao falarmos sobre a história única de alguém ou de um grupo de pessoas, estamos falando sobre poder, o poder de falar sobre si e sobre os outros, tendo em vista que, poder “é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (ADICHIE, 2019, p. 23). Um dos objetivos reivindicados pelo feminismo gordo, nesse sentido, é o rompimento com essa história única sobre o corpo gordo, por meio da retomada do poder de fala das pessoas gordas sobre suas narrativas, corpos e experiências.

Como resultado dessa articulação, a despeito de tanta violência, alguns resultados positivos começam a ser observados no combate à gordofobia. Alguns vêm em forma de iniciativa individual, como os mutirões realizados pelo projeto Saúde sem Gordofobia, de Laís Sellmer e Gabriela Menezes, para que pessoas gordas tivessem acesso ao laudo médico que garantisse o direito à vacina contra Covid-19 no auge da pandemia, o que em vários municípios do Brasil estava sendo negado e/ou dificultado (BALBINO, 2021). Outras já aparecem de maneira institucionalizada, com projetos de lei de combate à gordofobia, em estados como Santa Catarina, Roraima, Rio Grande do Sul, Pará, Rondônia, Tocantins, Pernambuco e Bahia (GORDANALEI, 2022). Academicamente, a pesquisa gorda também vem se estabelecendo, com uma crescente em publicações, o que pode ser observado nas próprias referências deste trabalho como também em espaços de discussão em importantes congressos das mais diversas áreas. Destaca-se o V Seminário Internacional Desfazendo Gênero, que na sua edição de 2021 contou com uma sessão temática sobre gordofobia. Faz-se a observação, no entanto, da predominância justamente das mulheres, em especial em contextos periféricos e dissidentes, encabeçando ou promovendo essas iniciativas. Assim, o que fica para reflexão futura, é justamente como expandir barreiras e furar bolhas no combate ao preconceito.



Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA (ABESO). Mapa da obesidade. **Site da ABESO**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3JanhJZ>. Acesso em: 11 mar. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AMBULIM, Programa de Transtornos Alimentares do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. **Site do Ambulim.org.br**. Disponível em: <http://ambulim.org.br/>. Acesso em 5 mar. 2021.

ANDRADE, Thamires. Estudo revela que 61% das brasileiras querem emagrecer, mas metade não se esforça para isso. **VivaBem UOL**, online. 9 out. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/31Psp1G>. Acesso em: 14 ago. 2020.

ARRUDA, Agnes de Sousa. **O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade Paulista, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3ldWcd5>. Acesso em: 9 nov. 2020.

ARRUDA, Agnes de Sousa; MIKLOS, Jorge. O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. **Revista Líbero**, São Paulo, n. 46, p. 111-126, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1116>. Acesso em: 5 maio 2022.

BALBINO, Jéssica. Prefiro morrer do que engordar na quarentena. **Putá Peita**, Curitiba, 14 de maio de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/32arpXX>. Acesso em: 03 jun. 2020

BALBINO, Jéssica. Projeto agiliza vacinação contra covid-19 para pessoas gordas. **Ecoa UOL**. 2 jul. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3MC0zN7>. Acesso em: 11 mar. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BORGES, Helena. Brasil lidera o ranking de cirurgia plástica entre adolescentes. **O Globo** (online). Publicado em 9 mai. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/2NFttSY>. Acesso em: 28 fev. 2021.

BUCCI, Eugenio. Quanto mais a pandemia do novo coronavírus amedronta, mais a sociedade confia no jornalismo. **Estadão** (online). 29 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/30ZAtxz>. Acesso em: 15 ago. 2020.

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Síntesis. 2004.

CABRAL, Muniz Sodré de Araújo. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

COSTELLA, Antonio Fernando. **Comunicação: do grito ao satélite**. São Paulo: Mantiqueira, 2001.

CRUZ, Cintia. Gordofobia: laudo e desinformação viram obstáculos para vacinação contra a Covid-19 de pessoas com obesidade. **O Globo** (online), 26 mai. 2021. Disponível em: <https://glo.bo/3uyuv2p>. Acesso em: 30 mai. 2021.



DANTAS, Carolina. Cardíacos, homens e acima de 60 anos: conheça grupos que tiveram mais vítimas no 1º mês do Covid-19 no Brasil. **Bem-Estar G1**. 26 mar. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/31VVUPy>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FANTÁSTICO. Coronavírus: Drauzio Varella explica por que a mortalidade entre obesos é mais alta. Produção: Rede Globo de Televisão. 17 mai. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/2Y1RPrG>. Acesso em: 15 ago. 2020.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRAZ, Ju. Como uma reportagem dos anos 90 reacendeu as discussões do que é "padrão" na internet? **Vogue, Edição Digital**. 29 jul. 2020. Disponível em: <https://glo.bo/2Yik7i7>. Acesso em: 14 ago. 2020.

FERREIRA, Jaqueline. O corpo sógnico. In: MINAYO, M. C. S., ALVES, P. C. (org.). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 101-112.

FONSECA, Caue. Cresce interesse pelo jornalismo no Brasil. **Site da Gaúcha Zero Hora (GZH)**. 15 mai. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ajt9jv>. Acesso em: 12 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRICKER, Miranda. **Epistemic injustice: power and the ethics of knowing**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (org.) **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 19-40.

GORDANALEI. 10 projetos de lei em combate à gordofobia no Brasil. **Instagram**. 21 jan. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3KyNgv1>. Acesso em: 11 mar. 2022.

GOMES, Carol. Gordofobia médica: como o preconceito na saúde afeta pacientes gordas. **Claudia-online**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/4ITtROo>. Acesso em: 14 jan. 2020.

GRANCHI, Giulia. 10 dicas para não engordar durante a quarentena. **VivaBem UOL**. 01 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3kRBSOW>. Acesso em: 15 ago. 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://cutt.ly/yITr8gm>. Acesso em: 4 fev. 2021.

HARAWAY, Donna. **Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature**. New York; London: Routledge, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Conheça o Brasil: população: educação. **Site do IBGE: Educa Jovens**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3t4kSLt>. Acesso em: 11 mar. 2022.



JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) — Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020a.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Revista Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, PR, v. 4, n. 1, p. 147-161, 2020b. Disponível em: <https://bit.ly/3khpLLp>. Acesso em: 25 abril 2021.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. É possível um feminismo gordo? **Todas Fridas** (online), 2020c. Disponível: <https://cutt.ly/rfTtcXI>. Acesso em: 8 maio 2021.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia médica: a reprodução do estigma social. **Todas Fridas** (online), 2018a. Disponível em: <https://cutt.ly/elTticr>. Acesso em: 23 set. 2018.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia: uma questão de perda de direitos. **Todas Fridas** (online), 2018b. Disponível em: <https://cutt.ly/ilTts0V>. Acesso em: 14 jan. 2020.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa; ABONIZIO, Juliana. Gordofobia e ativismo gordo: o corpo feminino que rompe padrões e transforma-se em acontecimento. In: CONGRESO ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 31., 2017, Montevideo. **Anais [...]**. Montevideo: Universidad de la República Uruguay, 2017. p. 1-14. Disponível em: <https://cutt.ly/wITtwY9>. Acesso: 21 mai. 2020.

JORNAL CORREIO DA BAHIA. Confira cinco dicas para emagrecer na quarentena. **Site do Jornal Correio da Bahia**. 05 maio 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/confira-cinco-dicas-para-emagrecer-na-quarentena/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

KTV. Após perder o pai e o emprego, atriz emagrece 15 quilos e resultado impressiona. **PORTAL R7 online**. 15 maio 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3bWGJcv>. Acesso em: 28 abr. 2019.

LANUZA, Fernando R.; CARRASCO, Raúl M. (org.). **Queer & cuir: políticas de lo irreal**. México. DF: Fontamara, 2015.

LAUS, Maria Fernanda. **Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos**. 2012. Tese (Doutorado em Psicobiologia) — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2012.

LIRA, Camila de. Gordura é doença? **Revista AzMina online**. 22 jan. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/PITtFTF>. Acesso em: 14 jan. 2020.

LO PRETE, Renata. Covid grave entre os jovens. **G1 O assunto**. 24 mar. 2021. Episódio de Podcast. Spotify. Disponível em: <https://spoti.fi/3fkiyZL>. Acesso em 25 mai. 2021.

LOUREIRO, Gabriela. Gordofobia: porque esse preconceito é mais grave do que você pensa. **Revista Digital Galileu** (online), São Paulo, 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/JITtKXy>. Acesso em: 14 jan. 2020.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.



MESTRE, Natália. A sibutramina, remédio pra emagrecer, matou minha irmã, diz publicitária. **Site Glamour. Globo.com**. 1 mar. 2016. Disponível em: <https://glo.bo/3aQpyYJ>. Acesso em: 22 mar. 2017.

MONTEIRO, Lilian. Sobrepeso e obesidade: grupo de risco para COVID-19. **Jornal Estado de Minas** (online). 28 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3iVZ2lt>. Acesso em: 15 ago. 2020.

NUNES, Bethânia. Covid-19: obesidade é pior para mais jovens do que para idosos. **Metrópoles online**. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3at0tVe>. Acesso em: 15 ago. 2020.

NUNES, Sílvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

OLIVIO, Camila. Obesos sofrem assédio moral em consultórios médicos. **Site da CBN**. 16 jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3jDThZf>. Acesso em: 30 mai. 2021.

PACHECO, Paulo. Gazeta constrange convidada com proposta para emagrecer e pede desculpas. **UOL Televisão**. 11 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3iJ2M9K>. Acesso em: 14 ago. 2020.

PRECIADO, Paul B. **Regime heteronormativo e patriarcal vai colapsar com revolução em curso**: para filósofo espanhol, lutas pela representação da realidade tornam o presente o melhor período para se viver. [Entrevista cedida a] Naná De uca e Úrsula Passos. **Folha de São Paulo** (online), publicado em 16 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/01/regime-heteronormativo-e-patriarcal-vai-colapsar-com-revolucao-em-curso-diz-paul-preciano.shtml>. Acesso em: 5 maio 2022.

ROHDEN, Fabíola. Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 101-125, 2002. Disponível em: <https://cutt.ly/vITt4dt>. Acesso em: 24 dez. 2015.

ROMANO, Vicente. **La formación de la mentalidade sumissa**. Madrid: Endymion, 1998.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

RUBINO, Francesco; PUHL, Rebecca M.; CUMMINGS, Dixon et al. Joint international consensus statement for ending stigma of obesity. **Nature Medicine**, New York, EUA, n. 26, p. 485-497, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3iCTI6f>. Acesso em: 14 ago. 2020.

SANCHES, Rodrigo Daniel. **Corpus alienum**: efeitos do discurso das novas dietas, corpo-projeto e mídia. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018. Versão PDF.

SANT'ANNA, Denize Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos**: uma história do peso no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SCARDOELLI, Anderson. Demissão por causa do peso? Público se revolta contra afiliada da Globo. **Portal Comuniquese**. 25 mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3iGaf4v>. Acesso em: 14 ago. 2020.

SILVA, Marcelle Jacinto da. O medo de engordar em tempos de COVID-19. **Antropológicas epidêmicas**, online, v. 3, n. 9, 2020. Disponível em: <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/o-medo-de-engordar-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em: 06 jul. 2020.



SILVA, Fabricio, Pereira; BALTAR, Paula; LOURENÇO, Beatriz. Colonialidade do saber, dependência epistêmica e os limites do conceito de democracia na América Latina. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**. Brasília, v.12, n.1, p. 68-87, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/15980>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?”. **Textos de História**, Brasília, v. 8, n.1-2, p. 47-84, 2000. Disponível em: <https://bit.ly/3AqPrvX>. Acesso em: 20 de set. 2021.

VALENTE, Jonas. Saiba como está o avanço do coronavírus no Brasil. **Agência Brasil**. 26 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Y45bUF>. Acesso em: 15 ago. 2020.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

VIVABEM. Obesidade pode prejudicar eficácia de vacina contra o novo coronavírus. **Portal UOL online**. 05 maio 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3CBMpXN>. Acesso em: 10 fev. 2022.

WHARTON, Sean et al. Obesity in adults: a clinical practical guideline. **Canadian Medical Association Journal**, Ottawa, v. 192, p. 875-891, 4 ago. 2020. Disponível em: <https://www.cmaj.ca/content/192/31/E875>. Acesso em: 10 fev. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Physical status: the use and interpretation of anthropometry**. Geneva: Switzerland, 1995. Disponível em: <https://bit.ly/2FahUyf>. Acesso em 25 fev. 2021.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ZORDAN, Paola. Genitais femininos e os lugares da diferença. *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes. (org.). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003, p. 273-297. v. 1.

Recebido em: 19/01/2022.

Aceito em: 03/05/2022.



BATUKA: introdução aos *Fat Studies*¹***BATUKA: a Fat Studies primer***

Cat Pausé *

Resumo

Este artigo apresenta uma visão geral das características marcantes de quatro tipos de estudos sobre a gordura e o corpo gordo, permitindo ao leitor reconhecer as áreas em que se sobrepõem e em que diferem. Seu objetivo é explorar a história dos estudos sobre a gordura, a obesidade e o corpo gordo como disciplina acadêmica, considerando os desafios e as oportunidades que esse campo enfrenta e apontar que o campo dos *Fat Studies* é atualmente o espaço mais apropriado para o estudo corpo gordo.

Palavras-chave: fat studies; estudo do corpo gordo; gordofobia; obesidade.

Abstract

This article presents an overview of the hallmark characteristics of four kinds of scholarship on and about fat and fatness, allowing the reader to recognise the areas in which they overlap and in which they differ. It explores the history of *Fat Studies* as an academic discipline and considers the challenges and opportunities going forward. It concludes with a demonstration that the field of *Fat Studies* scholarship is that most appropriate for the study of the fat body.

Keywords: fat studies; study of the fat body; fatphobia; obesity.

Introdução

Nos últimos cem anos, pesquisadores têm voltado sua atenção para o corpo gordo como um local de pesquisa. A maioria desses estudiosos entende a gordura como um desvio, uma doença a ser curada. Sua pesquisa está estruturada em torno daquilo que consideram um dos problemas mais urgentes do século XXI: a “epidemia de obesidade”.

¹ O manuscrito foi escrito em inglês, contudo optamos publicá-lo em português — tradução feita por Nicole Pontes e Simone Brito — por consideramos que era interesse da autora divulgar os *Fat Studies* para pesquisadores e ativistas em outras línguas. Em relação ao título, as organizadoras do dossiê — e tradutoras — notificam: “Cat Pausé costumava utilizar referências de músicas de Madonna em seus artigos. A canção *Batuka* tem como refrão: *Its is a long way* (O caminho é longo) e, nesse caso, refere-se ao grande trabalho que pesquisadoras e pesquisadores dos *Fat Studies* têm a sua frente.” Cat Pausé submeteu o artigo à Caos em fevereiro de 2022, no mês seguinte, no dia 25, fomos surpreendidos com a notícia de seu falecimento.

* Professora da *Massey University*/New Zealand. PhD em Desenvolvimento Humano/*Texas Tech University*. E-mail: c.pause@massey.ac.nz.



Esses pesquisadores clássicos da obesidade patologizam a gordura e prestam pouca atenção às experiências vividas ou às vozes de pessoas gordas reais. No entanto, recentemente surgiu um novo grupo de estudiosos que fazem perguntas críticas sobre essa coisa chamada obesidade e a ciência que a cerca, inaugurando um novo olhar sobre o tema. Considerados estudiosos críticos da obesidade, essas autoras e autores têm questionado as abordagens e estruturas ontológicas, epistemológicas e metodológicas dos estudos tradicionais da obesidade, promovendo transformações nesse campo. Para além desses dois grupos, há ainda os estudiosos do peso que, embora analisem a obesidade destacando o estigma e a discriminação vividos por pessoas gordas, o fazem com uma compaixão conservadora, criticando o estigma dos corpos gordos que, em grande parte, seu próprio trabalho está reproduzindo.

Fora desse campo, mas analisando o mesmo objeto, qual seja o corpo gordo, estão os *Fat Studies*. Nessa linha, pesquisadoras e pesquisadores têm como foco o corpo gordo e as experiências vividas por pessoas gordas, muitos atuando como acadêmicos ativistas e trabalhando para garantir os direitos civis das pessoas gordas. Isso, por sua vez, leva muitos estudiosos a questionar a validade do trabalho produzido por autores alinhados aos *Fat Studies*. No entanto, se o ativismo invalida o trabalho dos autores dos *Fat Studies*, também deveria fazer o mesmo com os estudiosos da obesidade, já que eles também procuram mudar o mundo por meio de suas pesquisas, eliminando pessoas gordas.

Em meio a esse processo, este artigo apresenta uma visão geral das características marcantes desses quatro tipos de pesquisa, permitindo ao leitor reconhecer as áreas em que se sobrepõem e nas quais diferem. Ele explora a história dos *Fat Studies* como uma disciplina acadêmica, e considera as ameaças e oportunidades que essa abordagem enfrentou e enfrentará daqui por diante, demonstrando porque os *Fat Studies* são a perspectiva mais apropriada para estudar corpos gordos e a experiência das pessoas gordas.

Pesquisas da obesidade

A categoria de pesquisa da obesidade abrange uma variedade de trabalhos. No fundo, porém, pode-se argumentar que qualquer abordagem que busque entender a obesidade a fim de prevenir, tratar ou curar a obesidade é uma pesquisa da obesidade.



Essa abordagem também inclui trabalhos que procuram explicar o fardo da obesidade, podendo variar desde pesquisas médicas, que buscam destacar uma relação entre obesidade e condições crônicas de saúde, passando por pesquisas sobre empregabilidade, que buscam ilustrar os impactos negativos da obesidade no emprego, chegando às pesquisas psicológicas que buscam prever quais os fatores que levam à obesidade. Todas elas patologizam a gordura e a posicionam como um problema. Essa é a característica definidora das pesquisas da obesidade. A maior parte do que as pessoas acreditam sobre a gordura deriva de pesquisas sobre a obesidade. A obesidade não é saudável (GLOBAL BURDEN OF DISEASE 2015 OBESITY COLLABORATORS, 2017). A obesidade contribui para o aquecimento global (AN; JI; ZHANG, 2018). A obesidade é um grande fardo de altos custos para a sociedade (TREMMELE; GERDTHAM; NILSSON; SAHA, 2017). A obesidade leva à morte precoce (AUNE; SEN; PRASAD; NORAT; JANSZKY; TONSTAD; VATTEN, 2016). O último refrão, que a obesidade é mortal, é um foco muito comum nas pesquisas sobre obesidade.

Por exemplo, em 1999, Allison, Fontaine, Manson, Stevens e VanItallie publicaram um artigo no *Journal of the American Medical Association*, no qual relatam que a obesidade causa entre 280.000 e 325.000 mortes por ano nos Estados Unidos. Eles começam perguntando: "Das pessoas que estavam vivas no início de 1991, quantas a menos teriam morrido até o final daquele ano se todas as pessoas obesas vivas no início do ano não fossem obesas" (ALLISON, FONTAINE, MANSON, STEVENS; VANITALLIE, 1999, p. 1530). Usando dados de seis grandes estudos de coorte prospectivos disponíveis publicamente, os autores determinaram uma razão de risco para pessoas com sobrepeso e obesas. Aplicando essa razão de risco às estimativas de tamanho da população e distribuição populacional de IMC, os autores chegaram à sua estimativa de mortes atribuíveis à obesidade entre 280 e 325mil pessoas, sugerindo ainda que essas são estimativas conservadoras.

Um relatório especial publicado em 2005 no *New England Journal of Medicine* afirmou que a obesidade seria responsável pela redução da expectativa de vida (OLSHANSKY et al, 2005). Executando uma série de probabilidades, os autores concluíram que a obesidade resultaria em uma redução de um terço a três quartos de um ano da expectativa de vida das pessoas, apontando também que esses dados ainda estão subestimados. Eles sugerem que, sem intervenções significativas para reduzir as



taxas de obesidade, “os jovens de hoje podem, em média, viver menos saudáveis e, possivelmente, até mesmo terem vidas mais curtas do que seus pais” (OLSHANSKY et al, 2005, p. 1143).

Estudos críticos da obesidade

Em resposta direta à pesquisa com foco na obesidade, estão os estudos críticos da obesidade. Os pesquisadores desse campo questionam a maneira como os estudiosos da obesidade usam a epistemologia, a ontologia e as ferramentas metodológicas para estudar e moldar o discurso sobre a obesidade. A perspectiva crítica foca sua atenção na revisão das evidências que sustentam o trabalho dos pesquisadores da obesidade, e expõe suas falhas, erros e suposições. A marca dos estudos críticos da obesidade inclui o compromisso com a análise baseada em evidências, em dados, e rejeita abordagens do tipo “todo mundo sabe” para entender a gordura. Uma maneira segura de desencadear uma resposta de um estudioso crítico da obesidade é fazer uma afirmação como: “As crianças estão gordas hoje porque são menos ativas fisicamente do que eram há cinquenta anos”. Um estudioso crítico da obesidade identificaria a suposição presente (que atividade física e gordura têm uma relação causal) e pediria os dados sobre atividade física em crianças de cinquenta anos atrás.

Um texto-chave neste campo é o trabalho de Gard e Wright (2005), *The obesity epidemic: science, morality, and ideology*. Nesse livro, Gard e Wright trabalham para “examinar as maneiras pelas quais ideias e crenças preconcebidas moldaram o que as pessoas dizem sobre a ‘epidemia de obesidade’” (GARD; WRIGHT, 2005, p. 3). Os autores trabalham com as falhas e suposições enganosas que acreditam ser endêmicas na pesquisa da obesidade, e apresentam uma teoria sobre porque o público em geral abraçou de bom grado a ideia de uma epidemia de obesidade. Eles concluem sugerindo que os interessados em peso e saúde têm duas opções possíveis: “superar” o peso corporal por completo” ou, no mínimo, superar a ideia do corpo como uma máquina (GARD, WRIGHT, 2005, p. 190).

Outro exemplo desse trabalho pode ser encontrado no artigo de Campos, Saguy, Ernsberger, Oliver e Gaesser (2006), publicado no *International Journal of Epidemiology*. Nele — *A epidemiologia do sobrepeso e da obesidade: crise de saúde*



pública ou pânico moral? —, os autores afirmam que “na nossa opinião, os dados científicos disponíveis não apoiam alegações alarmistas sobre obesidade nem justificam o desvio de recursos escassos de questões de saúde pública muito mais urgentes” (CAMPOS et al, 2006, p. 55). Eles constroem esse argumento questionando os dados disponíveis para apoiar a ideia de que ser gordo é um dos principais contribuintes para a mortalidade e morbidade, que a perda de peso significativa e permanente é possível e que a situação atual deve ser classificada como uma epidemia. Os autores se baseiam em evidências para ilustrar lacunas na linguagem frequentemente hiperbólica da pesquisa sobre obesidade, e destacam quando as suposições são tomadas como senso comum, em vez de baseadas em evidências. Os autores concluem:

Dadas as evidências científicas limitadas para qualquer uma dessas alegações, sugerimos que a retórica atual sobre uma crise de saúde impulsionada pela obesidade está sendo impulsionada mais por fatores culturais e políticos do que por qualquer ameaça que o aumento do peso corporal possa representar para a saúde pública. (CAMPOS, 2006, p. 55).

Estudiosos críticos da obesidade apontariam para as conclusões nos trabalhos de Allison e colaboradores (1999) e Olshansky e colaboradores (2005) como ilustrações da falta de robustez frequentemente presente na pesquisa sobre obesidade. Os primeiros autores observam no final: “nossos cálculos assumem que todo o excesso de mortalidade (controlando por idade, sexo e tabagismo) em pessoas obesas é devido à obesidade” (ALLISON, FONTAINE, MANSON, STEVENS; VANITALLIE, 1999, p. 1536). Claro, isso significa que eles chegaram à sua taxa de risco ao considerar que todas as mortes de pessoas com sobrepeso e obesas, independentemente do motivo, são atribuídas à obesidade.

Da mesma forma, a conclusão de Olshansky e colaboradores (2005) demonstra também as ameaças à validade do trabalho deles. No final do artigo, os autores observam: “É importante enfatizar que nossas conclusões sobre o futuro são baseadas em nosso julgamento coletivo” (OLSHANSKY; PASSARO; HERSHOW; LAYDEN; BRUCE; BRODY; HAYFLICK; BUTLER; ALLISON; LUDWIG, 2005, p. 1143). Estudiosos críticos da obesidade sugerem que as conclusões e estimativas científicas não devem ser baseadas em julgamento coletivo, mas em evidências.



Ciência do peso

Já os pesquisadores da ciência do peso, que estudam pesos corporais mais elevados, procuram compreender a relação entre o peso e outros fatores, como aceitação social, saúde fisiológica e envolvimento ao longo da vida. Esses estudiosos não aceitam a gordura como um aspecto natural da diversidade humana, e muitos procuram resolver o “problema da gordura”. A ciência do peso se tornou um campo de estudo mais visível na medida em que os conceitos de *fat shaming* e *fat bias* se tornaram mais evidenciados. Uma Conferência anual do *Weight Stigma*² oferece uma oportunidade para os interessados na ciência do peso compartilharem trabalho e *networking*. Ao examinar os programas de conferências anteriores, parece que a conferência em si, geralmente tem três fluxos principais: um fluxo médico, um fluxo de saúde pública e um fluxo de ativismo.

Grande parte das pesquisas nessa disciplina vem do UCONN *Rudd Center for Food Policy & Obesity* (RCFPO). O RCFPO define sua missão voltada para descobrir e promover “soluções para a obesidade infantil, dieta pobre e preconceito de peso por meio de pesquisas e políticas” (“O que fazemos”).³ A ex-diretora Kelly Brownell e a atual vice-diretora Rebecca Puhl são bem conhecidas por seu trabalho sobre preconceito de peso e estigma (PEARL; PUHL, 2018; PUHL; BROWNELL, 2001, PUHL; BROWNELL; DEPIERRE, 2014, PUHL; HEUER, 2009). As publicações da professora Puhl e de sua equipe sobre preconceito de peso, estigma e discriminação são usadas por estudiosos da ciência da obesidade, ciência crítica da obesidade, ciência do peso e *Fat Studies*. Esses estudiosos da ciência do peso parecem acreditar que podem prevenir e se preparar para a guerra. Seu trabalho visa resolver o problema da obesidade e reduzir o estigma associado a ser gordo. Eles não conseguem reconhecer que o estigma da gordura é reforçado quando propõe que a gordura é um problema a ser evitado e/ou resolvido.

Bacon e Aphramor (2011) publicaram o artigo de revisão, *Weight science: evaluating the evidence for a paradigm shift*, ilustrando como a ciência do peso e os estudos críticos da obesidade costumam se sobrepor. Nesta revisão publicada no *Nutrition*

² Para mais informações, ver: <https://weightstigmaconference.com>

³ Ver o site da UCONN – University of Connecticut no endereço: <https://uconnruddcenter.org/>.



Journal, Bacon e Aphramor examinam as evidências que não apoiam os princípios-chave da pesquisa da obesidade (como a gordura apresentando um risco significativo de morte, que a perda de peso melhora a saúde e que a perda de peso permanente é possível); eles concluem pedindo uma mudança no paradigma que cerca a ciência do peso. Suas críticas às conclusões estabelecidas na pesquisa sobre obesidade e à escassez de evidências que apoiam essas suposições ecoam muito do trabalho realizado por estudiosos críticos da obesidade. Bacon e Aphramor, entretanto, têm um objetivo adicional relacionado à justiça social. Eles buscam promover um paradigma em torno do peso e da saúde que abrace a aceitação do corpo, apoiando a agência de indivíduos que buscam saúde, e que qualquer pessoa, independentemente do tamanho do seu corpo, possa buscar a saúde. Nesse enfoque de justiça social, Bacon e Aphramor ecoam grande parte do trabalho feito por pesquisadores dos *Fat Studies*, como veremos a seguir.

Fat Studies

Fat Studies é um campo de estudo pós-disciplinar que se centra no corpo gordo e nas experiências vividas por pessoas gordas. “O campo dos *Fat Studies* pode oferecer uma nova lente reveladora sobre a questão humana central da corporificação, uma abordagem teórica que terá efeitos políticos e sociais diretos” (WANN, 2009, p. xxi). Os estudiosos dos *Fat Studies* identificam e discutem os discursos convencionais e alternativos sobre a gordura, analisam o tamanho como uma questão de justiça social na interseção da opressão, e avaliam criticamente a opressão do tamanho conforme ela se manifesta em várias instituições sociais (medicina, mídia, educação etc.). Na edição inaugural da *Revista Fat Studies*, a editora-geral, Esther Rothblum (2012), define os *Fat Studies* como

um campo de estudos que examina criticamente as atitudes da sociedade sobre o peso corporal e a aparência, e que defende a igualdade para todas as pessoas com relação ao tamanho do corpo [...]. Os estudiosos dos *fat studies* perguntam por que oprimimos as pessoas que são gordas e quem se beneficia com sua opressão. (ROTHBLUM, 2012, p. 3).

Uma característica única dos *Fat Studies* é que se baseiam na crença na libertação do corpo gordo. No final do compêndio sobre *Fat Studies* (SOLOVAY; ROTHBLUM, 2009), os editores publicaram o *Manifesto de libertação gorda* na íntegra. Este manifesto



foi escrito por Judy Freespirit e Aldebaran em 1973 como parte de seu trabalho com o *Fat Underground*. Os *Fat Studies* buscam apoiar o ativismo dos gordos, a luta para que eles tenham os mesmos direitos e dignidade que os não-gordos. Na introdução do compêndio dos *Fat Studies* citado, Solovay e Rothblum destacam pontos acadêmicos importantes nos primeiros estudos da gordura, bem como pontos iniciais do ativismo. Ao incluir a emergência do ativismo americano como abertura do capítulo, eles reconhecem a importância do ativismo gordo para o campo dos *Fat Studies* e para a produção de conhecimento, práticas e ética sobre a gordura. Wann (2009, p. x) argumenta que o campo dos *Fat Studies* “oferece um corolário crucial para a comunidade do orgulho gordo e do ativismo pelos direitos civis a ser gordo/a.” A inclusão e o reconhecimento do trabalho acadêmico e ativista no espaço dos *Fat Studies* é um dos pontos fortes dessa disciplina.

Muito antes de haver um campo de *Fat Studies*, ativistas gordos/as estavam escrevendo livros sobre suas experiências e a necessidade de libertação do corpo gordo (BOVEY, 1994; ERDMAN, 1996; FRASER, 1997; GARRISON; LEVITSKY, 1993; GOODMAN, 1995; LOUDERBACK, 1970; MILLMAN, 1980; SCHOENFELDER; WIESER, 1983; THONE, 1997; WILEY, 1994). O mais antigo deles é o *Fat power* de Lewwllyn Louderback (1970). A publicação do artigo de Louderback — *More people should be Fat* — no *Saturday Evening Post*, em 1967, foi uma das precursoras da criação da *National Association to Advance Fat Americans* (agora conhecida como *National Association to Advance Fat Acceptance* – NAAFA). Contudo a publicação mais conhecida é provavelmente *Fat!So?* de Marilyn Wann, publicado em 1998 pela editora *Ten Speed*, que é uma das editoras que provou ser relativamente favorável à publicação de trabalhos sobre corpos gordos. Outras editoras simpáticas à causa incluem *Pearlson Press* e *Demeter Press*.

Além disso, os pesquisadores estavam explorando o estigma da gordura (BROWN; ROTHBLUM, 1989; DEJONG, 1980; HARRIS; HARRIS; BOCHNER, 1982; LARKIN; PINES, 1967; ROTHBLUM; MILLER; GARBUTT, 1988; TIGGEMANN; ROTHBLUM, 1988), a construção social da gordura e da saúde (SOBAL; MAURER, 1999a, 1999b), a opressão legal de pessoas gordas (SOLOVAY, 2000), a história da gordura (SCHWARTZ, 1986; STEARNS, 1997) e a identidade das pessoas gordas (BRAZIEL; LEBESCO, 2001; COOPER, 1998). Muitos outros estavam



fazendo um trabalho que criticava o paradigma da epidemia da obesidade e rompia com as suposições do senso comum sobre pessoas gordas. Cooper (2010) tenta “mapear o campo” dos *Fat Studies* conforme apontou em seu artigo, *Fat Studies: mapping the field*. Não estamos tentando refazer esses trabalhos aqui, mas gostaríamos de agradecer a muitos dos textos que contribuíram para o avanço dos *Fat Studies*.

Importantes trabalhos teóricos e empíricos foram realizados por LeBesco (2004), Kirkland (2008), Farrell (2011), Boero (2012), Kwan e Graves (2013), Gailey (2014), Whitesel (2014), Harjunen (2016), Kyrölä (2016), Murray (2008), Saguy (2014) e Cooper (2016). Levy-Navarro (2010) e Strings (2019) publicaram livros que expandem as pesquisas na área para além da estrutura ocidental e tradicionalmente branca — ver também o livro recém-lançado de Luna, George, Lee e Solovay, (2020).

Os textos editados têm fornecido oportunidades para acadêmicos da área organizarem material em torno de tópicos específicos, como educação e pedagogia (CAMERON; RUSSELL, 2016), sexo (HESTER; WALTERS, 2015), maternidade (VERSEGHY; ABEL, 2018) e corporeidade gorda *queer* (PAUSÉ; WYKES; MURRAY, 2014). Os trabalhos de *Fat Studies* de Tomrley e Naylor (2009), no Reino Unido, foram produzidos em um seminário de um dia em York e publicados pelos editores; de forma semelhante, Friedman, Rice e Rinaldi (2019) reuniram os contribuintes do *Thickening Fat* para um simpósio de dois dias na *Ryerson University* em 2018. Também é relevante lembrar do compêndio sobre *Fat Studies*, publicado em 2009 por Rothblum e Solovay, que há muito é considerado um dos textos formativos da disciplina.

E muitos pesquisadores de *Fat Studies* e ativistas têm acesso a material disponível de acadêmicos cujo trabalho está fora de nosso campo, mas nos ajudam a contribuir, com argumentos relevantes para a libertação do corpo gordo (por exemplo, Bacon, 2008; Campos, 2004; Gaesser, 2013; Gard, 2010; Gard; Wright, 2005; Oliver, 2006). Além disso, o material encontrado nas publicações dos *Fat Studies* sempre incluiu trabalhos de fora da academia. Contribuições importantes podem ser encontradas em blogs, podcasts, documentários e muito mais.

Há muito que os ensaios são usados para explorar a gordura, os corpos gordos e a vida de pessoas gordas (CHASTAIN, 2014; SCHOENFIELDER; WISER, 1983; WILEY, 1994). O livro de Schoenfielder e Wisser (1983) — *Shadows on a Tightrope*:



writings by women on fat oppression — é uma das primeiras coleções de escritos de mulheres gordas; inclui artigos, narrativas e poemas. Também inclui material que foi distribuído pela *Fat Liberation Publications* na década de 1970. Poesia (DONALD, 1986; NICOLS, 1984; ZELLMAN, 2009) e ficção, incluindo contos (HOLT; LEIB, 2012; JARRELL; SUKRUNGRUANG, 2003; KOPPELMAN, 2003; THOMPSON, 2019), têm sido outro veículo para material que questiona a construção social da gordura e imagina uma série de encarnações da gordura. Thompson (2019), por exemplo, imagina um mundo futuro em que pessoas gordas continuam sendo oprimidas por meio de novas tecnologias e regulamentações; no entanto, as histórias terminam com esperança quando encontramos um personagem que resgata pessoas gordas desse mundo futuro e as leva para outro lugar, um lugar onde sejam libertadas. Julie Murphy (2017, 2019) publicou vários livros para jovens adultos apresentando um protagonista gordo, e recentemente escreveu uma história — *Faith* — de origem para a super-heroína gorda, (MURPHY, 2020). E o romance *Dietland* de Sarai Walker (2015) foi transformado em uma série de televisão. Outra série de televisão positiva inclui uma adaptação do livro *Dumplin*, de Murphy (2017), lançado pela Netflix (plataforma de *streaming*), além de uma adaptação de *Shrill*, de Lindy West (2017), para uma série de TV no Hulu (plataforma de *streaming*).

Livros de autoajuda e empoderamento de não-ficção, frequentemente buscam ajudar os indivíduos a mitigar os impactos pessoais da opressão da gordura, ao mesmo tempo que oferecem críticas e comentários sobre as manifestações sociais e sistêmicas da fobia. Livros de autoajuda de ativistas gordos variam de histórias pessoais com lições (BAKER, J., 2015, 2018; HAGEN, 2019; SHANKER, 2004; WEST, 2017) a textos mais instrutivos (BLANK, 2011, 2012; FRATER, 2005; HARDING; KIRBY, 2009; KINZEL, 2012; LYONS; BURGARD, 1990; TAYLOR, 2018; WANN, 1998), muito embora sejam águas difíceis de navegar. O gênero literário de memórias tem sido um veículo poderoso para histórias gordas — como os livros de Cameron Manheim (2000) e de Pattie Thomas (2005) —, e que está passando por um ressurgimento particular, com vários títulos lançados recentemente (BYER, 2020; COTTOM, 2019; COX, 2020; DARK, 2019; GAY, 2018; LAYMON, 2019; YEBOAH, 2020). Por décadas, ativistas e acadêmicos gordos têm procurado tornar visíveis as experiências e barreiras da vida gorda.

O lugar do ativista gordo tem sido o daquele que promove a libertação gorda através do corpo individual. Os pesquisadores dos *Fat Studies* se engajam em uma busca semelhante pela libertação, concentrando-se mais em locais e domínios da academia, como as conferências. Wann (2009) localiza o início dos *Fat Studies* como campo em uma conferência que aconteceu em 2004, na Universidade de Columbia em Nova Iorque. A conferência, *Fat Attitudes: An examination of an American subculture and the representation of the female body*, foi organizada pelo *Columbia University Teachers College*. Uma exposição de arte que acontecia simultaneamente, *Fat attitudes: A celebration of large women*, vinculou o ativismo gordo diretamente aos *Fat Studies*. Alguns anos depois, o *Smith College* sediou a conferência: *Fat and the academy*. Solovay e Rothblum (2009) sugerem o ano de 2006 como um ponto de inflexão para a disciplina emergente, já que três eventos nacionais reuniram acadêmicos e ativistas para promover o estudo da obesidade. Primeiro, a conferência do *Smith College*. Em seguida, um grupo de trabalho dedicado aos *Fat Studies* na conferência *American Culture Association/Popular Culture Association* (que continua até hoje). E, finalmente, uma conferência realizada pela *Association for Size Diversity and Health*.

O Centro de Pesquisa em Artes, Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Cambridge (CRASSH) hospedou a conferência *Bodies of evidence: Fat across disciplines*, em 2007. Não foi uma conferência dos *Fat Studies* como evidenciado na própria descrição do evento e pelo fato de que muitos dos presentes fortaleciam o viés antigordura por defenderem que ser gordo não era saudável (SÖDERQVIST, 2007; TOMRLEY, 2009). Importante mencionar que a conferência foi apoiada pela *Big Pharma* (especificamente, *GlaxoSmithKline*) (COOPER, 2009b). Porém muitos dos artigos apresentados eram críticos da patologização da gordura, como o trabalho da Dra. Petra Jonvallen — *Obesity in the belly of Big Pharma: One example of how body fat is turned into a medical problem* —, tendo a conferência sido encerrada com a apresentação de Katie LeBesco, que deu uma palestra poderosa em que conectou ativismo, política e poder (TOMRLEY, 2009).

Fat Studies UK foi organizada por Corinna Tomrley e Ann Naylor na *University de York* em 2008. Esse seminário de um dia reuniu pensadores-chave em *Fat Studies* no Reino Unido, incluindo Charlotte Cooper, Lee Monaghan e Lucy Aphramor. De acordo com o programa, os “objetivos do dia [eram] discutir a disciplina de *fat studies* no contexto



do Reino Unido; reconhecer a importância do ativismo gordo e da política para explorar as ligações entre ativismo e pesquisa; e para reunir pesquisadores, ativistas e defensores da aceitação de tamanhos no Reino Unido” (TOMRLEY; NAYLOR, 2009, p. 117). O trabalho apresentado no seminário foi posteriormente publicado em uma coleção editada pelos autores citados, sob o título *Fat Studies UK*.

Em 2010, Samantha Murray organizou *Fat Studies: A critical dialogue* na *Macquarie University* em Sydney, Austrália. Diz a organizadora: “Este evento de dois dias colocará os *Fat studies* da Australásia em diálogo com os estudos críticos sobre gordura de todo o mundo, reunindo acadêmicos de um amplo espectro de origens disciplinares, bem como ativistas, profissionais de saúde, artistas” (MURRAY, 2010 apud READ, 2010, online). As conferencistas foram Charlotte Cooper e Karen Throsby, e os participantes incluíram ativistas e acadêmicos, como o pesquisador crítico da obesidade, Michael Gard.⁴ Os trabalhos apresentados na conferência contribuíram para uma edição especial da *Somatechnics on fat body being* (MURRAY, 2012a) e uma edição especial da *Feminism & Psychology on Fatness* (MURRAY, 2012b).

Entre 2010 e 2012, as universidades do Reino Unido sediaram uma série de seminários do *Economic and Social Research Council* (ESRC) sobre gordura e saúde (COOPER, 2009b). O primeiro seminário focou no *embodiment*, incluindo apresentações de Corinna Tomrley, Lee Monaghan e uma palestra de Charlotte Cooper. O segundo focou em “saúde em todos os tamanhos”, incluindo uma palestra de Lucy Aphramor. O terceiro enfocou o “ativismo gordo”, e incluiu apresentações de Hannele Harjunen, Caroline Walters e Samantha Murray. O quarto enfocou “as metodologias e políticas de apoio aos *Fat Studies*”, e incluiu uma palestra de Jacqui Gringras. O financiamento do ESRC permitiu que os eventos fornecessem bolsas de estudo, admissão gratuita e materiais de acolhimento, como slides narrados e arquivos de áudio das palestras online. A disponibilidade de acesso sob demanda aos materiais do seminário permitiu que indivíduos impossibilitados de comparecer presencialmente tivessem a oportunidade de se envolver com os conteúdos apresentados, embora de forma limitada. Essa é uma parte

⁴ Gard foi um dos palestrantes no início daquele ano no simpósio *The Big Fat Truth* da Universidade de Otago. O evento de três dias teve como objetivo “fomentar o debate crítico sobre obesidade e atividade física”, com seis palestrantes convidados. Três deles, Steven Blair, Paul Campos e Michael Gard, apresentaram abordagens críticas para a obesidade; os outros três não.

importante da construção dos *Fat Studies* como uma disciplina internacional; quando tais eventos ocorrerem, o planejamento deve incluir a promoção do envolvimento com os interessados na área em todo o mundo.

Quase uma década após a conferência da *Columbia University*, eu hospedei a conferência *Fat Studies: Reflective interseccionas* (FSNZ12)⁵ em Wellington, Nova Zelândia, na *Massey University*. A FSNZ12 forneceu um espaço para que estudiosos de *Fat Studies* e ativistas gordos se reunissem e compartilhassem pedagogia, conhecimento especializado, ativismo e arte. O evento recebeu muita atenção na mídia da Nova Zelândia e, embora a maioria dos participantes estivesse envolvida com pesquisa e ativismo dos *Fat Studies*, apenas um dos palestrantes convidados (Samantha Murray) era uma estudiosa reconhecida na área. O trabalho apresentado por ela na conferência contribuiu para uma edição especial da *Fat Studies* sobre intersecções reflexivas (PAUSÉ, 2014).

Quatro anos depois, a *Massey University* patrocinou a conferência *Fat Studies: Identity, agency, embodiment*, que aconteceu na cidade de Palmerston North, Nova Zelândia (FSNZ16), e foi transmitida ao vivo, contanto com salas cheias de alto-falantes remotos, o que permitiu apresentações de indivíduos de sete países (BURFORD; HENDERSON; PAUSÉ, 2018). A FSNZ16 foi marcada por eventos comunitários: *Fat out loud*, um evento de palavra falada na biblioteca local na noite anterior à conferência e a abertura de uma exposição do *The Adipositivity Project* (o fotoativismo de Substantia Jones, uma palestrante da FSNZ16) no *Te Manawa* na noite de encerramento. A FSNZ16 marcou a primeira vez que a conferência teve uma palestra acadêmica e uma palestra ativista; o compromisso de dar continuidade a esse patrimônio está registrado no site da conferência.⁶ A FSNZ é notável por ser a única conferência dedicada aos *Fat Studies* no mundo, mas sua localização na Nova Zelândia torna a participação inacessível para muitos envolvidos na área.

Em 30 de maio de 2017, a conferência *Women's and Gender Studies et Recherches Feministes* sediou uma miniconferência: *Feminist Fat Studies*. Essa miniconferência ofereceu quatro sessões sobre *Fat studies*, com artigos explorando temporalidade, saúde, identidade, gordura e muito mais; o tema abrangente era “gordo no

⁵ Fat Studies New Zealand – 2012.

⁶ <https://webcast.massey.ac.nz/Mediasite/Catalog/catalogs/fsnz16>.



contexto canadense”. A plenária de apresentação da miniconferência focou na interseccionalidade, com a contribuição de Idil Abdillahi, Jill Andrew, Carla Rice e Jake Pyne.⁷

Mais tarde naquele ano, a *Ludwig Maximilians University* em Munique, Alemanha, organizou o simpósio: *Doing fat: Performance and Representation of Fat Body*. O evento foi organizado por Friedrich Schorb e Anja Hermann, e incluiu apresentações de acadêmicos e ativistas gordos. As palestras foram ministradas pela presidente da *Gesellschaft Gegen Gewichtsdiskriminierung* (Sociedade Alemã contra a Discriminação de Peso), Natalie Rosenke, bem como pela fundadora do grupo, a jurista Stephanie von Liebenstein. Além disso, Cat Pausé deu uma palestra sobre o futuro dos *Fat Studies*.

Em janeiro de 2018, o *Political Fatties* (apoiado pelo Instituto Holandês de Análise Cultural e pela Escola de Análise Cultural de Amsterdã) sediou o *Politics of volume*, simpósio de um dia que reuniu acadêmicos, ativistas e artistas para compartilhar seus trabalhos e falar sobre políticas do corpo gordo. A comediantes Sofie Hagan recitou trechos de seu novo livro, *Happy fat*. Dina Amlund, Laurara Contrera, Sofia Apostolidou e Corina Coolen apresentaram trabalhos que perturbaram a política gorda fora do Norte Global. E eu, Cat Pausé, dei uma palestra sobre política gorda e gordinhos maus no ciberespaço. Um mês depois, a *Ryerson University* organizou o simpósio: *Thickening fat: Dialogues on intersectionality, social justice and fatness*. Foram dois dias que reuniram acadêmicos, ativistas e artistas de todo o mundo para compartilhar seus trabalhos, o que resultou em uma publicação conjunta.⁸

No início de 2019, acadêmicos da Universidade de Leeds organizaram um simpósio chamado *Artful Fat* como parte da série de Seminários da *Sociological Review Foundation*. O evento de um dia reuniu indivíduos que unem as artes e as ciências sociais para produzir conhecimento sobre a gordura; as palestrantes foram Bethan Evan, Stacy Bias e Cath Lambert (BAKER, D., 2019). E em meados de 2020, a FSNZ (edição 2020),

⁷ Para ver a programação do evento e o resumo das palestras, acesse: https://wgsrf.com/files/wgsrf_final_conf_program_2017-pdf.pdf.

⁸ Para mais informações sobre o evento e as publicações, consulte: <https://bodiesintranslation.ca/2017-2018/>.



com o título *Fat Studies: Past, Present, Futures*, por causa da pandemia de Covid-19, aconteceu virtualmente pela internet.

Nos últimos dezesseis anos, o campo dos *Fat Studies* emergiu como um lócus crucial de pesquisa e investigação que trata da vida das pessoas gordas e da sociedade. Inerente a tais espaços está a emergência de ameaças e desafios que devem ser explorados, se o campo quiser resistir ao escrutínio do tempo.

Ameaças aos *Fat Studies*

Na medida que o campo dos *Fat Studies* avança, devemos estar atentos às ameaças, tanto externas quanto internas a essa abordagem. Externamente, argumento que a diminuição do apoio a disciplinas de artes liberais em instituições de ensino superior em todo o mundo representa uma ameaça aos *Fat Studies*, bem como o aumento dos ataques de conservadores, que ameaçam as disciplinas de artes liberais em geral. Internamente, preocupo-me com a reprodução da supremacia branca nesse campo de estudo. Também aponto para a indefinição de fronteiras entre aqueles que estudam a gordura de uma perspectiva dos *Fat Studies* e aqueles que estudam a gordura de outra perspectiva, como as discutidas anteriormente neste artigo.

Disciplinas acadêmicas fora das áreas de ciência e tecnologia estão sob crescente escrutínio, na medida que o subfinanciamento governamental do ensino superior pressiona essas instituições a encontrar medidas de redução de custos (DUTT-BALLERSTADT, 2019; LONG, 2018). Humanidades, Educação e Ciências Sociais são a espinha dorsal de uma educação em artes liberais, e são também as que estão em maior risco (FERRALL, 2011). As mais vulneráveis delas são, frequentemente, disciplinas que são percebidas como sendo baseadas em ideologia, ao invés de esforço científico, tais como estudos de gênero, estudos *queer* e *Fat Studies*. Na Nova Zelândia, a *Victoria University* encerrou seu curso de estudos de gênero em 2010 (FISHER, 2010). Então o presidente do Sindicato do Ensino Superior, Tom Ryan, apontou isso como um exemplo da "pressão que está sendo colocada sobre as áreas de artes liberais [que são] vistas como menos merecedoras de apoio do que ciência e tecnologia" (FISHER, 2010, online). Na Hungria, o primeiro-ministro Orban proibiu cursos de estudos de gênero; as forças conservadoras em toda a Europa estão trabalhando para proibir e erradicar o



conhecimento que é visto como uma ameaça à supremacia branca, ao patriarcado e ao capitalismo (APPERLY, 2019).

A pesquisa sobre a experiência das pessoas gordas tem recebido muito escrutínio e zombaria de eruditos conservadores, especialmente nos Estados Unidos. O *Clare Boothe Luce Center for Conservative Women* condenou a oferta de um curso sobre *Fat Studies* no *Oberlin College*, alegando que, em vez de destacar o estigma e a opressão da gordura, os alunos deveriam ser educados sobre os perigos da crescente epidemia de obesidade (LAOUTARIS, 2018). O *National Review* sugeriu que os *Fat Studies* eram menos uma disciplina acadêmica e mais um exercício de terapia de grupo (BAWER, 2017); o autor argumenta que os *Fat Studies* não tratam de fatos ou conhecimento, mas sim de vitimização. Abigail Alger escreveu na conservadora *Campus Reform* que os *Fat Studies* são “parte de um perigoso emburrecimento da educação de libertação em que a busca do conhecimento é substituída por frenética programação social e promoção de programas estatais” (ALGER, 2009, online). Ela desacreditou os *Fat Studies* como mais um estudo de identidade que está prejudicando o ensino superior. Alger sugere ainda que os estudos de identidade não produzem conhecimento, encorajam a crescente intervenção do governo e rotulam de fanático qualquer pessoa com pontos de vista opostos. Esse mesmo veículo de publicação, *Campus Reform*, celebrou quando, no início de 2018, a oferta de cursos de *Fat Studies* nas universidades começou a diminuir (AIRAKSINEN, 2018).

Os *Fat Studies* também estão sob a ameaça da supremacia branca. Conforme observado no capítulo de Charlotte Cooper (2009a) do *The fat studies reader*, a maioria dos estudos publicados no campo dos *Fat Studies* é dos Estados Unidos: consistindo na maior parte de estudiosos brancos que estudam a gordura branca. Quando editei, como convidada, uma edição especial da revista *Fat Studies* sobre interseccionalidade em 2014, não consegui garantir nenhum artigo que abordasse questões de raça ou etnia. Como um campo, precisamos garantir que não estejamos simplesmente reproduzindo a supremacia branca, elevando as experiências de pessoas brancas gordas. Precisamos garantir que as pessoas gordas não-brancas dialoguem com nosso trabalho, e assim, ampliem-se as vozes das pessoas gordas de cor; isso deve ser uma prioridade tanto no ativismo quanto na pesquisa.



Conforme observado anteriormente neste artigo, muitos estudiosos estão interessados na gordura e no corpo gordo, portanto este não é um campo de estudo deixado apenas para os pesquisadores dos *Fat Studies*. Estes pesquisadores prestam a si próprios um serviço quando se envolvem em esforços colaborativos com pesquisadores críticos da obesidade e da ciência do peso. Contudo é preciso destacar que os *Fat Studies* possuem uma perspectiva distinta e única em relação aos outros campos de estudo sobre a gordura. É um péssimo serviço para o desenvolvimento do campo de pesquisa combiná-los ou rejeitar as distâncias entre eles, considerando suas diferenças como irrelevantes.

Semelhanças existem entre *Fat Studies*, ciência do peso e estudos críticos de obesidade. Por exemplo, tanto os *Fat Studies* quanto os estudos críticos da obesidade concordariam com a necessidade de lançar uma lente crítica na pesquisa sobre a obesidade e a patologização da gordura. Os *Fat Studies* e estudiosos da ciência do peso concordariam sobre a importância de compreender o estigma e a discriminação associados à gordura e com o compromisso de erradicar ambos em todo o mundo. Uma semelhança entre os estudos críticos de obesidade, ciência do peso e *Fat Studies* é a disposição de muitos estudiosos dessas áreas de refletir sobre seu próprio privilégio e localização de onde conduzem seus estudos.

Os estudiosos dessas áreas reconhecem o papel da posição, preconceito e valores pessoais na produção de conhecimento e pesquisa. Conforme observado por Marilyn Wann, “Se você participa do campo dos *Fat Studies*, deve estar disposto a examinar não apenas as forças sociais mais amplas relacionadas ao peso, mas também seu próprio envolvimento com essas estruturas” (WANN, 2009, p. xi). Linda Bacon deu uma palestra para a *National Association to Advance Fat Acceptance*, na qual destacou o papel do privilégio de magreza em sua pesquisa e como ele é recebido por outras pessoas (BACON, 2009). Eu demonstrei, através do uso da teoria do ponto de vista (PAUSÉ, 2019), a importância de nomear e reconhecer o privilégio na pesquisa como uma chave para a prática ética e uma ferramenta para evitar (re) produzir opressão de gordura.

Todos nós temos a responsabilidade de garantir que estamos verificando nossos privilégios ao longo do caminho e levantando a voz daqueles que podem não ser ouvidos. Destacar vozes de gordos negros, vozes de gordos trabalhadores pobres, vozes de supergordos é responsabilidade daqueles que detêm o poder por permanecerem fora dessas identidades. Ser honesto sobre nossa posição e os privilégios que trazemos para nossos espaços é a chave para



garantir que o conhecimento sobre a gordura não oprima ainda mais as pessoas gordas (PAUSÉ, 2019, p. 185).

Assim como semelhanças podem ser identificadas, diferenças também existem. Os *Fat Studies* são a única disciplina que se concentra sobre a gordura, o corpo adiposo e a vida das pessoas gordas. É a única disciplina para revelar que o conhecimento sobre pessoas gordas deve ser criado por pessoas gordas. É também a única que se dedica à libertação dos gordos.

Ao contrário dos estudos de obesidade, os *Fat Studies* não presumem que ser gordo não seja saudável, também não investigam as maneiras pelas quais a gordura fisiológica resulta em danos ao corpo. Os *Fat Studies* não buscam curas, tratamentos ou maneiras de evitar que os corpos engordem. É possível aos *Fat Studies* analisar o impacto fisiológico do estigma da gordura na saúde e no bem-estar das pessoas gordas, ter interesse em compreender a diversidade do tamanho do corpo humano, mas não estão analisando tais questões para demonstrar o desvio da gordura. Ao contrário, os pesquisadores ligados aos *Fat Studies* engajados nesse tipo de trabalho, provavelmente começariam compreendendo a gordura como forma normativa e desenvolveriam o estudo a partir dessa posição.

Ao contrário dos estudos críticos da obesidade, os *Fat Studies* não se concentram em examinar a solidez ou a robustez da pesquisa sobre obesidade. Não interessa a essa perspectiva focar a atenção em destacar as falhas teóricas e metodológicas e as suposições da pesquisa sobre obesidade. É possível que busquem entender como o pânico moral em torno da obesidade começou, e podem buscar estabelecer uma história do ser gordo ou gorda na cultura, mas a questão não será avaliar a validade ou confiabilidade da pesquisa sobre obesidade. O seu objetivo é entender o papel da gordura e das pessoas gordas em sua própria história.

Ao contrário dos estudos sobre o peso, os *Fat Studies* não investigam o estigma do peso; eles investigam o estigma da gordura, também não investigam a discriminação do peso, mas a discriminação da gordura. Essas podem parecer pequenas diferenças linguísticas, mas representam uma diferença filosófica maior entre os dois campos. Ao nomear o estigma e a discriminação enfrentados por — experimentados por — pessoas gordas, os *Fat Studies* reconhecem que pessoas gordas são oprimidas em nossa cultura



atual. Não há dúvida, nesse uso da linguagem, de que a experiência dos gordos e gordas é o que merece nossa atenção. Além disso, embora muitos estudiosos do peso procurem abordar o estigma do peso e a obesidade, os *Fat Studies* rejeitam a patologização do corpo gordo. Para os *Fat Studies*, a gordura não é um problema a ser resolvido, mas isso não quer dizer que esse campo de pesquisa não seja capaz de (re) produzir violência e opressão gorda, porém não parte de um lugar de patologização.

Se os *Fat Studies* começam a partir de um problema a ser resolvido, então esse problema não é com pessoas gordas, mas com o modo como as pessoas gordas são tratadas na sociedade. Como sugere Marilyn Wann (2009, p. x), “uma abordagem de *Fat Studies* não oferece oposição à simples face da diversidade do peso humano, mas, em vez disso, olha o que as pessoas e as sociedades fazem dessa realidade”. Este trabalho pode incluir explorar como a sociedade separa pessoas gordas e não-gordas, como a sociedade divide recursos entre pessoas gordas e não-gordas e como a sociedade confere poder a pessoas gordas e não-gordas (ROTHBLUM; SOLOVAY, 2009).

A ética da gordura

A gordura continuará a ser uma área de interesse para muitos estudiosos. E, muito provavelmente, as pesquisas sobre a gordura continuarão a oprimir as pessoas gordas (PAUSÉ, 2019). Para evitar a reprodução da opressão dos gordos, os estudiosos interessados na gordura devem adotar uma ética. A ética da gordura insiste que as pessoas gordas devem estar no centro da pesquisa respondendo às perguntas que forem feitas. Nada sobre nós, sem nós.

A ética da gordura insiste que qualquer pessoa que pretenda fazer pesquisas sobre a gordura deve reconhecer seus próprios privilégios e atitudes sobre a gordura, bem como reconhecer a violência que tem sido feita contra pessoas gordas em nome da pesquisa, em nome da ciência. A ética da gordura está inserida no campo dos *Fat Studies*, tornando-os a disciplina mais apropriada para estudar a gordura. Os *Fat Studies* trazem as ferramentas teóricas e metodológicas necessárias para conduzir pesquisas éticas em torno da gordura, e essas vozes devem ser ampliadas e priorizadas quando surge o tópico da gordura. Acadêmicos de fora desta área devem trabalhar ao lado de estudiosos dos *Fat Studies*



(e/ou ativistas gordos) para garantir que seu trabalho não esteja reproduzindo a opressão da gordura.

O futuro

Ao reconhecer as ameaças à pesquisa sobre a experiência das pessoas gordas, não desejo sugerir que acredito que o futuro para o campo é sombrio. Na verdade, acredito que o futuro dos *Fat Studies* é muito farto. Existem muitas oportunidades surgindo para pesquisa nessa área, incluindo o aumento do interesse de alunos de pós-graduação e graduação, o uso de tecnologia para conectar acadêmicos em todo o mundo e o compromisso contínuo do campo para se envolver com o ativismo gordo.

Estou entusiasmada com a quantidade cada vez maior de pesquisas sobre corpos gordos produzidas em todo o mundo, especialmente os trabalhos que estão sendo conduzidos em outros idiomas além do inglês. Nos últimos anos, foram publicados vários textos sobre os trabalhos que vêm sendo feitos na Alemanha e na Argentina, por exemplo. Na Alemanha, o livro *Hohes Körpergewicht zwischen Diskriminierung und Anerkennung*, editado por Rose e Schorb (2017), apresenta uma série de trabalhos acadêmicos e ativistas desenvolvidos naquele país. Na Argentina, o livro *Cuerpos sin patrones*, organizado por Contrera e Cuello (2016), reúne uma gama de escritos de estudiosos e ativistas sobre o tema, além da análise dos organizadores, para demonstrar a construção social da gordura como uma ferramenta de opressão política. Tenho certeza de que esses não são os únicos dois exemplos de pesquisa no campo dos *Fat Studies* fora da língua inglesa; esperamos descobri-los todos e compartilhá-los amplamente.

Aceitar este convite para escrever para A Revista Caos, apresentou-me a um novo grupo de acadêmicos e ativistas que trabalham no Brasil, o que representa uma conexão nova e estimulante para mim!

Há também um interesse crescente em *Fat Studies* como um campo acadêmico de alunos de pós-graduação e graduação em todo o mundo. Durante meu ano sabático na Europa, fiquei emocionada ao passar um tempo com alunos de pós-graduação (em todo o continente) que estavam ansiosos para se envolver nos *Fat Studies*. Eram alunos de várias disciplinas, mas todos tinham o mesmo compromisso de trazer a gordura para o



centro de seu trabalho. As leituras dos principais textos dos *Fat Studies* eram compartilhados pela maioria, de certa forma, conectados por meio da mídia social, e estavam ansiosos por oportunidades de aprender e se envolver com esse campo de pesquisa. Um exemplo disso foi o *Politics of volume*. Esse trabalho foi organizado por um grupo de estudantes de pós-graduação, os *Political Fatties*. Com o apoio do Instituto Holandês de Análise Cultural e da Escola de Análise Cultural de Amsterdã, o evento de um dia sobre as políticas da gordura trouxe uma ampla gama de apresentações, workshops e ofereceu espaço para “pesquisadores, ativistas e artistas [para] problematizar, analisar e refletir sobre as maneiras pelas quais a gordura é vivenciada, marginalizada e representada tanto na mídia e instituições convencionais quanto nos espaços de aceitação de gordura corporal/positiva”(POLITICAL FATTIES, 2017, online).

Fora da Europa, há um número crescente de alunos de pós-graduação que também se dedicam aos *Fat Studies*. Na Nova Zelândia, por exemplo, existem vários alunos de pós-graduação fazendo esse trabalho em todo o país. Um desses estudiosos, George Parker, concluiu recentemente seu doutorado e contribuiu de forma inestimável para a literatura sobre atitudes antigordura nos cuidados com a maternidade (PARKER, 2014, 2017). Na reunião de 2019 da *Sociological Association of Aotearoa*, na Nova Zelândia, houve um grupo dedicado aos *Fat Studies*, no qual vários alunos de pós-graduação, incluindo George Parker, apresentaram suas pesquisas.

O interesse pelo estudo da gordura não está localizado apenas nos alunos de pós-graduação. Estudantes de graduação em todo o mundo também estão sinalizando seu interesse em aprender mais sobre a gordura através das lentes dos *Fat Studies*. Cursos sobre eles foram ministrados nos Estados Unidos, na Nova Zelândia e na Austrália (WATKINS; FARRELL; HUGMEYER, 2012). Em 2016, cursos de *Fat Studies* foram oferecidos em cinco instituições de ensino superior nos Estados Unidos: *Dickinson College*, *Oregon State University*, *Tufts University*, *University of Maryland (campus College Park)* e *Willamette University* (HASSON, 2016).

Além de concluírem seus estudos na área dos *Fat Studies* em instituições de ensino superior, outras oportunidades surgem na área. Uma dessas oportunidades é o *Fat Studies MOOO*, uma grande proposta online e aberta hospedada pelo *Center of Fat Liberation and Scholarship*, da Nova Zelândia. Cada MOOO é um pequeno grupo com foco em um único tópico, reunido com acadêmicos convidados. Estes fornecem materiais antecipados



aos participantes, preparando-os para a sessão de discussão. Os MOOs acontecem usando o Zoom (plataforma de reuniões virtuais), tornando-os acessíveis a qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo com acesso à internet. Desde 2018, os vinte MOOs realizados juntaram participantes estudando peso e a lei, gordura e neoliberalismo, antirracismo e gordura, gordura e deficiência, pedagogia gorda, gordura na história da arte e gordura reprodutiva; mais encontros estão planejados para 2022. Este é apenas um exemplo do uso das novas tecnologias para promover o campo dos *Fat Studies*.

O uso de espaços online em nossa pesquisa permite que acadêmicos e ativistas construam juntos o campo dos *Fat Studies*, o que é outra oportunidade chave para a disciplina. Conforme observado por Cooper (2010, p. 1028), "um dos pontos fortes dos *Fat Studies* é apoiar o trabalho de pessoas que têm experiência direta de *embodiment* gordo, ativistas de base e outras vozes autônomas, não é simplesmente o produto da curiosidade de um especialista remoto". Indiscutivelmente, o ativismo gordo e os *Fat Studies* são irmãos, cujas epistemologias surgem por meio de uma necessidade compartilhada, e procuram compreender e atravessar uma sociedade patologizante da gordura e, na teoria e na prática, humanizar o corpo gordo. Ativistas gordos estão fazendo as provocações que, combinadas com a teoria acadêmica, estão mudando as realidades materiais dos corpos gordos na sociedade. Essa combinação de trabalho acadêmico e ativismos não é um empreendimento novo, e pode ser vista, ao longo da história, nas obras de ativistas acadêmicas como Audre Lorde, e no uso atual da teoria da interseccionalidade, um termo cunhado pela jurista Kimberle Crenshaw para enquadrar questões modernas de justiça social, de gênero, raça e deficiência. É a voz dos ativistas gordos que nos lembra que a teoria deve se casar com a práxis. Epistemologias existem em nossos corpos, e é com esses corpos gordos que esperamos criar um mundo suficientemente amplo para cada uma de nossas existências únicas e celebradas. Os *Fat Studies* e o ativismo gordo estão no precipício de um mundo emergente: onde as libertações dos corpos gordos não podem ser desagregadas da libertação de todas as opressões.



Referências

- AIRAKSINEN, T. Colleges dropping “fat studies” courses in 2018. **Campus Reform**, 17 jan. 2018. Disponível em: <https://www.campusreform.org/?ID=10393>. Acesso em: 19 maio 2022.
- ALGER, A. Why fat studies (and all identity studies) hurt higher education. **Campus Reform**, 23 out. 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20091125184954/https://www.campusreform.org/blog/fat-studies>. Acesso em: 19 maio 2022.
- ALLISON, D. B.; FONTAINE, K. R.; MANSON, J. E.; STEVENS, J.; VANITALLIE, T. B. Annual deaths attributable to obesity in the United States. **Journal of the American Medical Association**, Chicago, IL, v. 282, n.16, p. 1530-1538, 1999. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jama/fullarticle/192032>. Acesso em: 17 maio 2022.
- AN, R.; JI, M.; ZHANG, S. Global warming and obesity: a systematic review. **Obesity Reviews**, London, UK, v. 19, n. 2, p. 150-163, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/obr.12624>. Acesso em: 17 maio 2022.
- APPERLY, E. Why Europe’s far right is targeting gender studies. **The Atlantic**, 15 jun. 2019. <https://www.theatlantic.com/international/archive/2019/06/europe-far-right-target-gender-studies/591208/>. Acesso em: 19 maio 2022.
- AUNE, D.; SEN, A.; PRASAD, M.; NORAT, T.; JANSZKY, I.; TONSTAD, S.; ROMUNDSTAD, P.; VATTEN, L. J. BMI and all cause mortality: systematic review and non-linear dose-response meta-analysis of 230 cohort studies with 3.74 million deaths among 30.3 million participants. **BMJ**, London, UK, v. 353, p. 1-17, 2016. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/bmj/353/bmj.i2156.full.pdf>. Acesso em: 17 maio 2022.
- BACON, L. **Health at every size**. Dallas, TX: BenBella Books, 2008.
- BACON, L. Reflections on fat acceptance: lessons learned from privilege. **Keynote delivered at the National Association to Advance Fat Acceptance conference**, 1 ago. 2009. Disponível em: https://lindobacon.com/wp-content/uploads/Bacon-et-al_dismantling-thin-privilege_fat-pedagogy-reader.pdf. Acesso em: 19 maio 2022.
- BACON, L.; APHRAMOR, L. Weight science: evaluating the evidence for a paradigm shift. **Nutrition Journal**, London, UK, v. 10, n. 9, p. 1-13, 2011. Disponível em: <https://nutritionj.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/1475-2891-10-9.pdf>. Acesso em: 18 maio 2022.
- BAKER, J. **Landwhale**: on turning insults into nicknames, why body image is hard, and how diets can kiss my ass. Berkeley: Seal Press, 2018.
- BAKER, J. **Things no one will tell fat girls**: a handbook for unapologetic living. New York: Basic Books, 2015.
- BARKER, D. Artful fat: Lessons from Leeds. **The Sociological Review**, 23 out. 2019. Disponível em: <https://www.thesociologicalreview.com/artful-fat-lessons-from-leeds/>. Acesso em: 19 maio 2022.



BAWER, B. The fatuity of Fat Studies. *National Review*, 21 ago. 2017. Disponível em: <https://www.nationalreview.com/2017/08/fat-studies-academic-nonsense-disguised-scholarship/>. Acesso em: 19 maio 2022.

BLANK, H. **The unapologetic fat girl's guide to exercise and other incendiary acts**. Berkeley: Ten Speed Press, 2012.

BLANK, H. **Big, big love: a sex and relationships guide for people of size (and those who love them)**. Berkeley: Ten Speed Press, 2011.

BOERO, N. **Killer fat: media, medicine, and morals in the American "obesity epidemic"**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2012.

BOVEY, S. **The forbidden body: why being fat is not a sin**. Telford, PA: Pandora, 1994.

BRAZIEL, J. E.; LEBESCO, K. **Bodies out of bounds: fatness and transgression**. Berkeley: University of California Press, 2001.

BROWN, L. S.; ROTHBLUM, E. D. **Overcoming fear of fat**. New York: Harrington Park Press, 1989.

BURFORD, J.; HENDERSON, E. F.; PAUSÉ, C. J. Enlarging conference learning: At the crossroads of Fat Studies and conference pedagogies. *Fat Studies*, EUA, v. 7, n. 1, p. 69-80, 2018.

BYER, N. **#VERYFAT #VERYBRAVE: the fat girl's guide to being #brave and not a dejected, melancholy, down-in-the-dumps weeping fat girl in a bikini**. Kansas City, MO: Andrews McMeel Publishing, 2020.

CAMERON, E.; RUSSELL, C. **The fat pedagogy reader: challenging weight-based oppression through critical education**. New York: Peter Lang, 2016.

CAMPOS, P. **The obesity myth: why America's obsession with weight is hazardous to your health**. New York: Gotham Books, 2004.

CAMPOS, P.; SAGUY, A.; ERNSBERGER, P.; OLIVER, E.; GAESSER, G. The epidemiology of overweight and obesity: public health crisis or moral panic? *International Journal of Epidemiology*, Raleigh, NC, v. 35, n. 1, p. 55-60, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ije/dyi254>. Acesso em: 17 maio 2022.

CHASTAIN, R. **The politics of size: perspectives from the fat acceptance movement**. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2014. Em dois volumes.

CONTRERA, L.; CUELLO, N. **Cuerpos sin patronos**. Buenos Aires: Madreselva Editorial, 2016.

COOPER, C. **Fat activism: a radical social movement**. Bristol: Hammerhead Press, 2016.

COOPER, C. Fat studies: mapping the field. *Sociology Compass*, United Kingdom, v. 4, n. 12, p. 1020-1034, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2010.00336.x>. Acesso em: 19 maio 2022.

COOPER, C. Maybe it should be called fat american studies. *In*: ROTHBLUM, E.; SOLOVAY, S. **The fat studies reader**. New York: New York University Press, 2009a. p. 327-333.



COOPER, C. Government support for Fat Studies and HAES in the UK. **Obesity Timebomb**, 27 maio 2009b. Disponível em: <http://obesitytimebomb.blogspot.com/2009/05/government-support-for-fat-studies-and.html>. Acesso em: 19 maio 2022.

COOPER, C. **Fat and proud**: the politics of size. London: Women's Press, 1998.

COTTOM, T. M. **Thick**: and other essays. New York: The New Press, 2019.

COX, J. (2020). **Fat girls in black bodies**: creating communities of our own. Berkeley: North Atlantic Books.

DARK, K. **Fat, pretty, and soon to be old**. A makeover for self and society. Chico, CA: AK Press, 2019.

DEJONG, W. The stigma of obesity: the consequences of naïve assumptions concerning the cause of physical deviance. **Journal of Health and Social Behavior**, EUA, v. 21, n. 1, p. 75-87, 1980.

DONALD, C. M. **The fat woman measures up**. Charlottetown, P.E.I.: Ragweed, 1986.

DUTT-BALLERSTADT, R. Academic prioritisation or killing the liberal arts? **Inside Higher Education**, 1 mar. 2019. Disponível em: <https://www.insidehighered.com/advice/2019/03/01/shrinking-liberal-arts-programs-raise-alarm-bells-among-faculty>. Acesso em: 19 maio 2022.

ERDMAN, C. K. **Nothing to lose**: a guide to sane living in a larger body. San Francisco: Harper, 1996.

FARRELL, A. **Fat shame**. New York: New York University Press, 2011.

FERALL, V. E. **Liberal arts at the brink**. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

FISHER, A. Axing gender studies “setback to rights”. **Stuff**, 1 dez. 2010. Disponível em: <https://www.stuff.co.nz/national/education/4407891/Axing-gender-studies-setback-to-rights>. Acesso em: 19 maio 2022.

FRASER, L. **Losing it**: America's obsession with weight and the industry that feeds on it. New York: Dutton, 1997.

FRATER, L. **Fat chicks rule!** How to survive in a thin-centric world. Brooklyn, New York, NY: IG Publishing, 2005.

FRIEDMAN, M.; RICE, C.; RINALDI, J. **Thickening fat**: fat bodies, intersectionality, and social justice. New York: Routledge, 2019.

GAESSER, G. A. **Big fat lies**: the truth about your weight and your health. Carlsbad, CA: Gurze Books, 2013.

GAILEY, J. **The hyper(in)visible fat women**: weight and gender discourse in contemporary society. New York: Springer, 2014.

GARD, M. **The end of the obesity epidemic**. London: Routledge, 2010.

GARD, M.; WRIGHT, J. **The obesity epidemic**: science, morality, and ideology. New York, NY: Routledge, 2005.



GARRISON, T. N.; LEVITSKY, D. **Fed up!** A woman's guide to freedom from the diet/weight prison. New York: Carol & Graf Publishers, 1993.

GAY, R. **Hunger: A memoir of (my) body**. New York: Harper Perennial, 2018.

GLOBAL BURDEN OF DISEASE (GBD) 2015 OBESITY COLLABORATORS. Health effects of overweight and obesity in 195 countries over 25 years. **New England Journal of Medicine**, Waltham, MA, v. 377, n. 1, p. 13-27, 2017. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/pdf/10.1056/NEJMoa1614362?articleTools=true>. Acesso em: 17 maio 2022.

GOODMAN, W. C. **The invisible woman: confronting weight prejudice in America**. Carlsbad, CA: Gurze Books, 1995.

HAGEN, S. **Happy fat: taking up space in a world that wants to shrink you**. London: 4th Estate, 2019.

HARDING, K.; KIRBY, M. **Lessons from the Fat-o-sphere: quit dieting and declare a truth with your body**. New York: Penguin, 2009.

HARJUNEN, H. **Neoliberal bodies and the gendered fat body: the fat body in focus**. London: Routledge, 2016.

HARRIS, M. B.; HARRIS, R. J.; BOCHNER, S. Fat, four-eyed and female: stereotypes of obesity, glasses, and gender. **Journal of Applied Social Psychology**, EUA, v. 12, n. 6, p. 503-516, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1982.tb00882.x>. Acesso em: 19 maio 2022.

HASSON, P. The next big thing? "Fat Studies" courses, fat awareness groups spread across universities. **Daily Caller**, 11 jan. 2016. Disponível em: <https://dailycaller.com/2016/01/11/fat-studies-courses-fat-awareness-groups-spread-across-universities/>. Acesso em: 19 maio 2022.

HESTER, H.; WALTERS, C. **Fat sex: new directions in theory and activism**. New York: Routledge, 2015.

HOLT, K. T.; LEIB, B. R. **Fat girl in a strange land**. Somerville, MA: Crossed Genres Publications, 2012.

JARRELL, D.; SUKRUNGRUANG, I. **What are you looking at?** The first fat fiction anthology. Austin: Harcourt, Inc, 2003.

KINZEL, L. **Two whole cakes: how to stop dieting and learn to love your body**. New York: The Feminist Press, 2012.

KIRKLAND, A. **Fat rights: dilemmas of difference and personhood**. New York, NY: New York University Press, 2008.

KOPPELMAN, S. **The strange history of Suzanne LaFleshe**. And other stories of women and fatness. New York: The Feminist Press at the City University of New York, 2003.

KWAN, S.; GRAVES, J. **Framing fat: competing constructions in contemporary culture**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2013.

KYRÖLÄ, K. **The weight of images**. New York: Routledge, 2016.



LAOUTARIS, R. Ridiculous campus courses: Oberlin College's "Inquiries in Critical Fat Studies". **Clare Boothe Luce Center for Conservative Women**, 11 set. 2018. Disponível em: <https://cblwomen.org/ridiculous-campus-courses-fat-studies/>. Acesso em: 19 maio 2022.

LARKIN, J. C.; PINES, H. A. No fat persons need apply. **Sociology of Work and Occupations**, EUA, n. 6, p. 312-327, 1979.

LAYMON, K. **Heavy**: an american memoir. New York: Scribner, 2019.

LEBESCO, K. **Revoltng bodies?** The struggle to redefne fat identity. Amherst: University of Massachusetts Press, 2004.

LEVY-NAVARRO, E. **Historicizing fat in anglo american culture**. Ohio State University Press, 2010.

LONG, J. (2018, Aug 1). "Declining student interest" threatens Victoria University of Wellington's arts faculty. **Stuff**, 1 ago. 2018. Disponível em: <https://www.stuff.co.nz/national/education/105915797/declining-student-interest-threatens-victoria-university-of-wellingtons-arts-faculty>. Acesso em: 19 maio 2022.

LOUDERBACK, L. **Fat power**: whatever you weigh is right. New York: Hawthorn Books, 1970.

LUNA, C.; GEORGE, S. M.; LEE, E. K.; SOLOVAY, S. **Body sovereignty**: fat politics and the fight for human rights. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2020.

LYONS, P.; BURGARD, D. **Great shape**: the first fitness guide for large women. Palo Alto, CA: Bull, 1990.

MANHEIM, C. **Wake up, I'm fat!** New York, NY: Broadway Books, 2000.

MILLMAN, M. **Such a pretty face**: being fat in America. New York: Norton, 1980.

MURPHY, J. **Faith**: taking fight. New York: Balzer + Bray, 2020.

MURPHY, J. **Puddin'**. New York: Balzer + Bray, 2019.

MURPHY, J. **Dumplin'**: go big or go home. New York: Balzer + Bray, 2017.

MURRAY, S. Fat bodily being: editorial. **Somatechnics**, United Kingdom, v. 2, n. 1, p. v–viii, 2012a. Disponível em: <https://www.eupublishing.com/doi/abs/10.3366/soma.2012.0034>. Acesso em: 19 maio 2022.

MURRAY, S. Rethinking fatness: a critical dialogue. **Feminism & Psychology**, United Kingdom, v. 22, n. 3, p. 287-289, 2012b. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0959353512445354>. Acesso em: 19 maio 2022.

MURRAY, S. **The fat female body**. New York: Palgrave MacMillan, 2008.

NICOLS, G. **The fat black women's poems**. London: Virago Press, 1984.

OLIVER, J. E. **Fat politics**: the real story behind America's obesity epidemic. Oxford: Oxford University Press, 2006.

OLSHANSKY, S. J.; PASSARO, D. J.; HERSHOW, R. C.; LAYDEN, J. C.; BRUCE, A.; BRODY, J.; HAYFLICK, L.; BUTLER, R. N.; ALLISON, D. B.; LUDWIG, D. S. A potential decline in life expectancy in the United States in the 21st century. **New England Journal of**



Medicine, Waltham, MA, v. 352, n. 11, p. 1138-45, 2005. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/pdf/10.1056/NEJMsr043743?articleTools=true>. Acesso em: 17 maio 2022.

PARKER, G. Shamed into health? Fat pregnant women's views on obesity management strategies in maternity care. **Women's Studies Journal**, New Zealand, v. 31, n. 1, p. 22-33, 2017. Disponível em: <http://www.wsanz.org.nz/journal/docs/WSJNZ311Parker22-33.pdf>. Acesso em: 19 maio 2022.

PARKER, G. Mothers at large: Responsibilizing the pregnant self for the "obesity epidemic". **Fat Studies**, EUA, v. 3, n. 2, p.101-118, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21604851.2014.889491>. Acesso em: 19 maio 2022.

PAUSÉ, C. Ray of light: standpoint theory, fat studies, and a new fat ethics. **Fat Studies**, EUA, v. 9, n.2, p. 175-187, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21604851.2019.1630203>. Acesso em: 19 maio 2022.

PAUSÉ, C. J. X-static process: intersectionality within the field of fat studies. **Fat Studies**, EUA, v. 3, n. 2, p. 80-85, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21604851.2014.889487>. Acesso em: 19 maio 2022.

PAUSÉ, C. J.; WYKES, J.; MURRAY, S. **Queering fat embodiment**. London: Ashgate, 2014.

PEARL, R. L.; PUHL, R. M. Weight bias internalisation and health: a systematic review. **Obesity Reviews**, London, UK, v. 19, n. 8, p. 1141-1163, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/obr.12701>. Acesso em 17 maio 2022.

POLITICAL FATTIES. What is "Fatties: The Politics of Volume"? **NICA**, 2017. Disponível em: <https://www.nica-institute.com/fatties-politics-volume/>. Acesso em: 19 maio 2022.

PUHL, R.; BROWNELL, K. D. Bias, discrimination, and obesity. **Obesity Research**, Silver Spring, MD, v. 9, n 12, p. 788-805, 2001. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1038/oby.2001.108>. Acesso em: 18 maio 2022.

PUHL, R.; BROWNELL, K. D.; DEPIERRE, J. A. Bias, discrimination, and obesity. *In*: BRAY, G. A.; BOUCHARD, C. (ed.). **Handbook of obesity: epidemiology, etiology, and physiopathology**. 3. ed. London: CRC Press, p. 461-470, 2014.

PUHL, R.; HEUER, C. A. The stigma of obesity: a review and update. **Obesity**, Silver Spring, MD, v. 17, n. 5, p. 941-964, 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1038/oby.2008.636>. Acesso em: 18 maio 2022.

READ, K. Fat Studies: "A critical dialogue" Conference – registrations now open. **Fat Heffalump**, 30 maio 2010. Disponível em: <https://fatheffalump.wordpress.com/2010/05/30/fat-studies-a-critical-dialogue-conference-registration-now-open/>. Acesso em: 19 maio 2022.

ROSE, L.; SCHORB, F. **Fat studies in Deutschland: hohes körporgewicht zwischen diskriminierung und anerkennung**. Weinheim, Germany: Belt Juventa Verlag, 2017.

ROTHBLUM, Esther D. Why a journal on fat studies? **Fat Studies**, EUA, v.1, n. 1, p. 3-5, 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21604851.2012.633469>. Acesso em: 18 maio 2022.



ROTHBLUM, E. D.; MILLER, C. T.; GARBUTT, B. Stereotypes of obese female job applicants. **International Journal of Eating Disorders**, EUA, v. 7, n. 2, p. 277-283, 1988. Disponível em: [https://doi.org/10.1002/1098-108X\(198803\)7:2<277::AID-EAT2260070213>3.0.CO;2-2](https://doi.org/10.1002/1098-108X(198803)7:2<277::AID-EAT2260070213>3.0.CO;2-2). Acesso em: 19 maio 2022.

SAGUY, A. **What's wrong with fat**. London: Oxford University Press, 2014.

SCHOENFELDER, L.; WIESER, B. *Shadow on a tightrope: Writings by women on fat oppression*. San Francisco: Aunt Lute Book Company, 1983.

SCHWARTZ, H. **Never satisfied**. A cultural history of diets, fantasies, & fat. New York: Anchor Books, 1986.

SHANKER, W. **The fat girl's guide to life**. New York: Bloomsbury, 2004.

SOBAL, J.; MAURER, D. **Weighty issues**: fatness and thinness as social problems. New York: Walter de Gruyter Inc, 1999a.

SOBAL, J.; MAURER, D. **Interpreting weight**: the social management of fatness and thinness. Piscataway, NJ: Transaction Publishers, 1999b.

SÖDERQVIST, T. (2007, Sept 6). Bodies of evidence: Fat across disciplines. **Medical Museion**, University of Copenhagen, 6 set. 2007. Disponível em: <https://www.museion.ku.dk/2007/09/bodies-of-evidence-fat-across-disciplines/>. Acesso em: 19 maio 2022.

SOLOVAY, S. **Tipping the scales of justice**: fighting weight based discrimination. Buffalo, NY: Prometheus, 2000.

SOLOVAY, S.; ROTHBLUM, E. Introduction. *In*: ROTHBLUM, E.; SOLOVAY, S. **The fat studies reader**. New York: New York University Press, 2009. p. 1-7.

STEARNS, P. N. **Fat history**. Bodies and beauty in the modern west. New York: New York University Press, 1997.

STRINGS, S. **Fearing the black body**: the racial origins of fat phobia. New York: New York University Press, 2019.

TAYLOR, S. R. **The body is not an apology**: the power of radical self-love. Oakland, CA: Berrett-Koehler Publishers, 2018.

THOMAS, P. **Taking up space**: how eating well and exercising regularly changed my life. Nashville, TN: Pearlsong Press, 2005.

THOMPSON, A. **They don't make plus size spacesuits**. Amazon Digital Services, 2019. E-book.

THONE, R. R. **Fat: a fate worse than death?** Women, weight and appearance. New York: The Haworth Press, 1997.

TIGGEMANN, M.; ROTHBLUM, E. Gender differences in social consequences of perceived overweight in the United States and Australia. **Sex Roles**, EUA, v. 18, n. 1/2, p. 78-56, 1988.

TOMRLEY, C. NAYLOR, A. K. Introduction. *In*: TOMRLEY, C.; NAYLOR, A. K. (ed.). **Fat studies in the UK**. York, England: Raw Nerve Books, 2009. p. 9-18.



TREMMELE, M.; GERDTHAM, U. G.; NILSSON, P.; SAHA, S. Economic burden of obesity: a systematic literature review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 14, n. 4, p. 435, 2017. Disponível em: [10.3390/ijerph14040435](https://doi.org/10.3390/ijerph14040435). Acesso em: 17 maio 2022.

VERSEGHY, J.; ABEL, S. **Heavy burdens**: stories of motherhood and fatness. Bradford, ON: Demeter, 2018.

WALKER, S. Dietland. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2015.

WANN, M. Foreword: fat studies: an invitation to revolution. In: ROTHBLUM, E.; SOLOVAY, S. (ed.). **The fat studies reader**. New York: New York University Press, 2009. p. xi-xxvi.

WANN, Marilyn. **Fat! So!** Because you don't have to apologize for your size! Berkeley, CA: Ten Speed Press, 1998.

WATKINS, P.; FARRELL, A.; HUGMEYER, A. D. Teaching fat studies: from conception to reception. **Fat Studies**, v. 1, n. 2, p. 180-197, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21604851.2012.649232>. Acesso em: 19 maio 2022.

WEST, L. **Shrill**. New York: Hachette Books, 2017.

WHITESEL, J. **Fat gay men**: girth, mirth, and the politics of stigma. New York: New York University Press, 2014.

WILEY, C. **Journey to self-acceptance**: fat women speak. Freedom, CA: The Crossing Press, 1994.

YEBOAH, S. **Fattily ever after**: the fat, black girls' guide to living life unapologetically. Melbourne: Hardie Grant Books, 2020.

ZELLMAN, F. **Fat poets speak**: voices of the Fat Poets' Society. Nashville, TN: Pearlsong Press, 2009.

Recebido em: 02/02/2022.

Aceito em: 03/05/2022.



FAT STUDIES: entrevista com Cat Pausé**FAT STUDIES: interview with Cat Pausé**

Cat Pausé*

Nicole Pontes**

Caitlin Clare Pausé — Cat Pausé — foi especialista na área dos *Fat Studies*, professora da Massey University (Nova Zelândia) e diretora do Centro de Libertação das Pessoas Gordas. Coeditou *The Routledge International Handbook of Fat Studies* (PAUSÉ; TAYLOR, 2021) e coordenaria a próxima conferência *Fat Studies: Rights, Personhood, Disposability* que ocorrerá online em julho de 2022.¹ Sua pesquisa está focada nos efeitos do estigma da gordura na saúde e no bem-estar de indivíduos gordos e como os ativistas gordos resistem ao “Apocalipse Gordo”. Ela foi defensora de uma nova ética da gordura que se centralize numa epistemologia da gordura. Seu programa de rádio e podcast, *Friend of Marilyn*,² vem apresentando trabalhos acadêmicos e discussões sobre gordura, bem como introduzindo temas e indivíduos ligados ao ativismo gordo desde 2011. A presente entrevista³ foi realizada em janeiro de 2022 por Nicole Pontes, professora e pesquisadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada, como parte de um projeto para estreitar laços e ampliar o acesso da comunidade acadêmica brasileira interessada nos *Fat Studies* aos autores e autoras da área mundo afora. A entrevista foi realizada em reunião virtual por meio do aplicativo Zoom. Respostas mais pontuais às questões específicas foram enviadas por e-mails. Toda a comunicação foi estabelecida em inglês, e as respostas traduzidas para o português pela entrevistadora.

Nicole — Olá, Cat! É um prazer enorme poder realizar esta entrevista. Queria começar pedindo que você nos conte um pouco sobre sua formação em ciências sociais e como você chegou à área de estudos do corpo gordo (*Fat Studies*)?

* Professora da *Massey University*/Nova Zelândia. PhD em Desenvolvimento Humano pela *Texas Tech University*/EUA. E-mail: C.Pause@massey.ac.nz.

** Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba/Brasil. E-mail: nicole.pontes@ufrpe.br.

¹ <https://www.fsnz.org/fsnz-2022>.

² <https://www.friendofmarilyn.com/>.

³ N. E.: esta entrevista foi feita em janeiro de 2022, e o manuscrito foi submetido à Revista Caos em 10 de março. No dia 25 desse mês, estando o manuscrito no prelo, fomos surpreendidos com a triste notícia do falecimento da entrevistada. Cat Pausé morreu aos 42 anos de idade enquanto dormia em sua residência em Palmerston North, Nova Zelândia. O seu nome é, na atualidade, uma das mais importantes referências nos estudos do corpo gordo (*Fat Studies*).



Cat — Minhas duas primeiras graduações foram em Sociologia, e sou feminista desde que fui capaz de ter consciência sobre minha própria mente. Minha dissertação de doutorado explorou a identidade do peso em mulheres supergordas (como eu), e uma das participantes me perguntou se eu já tinha lido *The Obesity Myth* (O mito da obesidade, ainda sem tradução no Brasil) de Paul Campos (2004). Eu não tinha, mas adicionei à minha pilha crescente de “leia esses livros quando terminar seu doutorado”. Depois que me formei e me mudei para a Nova Zelândia, e superei o choque de ambas as mudanças de vida, comecei a ler por prazer novamente. E o livro de Paul mudou minha vida.

Sempre fui gorda. E passei muito tempo em guerra com meu corpo quando era mais jovem. Mas mesmo quando eu “sabia” que eu era “ruim, insalubre, nojenta, embaraçosa”, mesmo quando eu tentava desesperadamente não ser mais gorda, sempre havia uma vozinha na minha cabeça dizendo que não havia nada de errado comigo. O livro de Paul reforçou para mim que a maioria das coisas que me ensinaram sobre a relação entre gordura, saúde, comida e corpos eram besteiras. E a partir daí, comecei a ler mais materiais de Estudos Críticos da Obesidade (como Michael Gard) e, eventualmente, *Fat Studies* (como Sam Murray). Assim que descobri a Gordosfera (*Fatosphere*) — política gorda online⁴ —mergulhei fundo nessa nova maneira de pensar sobre minha gordura. Muito rapidamente depois disso minha pesquisa mudou de foco para fazer parte dos *Fat Studies*.

Nicole — Os pesquisadores e o público em geral consideram os estudos de gordura como uma nova área de investigação científica em expansão. Embora no Brasil, essa área de estudos esteja realmente se fortalecendo agora, em países como Reino Unido, EUA e Nova Zelândia, os *Fat Studies* já vêm se desenvolvendo há pelo menos 30 anos. O que você considera como os elementos fundadores da disciplina, e como eles se desenvolveram ao longo do tempo?

Cat — Podemos identificar acadêmicos, como Esther Rothblum, que produzem na área de estudos sobre a gordura há décadas. E os ativistas gordos têm trabalhado pela

⁴ N. E.: refere-se à rede de blogs, sites pessoais e outros recursos presente na internet mantidos por e voltados para pessoas gordas.



libertação dos corpos gordos por mais tempo do que isso. Quanto ao surgimento da disciplina em si, acredito que a publicação do *The Fat Studies Reader* em 2009, e a revista acadêmica *Fat Studies: an International Journal of Body Weight and Society*, da Taylor & Francis em 2011, são pontos-chave. A conferência FSNZ – *Fat Studies New Zealand*, que começou em 2012, é a única conferência dedicada aos *Fat Studies* em andamento no mundo. Sua existência fala do crescimento do campo e do empenho dos estudiosos que atuam nesse espaço.

Nicole — Qual é o papel das ciências médicas nos estudos de gordura?

Cat — Acredito que os *Fat Studies*, como área interdisciplinar, têm muito espaço para o engajamento com outras disciplinas. Acredito que pesquisadores da área da saúde poderiam conduzir a ciência médica usando uma epistemologia gorda e uma metodologia gorda — garantindo que a ética gorda esteja em vigor. Infelizmente, atualmente as ciências médicas são quase inteiramente baseadas em estudos da obesidade, patologizando o corpo gordo e propondo “curas”.

Nicole — Qual é a conexão entre ativismo e academia no campo dos *Fat Studies* e das ações antigordofobia?

Cat — O ativismo gordo veio primeiro, e muito sobre o que sabemos e entendemos sobre gordura e atitudes gordofóbicas, vem das práticas e experiências de ativistas. Um dos pontos fortes da área de *Fat Studies*, na minha opinião, é que reconhecemos que a produção de conhecimento não é algo exclusivo, apenas para acadêmicos. Os ativistas gordos há muito se engajam na produção de conhecimento gordo, e continuam a fazê-lo hoje.

Nicole — Como a interseção entre gordura e raça foi desenvolvida nos *Fat Studies*? Qual o papel que conceitos como raça têm na reorganização de como a gordura é percebida ao longo da história?

Cat — Nossas atitudes antigordura modernas são baseadas na supremacia branca e em como a branquitude usava o tamanho do corpo como uma forma de delinear quem era branco e quem não era. Nunca podemos perder isso de vista.



Infelizmente, o campo dos *Fat Studies* ainda é predominantemente branco. A maioria dos estudiosos da área são brancos. A maioria está localizada no Norte Global. Alguns estão fazendo um bom trabalho ao falar sobre branquitude e o papel da branquitude em suas pesquisas e, há grandes acadêmicos e ativistas que trabalharam (e estão trabalhando atualmente) na interseção entre gordura e raça, especialmente na interseção entre a negritude e a gordura nos Estados Unidos. No entanto ainda precisamos de mais acadêmicos na área dos *Fat Studies* em todo o Sul Global. Precisamos de estudos que explorem a interseção entre gordura e raça/etnia em todo o mundo — assim como na área da gordura e indigeneidade (povos originários) também.

Nicole — As questões de classe também são consideradas nas discussões dos *Fat Studies*? Pergunto isso porque, no Brasil, a classe parece desempenhar um papel predominante na definição não apenas de quais corpos são considerados aceitáveis, mas também na produção de um limite muito claro para o acesso a nichos “*plus size*” em moda, design, relacionamentos amorosos etc.

Cat — Tem, certamente, mas não o suficiente. Precisamos de muito mais estudos sobre a interseção entre classe e gordura. E adicionando raça/etnia a essa interseção também.

Nicole — Quais você acha que são os conceitos mais essenciais para os *Fat Studies* que alguém disposto a se aventurar por esse caminho deve estar atento para produzir uma análise de boa qualidade?

Cat — Em sua essência, a área de *Fat Studies* centra o corpo gordo — a pessoa gorda e a gordura em suas análises. E faz isso sem patologizar a gordura, ou assumir uma posição deficitária desde o início. Os *Fat Studies* abraçam uma epistemologia da gordura; a crença de que as pessoas gordas são as que melhor sabem o que é ser gorda. Nós somos os especialistas em gordura e quais são nossas experiências vividas.

Nicole — Quais são alguns dos desafios atuais na área de *Fat Studies*?

Cat — Como compartilhei anteriormente, a área de *Fat Studies*, atualmente, é incrivelmente branca e quase inteiramente baseada no Norte Global. Acredito que essa seja a maior fraqueza do campo, e sua expansão é a necessidade mais premente.



Nicole — Que desenvolvimentos você prevê para os estudos de gordura nos próximos dez anos?

Cat — Acabamos de inaugurar o *Center for Fat Liberation & Scholarship* — um centro dedicado a apoiar estudantes de doutorado em todo o mundo que estão desenvolvendo trabalhos na área dos *Fat Studies*. Espero que o Centro ajude a produzir a próxima geração de acadêmicos de *Fat Studies*. Espero que os *Fat Studies* continuem a se desenvolver na América do Sul e em toda a Europa — espero que na Ásia e na África também. Espero que os acadêmicos e ativistas dos *Fat Studies* em todo o mundo sejam capazes de se conectar uns com os outros em nosso trabalho e em companheirismo.

Espero que existam muitas áreas a serem desenvolvidas como linhas de pesquisa nos *Fat Studies*. Precisamos dos *Fat Studies* para aprofundar a compreensão sobre os papéis das estruturas sociais nas experiências vividas das pessoas gordas e a forma como a gordura é socialmente construída. Precisamos de arqueologia gorda, explorando as culturas materiais de pessoas gordas ao redor do mundo, tanto no passado quanto no presente. Precisamos de economia da gordura, explorando como o tamanho do corpo influencia nas questões econômicas, e como a gordura produz novas economias. Precisamos de uma história gorda, explorando as histórias de pessoas gordas e comunidades gordas ao redor do mundo e considerando como podem ser os futuros gordos. Precisamos de ciência política gorda, explorando o papel que o tamanho do corpo desempenha nas ideologias e atividades políticas. E precisamos da psicologia gorda, explorando a experiência vivida de indivíduos gordos e como a mente adota, revisa e reforça as atitudes gordas.

Estou muito empolgada com o futuro da disciplina. Eu acredito que é um futuro muito FARTO!

Nicole — Eu adoraria se você pudesse indicar alguns espaços de mídia interativa (redes sociais, podcasts etc.) e referências acadêmicas para que nossos leitores possam acompanhar os desenvolvimentos acadêmicos mais recentes na área e, também, o ativismo gordo.

Cat — Podcasts não acadêmicos: *Fatties Talk Back*, *Friend of Marilyn*, *Fat.So!*



A *National Association to Advance Fat Acceptance* (NAAFA) tem produzido ótimos Webinários⁵ nos últimos anos. Por fim, organizo o *Fat Studies MOOO*⁶, que são sessões que acontecem uma vez por mês sobre um tópico diferente em *Fat Studies* com convidados que pesquisam ou atuam na área.

Referências

CAMPOS, Paul. **The obesity myth**: why America's obsession with weight is hazardous to your health. New York, NY: Gotham Books, 2004.

PAUSÉ, cat; TAYLOR, Sonya R. (ed.). **The Routledge internacional handbook of fat studies**. New York, NY: Routledge, 2021.

Recebido em: 10/03/22.

Aceito em: 03/05/22.

⁵ <https://naafa.org/webinars>.

⁶ <https://www.friendofmarilyn.com/fatstudiesmooo>.



| OFÍCIO DE CIENTISTA SOCIAL |



TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)***SCHOOL TRAJECTORIES OF UNDERGRADUATE STUDENTS IN SOCIAL SCIENCES AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARAÍBA (UFPB)***

Aina G. Azevedo *

Joery Pereira de Oliveira **

Mariana P. de M. Novais ***

Resumo

Este relato de pesquisa se baseia em textos produzidos por estudantes da licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) acerca de suas trajetórias escolares. A pesquisa foi feita no âmbito da disciplina “Educação e Sociedade no Brasil” em parceria com projetos de monitoria. Fragmentos desses textos foram selecionados, destacando experiências positivas e negativas, expectativas, dificuldades e estratégias significativas da/na vida estudantil. Privilegamos especialmente relatos sobre racismo, questões de gênero e a importância de políticas públicas educacionais, tais como cotas de ação afirmativa, bolsas de estudo e auxílios estudantis. Entretanto, é importante enfatizar que não se tratou de identificar um perfil estudantil. Algumas experiências mostraram-se mais comuns, outras mais pontuais. Ao reuni-las neste relato, nosso objetivo foi conhecer um pouco melhor a trajetória desses/dessas estudantes, buscando reconhecer potenciais que podem ser mais bem explorados e fragilidades que devem ser mais bem cuidadas por parte do corpo docente e da UFPB de maneira mais geral.

Palavras-chave: juventude; políticas educacionais; trajetória escolar, ciências sociais.

Abstract

This research report is based on texts produced by undergraduate students in Social Sciences at the Federal University of Paraíba (UFPB) about their school trajectories. The research was carried out within the scope of the discipline “Education and Society” in partnership with tutorial projects. Fragments of these texts were selected, highlighting positive and negative experiences, expectations, difficulties and significant strategies of/in student life. We especially privilege reports on racism, gender issues and the importance of public educational policies, such as affirmative politics, scholarships and student aid. However, it is important to emphasize that it was not our aim to trace a student profile. Some experiences were more common, others more individual. In this report, by bringing them together, our objective was to get to know a little more the trajectories of these students, seeking to recognize potentials that can be better explored and weaknesses that must be more carefully observed by the faculty members and by UFPB in general.

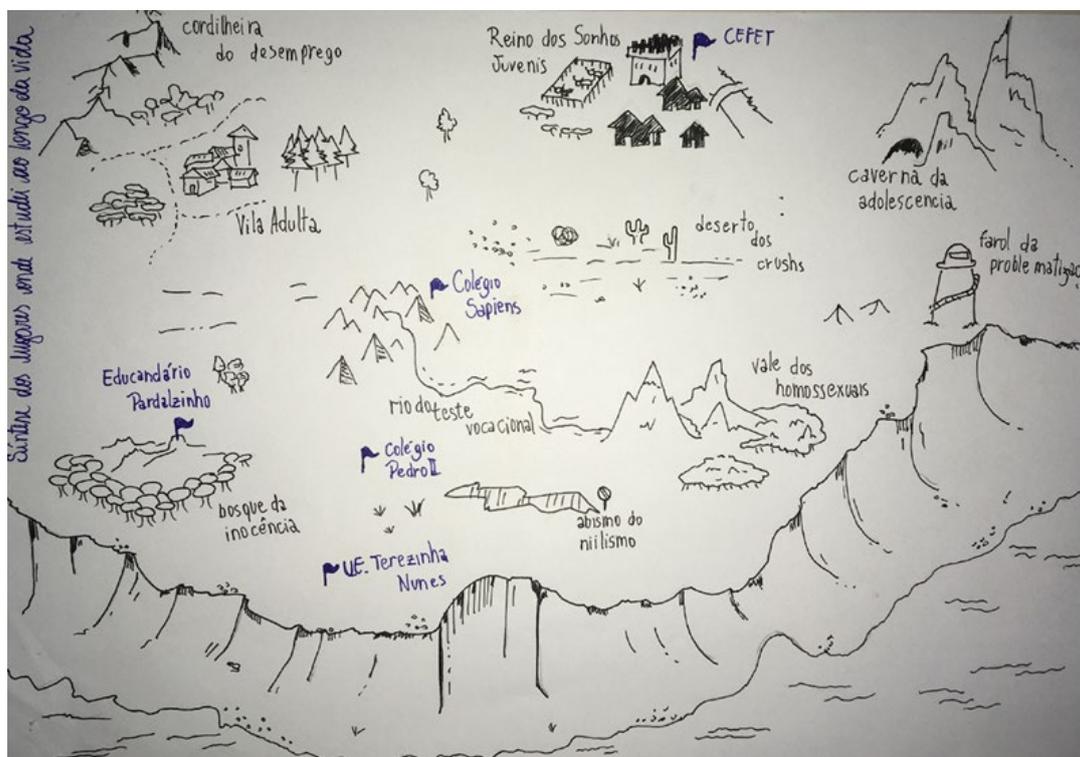
Keywords: youth; educational policies; school trajectory, social sciences.

* Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba/Brasil. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília/Brasil. E-mail: ainaazevedo@gmail.com.

** Aluna do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba/Brasil. E-mail: joery2012@gmail.com.

*** Aluna do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba/Brasil. E-mail: mariana_novais97@hotmail.com.



Imagem 1 — Síntese dos lugares onde estudei ao longo da vida

Autor: Natanael de Alencar Santos, 2018.

Este relato de pesquisa se baseia em textos produzidos por estudantes da Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) acerca de suas trajetórias escolares. Essa produção textual foi fomentada pela professora Aina G. Azevedo, quando lecionava a disciplina de “Educação e Sociedade no Brasil” nos períodos de 2018.2 e 2019.2. Na época, foram produzidas cerca de 45 trajetórias escolares, das quais selecionamos 13 para recolher os excertos apresentados aqui. Os/as estudantes também foram incentivados/as a produzirem desenhos, como é o caso do trabalho de Natanael que serve ao presente texto como uma forma de apresentar, de forma ampla, os percursos e as inquietações vividos pelos/as estudantes. A trajetória escolar foi orientada a ser escrita contemplando os seguintes eixos: i) experiências escolares marcantes antes do ingresso na UFPB; ii) a escolha pela licenciatura em Ciências Sociais; iii) dificuldades/facilidades encontradas na UFPB e estratégias que consideravam importantes para a sua permanência na universidade. Assim, o presente relato de pesquisa também está estruturado a partir desses eixos.

Além de contar com o apoio e consentimento dos/das estudantes¹ que cursaram “Educação e Sociedade no Brasil”, esta pesquisa se desenvolveu em parceria com o projeto de monitoria “Trajetórias escolares — diagnóstico dos impactos da política de cotas entre estudantes da UFPB” (Parte I 2018-2019 e Parte II 2019-2020), coordenado também por Aina G. Azevedo e com a participação de cinco monitoras² do curso de Ciências Sociais. Tal projeto dedicava-se a atividades relativas à docência e à produção e análise de um questionário sobre o perfil socioeconômico³ dos/das estudantes de Ciências Sociais e Artes Visuais. Esses questionários foram analisados e seus resultados apresentados no ENID 2019, faltando a análise e apresentação que seria feita em 2020. Entretanto, em abril de 2020, no início da pandemia de Covid-19, o projeto foi bruscamente interrompido pela UFPB, sem aviso prévio, o que nos desmobilizou a dar continuidade às análises que vínhamos fazendo.

Desde então, como sabemos, muita coisa aconteceu nas trajetórias escolares de milhares de estudantes no Brasil e no mundo, cujos efeitos ainda são difíceis de dimensionar. Mesmo assim, julgamos que as experiências pré-pandêmicas que trazemos aqui, elucidam desejos, expectativas, críticas e sofrimentos dos/das estudantes de licenciatura em Ciências Sociais da UFPB que ainda são válidas de serem compartilhadas. Assim, mais que nos atermos às análises quantitativas dos questionários, aqui nos baseamos exclusivamente nas trajetórias escolares escritas pelos/pelas estudantes.

A escolha dos fragmentos de texto que compõem o presente relato de pesquisa se orientou pela prevalência de certos discursos nas trajetórias escolares dos/das estudantes ou por considerarmos que certas experiências reportadas eram mais significativas que outras. Privilegiamos especialmente relatos sobre racismo, questões de gênero e a importância de políticas públicas educacionais, tais como cotas de ação afirmativa, bolsas

¹ Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos/às estudantes que permitiram que suas trajetórias escolares fossem lidas, analisadas e, quando necessário, publicadas. Optamos por utilizar nomes fictícios aqui para não expor a vida pessoal de cada um.

² Em sua primeira edição (2018-2019), o projeto contou com as estudantes Ingrid Rodrigues Cirino e Anna Beatriz Ramos Dias. Na segunda edição (2019-2020), com Joery Pereira de Oliveira, Mariana Pereira de Melo Novais e Maria Eduarda Araújo Pereira. Agradecemos igualmente a todas. Este relato de pesquisa é fruto de um trabalho coletivo.

³ O questionário apresentava questões de múltipla escolha acerca do seguinte: renda familiar per capita, identidade étnico-racial e de gênero, formação superior dos pais/mães, escola em que cursaram o ensino médio (pública, privada, técnica, militar) e forma de ingresso na UFPB (ampla concorrência ou cotas de ação afirmativa).

de estudo e auxílios estudantis. Por meio das trajetórias escolares dos/das estudantes, pretende-se perceber, entre outras questões, a importância da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) (BRASIL, 2012) que completa 10 anos em 2022. Afinal, até pouco tempo, não se dispunha de políticas educacionais capazes de democratizar o acesso ao ensino superior e técnico público, gratuito e de qualidade.⁴ Além disso, busca-se apontar questões que devem ser observadas e aprimoradas para que os/as estudantes sejam acolhidos no ambiente universitário e tenham condições de permanecer e se formar.

Experiências escolares marcantes antes do ingresso na UFPB

Entre as diversas experiências escolares anteriores ao ingresso na UFPB, destacamos o racismo como uma delas, percebido no nível pessoal e estrutural. O relato de uma estudante negra nos mostra as dificuldades enfrentadas pelas crianças em aceitar o seu próprio corpo, ao mesmo tempo em que percebem o lugar subalterno ocupado pelas pessoas negras no ambiente escolar de classe média. A estudante ainda destaca a surpresa que sua capacidade de aprendizagem gera nas pessoas:

Aos 10 anos mudei novamente de escola, mas ao contrário das outras, essa era frequentada por alunos de classe média, que sempre dispuseram de atividades extraclasse bancadas pelos pais. Não era o meu caso. Eu vinha de uma realidade muito diferente e foi um baque. As cores das peles haviam clareado, os cabelos estavam agora lisos, haviam aparelhos nos dentes tortos, os materiais escolares eram os mais caros; agora as mulheres negras ocupavam cargos como porteiras, cozinheiras e faxineiras. **Fiquei nessa escola até os meus 14 anos – embranqueci.** Meu cabelo foi alisado, minha depilação não atrasava, aprendi a rir de boca fechada por não ter como bancar o uso de aparelho, em viagens à praia com a família nem sequer saía debaixo do guarda-sol — eu sempre procurava ficar o mais branca possível. **Outra diferença que tive que enfrentar foi o nível da escola, e era incrível como havia um discurso ao meu respeito quando comecei a superar as dificuldades: “incrível como uma menina como você que vem de uma escola de bairro se adapta tão rápido.”** (informação verbal, grifo nosso).⁵

⁴ Notamos que a UFPB foi uma das últimas universidades federais a implementar tal política e o fez sob forte pressão do NEABI/UFPB, dos movimentos sociais e, finalmente, do Ministério Público (LIMA, 2014, p. 93).

⁵ Excerto da trajetória escolar de Emanuela, mulher, negra, 20 anos de idade.



Além de experiências de racismo, uma outra estudante travesti faz eco ao que Bento (2011) define como “heteroterrorismo” na escola.⁶ No caso desta estudante, a trajetória escolar se apresenta marcada desde o princípio até a universidade por experiências de violência:

A questão é que a escola sempre tentou me expulsar dali, bem como qualquer outro meio público institucional. **Eu não me sinto bem-vinda**. Entretanto, acredito que esse seja o pulso durante toda a minha trajetória escolar, provar que eu consigo, provar que eu tenho capacidade para me travestir da identidade que eu quiser e ocupar o espaço que eu quiser sem ter que calar a voz para ninguém. (informação verbal, grifo nosso).⁷

Entre as experiências positivas marcantes antes do ingresso na UFPB, a passagem por Institutos Federais (IFs) em diferentes estados do Nordeste se destacou como algo que abriu as perspectivas escolares de muitos/muitas estudantes. Estudantes que não teriam acesso a um ensino de qualidade se não fosse público e gratuito:

Cursei todo o ensino médio concomitante ao ensino Técnico de Informática para Internet, período integral, no Instituto Federal de minha cidade. Ingressei por meio de processo seletivo e cota de baixa renda. Minha experiência no Instituto fora diferente de tudo que havia vivido no âmbito escolar referente à estrutura, à formação docente, aos conteúdos ministrados, à merenda... **O IFPE de Belo Jardim me proporcionou amigos e uma nova perspectiva do que era a Escola**. Fiz muitos e bons amigos. (...) **No IFPE tive a oportunidade de participar de monitoria e projetos de extensão**. Tive contato com pessoas que me ajudaram a me descobrir enquanto indivíduo e explorar minha subjetividade. (informação verbal, grifo nosso).⁸

Ainda sobre a experiência no IF:

Lá o mundo se abriu para mim, havia muita liberdade, tinha disciplinas de artes, como dança, pintura, teatro. [...] **No IFCE comecei a participar do grêmio estudantil, na época intitulado ‘REBELE-SE’**. Ajudei a organizar eventos esportivos na instituição, participei de congressos, fui à Brasília como diretora de Assuntos Estudantis do grêmio da minha instituição. **Comecei também a ter maior consciência crítica perante a educação brasileira**. (informação verbal, grifo nosso).⁹

⁶ Nas palavras de Bento (2011, p. 552): “As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica.”

⁷ Excerto da trajetória escolar de Vilma, travesti, negra, 20 anos de idade.

⁸ Excerto da trajetória escolar de Edson, homem, branco, 20 anos de idade.

⁹ Excerto da trajetória escolar de Sara, pessoa trans não-binária, branca, 22 anos de idade.

Nos dois relatos acima, observamos que experiências com monitoria, projeto de extensão e política estudantil nos IFs foram fundamentais para as transformações das perspectivas educacionais. Por outro lado, a experiência no IF também foi marcada pela menção às dificuldades enfrentadas, conforme relato de outro estudante: “A discrepância entre o ritmo de estudos que eu tinha antes e o que eu me deparei para conseguir seguir minimamente o ritmo no IF, se alinharam aos processos de reafirmação da minha sexualidade e ao de aceitação do meu corpo gordo.” Apesar dessas dificuldades, ele relata que seu ingresso na UFPB foi proporcionado pelo ensino de qualidade desfrutado anteriormente:

O IFPB sempre teve a maior média das notas no ENEM da minha cidade, ficando atrás apenas da escola particular mais cara da cidade. **Quase que exclusivamente por isso, consegui fazer uma ótima média no ENEM mesmo sem ter estudado para a prova.** A média era suficiente para que eu pudesse escolher vários cursos. (informação verbal, grifo nosso).¹⁰

A escolha pela licenciatura em Ciências Sociais

Como as trajetórias escolares aqui apresentadas se baseiam principalmente nos relatos de estudantes do curso noturno de licenciatura em Ciências Sociais, a opção pelo curso se refere bastante à figura do/da professor/professora (isso poderia ser diferente para estudantes do bacharelado em Ciências Sociais, mas não dispomos de dados para saber). E, algumas vezes, a opção pela licenciatura vem antes mesmo da escolha pelo curso específico, como neste caso:

Ele [o ensino médio] foi marcado por uma forte participação minha na escola, na presidência de turma, no grêmio estudantil e nas tentativas de provocar debates acerca de temáticas que, ao meu ver, precisam ser discutidas entre a juventude, como igualdade de gênero, racismo, sexualidade, religião e etc. **Essa articulação política dentro do ambiente escolar me trouxe um grupo de amigas/os e apoiadores bem sólido e motivador, existindo entre elas/es algumas/uns professores que me inspiraram posteriormente na escolha de uma licenciatura.** (informação verbal, grifo nosso).¹¹

¹⁰ Excerto da trajetória escolar de Leonardo, homem, indígena, 22 anos de idade.

¹¹ Excerto da trajetória escolar de Cecília, mulher, branca, 20 anos de idade.



Em outro exemplo, o estudante se inspira na figura do professor. Não o professor que ele teve, mas aquele que gostaria de ser:

Deslumbrado com leituras pedagógicas sobre o caráter transformador da educação que era sistematicamente negado na escola onde eu estudava, a ideia de ser um professor diferente daquilo, fez com que eu olhasse com mais carinho para a área de licenciatura. O curso escolhido ainda era uma incógnita para mim: ficava entre História, Jornalismo e Psicologia, pois ainda havia interesse meu nessas áreas, o que mudou depois da minha leitura de “O Povo Brasileiro” do Darcy Ribeiro, que me influenciou muito na escolha de Ciências Sociais. (informação verbal, grifo nosso).¹²

Para alguns, a manifestação do desejo de se tornar professor/a ocorre de forma bastante “natural” como no relato deste estudante: “[...] **vindo de família de professores, sempre vi na docência um modo digno e majestoso de transpor conhecimento aos que querem conhecimento.**” (informação verbal).¹³

Entretanto, para outros/as, não é bem assim. O relato de uma estudante negra sobre o desejo de se tornar professora esbarra na constatação cruel de que esse lugar nem sempre é percebido como natural para todas as pessoas:

Foi nessa escola, em uma conversa durante o intervalo das aulas que uma menina, que ainda hoje caminha ao meu lado, falou que queria ser professora. Aquilo mexeu comigo de uma forma, porque, assumi tempos depois, **eu NUNCA imaginei que era possível se tornar professora. Nunca vi como uma opção, era quase como se não existisse.** Terminei meu terceiro ano sem querer admitir o curso que queria, pois minha família me empurrava para Publicidade, mas eu queria algo mais “humano”. **Eu já estava decidida que queria lecionar.** Tinha pesquisado tanto antes de realizar o ENEM, **eu me apaixonei por sociologia por ter uma professora incrível, lhe pedi orientações e sabia que queria cursar Ciências Sociais.** (informação verbal, grifo nosso).¹⁴

Algumas vezes, o relato sobre o ingresso na universidade e a opção por Ciências Sociais se parece com um sonho impossível, pois a universidade não é percebida como um lugar para todos/as. Um estudante branco, de baixa renda e oriundo de área rural, mostra que foi impulsionado por padres da teologia da libertação e pela família a seguir seu sonho:

¹² Excerto da trajetória escolar de Henrique, homem, branco, 20 anos de idade.

¹³ Excerto da trajetória escolar de Rafael, homem, negro, 22 anos de idade.

¹⁴ Excerto da trajetória escolar de Emanuela, mulher, negra, 20 anos de idade.

Durante esses anos, fui conhecendo muitos padres que eram muito entendidos de Filosofia, Sociologia e História, e que me ensinaram muito, ao mesmo tempo em que me envolviam em lutas nos movimentos sociais da região. Por alguns anos me envolvi nessas lutas, mas sem o objetivo de cursar algumas das matérias citadas acima, até porque **eu não me via entrando no ensino superior por entender que era um objetivo muito distante, considerando até impossível.** (...) Passei todo o ano de 2017 estudando em casa e revendo tudo o que já tinha estudado na escola (ou em teoria, o que deveria ter visto na escola). Nesse período, **me envolvi na parte de Sociologia para que me ajudasse nas questões do ENEM e na prova de Redação, acabei gostando bastante da área e cogitando a ideia de cursar Sociologia.** (...) Ao esperar os resultados da seleção, tive a feliz surpresa de ser aprovado em 3º lugar de quatro vagas na modalidade de cotas “alunos de escola pública com renda igual ou inferior a um salário-mínimo”, na Universidade Federal da Paraíba. (informação verbal, grifo nosso).¹⁵

Além da carreira de professor, a escolha por Ciências Sociais surge também pelo despertar da curiosidade por meio da leitura e o envolvimento político no ensino médio, como mostram os relatos abaixo:

Acredito que o elemento crucial que me fez ir para as Ciências Sociais fora a leitura que se tornou muito maior com minha entrada no IFPE. A excitação em ler e escrever. **A curiosidade — palavra-chave — de, senão conhecer, ao menos compreender um pouco melhor o mundo, me levou às Ciências Sociais.** Já que tudo é matéria de interesse para essa área do conhecimento. (informação verbal, grifo nosso).¹⁶

Esse também foi o ano do estopim do processo de impeachment da presidenta Dilma e das ocupações que aconteceram no Brasil, com isso, alinhei-me com alguns alunos e professores no desenvolvimento de atos de reivindicação. **Chegamos a organizar várias passeatas pela cidade e fechar escolas em manifestação, sem dúvida, esses foram momentos chave que fizeram optar por cursar Ciências Sociais.** (informação verbal, grifo nosso).¹⁷

Dificuldades/facilidades encontradas na UFPB e estratégias que consideravam importantes para sua permanência na universidade

Na licenciatura em Ciências Sociais na UFPB, os relatos sobre a experiência universitária são diversos, mas é notório, em termos positivos, o destaque dado aos programas de pesquisa, extensão e monitoria. A importância de um conjunto de auxílios

¹⁵ Excerto da trajetória escolar de Lucas, homem, branco, 20 anos de idade.

¹⁶ Excerto da trajetória escolar de Edson, homem, branco, 20 anos de idade.

¹⁷ Excerto da trajetória escolar de Leonardo, homem, indígena, 22 anos de idade.



e bolsas para a permanência e imersão na vida universitária é apresentada por um estudante:

No último processo de assistência estudantil, consegui ter acesso ao auxílio moradia e ao restaurante universitário, me tornei bolsista PIBIC ainda no ano passado. **Sem dúvida poder me emancipar financeiramente, se colocou como um fator crucial para que eu conseguisse me debruçar dentro da universidade e me possibilitou usufruir de todas as possibilidades que estão disponíveis por aqui.** (informação verbal, grifo nosso).¹⁸

No relato abaixo, a estudante demonstra a importância das bolsas para o seu envolvimento com a universidade. E destaca ainda algo extremamente recorrente: que os/as estudantes do curso noturno de licenciatura em Ciências Sociais têm mais dificuldade de conciliar o trabalho com a universidade, e de participar de programas como pesquisa, extensão e monitoria:

Durante os dois primeiros anos da graduação (UFCG), fui privilegiada ao me dedicar apenas à vida acadêmica, com a ajuda do auxílio do PIBID [...]. Como eu não queria concluir o curso em Campina Grande, decidi optar pela transferência, **também porque houve cortes dos programas e, conseqüentemente das bolsas, precisei voltar ao mercado de trabalho,** porém, nada me apareceu e decidi me mudar para João Pessoa. Com o curso trancado durante um ano, esperando processos burocráticos para a transferência oficial, estive inserida no mercado de trabalho e ainda estou. **Hoje, tento conciliar o trabalho e a Universidade.** Durante vários meses fiquei “parada” nos estudos, pois passei por uma trajetória desgastante trabalhando em Shopping. Hoje meus horários e cobranças são mais flexíveis no trabalho, assim, ainda consigo conciliar, mas dentro do Shopping eu não conseguiria. **Hoje não participo de nenhum projeto acadêmico, pois a rotina se torna muito corrida, então apenas sigo com o curso.** (informação verbal, grifo nosso).¹⁹

O tema da conciliação de trabalho com estudos leva os/as estudantes a postergar ou abandonar o curso, eventualmente, mais de uma vez. Esse é o caso de um estudante que ingressou em outra universidade antes da UFPB, sem nunca conseguir concluir o curso:

[...] ao fim do primeiro semestre na faculdade percebi que não dava conta da labuta e decidi fazer novo vestibular para o ano seguinte. Fui aprovado na mesma instituição para o curso de Ciências Sociais, que era vespertino e me

¹⁸ Excerto da trajetória escolar de Leonardo, homem, indígena, 22 anos de idade.

¹⁹ Excerto da trajetória escolar de Antônia, mulher, branca, 25 anos de idade.



forçaria a trabalhar somente um expediente. **Contudo, do mesmo modo precisei abandonar, principalmente por necessidade da renda que o trampo integral me proporcionava.** (informação verbal, grifo nosso).²⁰

No relato abaixo, há uma síntese do contexto histórico e político que permitiu a realização do sonho de se tornar uma estudante de universidade pública, com destaque para políticas de transferência de renda e ações afirmativas. Ao mesmo tempo, aponta-se, novamente, as dificuldades enfrentadas na permanência de estudantes do período noturno que, muitas vezes, precisam conciliar estudos e trabalho. Nesse cenário, as pessoas são desafiadas a se deslocarem do lugar que lhes era destinado pela sociedade, rumo a uma conquista transformadora que passa pelo nível pessoal:

Literalmente, **eu não estava preparada para o ensino da universidade, para atender às demandas de leitura e trabalho.** Consegui até certo ponto, me mantive blocada por um tempo, até as coisas apertarem e eu precisar trabalhar. **No primeiro momento da vida acadêmica, eu não trabalhei, conseguia só estudar. Graças ao esforço da minha mãe, que além de diarista, também recebia ajuda do governo, com programas como Bolsa Família, isso no governo Lula.** Nesse governo, pela primeira vez, eu vi crescer uma esperança na minha casa e sair do total vermelho em que sempre estivemos. **Conseguimos, nesse governo, adquirir bens tais como um computador, televisão e minha aprovação na universidade, que foi por meio de cotas.** A vida acadêmica não foi fácil, não é fácil para mim, sinto-me com grandes lacunas. **Ao trabalhar fora, trabalhar e estudar, meu desinteresse pela universidade foi ficando cada vez mais forte. Até chegar o momento de eu quase desistir. Sempre me achei inferior, burra, eu não conseguia dar conta.** Não tinha mais tempo de ler tudo e enfrentei alguns problemas na vida pessoal que me distanciavam cada vez mais da universidade. [...]. Nessa época não via nenhuma preocupação por parte dos professores com os alunos. A universidade me trouxe alguns traumas, que venho lutando contra hoje. Hoje eu me sinto voltando para a universidade, depois de desistir inúmeras vezes, por ter esses sentimentos depreciativos com minha própria pessoa. **Sinto que preciso terminar o meu curso e ocupar o meu lugar dentro da universidade. Hoje é esse o motivo pelo qual eu consegui voltar, por acreditar que eu devo e posso estar estudando numa universidade pública e eu espero conseguir.** (informação verbal, grifo nosso).²¹

Uma estratégia considerada significativa é o momento de trocas propiciado pela recepção dos/das “feras”. Uma das alunas relata a importância de ouvir conselhos de um veterano e, mais importante ainda, perceber que ela, enquanto professora em formação,

²⁰ Excerto da trajetória escolar de Vicente, homem, negro, 29 anos de idade.

²¹ Excerto da trajetória escolar de Juliana, mulher, preta, 28 anos de idade.



deveria ter o mesmo cuidado no futuro com estudantes de escolas públicas — que poderiam enfrentar dificuldades semelhantes às que ela mesma enfrentou:

Na semana de recepção, houve uma frase que me marcou. **Um veterano falou sobre as dificuldades que os alunos que não tiveram um bom ensino enfrentavam na universidade, mas que, acima de tudo, não desistíssemos.** E, realmente, houve uma dificuldade imensa de absorção dos assuntos, de concentração nas leituras que, inevitavelmente, refletiu nas primeiras notas. Essa dificuldade inicial foi cessando e o hábito de leitura foi sendo construído. (informação verbal, grifo nosso).²²

Em sua trajetória escolar, uma estudante relata que estar em uma universidade pública é extremamente importante para sua família, visto que, no passado, fora impensável para seus pais cursarem o ensino superior. Mas ao entrar na universidade encontrou um ambiente androcêntrico e teve que se firmar nas redes de apoio para prosseguir:

Meu primeiro ano na universidade foi bastante intenso, me dediquei exclusiva e exaustivamente à UFPB — muito por achar que eu precisava alcançar o patamar de conhecimento de colegas que vieram de instituições particulares, por exemplo. Isso culminou em crises de ansiedade e pânico, além da depressão, o que me fez adoecer também fisicamente, desenvolvendo um refluxo gastroesofágico, doenças com as quais convivo até os dias atuais. Eu imaginava que adentrando a universidade eu me veria ainda mais livre e liberta para estudar e me dedicar a assuntos com os quais me identificava, o que teria um impacto pessoal positivo. **Porém, ocorreu o oposto pelo fato da academia e da ciência ainda permanecerem como espaços androcêntricos, o que, desde o início, me causou um desconforto enorme, até mesmo para expor minhas opiniões sobre um simples texto em sala de aula, travando toda a espontaneidade que eu desenvolvi nos meus primeiros anos de ensino médio.** Assim, o que era para ser um espaço de mais liberdade acabou me prendendo em uma bolha masculina, academicista e engessada. Por essas dificuldades de permanência, embora “apenas simbólicas”, que encontrei na universidade, **o que tem propiciado minha manutenção nesse espaço foi a rede de apoio que construí com amigas/os que encontrei nesse espaço — um tanto quanto opressor —, sobretudo as mulheres que conheci no movimento feminista e as/os companheiras/os de curso com os quais me juntei para compor o Centro Acadêmico de Ciências Sociais Florestan Fernandes.** Essa rede me mostra, dia após dia, que a ciência é feita por pessoas e que essas pessoas mantêm relações entre si. Desse modo, para o processo do fazer científico ser saudável, essas relações também precisam ser saudáveis e é isso que venho buscando como forma de existir dentro desse sistema. (informação verbal, grifo nosso).²³

²² Excerto da trajetória escolar de Luana, identidade de gênero, raça/etnia e idade não informados.

²³ Excerto da trajetória escolar de Cecília, mulher, branca, 20 anos de idade.



Embora para muitas pessoas a experiência universitária seja opressiva, há relatos de transformação pessoal, em que a estudante se sente feliz com o novo mundo que experimenta. Mundo que tem diversas contradições — como a desigualdade socioeconômica —, mas que também permite um olhar crítico ou uma subversão de normas seguidas anteriormente:

Esqueci de mencionar, mas durante todo o ensino médio, eu era, eu me tornei evangélica, por influência de um colega de sala. [...] Ressalto isso, pois entrei na universidade nessa condição e conforme o curso ia avançando, eu ia cada vez mais entrando em profundos estados de reflexão. Então, sai da igreja, terminei o namoro de mais de 5 anos. Fiquei louca, conforme disse minha mãe. Foi nessa época que eu vi acontecer novos processos de mudanças na minha vida. **Rompi com Deus, com namorado e com tudo que dizia respeito a minha vida até aquele momento.** Me deparei novamente e agora muito mais forte com as diferenças de classes. Tornei-me amiga de pessoas com poder aquisitivo maior que o meu. Conheci outra realidade totalmente diferente da minha. **Tornei-me uma pessoa subversiva e que provavelmente queimaria no fogo do inferno.** Eu gostei! Apesar de sofrer por algum tempo com a influência da igreja. (informação verbal, grifo nosso).²⁴

Para algumas pessoas, por mais contraditórios que sejam os sentimentos experimentados na universidade, o fato de conhecer e ter consciência do que ocorre à nossa volta é fundamental para significar positivamente a experiência:

De todas as fases da minha vida escolar, a atual é a única de que gosto de falar, de lembrar. Não que seja sem dores, já passei por violências psicológicas dentro da universidade que ainda me aterrorizam, mas eu tenho vontade de aprender mais do que nunca. **Eu conheço a mim e aos meus direitos como nunca. Tenho consciência de que é aprendendo sobre o que me rodeia que posso dizer o que não me serve, qual espaço eu devo ocupar, qual a minha voz e quando ela é silenciada.** (informação verbal, grifo nosso).²⁵

Por fim, percebe-se que a transformação da universidade pública com a entrada de estudantes cotistas é recente, pois o corpo docente permanece embranquecido: “Podemos perceber que esse espaço ainda carrega traços de que há pouco tempo, não

²⁴ Excerto da trajetória escolar de Juliana, mulher, preta, 28 anos de idade.

²⁵ Excerto da trajetória escolar de Emanuela, mulher, negra, 20 anos de idade.



poderíamos estar ali, sentados como aluno(a), e **essa representação se vê nítida na ausência de professores negros.**” (informação verbal, grifo nosso).²⁶

Considerações finais

Este relato de pesquisa trouxe alguns fragmentos das trajetórias escolares dos/das estudantes da licenciatura em Ciências Sociais da UFPB a fim de destacar experiências positivas e negativas, expectativas, dificuldades e estratégias significativas da/na vida estudantil. Com isso, percebemos algumas particularidades nas trajetórias desses/dessas estudantes que serão sumarizadas a seguir. Entretanto é importante enfatizar que não se tratou de identificar um perfil estudantil. Algumas experiências se mostraram mais comuns, outras mais pontuais. Ao reuni-las neste relato, nosso objetivo foi conhecer um pouco melhor a trajetória desses/dessas estudantes, buscando reconhecer potenciais que podem ser mais bem explorados e fragilidades que devem ser mais bem cuidadas por parte do corpo docente, e de maneira mais geral, da UFPB.

Não é novidade que as experiências de racismo acompanham as trajetórias escolares de estudantes negros e negras, assim como de indígenas e quilombolas. Neste relato de pesquisa, a trajetória de uma estudante negra se destacou ao longo dos três eixos que estruturam nossa exposição. Começando com experiências de racismo sofridas antes do ingresso na UFPB e passando pela “constatação” de que o lugar de professora não estava contemplada no seu horizonte profissional, a estudante encontrou na universidade a possibilidade de compreensão crítica da sociedade que lhe permitiu atuar de forma consciente em relação às opressões sociais. Mesmo que na universidade também existam experiências de sofrimento, podemos dizer que este espaço é considerado libertador, em termos de consciência de si e do mundo.

Por outro lado, na trajetória de um estudante negro, a percepção do racismo se fez presente na universidade pela constatação da ausência de professores/professoras negros/negras no corpo docente, indicando que, se há maior diversidade de estudantes hoje em dia, essa diversidade além de ser recente, não é fortalecida por políticas educacionais que, de fato, efetivem a contratação de professores/professoras

²⁶ Excerto da trajetória escolar de Rafael, homem, negro, 22 anos de idade.



negros/negras. Assim, podemos dizer que ao longo da trajetória escolar desses/dessas estudantes, não ter professores/professoras negros/negras — antes de ingressar na universidade ou no ensino superior —, marca suas expectativas profissionais e a possibilidade de ocupar espaços de poder, como são as escolas e as universidades. Em se tratando de uma pesquisa realizada entre estudantes de licenciatura, o sonho de se tornar professor/professora e sua realização não deve ser subestimado. Nesse sentido, a questão da representatividade se torna ainda mais acentuada.

Dentre as experiências marcantes antes do ingresso na UFPB, teve destaque a passagem por IFs no ensino médio e técnico. Em geral, esses/essas estudantes ingressaram nessas instituições por meio de cotas de ação afirmativa, acessando um ensino público, gratuito e de qualidade muito distinto do que teriam acesso sem essa política. A oportunidade de ter um ensino de qualidade se mostrou fundamental, em termos de continuidade, para o acesso à universidade. A experiência nos IFs também foi reportada como transformadora, em termos positivos, do entendimento do que seria uma “escola”, levando os/as estudantes ao autoconhecimento e ao envolvimento com atividades, como o movimento estudantil.

A participação em movimentos estudantis, a inspiração na figura do/da professor/professora e o despertar por meio da leitura foram as principais razões elencadas pelos/pelas estudantes para a escolha pelo curso de licenciatura em Ciências Sociais. Isso nos leva a pensar que as experiências propiciadas pelo ambiente escolar no ensino médio, quando ricas, são fundamentais para despertar o interesse nos/nas estudantes para esta área do conhecimento.

Após o ingresso na UFPB, uma das maiores dificuldades reportadas nas trajetórias escolares dos/das estudantes foi a conciliação do trabalho com os estudos. Embora nos relatos não tenhamos percebido que a escolha da licenciatura tenha se dado pelo fato desse curso ser noturno na UFPB, é de se esperar que estudantes que tenham compromissos de trabalho optem pela licenciatura em função do turno. À falta de tempo para estudar, soma-se também a falta de oportunidade de participar em programas de pesquisa, extensão e monitoria, que não são exclusivos do bacharelado, mas acabam sendo ofertados para estudantes com mais disponibilidade de horário. Os auxílios financeiros propiciados por esses programas, e que poderiam possibilitar que os/as estudantes se dedicassem com mais exclusividade ao curso, se tornam mais escassos para esses/essas estudantes. Assim,



não são raras as experiências de abandono ou reprovação em função de compromissos extra-acadêmicos entre os/as estudantes da licenciatura, um problema complexo, mas que pode receber maior atenção e percepção de que esses/essas estudantes também podem e devem ter oportunidades de participar de atividades universitárias extraclasse.

Para além de programas acadêmicos e de assistência estudantil, a permanência na universidade é garantida por estratégias de acolhimento, como a recepção dos/das “feras”, que indica um espaço importante de compartilhamento de experiências entre estudantes novatos/novatas e veteranos/veteranas. Diante de um ambiente universitário reportado como androcêntrico, os grupos de apoio relacionados a movimentos sociais feministas e/ou ao movimento estudantil — como as articulações do Centro Acadêmico — também se mostraram importantes no fortalecimento das redes de apoio.

Somado a tudo isso, o contexto mais amplo político do país, quando positivo, também foi mencionado como propulsor do sonho com a formação universitária. Programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, foram fatores importantes na melhoria das condições de vida que, em conjunto com outras oportunidades, como as cotas de ação afirmativa, propiciaram o ingresso na UFPB. Diante de um contexto político desfavorável, as fragilidades envolvendo as vidas dos/das estudantes se tornam mais latentes, impedindo que o direito à educação pública, gratuita e de qualidade seja realmente desfrutado por todos/todas, o que fica evidente em relação às dificuldades enfrentadas na permanência na universidade.

Referências

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 548-559, mai./ago. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>. Acesso em: 1 mar. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm. Acesso em: 1 mar. 2022.



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

DOI: <https://doi.org/10.46906/caos.n28.62687.p102-117>

LIMA, Maria Luciene Ferreira. **Políticas públicas no ensino superior:** ações afirmativas na UFPB. 2014. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas) — Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7773>. Acesso em: 1 mar. 2022.

Recebido em: 30/03/2022.

Aceito em: 05/05/2022.



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

| HOMENAGEM A MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY |



FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA¹*FRAGMENTS OF A TRAJECTORY*

Jacob Carlos Lima *

Resumo

O texto faz uma homenagem ao professor Mauro Koury, desaparecido em 2021, vitimado pela Covid-19. O autor relembra momentos da parceria intelectual e docente que desenvolveu com o homenageado desde o início da década de 1980 na Universidade Federal da Paraíba. Recupera memórias dessa convivência marcada por coleguismo, conflitos, afastamentos e aproximações, que refletem a complexidade do convívio social, das idiosincrasias de cada um, do caráter aleatório e imprevisível de todo percurso individual. Apresenta fragmentos de trajetórias cruzadas e descontínuas, mas que possibilitam a compreensão do momento de expansão e consolidação do sistema federal de universidades, da pós-graduação, a partir da descrição de encontros e desencontros pessoais.

Palavras-chave: Mauro Koury; Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba; memória.

Abstract

The text pays tribute to Professor Mauro Koury, who departed in 2021, victim of Covid-19. The author recalls moments of the intellectual and professorial partnership he developed with the honoree since the early 1980s at the Federal University of Paraíba. It recovers memories of this coexistence marked by collegiality, conflicts, distancing and approximations, which reflect the complexity of social interaction, of the idiosyncrasies of each one, of the random and unforeseen character of the entire individual journey. It presents fragments of cross-trajectories and discontinuities, but which allow an understanding of the moment of expansion and consolidation of the Federal University system, of graduate studies, from the description of personal encounters and divergences.

Keywords: Mauro Koury; Department of Social Sciences, Federal University of Paraíba; memory.

Como em todo exercício de memória, o passado é sempre reinterpretado pelo presente. Além disso, para falar do outro, temos que falar de nós mesmos, numa recuperação autobiográfica na qual a vida pessoal imbrica-se ao contexto social

¹ Agradeço à professora Maria Lúcia Barbosa de Oliveira, chefe do DCS no período 1981-1983, por informações acerca da UFPB nesse período; e às professoras Ana Edite Montoia e Maria Ângela Sítonio Wanderley pela leitura da primeira versão deste artigo.

* Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos/Brasil. E-mail: calimajb@gmail.com.



vivenciado, em busca de um sentido, mesmo que ilusório, de continuidade (BOURDIEU, 1998).

Quando fui convidado para escrever sobre Mauro Koury para a seção da revista *Caos* que o homenageia, fiquei pensando no que dizer. Creio que outros autores se dedicaram a sua obra, relatos de pesquisas conjuntas ou experiências enquanto alunos e orientandos. No meu caso, foram 39 anos de contato intermitente, primeiro, como colega de departamento na UFPB de 1982 até 2004. Posteriormente, mantivemos encontros esporádicos em congressos da área, seguido de uma retomada mais próxima quando Mauro fez seu doutorado no PPGS-UFSCar (2008-2010). A partir de então, o contato continuou por meio dos e-mails ou redes sociais, até o início da pandemia.

Neste texto, recupero memórias dessa convivência marcada por coleguismo, conflitos, afastamentos e aproximações que refletem a complexidade das relações sociais, das idiossincrasias de cada um, do caráter aleatório e imprevisível de todo percurso individual. São fragmentos de trajetórias cruzadas e descontínuas, mas que possibilitam a compreensão do momento de expansão e consolidação do sistema federal de universidades, da pós-graduação, a partir da descrição de encontros e desencontros pessoais.

Mauro foi um dos primeiros colegas que conheci assim que assumi meu cargo de professor auxiliar na UFPB em abril de 1982. O Departamento de Ciências Sociais (DCS) ficava num galpão, hoje ocupado pelos prédios da área de comunicação, do outro lado da rua do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA). Era um prédio relativamente grande, sem forro e bem quente, com alguns poucos ventiladores. O DCS contava na época com aproximadamente 50 professores, sendo que uns 10 ministravam “Estudos de Problemas Brasileiros”, disciplina criada durante a ditadura para a “educação moral e cívica” da juventude. Era obrigatória em todos os cursos, e os professores que a ministravam tinham formação diversa, sendo que nenhum deles, que eu me lembre, era oriundo ou habilitado em ciências sociais em algum nível. Os outros 40 docentes atuavam no departamento, participando de atividades que atendiam ao campus de João Pessoa, onde quase todos os cursos tinham aulas de sociologia, seja como matéria obrigatória, seja optativa. Desses 40, sete estavam afastados para fazer o doutorado, e uns dois ou três

professores tinham afastamentos diversos ocupando cargos na administração da universidade ou em outros órgãos do governo estadual e/ou federal.

Cheguei sozinho a João Pessoa, e fiquei hospedado por algum tempo na casa de um colega que fazia mestrado em São Paulo, onde nos conhecemos, Marcos Pequeno, que depois se tornou professor de Filosofia no então campus de Cajazeiras da UFPB. A casa, no conjunto Castelo Branco, estava com os móveis, mas ele e a mulher ainda não tinham se mudado.

Passava meus dias entre a casa e o DCS, bem próximos um do outro. No DCS, fui recepcionado pela chefe de departamento: Maria Lucia Barbosa e sua vice, Sânia Bezerra, que foram me buscar no aeroporto. Como o espaço do Departamento não era muito confortável, poucos professores ficavam lá, utilizando as salas apenas entre as aulas ou para atender alunos. Mauro, que morava em Recife, era um dos que lá permaneciam, geralmente de terça a quinta-feira, ou em seus dias de aula. E foi assim que, recém-chegado, eu o conheci: um dia, ele se apresentou na minha sala e ficamos conversando. A partir daí, quase toda semana tomávamos um café, almoçávamos juntos ou eventualmente saíamos para uma cerveja. Outra professora, que conheci nesses primeiros dias, foi Fátima Lucena, hoje na UFPE, que fez um tour comigo por João Pessoa em seu carro. Nas salas, ficavam também dois alunos do mestrado de Ciências Sociais, João Lavieri, professor do Departamento de Arquitetura, e Beatriz Lavieri, também arquiteta e pesquisadora na UFPB, que utilizavam o espaço para estudar. Esse pequeno grupo foi a minha introdução à UFPB e à cidade. Posteriormente, fui me aproximando de outros colegas como José Arlindo Soares, Alberto Cignoli, Maria Angela Wanderley, Maria Yara Matos, Maria de Fátima Araújo, Eliana Monteiro Moreira, Teresa Queiroz e Eleonora Menicucci.

Mauro era conversador, mas pouco falava sobre sua vida pessoal. Contou que era “veterano” na UFPB, tendo entrado em 1979 quando retornou de seu doutorado na Universidade de Glasgow, na Escócia. Pesquisava trabalho, sindicalismo e movimentos sociais de trabalhadores rurais, um dos temas centrais naquele período em que a ditadura militar enfrentava uma crise econômica, uma inflação galopante e perdia legitimidade entre seus apoiadores da elite, além de uma crescente insatisfação popular com o regime. O governo Geisel (1974-1979) tinha começado a chamada abertura “lenta e gradual”, continuada por seu sucessor, o general Figueiredo (1979-1985). Espocavam pelo país



protestos, greves e movimentos de trabalhadores urbanos e rurais por melhores salários e condições de vida. Esses movimentos se reorganizavam, com a retomada de sindicatos e organizações das mãos das diretorias pelegas “oficiais”, dando início ao que veio a constituir o novo sindicalismo, do qual o ABC paulista aparecia como o epicentro dessas mobilizações. Nas ciências sociais, as temáticas trabalho e sindicalismo e movimentos sociais urbanos e rurais catalisavam as pesquisas na universidade.

O DCS, que existia desde 1973, aprovou seu primeiro curso em 1978, o Mestrado de Ciências Sociais (MCS), inaugurando sua primeira turma em 1979. Sua área de concentração juntava temas como saúde, questões urbanas e trabalho, refletindo a composição do corpo docente naquele momento. Com a entrada de novos professores no DCS, o mestrado foi reformulado e alterou sua área de concentração, que passou a ser, em 1981, Política e Trabalho.

Vale lembrar que, a partir de 1976, a UFPB teve uma grande expansão capitaneada pelo seu então reitor Lynaldo Cavalcanti (1976-1980), com bom trânsito junto aos militares e que recrutou professores brasileiros e latino-americanos exilados, além de professores de outros estados e regiões do país. Naquele momento, não havia concurso público de acesso ao corpo docente regular; os professores eram contratados como colaboradores e, quando estrangeiros, como visitantes. O DCS recebeu vários colaboradores e visitantes. Alguns não se adaptaram e rapidamente se desligaram da universidade; outros saíram para a realização de seus doutorados com apoio da Capes e do CNPq. Lynaldo Cavalcanti, após seu período como reitor, foi presidente do CNPq entre 1980-1985 com uma política de incentivo à titulação docente, da qual a UFPB foi bastante beneficiada. A partir de 1981, o ingresso passou a ser por concurso público e, posteriormente, os professores colaboradores e visitantes tiveram sua situação regularizada na condição de docentes efetivos. Fiz o concurso em dezembro desse ano, realizado no DCS para as áreas de sociologia e ciência política. Entrei pela Sociologia juntamente com as colegas Esther Vaisman e Elisa Cabral. Na Ciência Política, entraram os colegas Christian Azais, Clemilda Maria de Oliveira e Ivo Ferreira Brito.

Voltando a Mauro, ele participou da reformulação do mestrado, sendo um de seus proponentes, ministrando disciplinas, orientando e participando do conselho editorial da Revista Política & Trabalho em 1985, quando ela surge e, depois, no período 1994-1997.



Em sua origem, em 1981, a revista chamava-se “Cadernos de Textos” e era feita de forma artesanal pelos seus editores, e mimeografada no próprio DCS. Mauro editava também os “Cadernos de Ciências Sociais”, sem muita regularidade, mas com alguns números publicados no período 1985-2000. Ele sempre escreveu muito, já tinha incorporado, pela sua trajetória anterior na UFPE e no exterior, a cultura do *publish or perish*, como condição de sucesso na carreira acadêmica. Na UFPB, essa cultura estava em construção. Assim, vários números dos dois cadernos continham artigos seus.

Como professor, era extremamente atualizado, introduzindo autores ainda pouco usuais entre nós na época. Ministrava disciplinas como História do Trabalho no Brasil e Movimentos Sociais. Tinha orientandos de formação diversa, dada a inexistência de curso de graduação de Ciências Sociais em João Pessoa. Era comum os alunos serem oriundos dos cursos de História, de Direito ou mesmo Medicina — geralmente da Saúde Coletiva —, sendo que alguns deles eram docentes da própria UFPB, em busca de titulação. Orientou colegas do próprio DCS, e atuava também no mestrado de Serviço Social.

O mestrado de Ciências Sociais penava com a rotatividade de seu quadro docente. Depois da primeira crise, quando mudou sua área de concentração, a saída de colegas para o doutorado desfalcou a equipe. A partir de 1983, o DCS começou a receber os retornados dos doutorados no exterior e mesmo do país: do México, a exemplo de Deise Siqueira e Maria Carmela Buonfiglio; da França, como Ana Maria Quiroga Fausto Neto e Lourdes Maria Bandeira; e Francisco Foot Hardman, de São Paulo, recompondo então o quadro de professores credenciados. O mestrado ganhou novo fôlego, culminando com a realização do “Seminário Movimentos Sociais: para além do rural e urbano” em 1985. O seminário resultou na articulação dos mestrados da região, inicialmente com projetos de pesquisa conjuntos, seguido por uma ação política junto a ANPOCS (criada em 1977) e a órgãos de fomento nacionais, para garantir a representação do Nordeste em suas diretorias e equipes. A partir do encontro de 1985, ficou estabelecida a realização bianual de congressos regionais, posteriormente conhecidos como CISO — Encontro de Ciências Sociais do Norte-Nordeste —, cujos encontros se mantiveram até 2012. Mauro esteve inserido em grande parte dessas atividades.

Além dos mestrados e do DCS, Mauro atuava ainda em outras frentes. Em 1982, foi um dos coordenadores de uma pesquisa nacional capitaneada pela UNICAMP: “Fontes para a história da industrialização no Brasil”, com financiamento da FINEP e



CNPq, sediada no Núcleo de Documentação Histórica Regional, o NDHIR. O NDHIR era, então, o único centro de pesquisa interdisciplinar em humanidades. Entre 1982 e 1985, parte da equipe do projeto saiu para realizar doutorados, e Mauro assumiu a coordenação do projeto com os membros que permaneceram, convidando novos pesquisadores e, entre eles, estava eu. Coube a mim fazer levantamento documental no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Comigo, nessa ação, esteve um historiador que retornava à Paraíba depois de um tempo em São Paulo, e que ingressou no MCS sob a orientação de Mauro, tornando-se, posteriormente, colega de departamento, Ariosvaldo da Silva Diniz.

A atuação de Mauro como coordenador da pesquisa teve vida curta. Indispôs-se com alguns colegas e com a coordenação do NIDHIR, retirando-se assim do grupo. Em 1986, a equipe que escreveu o relatório final estava reduzida a quatro pessoas: Tamara Egler (Departamento de Arquitetura), Lucia Guerra (Departamento de História), Neiliane Maia (pesquisadora do NDHIR) e eu (Departamento de Ciências Sociais). Seu temperamento era cordial, mas intempestivo, o que, às vezes, tornava problemática a continuidade de trabalhos conjuntos.

Nesse período, Mauro atuava também junto ao Centro Josué de Castro de Pesquisas Sociais em Recife, do qual foi sócio fundador, e na condição de presidente da Associação dos Sociólogos do Estado de Pernambuco.

A década de 1980 foi marcada por crises — econômica, política e social — dentro do processo de democratização do país. Na universidade, o crescente corte de verbas tornava seu funcionamento insustentável — às vezes, sem condições nem mesmo de pagar despesas básicas, como contas de energia e de água. Greves intermináveis se sucediam umas às outras, exigindo reposição de salários defasados pela inflação e, sobretudo, reivindicando mais verbas para a educação.

Com a saída de Mauro da coordenação da pesquisa no NDHIR, nós nos afastamos, seja pela dificuldade de encontros no próprio campus, seja pela diversificação dos interesses acadêmicos e pessoais. Embora efêmeros, mantivemos os contatos, sempre cordiais.

A partir de 1987, as saídas de alguns docentes para o doutorado (eu inclusive, de 1987 a 1991) e a transferência de outros para universidades do Sudeste enfraqueceram



mais uma vez o mestrado de Ciências Sociais. Embora novos concursos tenham sido realizados pelo DCS nessa década, os contratados, em geral, não tinham o doutorado, o que era uma exigência crescente da CAPES. Isso implicava na saída, após curto tempo de atuação no DCS, desses docentes para a realização de seus doutorados.

Em 1992, com a transferência da professora Lourdes Bandeira, então coordenadora do MCS, para a UnB, Mauro, que era vice coordenador, assumiu como coordenador em exercício. Voltamos, então, a trabalhar mais proximamente em duas frentes: na proposta de criação do curso de graduação em Ciências Sociais e na reestruturação do mestrado.

O curso de graduação, velha demanda do DCS, foi aprovado no segundo semestre de 1993, com o apoio da professora Maria Angela Sitonio Wanderley, entusiasta da proposta, e então diretora do CCHLA. O curso teve sua primeira turma em 1994. A partir daí, o DCS contava com uma formação graduada e uma pós-graduada na área, o que possibilitou, progressivamente, a formação e consolidação de grupos de pesquisa, com o acesso dos alunos a bolsas de monitoria e iniciação científica e a preparação para a pós-graduação.

No caso do mestrado, a intenção era transformá-lo em Programa de Pós-Graduação em Sociologia, com mestrado e doutorado, o que foi realizado parcialmente quando assumi a sua coordenação (1994-1996). Mauro tornou-se editor da Revista Política & Trabalho, agora com ISSN, e com a expectativa de torná-la uma revista nacional. A capa foi reformulada, assim como seu formato, acompanhando tendência de outras revistas nacionais, mantendo uma regularidade anual e impressa em gráficas da cidade.

Formávamos uma *troica* na coordenação: eu, como coordenador; Theophilos Rifiotis — que entrou no DCS por concurso realizado em 1985, e que cursou seu doutorado no período 1987-1991 —, como vice, e Mauro Koury na edição da revista e de publicações. Em 1995, o agora PPGS promoveu dois grandes eventos com grande visibilidade nacional: o VII Encontro de Ciências Sociais do Norte-Nordeste e a IV Reunião de Antropologia do Norte-Nordeste. Após os eventos, organizamos três coletâneas com parte dos artigos apresentados pelos participantes.



Além disso, a coordenação do PPGS organizou uma “sala de leitura” para a graduação e o mestrado, aproveitando um espaço disponível no prédio do DCS. A sala estava vazia, e o professor Franz Moonen e eu começamos a instalar prateleiras, conseguimos móveis do DCS, e contratamos uma estagiária de biblioteconomia para organizar o acervo. Este foi formado pela doação de professores recém aposentados (o período Collor levou muitos professores a se aposentarem com as ameaças de mudança na previdência social), daqueles ainda em atividade, e com a compra de livros possibilitada pela taxa de bancada que o PPGS recebia da CAPES. Um dos primeiros usuários da sala de leitura foi Giovanni Boaes, hoje professor do DCS e editor da revista *Caos*, que, então, preparava-se para prestar a seleção do mestrado, passava o dia na sala e nos ajudava, eventualmente, na montagem de prateleiras e com os livros. Posteriormente, na gestão da Professora Maria Yara Matos na direção do CCHLA, a sala tornou-se o embrião da Biblioteca Setorial do Centro.

Na década de 1990, os interesses de pesquisa de Mauro se deslocaram da Sociologia do Trabalho e dos Movimentos Sociais para a Sociologia das Emoções, campo de pesquisa novo no país. Desenvolveu projetos sobre fotografia e imaginário urbano, morte, luto e sofrimento social, temas que passaram a marcar sua produção de livros e artigos. Criou, em 1994, o Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções — GREM — e, em 1995, o Grupo Interdisciplinar de Estudos em Imagem — GREI — juntando alunos de graduação e pós-graduação.

Também nessa década, a Capes expandiu a avaliação dos programas de pós-graduação, mudando as regras do credenciamento, que deveriam ser feitos antes do início do curso e obedecendo os padrões estabelecidos pela agência. Entre essas novas normas, estava a exigência de que a totalidade do corpo docente deveria ter o título de doutor, quando até então bastava o de mestrado, garantindo assim a nota máxima no quesito titulação quando da avaliação bienal. Isso criou problemas no país inteiro, descredenciando progressivamente professores bastante atuantes e reconhecidos, mas sem o título. O PPGS recebeu a partir de 1991-92 a segunda leva de docentes titulados que retornavam de seus doutorados, como José Arlindo Soares, Eliana Monteiro Moreira, Maria Antônia Alonso de Andrade, entre outros, que reforçaram o quadro de credenciados e que possibilitou, no final da década, propor o curso de doutorado.

Quando terminou minha gestão no PPGS, assumiram a coordenação os professores José Arlindo e Eliana Monteiro Moreira. Mauro permaneceu na editoria da Revista Política & Trabalho até 1998.

Entre 2000 e 2001, saí para fazer pós-doutorado. Quando voltei, o doutorado do PPGS tinha sido aprovado, reunindo os programas de João Pessoa e Campina Grande. Essa junção funcionou até 2005. Com o desdobramento da UFPB e a criação da UFCG, a equipe de professores do PPGS em Campina Grande decidiu encaminhar para a Capes projeto de um novo curso, o Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais. O PPGS, em João Pessoa, continuou tal como estava.

Assumi novamente a coordenação do PPGS no segundo semestre de 2001, momento em que reencontrei Mauro, atuando no doutorado e já com três orientandos. A primeira turma tinha se iniciado no ano anterior. Em 2002, com ajuda da sua então orientanda, Maria Cristina Barreto, que possuía conhecimentos técnicos de computação e internet, Mauro criou a revista virtual Revista Brasileira de Antropologia e Sociologia das Emoções, consolidando sua linha de pesquisa.

No primeiro semestre de 2003, Mauro ministrava “Teoria Sociológica I” no PPGS. A turma de doutorandos vinha reclamando do seu autoritarismo em sala de aula. Vale dizer que Mauro sempre teve um séquito de alunos/as admiradores/as e outro séquito, dos que não se acertavam com ele. Numa das aulas, desentendeu-se com um aluno publicamente, o que fez com que a turma se revoltasse e questionasse a sua atitude. O conflito em sala degringolou, e a turma deixou a sala indo diretamente à coordenação do PPGS. Pediam uma reunião do colegiado para discutir o comportamento e a permanência do professor no Programa. Sempre houve rumores no DCS relativos ao título de doutorado de Mauro Koury. Aventava-se que ele efetivamente não defendera sua tese. O conflito iniciado na sala de aula terminou por acirrar a dúvida, expondo-a publicamente.

Como coordenador do Programa, convoquei uma reunião do colegiado para avaliar a situação. Antes da reunião, contudo, Mauro, visivelmente abalado, solicitou seu descredenciamento do PPGS. A partir daí, deixou o Programa e seus orientandos, continuando com suas atividades junto ao curso de graduação, com seus grupos de pesquisa e na coordenação de programas de extensão.



Em 2004, eu me transferi para a UFSCar e perdemos o contato. No segundo semestre de 2007, recebi um e-mail de Mauro dizendo que gostaria de defender sua tese na UFSCar.

Prestou a seleção para o doutorado em São Carlos e nos reencontramos em 2008, retomando conversas, como se nosso último contato tivesse acontecido no dia anterior. Foi aprovado, passou um ano no bate-volta Recife-São Carlos-Recife, cumprindo os créditos. Foi orientado pela professora Maria Aparecida Moraes, especialista em ruralidades. Em 2010, defendeu a tese: “Práticas instituintes e experiências autoritárias: o sindicalismo rural na Mata Pernambucana, 1950-1974”, uma versão reformulada e atualizada da tese iniciada na Universidade de Glasgow.

Com a tese defendida na UFSCar, Mauro buscou vincular-se novamente no PPGS. Encontrou, porém, resistências de parte dos membros do colegiado, ainda como decorrência da crise de 2003. Acompanhei esse momento à distância, recebendo aqui e ali informações eventuais.

A partir de então, mantivemos contatos esporádicos por e-mail, nos quais informava os lançamentos de novos números da revista, de seus novos livros e de sua inserção no mestrado de Antropologia (PPGAS), recém-criado, dando continuidade a seus interesses que de fato reuniam a Sociologia e a Antropologia.

Sua aposentadoria em 2020, após 41 anos de UFPB, não encerrou a história. Mauro Koury continuou participando do PPGAS como professor voluntário e dedicando-se às suas pesquisas de cunho etnográfico. A tragédia política e sanitária que se abateu sobre o país a partir de 2019/2020 não o poupou. Ativo nas redes sociais, manifestava sua oposição à barbárie bolsonarista, à bandidagem que assumiu o poder no país e ao negacionismo científico que a acompanhou, acarretando mais de 600 mil mortes. Em julho de 2021, Mauro foi contaminado pela covid-19, e depois de dois meses de luta, perdeu a batalha.

Em 2022, completáramos 40 anos de trajetórias compartilhadas, coleguismo marcado, certamente, por aproximações e, também, por afastamentos. Perdemos Mauro, uma pessoa dinâmica e controversa, que teve papel importante na construção e consolidação do campo das ciências sociais na Paraíba e no país. Provavelmente não teria partido se a história fosse outra e não estivéssemos vivendo este retrocesso civilizatório.



Referências

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

Recebido em: 15/02/2022.

Aceito em: 20/02/2022.



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

DOI: <https://doi.org/10.46906/caos.n28.62247.p119-129>

SOBRE LUTO E DOR, EMOÇÕES E PANDEMIA: encontros com o pensamento de Mauro Koury¹***ABOUT MOURNING AND PAIN, EMOTIONS AND PANDEMIC: encounters with the thought of Mauro Koury***

Ednalva Maciel Neves *

Resumo

Este texto faz uma homenagem ao professor Mauro Koury (1950-2021), quando do seu falecimento. Ele é a versão impressa de uma *Live* intitulada “Uma homenagem à vida e à obra de Mauro Koury: a cerimônia do adeus”, realizada pela Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer (UFRJ), ocorrida em 2021. É consenso entre os colegas que seu legado acadêmico é imenso, em especial pela produção acadêmica e pela atuação na formação de cientistas sociais, mesmo após sua aposentadoria. Como colega do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPB, busquei abordar seu pensamento a partir dos encontros que tive com sua obra, pois abordamos o tema da morte, porém a partir de perspectivas diferentes. Um desses momentos envolve a leitura de sua obra sobre morte, luto, dor, medo e urbano, na configuração da antropologia e sociologia das emoções. Outro momento diz respeito às reflexões sobre a crise sanitária, sistematizadas em três publicações em que o autor atualiza seu pensamento diante da tragédia da pandemia. Por fim, convido o leitor a se dedicar ao pensamento instigante de Mauro Koury, um cientista social das emoções.

Palavras-chave: morte; pandemia; homenagem; Mauro Koury.

Abstract

This text pays tribute to Professor Mauro Koury (1950-2021), on his death. It is the printed version of a *Live* entitled “A tribute to the life and work of Mauro Koury: the goodbye ceremony”, held by Revista M. Studies on death, the dead and dying (UFRJ), which took place in 2021. There is a consensus among colleagues that his academic legacy is immense, especially for his academic production and for his work in the training of social scientists, even after his retirement. As a colleague at the Department of Social Sciences and the Graduate Program in Anthropology/UFPB, I sought to approach his thinking from the encounters I had with his work, as we approach the theme of death, but from different perspectives. One of these moments involves the reading of his work on death, mourning, pain, fear and the urban, in the configuration of the anthropology and sociology of emotions. Another moment concerns the reflections on the health crisis, systematized in three publications in which the author updates his thinking in the face of the tragedy of the pandemic.

¹ Texto apresentado na *Live* intitulada “Uma homenagem à vida e à obra de Mauro Koury: a cerimônia do adeus”, realizada pela Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer (UFRJ), com Rachel Aisengart Menezes, Claudia Rezende, Ednalva Neves, Andreia Vicente e Renata Machado. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aabGYFIcDqM>.

* Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba/Brasil. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil. E-mail: ednalva.neves@academico.ufpb.br.



Finally, I invite the reader to dedicate themselves to the thought-provoking thought of Mauro Koury, a social scientist of emotions.

Keywords: death; pandemic; tribute; Mauro Koury.

Como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, penso que é muito importante que Mauro Koury (1950-2021) seja homenageado tanto por sua contribuição para a criação e consolidação quanto por sua participação nesses 10 anos de existência do Programa, além do seu papel na formação de antropólogos que hoje são professores do programa ou estão em outras instituições pelo país. Para o Departamento de Ciências Sociais da UFPB, foram 41 anos de vínculo e dedicação (1979-2000). E, após sua aposentadoria, deu continuidade aos seus trabalhos como professor voluntário do PPGA, mantendo a intensa vida acadêmica que é um de seus atributos. Para se ter ideia, em consulta ao seu curriculum lattes na página do CNPq, entre 2020, ano de sua aposentadoria, e 2021, ele deixou divulgados: 15 artigos completos publicados em periódicos, 02 livros de sua autoria e um livro organizado, além de 04 capítulos de livros e 02 textos publicados em jornais de notícias/revistas.

Dito isso, quero lembrar sua amabilidade/gentileza como um traço presente nos encontros cotidianos na universidade, em especial no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), com a comunidade acadêmica, assim como sua posição firme e clara na defesa das suas proposições em reuniões formais do nosso Departamento.

Quero confessar que fiquei paralisada com a notícia do seu falecimento, porque as informações que tínhamos eram sobre sua recuperação e possibilidade de sair da UTI. Tomei conhecimento pelos canais institucionais do CCHLA e da ADUFPB, confirmadas por uma colega. Passei uns dias muito afetada, sem querer entender e não acompanhei publicações ou quaisquer outros manifestos. Acho que essa é uma atitude de defesa psicológica que desenvolvi diante de experiências anteriores com notícias abruptas/inesperadas. Pensei que precisava viver esse luto, quieta, como ele argumenta em sua obra, acontecendo sem manifestação pública de sentimentos, enquanto uma pessoa desgostosa com o mundo, especialmente com sua insensibilidade e mercantilização de afetos.



Porém o encontro com Rachel Menezes durante a IV Reunião de Antropologia da Saúde, e diante da proposta da Revista M, por meio de Andreia Vicente, se configuraram como uma oportunidade de lembrar o professor e colega numa homenagem em que seu pensamento e vida são acolhidos e apreciados como constituinte das Ciências Sociais no Brasil, seja na produção de conhecimento, seja por sua maestria na formação de pessoas como cientistas sociais.

Quero esclarecer que não sou especialista em antropologia/sociologia das emoções, nem na antropologia da imagem; mas sou uma leitora que teve seu ingresso nas Ciências Sociais em contato com Mauro Koury, eu estudando as representações sobre a morte e o morrer; ele estudando o luto e a dor como expressão de sentimentos. Mantinha-me sempre curiosa sobre dois temas que lhe inquietavam como fenômenos sociais: o luto e os medos. O primeiro desses temas, porque me remetia à morte, ao morrer e aos rituais; enquanto o segundo pela perspectiva da relação entre medos, confiança, insegurança como expressão dos riscos/perigos que era minha chave de leitura sobre discursos e práticas de conhecimento.

Quero assinalar que, nessa homenagem, trago uma leitura breve, buscando pontuar sobre os processos de conhecimento e convivência, marcados pela “interpelação à distância” como ele comentou uma vez sobre nossas relações.

Assim, minha homenagem ao professor Mauro Koury consiste em retomar a vida, num primeiro momento a partir dos encontros — meu encontro — com suas publicações e, num segundo momento, fazendo um convite à leitura de suas publicações sobre/na pandemia.

Falando de encontros, o primeiro deles ocorreu a partir do meu ingresso no mestrado em Sociologia na UFPB, em meados dos anos de 1990, quando temas sobre o rural, trabalhadores, sindicatos, desenvolvimento e fotografia/imagem da morte estão no centro de sua reflexão.

Eu, vinda de uma especialização em Medicina Preventiva e Social, ingressei no mestrado para estudar a desigualdade diante da morte — não qualquer morte, mas as mortes que ocorriam em casa —, morte domiciliar (designada no sistema oficial de saúde, como morte sem assistência), cujo registro estatístico era alto nos anos 1990.



Foi nesse contexto que conheci os *Cadernos de Ciências Sociais*, uma publicação do PPGS que antecedeu a *Revista de Ciências Sociais Política & Trabalho*.

Em 1993, Mauro havia publicado no número 28, um ensaio intitulado *Pobreza e luto: ensaio sobre cidadania e exclusão social*, e, em 1996, publicou outro ensaio no número 38, intitulado *A formação do homem melancólico: luto e sociedade no Brasil*. Embora ambos me interessassem, o segundo ensaio foi emblemático, porque eu já tinha terminado o meu trabalho de campo. E eu estava indo morar em São Luís do Maranhão, após ingressar na docência na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

O fato é que, embora o ensaio não fosse sobre as representações acerca da morte e do morrer, foco do meu estudo, ele trazia uma reflexão importante sobre a sensibilidade e os sentimentos, dor e luto numa sociedade cada vez mais urbana, assunto que abordei na minha pesquisa realizada na cidade de João Pessoa. Além disso, apresentava parte da literatura sobre o fenômeno da morte, de modo que encontrava naquela publicação: Manuela Carneiro da Cunha, José de Souza Martins, José Carlos Rodrigues, Norbert Elias, Marcel Mauss, entre outros.

No entanto minha alteridade era com o discurso médico, especificamente sobre a morte no hospital — a morte higiênica e interdita, nos termos de Ariès (1989). De fato, como sanitarista tinha interesse sobre a desigualdade social, pensada a partir da morte e o morrer como um fenômeno definido pela posição social dos indivíduos, estabelecendo quem, de que e como as pessoas morriam. Por outro lado, eu tinha a alteridade com a categoria de “morrer no meu lugar”, como as famílias diziam ser o desejo do falecido, que identificava a escolha cultural pela boa morte. Uma perspectiva simbólica que confrontava a morte hospitalar.

Mauro Koury abordava o fenômeno após a morte, as dores e sofrimentos dos vivos urbanos de classe média. Foi fascinante para mim ler, em 1996, todo o seu diálogo em torno das transformações no sistema cultural de morte a partir da ascendência do individualismo, fazendo a morte recuar para a interioridade do indivíduo, em especial sobre a privatização das emoções e emergência de outra sensibilidade coletiva.

De fato, Mauro Koury argumenta em torno da ambiguidade entre a presença da dor da perda do ente querido e o estranhamento de sua expressão pública pelos segmentos médios urbanos, incluindo a “classe média intelectualizada”. Em suas palavras, “O luto



como expressão social é encoberto por uma espessa malha que delimita contornos e o expulsa para dentro da pessoa.” (KOURY, 1996, p. 6).

Por isso, o autor define a “economia moral da dor da perda na sociedade brasileira” como regida por dois domínios: o individualismo e as relações mercantis — mutuamente implicadas. De fato, considera que as “relações mercantis do individualismo [são] movimentadas pela ideia do ser discreto enquanto conduta do comportamento civilizado.” (KOURY, 1996, p. 9)

O interessante é que ele toma as “relações mercantis” para expressar, não a dimensão econômica e material da vida cotidiana, mas as trocas simbólicas entre a expressão pública da dor pela “domesticação da individuação” e pelo “princípio do desempenho” de modo a “não perturbar o bom funcionamento dos papéis em representação pelos sujeitos em relação.” (KOURY, 1996, p. 13).

Essa reflexão sobre mundo exterior e interioridade, leva-o a estabelecer uma distinção entre individuação e individualismo. Para ele, a individuação consiste num processo integrativo da pessoa na sociedade. Assim,

quanto mais abafada e constringida se encontre a pessoa, quanto mais a subjetividade for tratada como problema pessoal, íntimo e não social, como indizível, mais o individualismo parece comandar os destinos individuais, parecendo enfatizar a morte, como desilusão, como código básico de conduta.” (KOURY, 1996, p.10).

Daí, emerge “a vergonha da demonstração pública da dor ou da expressão de solidariedade, ou o não saber o que fazer à dor do outro, resulta num automatismo de relações, movido pelo grau de afastamento ou abandono do sujeito de sua perda.” E o sujeito “fecha-se, então, em sua privacidade, intensificando a sua desilusão com o mundo e consigo mesmo. Receia, ao mesmo tempo, que esse mundo perceba a sua dor e dele reclame significados.” (KOURY, 1996, p. 14).

Evidente que esse sujeito melancólico, psicológico, aparecia no meu trabalho, naquelas recusas da classe média em conceder entrevistas, por exemplo. Mas eu estava longe de entender a atualidade e profundidade do pensamento de Mauro Koury naquele momento, visto que partia do estranhamento do hospital como lugar de morrer e encontrava nas famílias com quem conversei outras perspectivas sobre o “morrer e a morte”, uma expressão cultural e simbólica que valorizava o sujeito, a partir da localidade



— o lugar de morrer — como experiência de vida, impregnada pela história pessoal e familiar, pelas relações familiares e seu entorno. Eu encontrava uma relação com a morte que estava nas bordas, nas franjas do sistema social dominante e do modelo biomédico, inspirada numa chave de leitura da cultura, na perspectiva de Thomas (1993), Hertz (2016), Mauss (2003).

O segundo encontro se deu durante a orientação e coorientação do discente José Felipe de Lima Alves do PPGA, nos anos de 2015 e 2016. A dissertação de Felipe Alves — *Segura na mão de deus e vai...”: etnografia dos rituais de despedida na cultura fúnebre do Crato-CE/Brasil* — enfatizava os fenômenos ligados à morte e ao morrer, incluindo sua captura pelo sistema capitalista e a emergência dos planos funerários.

Essa orientação conjunta se configurou como momentos de convivência e aprendizado, demarcando nossas experiências e perspectivas analíticas. Mauro sempre atento às subjetividades, às emoções, as interações e configurações sociais engendradas nos contextos urbanos, e eu ancorada numa perspectiva cultural e simbólica sobre a morte e seus rituais, mais interessada na abordagem antropológica sobre experiências de adoecimentos e políticas de saúde, risco e produção de conhecimento.

Esse período de convivência me levou a prestar mais atenção às publicações dos GREM/GREI. Foi quando tive a oportunidade de ganhar a dedicatória de Mauro Koury, numa publicação intitulada *Da subjetividade às emoções: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil*, publicada em 2015, junto com Raoni Borges Barbosa (KOURY; BARBOSA, 2015). No primeiro capítulo, Mauro apresenta e reflete sobre a obra de Gilberto Velho e sua contribuição como um dos precursores da antropologia/sociologia das emoções. No segundo capítulo, Raoni Barbosa apresenta o “esquema conceitual” do pensamento de Mauro Koury como um dos precursores desse campo no Brasil, o que me ajudou a compor estas anotações.

O texto de Raoni Barbosa contribui, não só para o entendimento sobre as filiações filosóficas e antropológicas de Mauro Koury, mas, principalmente, para dimensionar como a categoria analítica “emoções” compõe uma chave de leitura e inteligibilidade das relações entre indivíduo e sociedade na experiência urbana contemporânea.

Para Barbosa (2015), o esquema conceitual de Mauro Koury, enquanto um dos teóricos da antropologia e sociologia das emoções, filia-se a uma tradição de pensamento



simbólico-interacionista ancorado na filosofia social de Simmel, na sociologia figuracional de Elias e nos trabalhos de Mead, Goffman, Scheff, Velho, DaMatta, dos estudiosos da escola de Chicago, entre outros.

Entendi que os “sentimentos de luto, medos, constrangimentos, vergonha, gratidão, pertença, segredos, confiança e confiabilidade, lealdade, amizade, solidariedade e outros” (BARBOSA, 2015, p. 62) eram os processos subjetivos a partir dos quais o fenômeno das emoções pode ser compreendido no modelo societário vigente. Por conseguinte, a trajetória de pesquisador se volta para a microanálise, com ênfase na dimensão relacional e na intersubjetividade.

A discussão sobre a “emergência de uma nova sensibilidade ou cultura emotiva no Brasil” movimentada a partir das classes médias urbanas integra um processo de transformações estruturais no plano cultural, conforme analisa Barbosa (2015, p. 68-69), destacando-se o processo de privatização das emoções, impessoalidade e individualismo, insegurança e medos nas relações cotidianas.

A partir dessa leitura, dei-me conta como Mauro Koury vinha se dedicando a essa reflexão desde finais dos anos 1990, como aquela publicação do *Cadernos de Ciências Sociais* do PPGS/UFPB. Segundo Raoni Barbosa, o pensamento de Mauro Koury expõe as tensões e conflitos que se expressam no espaço interacional entre o público e o privado na medida em que tais transformações questionam a etiqueta tradicional. (BARBOSA, 2015, p. 69).

Nessa leitura, em 2016, eu me defrontei com sua elaboração sobre a construção do sujeito moderno, encapsulado numa economia das pulsões e das emoções baseada na repressão dos sentimentos. Deparei-me com o processo que vivi oito anos antes, com a morte de meu pai. Com algumas diferenças, naqueles momentos, sentia-me acometida pela vergonha do sentimento de perda de um ente querido, era impelida a agir com discrição e manter o engajamento no trabalho como parte do exercício de ocultar o luto e o sofrimento, encarados como fenômenos de ordem pessoal e de foro íntimo e subjetivo. O enlutado, ao expressar seus sentimentos, expõe sua vergonha e culpa; ao mesmo tempo que expõe sua vinculação com a morte — aquilo que contamina e ameaça a vida (DOUGLAS, 1976). Na urbanidade, a morte está cada vez mais confinada aos espaços

mínimos da individualidade e dos familiares, de modo a não perturbar a produtividade consumista neoliberal.

Como nos diz Foucault, uma racionalidade que se imiscui lá onde deveria prevalecer o que não pode ser mercantilizado ou margem de empreendedorismo (FOUCAULT, 2010). O indivíduo se encontra sem o suporte/apoio dos sistemas coletivos como religião, família e comunidade, os custos recaem sobre os indivíduos, subjetividades e selfs, a exemplo da melancolia (BARBOSA, 2015, p. 71).

O desafio de Mauro Koury era compreender as figurações contemporâneas das relações entre indivíduo e sociedade, nas quais a cultura emotiva se constitui como fato social total (BARBOSA, 2015). A dimensão empírica dos seus estudos é muito ampla (rural, sindicalismo, desenvolvimento, juventude), mas a sociabilidade urbana, ethos e suas transformações se tornam o seu grande laboratório. A cidade se configura como o espaço-tempo das relações sociais e das emoções, engendrando medos corriqueiros, medos, insegurança, violência, desconfiança, confiança e confiabilidade, amizade, segredo e sofrimento social.

Esses são alguns elementos que elenquei para lembrar sua obra, naquilo em que ela me afetou como interlocutora e como pessoa, urbana e de classe média. Agora, passo para o convite que quero deixar aqui registrado. Após visitar esses textos, que estão longe de dar conta do conjunto da obra de Mauro Koury, perguntei-me: como ficam as emoções num contexto de pandemia?

Acho que Mauro Koury nos oferece uma análise crítica do contexto institucional-político e sanitário brasileiro, enfatizando uma sociedade cingida entre aqueles que podem permanecer no isolamento social e os que não compartilham dessa condição — os pobres, ou o homem comum, como ele diz. São três publicações que resumo aqui, como parte desse convite.

A primeira, o leitor encontra em *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, na seção *Reflexões na pandemia*, publicada em 2020. Nesse texto, ele (KOURY, 2020a) exalta como a antropologia tem se apropriado da categoria analítica da violência para abordar a “destruição de costumes e formas de viver e produzir locais” e dialoga com Veena Das (2020) quando esta convoca os antropólogos a compreender o humano nesse contexto de crise pandêmica.



Convido à todes a lerem esse artigo, porque ele é primoroso em expor as mazelas vigentes de um modelo civilizatório que não tem o humano como referência, mazela que foi explicitada pela pandemia. De uma política genocida e segregacionista, às formas de colonização e à “guerra santa” das igrejas direitistas neopentecostais (braço teológico do capital neoliberal), à destruição do meio ambiente, à produção do ódio à diferença, à retomada de hierarquias (dominação masculina e branca) e retiradas de direitos sociais são partes de um projeto.

Ainda nesse texto, Mauro Koury examina a escalada de produção de medo, angústia e incertezas no destino da pessoa/coletividade a partir da crise do modelo capitalista neoliberal radical e a ascensão da direita, que se agrava no contexto da crise sanitária. Por um lado, uma “população pobre, carente e sem recurso algum para se proteger, e excluída das demandas públicas de proteção” (KOURY, 2020a, p.1). Do outro lado,

o sentimento de angústia toma conta do país. Ela revela nos estratos médios da sociedade um sentimento de torpor e uma sensação de perigo eminente, movidos pela incerteza sobre o dia de hoje e de um futuro próximo no país e no mundo. E essa sensação e esse sentimento só fazem aumentar o medo e a insegurança pessoal e coletiva presentes na situação-limite² vivida (KOURY, 2020a, p. 1).

Dito isso, seus argumentos são críticos quanto às crises que avançam no país, até os dias atuais: sanitária, político-institucional e econômica com o retorno da pandemia.

Por isso, o artigo convoca a antropologia para repensar suas bases epistemológicas e reflexivo-crítica como uma contribuição à construção de uma “humanidade solidária”, como um futuro possível, contrapondo-se à opressão e “afirmando categorias que apontem para a diferença, a autonomia e a diversidade do humano como instâncias tensas e solidárias do pertencer.” (KOURY, 2020a, p. 05).

² “As situações-limites de um social são situações de quebra do sistema de expectativas no interior do jogo simbólico-interativo social, o que produzem e aprofundam cenários de crise. Cenários em que os agentes vulnerabilizados necessitam confirmar a realidade de um modo mais explícito e intenso. As situações-limites provocam choques de realidade pela sensação de destruição do universo simbólico e moral construído e vivido. As emoções de vergonha e de medo avançam causando uma sensação ansiosa do não saber o que fazer e como agir. O que promove nos agentes em cena sofrimentos psíquico e social, que levam à desesperança, ou a um estado de latência ou espera, de um lado. Ou, de outro lado, a uma rejeição da situação de desordem e a possibilidade de descoberta do engodo em que se encontram perante os elementos dispostos e de que não têm controle” (KOURY, 2018).

O convite se estende à leitura do artigo publicado em maio de 2020, intitulado *O Covid-19 e as emoções: pensando na e sobre a pandemia*, que pode ser encontrado na *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, em seu suplemento especial. Nele, Mauro Koury (2020b) traz uma análise do contexto de crises no Brasil, a partir das narrativas de suas/seus interlocutoras/es sobre as condições de vida e emoções decorrentes desse contexto social hostil e desumano. São relatos contundentes que enfatizam o trabalho de campo do pesquisador apesar dos limites do isolamento social, a exemplo das reflexões realizadas por Sônia Maluf (2021) a partir de suas “janelas”.

A terceira publicação é o livro organizado e publicado ainda em 2020, intitulado *Tempos de pandemia: reflexões sobre o caso Brasil* (KOURY, 2020c). Trata-se de uma coletânea de pesquisadores do Norte e Nordeste

para se manifestarem com artigos e ensaios – textuais ou visuais – sobre a pandemia, com reflexões a partir dos seus estados ou municípios; ou para pensá-la em termos mais amplos. Nos dois casos, todavia, sempre vinculando a reflexão às teorias social e da cultura no interior da relação emoções, sociedade e cultura. (KOURY, 2020c, p. 6).

Além da introdução, a obra nos brinda com um capítulo intitulado *As emoções em tempo de isolamento social*. O capítulo reforça os argumentos presentes nas demais publicações, enfatizando o cenário de crises e

a construção insegura de novas rotinas diárias de segurança pessoal e familiar, em que o medo, a ansiedade, a tristeza, e a desesperança são tematizadas na ambivalência de um sentimento de culpa pessoal de não se ter certeza da saída da crise, associado a uma tentativa de “*pensar positivamente*” para não agravar a insegurança familiar. (KOURY, 2020c, p. 8, grifo do autor).

Para concluir, quero dizer que, no estudo sobre o luto e a dor, Mauro Koury se dá conta da privatização das emoções ancorada num sistema moral orientado pelo individualismo e desempenho, em razão do desaparecimento da vida coletividade e do mundo comum, da pessoa relacional e suas formas de solidariedade.

Olhando o conjunto da obra, dei-me conta de que suas publicações entre 2008 e 2010 marcam uma ampliação de sua abordagem sobre o fenômeno, passando do estudo sobre a “emoção” para a antropologia e sociologia das emoções. Acho que essa passagem marca uma inflexão não conceitual, mas empírica na medida em que percebe a pluralidade



e fragmentação do alcance do individualismo, num processo iniciado historicamente nos anos 1970 para a primeira década dos anos 2000.

Da mesma forma, vislumbro que essa inflexão é resultado dos deslocamentos que realiza nos estudos entre a classe média e o homem comum — dos bairros (Varjão/Rangel) — para grupos como o Delta, multiplicando seu campo de pesquisa e investigação. Acrescente-se a cidade de João Pessoa, que se torna seu laboratório, assim como a UFPB.

Para encerrar, apoio-me numa citação do próprio Mauro Koury, presente no ensaio publicado na revista *Dilemas*, no ano passado, quando descreve a “situação-limite” em que vivemos, segue: “E, no entretom de piada grosseira dos insensíveis, riem ao dizerem que, no final, as pessoas morrem, e, se morrem umas a mais ou a menos não faz diferença, faz parte da vida.” (KOURY, 2020a, p. 2).

Só queria avisar aos insensíveis que não é bem assim, nós estamos hoje aqui testemunhando a perda de uma pessoa que fazia a diferença, incluindo também tantas outras que perderam a vida, professores da UFPB, servidores, amigos próximos e distantes, parentes de nossos alunos/as, alunos/as de graduação e pós-graduação, de populações vulneráveis, tradicionais e quilombolas. Estamos atentos aos mais de 100 mil órfãos que herdamos, e a quem devemos muito afeto e uma vida digna.

Por isso, quero reforçar meu agradecimento por essa iniciativa à Revista M; à Rachel Menezes e à Claudia Rezende por compartilharem esse momento comigo.

Referências

ARIÈS, Philippe. **Sobre a história da morte no ocidente desde a idade média**. Lisboa: Teorema, 1989.

BARBOSA, Raoni. Koury: uma história das emoções. In: KOURY, M. G. P.; BARBOSA, R. B. **Da subjetividade às emoções: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil**. Recife: Bagaço; João Pessoa: GREM, 2015. p. 61-112.

DAS Veena. Encarando a Covid-19: Meu lugar sem esperança ou desespero. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-26>. Acesso em: 15 maio 2022.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Lisboa: Ed.70, 2010.



HERTZ, Robert. **Sociologia religiosa e folclore**. Petrópolis: Vozes, 2016.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Antropologia e situações-limites: neoliberalismo e pandemia. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, p. 1-8, 2020a. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-43>. Acesso em: 15 maio 2022.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O Covid-19 e as emoções: pensando na e sobre a pandemia. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 19, n. 55, p. 13-26, abr. 2020b. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>. Acesso em: 11 maio 2022.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (org.). **Tempos de pandemia**: reflexões sobre o caso Brasil. João Pessoa: GREM-GREI; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020c.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Um excuro em torno das noções de situação limite, situação crítica e vulnerabilidades interacionais em contextos de co-presenças engolfadas. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 51, p. 27-37, 2018. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/KouryArt_RBSE_dez2018.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. **Da subjetividade às emoções**: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil. Recife: Bagaço; João Pessoa: GREM, 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A formação do homem melancólico: luto e sociedade no Brasil. **Cadernos de Ciências Sociais/PPGS**, João Pessoa, n. 38, 1996.

MALUF, Sônia. Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. **Tomo**, São Cristóvão, SE, n. 38, p. 251-285, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/14280>. Acesso em: 11 maio 2022.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

THOMAS, Louis-Vincent. **Antropología de la muerte**. México: Fondo de cultura económica, 1993.

Recebido em: 10/05/2022.

Aceito em: 15/05/2022.



| ARTIGOS LIVRES |



UMBANDA INTERIORANA: relato em um terreiro de Vilhena (RO)***RURAL UMBANDA: report in a terreiro in Vilhena (RO)***

Heron Cristiano Mairink Volpi *

Resumo

Essa é uma pesquisa exploratória, por se tratar de um trabalho inicial. A pesquisa deste artigo está engajada em fazer um mapeamento geral sobre a umbanda na cidade de Vilhena, estado de Rondônia. Sabemos que as religiões de matrizes africanas não são politicamente fortes e, portanto, não conseguem grandes movimentos nessa seara, diferentemente das religiões evangélica e católica. Através de um relato etnográfico de terreiros de umbanda no interior de Rondônia, buscamos compreender como se dão as dinâmicas de culto, trabalho e parentesco dentro desses espaços. Por se tratar de um trabalho inicial, no qual cada aspecto abordado poderia ser etnografado de forma mais ampliada, porém, contém as potencialidades de levantar um debate acadêmico novo para o interior de Rondônia.

Palavras-chave: umbanda; religiões afro-brasileiras em Rondônia; Vilhena.

Abstract

This is an exploratory research, as it is a preliminary work. The research in this article is aimed at engaged in mapping Umbanda in the city of Vilhena, Rondônia. We know that in this area African religions are not politically strong and do not constitute major movements unlike the Evangelical and Catholic churches. Through an ethnographic account of Umbanda terreiros in rural Rondônia, we seek to understand the dynamics of worship, work and kinship in these spaces. This is an exploratory research and the limitations of the ethnography are acknowledged. However it has the potential to contribute to academic debate regarding Umbanda in the interior of Rondônia.

Keywords: umbanda; afro-brazilian religions in Rondônia; Vilhena.

Introdução

No livro *Umbanda*, José Magnani (1986) faz um trabalho bastante extenso de descrição dessa religião e seus desdobramentos na cidade de São Paulo. O autor a aborda a umbanda traçando paralelos entre ela, o candomblé e o espiritismo. Magnani faz um compilado de livros que já haviam sido lançados sobre essa temática em meio acadêmico até então. O autor alerta que escrever sobre religião continua sendo um desafio, mas que as previsões dos evolucionistas não se confirmaram: mesmo com os avanços tecnológicos

* Aluno do Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso/Brasil. E-mail: heronvolpi@gmail.com.



e do desenvolvimento do pensamento científico, os homens seguem preocupados com a religião, com as manifestações espirituais e com a vida após a morte.

A umbanda, como já foi assinalado, é o resultado de um duplo movimento: de um lado, apropria-se de elementos já existentes no seio de cultos, ritos e valores religiosos populares que constituíam a macumba e o baixo-espiritismo, bem como o candomblé; de outro, submete-os a um processo de depuração, reinterpretando-os dentro da lógica do kardecismo. (MAGNANI, 1986, p. 29).

A umbanda no Brasil remonta ao “culto às entidades africanas, aos caboclos (espíritos ameríndios), aos santos do catolicismo popular e, por fim, às outras entidades que a esse conjunto foram sendo acrescentadas pela influência do kardecismo” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 143).

As linhas de trabalho na umbanda são tipos de espíritos que se manifestam nos terreiros. Basicamente, essas linhas de trabalho são espíritos desencarnados que se apresentam em grupo através de arquétipos para atuar nas cerimônias. Por exemplo, na gira de baianos somente espíritos que são baianos irão incorporar nos médiuns. As principais linhas de trabalho são: caboclos¹, pretos velhos², crianças³, exus⁴, exus-mirins⁵ e pombas-gira.⁶

Ao observar as entidades, vem a indagação de sua origem. Segundo Birman (1991, p. 43): “As entidades de umbanda são construídas como seres em contiguidade com o mundo humano — seres que já viveram”.

Os dados que puderam ser levantados por acadêmicos de História, contam que as religiões de matrizes africanas se espalharam por toda região amazônica com os fluxos migratórios maranhenses a partir do primeiro ciclo da borracha nas duas primeiras

¹ Os caboclos são espíritos indígenas. Conhecidos por serem guerreiros e sérios. Seus passes energéticos são procurados por serem poderosos.

² Os pretos velhos são uma linha de trabalho de entidades da umbanda. Apresentam-se sob o arquétipo de idosos africanos que viveram nas senzalas e morreram de velhice ou no tronco. A prosa dessas entidades costuma ser carregada de expressões linguísticas antigas como: vosmecê, trabuco e carece.

³ Crianças na umbanda é uma falange de espíritos que se apresenta arquetipicamente com uma mentalidade infantil. Quando esses espíritos “descem” devem ser tutelados e vêm para receber atenção e presentes dos mais velhos.

⁴ A umbanda não é uma religião essencialmente maniqueísta, o exu, que mora no “inferno” atua no polo “negativo”, e é considerado um ser benigno, por combater o mal com o mal.

⁵ São exus mais próximos de arquétipos rebeldes: pré-adolescentes e adolescentes.

⁶ São mulheres ligadas à luxúria e aos prazeres da carne. Quando incorporam gostam de vestir saias longas e beber bebidas chiques e finas. Algumas são ex-prostitutas. Vêm à terra para ajudar e proteger os encarnados. Seus conselhos e trabalhos costumam estar ligados ao amor e ao dinheiro.

décadas do século XX. Esses migrantes, que ocuparam todas as principais cidades do norte do país, abriram terreiros nas maiores capitais (Belém, Manaus, Porto Velho, Rio Branco). Os terreiros eram de tambor de mina, um sistema religioso africano e tendência cultural presente nos cultos do interior do Maranhão (Codó, Cururupú, Santo Antônio).

A memória social informa que o primeiro terreiro de Rondônia foi fundado por volta do ano de 1917 por populações de migrantes afrodescendentes oriundos dos Estados do Maranhão, do Piauí e do Pará. O terreiro fundado adotava a religião chamada Tambor de Mina e recebeu o nome de Recreio de Yemanjá (LIMA, 2016, p. 92 apud LIMA, 2001).

Somente em 1960, os cultos umbandistas passaram a ocupar a região amazônica através da implantação das políticas desenvolvimentistas dessa região pelo Governo Federal, na fase da execução dos Projetos de Assentamentos Dirigidos (PADs) e dos Projetos Integrados de Colonização (PICs). A umbanda, então, se enraizou e se expandiu em Rondônia. Durante essa década, foi fundado o primeiro espaço religioso socialmente reconhecido como umbanda, o Terreiro de São Sebastião. As práticas desse terreiro não se diferenciavam essencialmente dos ritos do tambor de mina. (LIMA, 2016, p. 91, 98).

A umbanda, ao chegar à Amazônia nos anos 1960, já encontrou o tambor de mina instalado, e incorporou de maneira orgânica, não só as próprias concepções do tambor de mina, mas a pajelança indígena local, e ampliou o seu panteão de entidades espirituais. De forma que a umbanda ocupou uma posição de religião nacional e reformulou o mapa dos cultos afro-brasileiros em todas as regiões do país. (FURUYA, 1980 apud LIMA, 2016, p. 91).

O Censo 2010⁷ divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012) aponta que 33,8% da população do estado de Rondônia se autodeclara evangélica, portanto, vivemos no estado mais protestante do país. Comparado com o censo de 2000, houve um crescimento de 6,6% de evangélicos em Rondônia. Católicos passaram de 60% para 47%. E os que se declararam sem religião em 2010 representam 14,3%, quase o dobro da média nacional, que é de 8%.

Devo mencionar a delicadeza do assunto abordado neste artigo — religião — e dizer que depurar este texto tem sido um grande aprendizado para mim.⁸ Não proponho

⁷ Um novo Censo deveria ter sido realizado em 2020, mas foi postergado devido à pandemia de Covid-19.

⁸ Agradeço aos professores do mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso pelas críticas recebidas quando apresentei esse artigo como trabalho final de Teoria Antropológica I.



aqui um artigo extenso. Contudo, o que fica de mais importante, são os processos de recolhimento de informações e um levantamento de um quadro geral do que vi.

Objetivos

Este texto se propõe fazer análises dos principais aspectos sociológicos e de rito da umbanda vilhenense através de um terreiro: Terreiro do Pai Baiano do Rio Vermelho da Areia Branca. Também é um texto em que se presta a expor os erros e pedregulhos em que o autor se envolveu. Pois, por mais que façamos diversas leituras e aulas de etnografia, é realmente o campo e os apontamentos dos revisores que norteiam de fato o trabalho do etnógrafo.

Neste texto, há uma marca indelével dos percalços de um antropólogo novato. Não seria um erro crasso apagar essa marca, mas de alguma forma, esconderia o risco tomado pelo autor, tanto em nível etnográfico quanto em nível pessoal. O que não deixa a pesquisa mais superficial, mas evidencia ao leitor a sujeição ao erro em que ela está alocada.

Quais seriam os meus objetivos ao fazer um relato no terreiro do meu amigo? O primeiro objetivo seria o mais pessoal possível: conhecer o culto. O segundo, criar um relato para a disciplina de Teoria Antropológica I. Descortinava-se na minha frente um mundo bastante novo. Fui em busca de padrões generalistas dos três terreiros que visitei. Ou seja, essa pesquisa não se tornou etnográfica. De forma que buscou principalmente traçar um retrato geral dos lugares de umbanda em Vilhena.

A cidade de Vilhena – Rondônia

Vilhena é a primeira cidade da Amazônia Ocidental, o que lhe permite ser chamada de “Portal da Amazônia”. A história da cidade data do começo do século XX, por volta de 1910 com a passagem do Tenente Coronel Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, quando fixou nos campos do Planalto dos Parecis um posto telegráfico, na linha Cuiabá/Santo Antônio do Alto Madeira, o qual ligaria as principais cidades do oriente do país: Cuiabá e Porto Velho. O nome “Vilhena” foi denominado por Rondon, em homenagem ao ex-chefe Álvaro Coutinho de Melo Vilhena, natural do Maranhão, engenheiro chefe da Organização da Carta Telegráfica Pública.



Durante quase 50 anos, foi o Posto Telegráfico da passagem do homem civilizado por esta região e, somente a partir do final da década de 50, a sua presença tornou-se mais efetiva. No ano de 1959, o Presidente Juscelino Kubitschek iniciou a BR-29 (Brasília/Acre), atual BR-364, que integrava a região Norte com as demais Regiões do País. No ano de 1964, ocorreu através do IBRA (Instituto Brasileiro de Reforma Agrária), e depois do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), a distribuição de terras da União aos colonos, dispostos a adquiri-los e se fixarem na Região. Este fator atraiu migrantes de todos os quadrantes do País. Nesta ocasião, que chegavam as primeiras cabeças de gado (80 rezes), instalavam-se aqui: o primeiro Posto de Gasolina; o primeiro Hotel e Restaurante; tudo de propriedade do pioneiro Ferreira Queiroz. (PREFEITURA DE VILHENA, *online*).

Andando pela cidade, não é difícil perceber que a religião tem presença massiva na vida das pessoas. Os espaços físicos onde a espiritualidade é celebrada tomam lugares por todos os bairros da cidade. A maioria dos templos são pequenas casas evangélicas. Mas existem os massivos templos evangélicos, como os da Assembleia de Deus e da Igreja Luterana. As igrejas católicas, apesar de serem em menor número, são espaços maiores e muito bem localizados, e, portanto, recebem mais pessoas em seus cultos. Hoje, Vilhena tem cerca de cem mil habitantes, sendo a quarta maior cidade do estado de Rondônia. As maiores cidades do estado são em ordem decrescente: Porto Velho (capital), Ji-Paraná e Ariquemes.

A religião que liga o homem ao que é divino por intermédio de ritos, encontra na cidade condições especiais para o seu desenvolvimento e manifestação. Fazer o estudo original deste artigo foi muito delicado, pois envolve a religiosidade de pessoas, e literalmente não há nada mais sagrado para nós que nossos deuses.

Métodos

Há dentro da antropologia e das ciências sociais um grande problema em relação ao emprego da primeira pessoa na escrita acadêmica. Como se o “eu” devesse estar como uma identidade oculta. Esse problema de metodologia foi superado em algum momento (ou não) pela antropologia, que destituiu do imaginário científico a possibilidade de o pesquisador conseguir se manter neutro o tempo todo. Novos antropólogos têm maiores aderências ao emprego de suas próprias experiências em trabalhos acadêmicos. Por outro lado, há aqueles que rechaçam essa possibilidade e associam o “eu”, somente às biografias.



Na apresentação do livro *Antropologia das sociedades contemporâneas*, Bela Feldman-Bianco (1987) faz um grande apanhado em relação a metodologias e epistemologias que a antropologia frequentou. Ela faz um sobrevoo sobre a “teoria da ação” em substituição às outras teorias e abordagens prevalentes na antropologia até os anos 1940. Essa teoria está mais interessada em descobrir o comportamento concreto por meio de observações.

Nos anos 70, Gilberto Velho (1973), apontou uma questão teórico-metodológica que ainda perdura na academia: a preocupação em traçar rigidamente os limites entre investigação sociológica e a antropológica. O autor pondera que o estudo acadêmico em meio urbano, por sua complexidade, exige o “concurso de diferentes tradições de trabalhos”. Dessa maneira, história, geografia, antropologia, sociologia e psicologia deveriam dialogar nas pesquisas. O estudo de religiões na cidade só pôde ser viabilizado na antropologia quando seu braço urbano surgiu.

A presença das religiões mágicas na cidade não se realiza como contradição ou ruptura entre os conceitos pretensamente antinômicos, isto é, “magia” na aldeia e “racionalidade” na cidade. O desenvolvimento urbano não é necessariamente obstáculo ou impedimento ao pensamento mágico. Não se trata de ruptura entre religião e secularidade ou entre magia e racionalidade, mas de uma continuidade possível, pelo diálogo entre práticas, valores e significados destoantes, conflitivos ou convergentes, que caracteriza a vida multidimensional da cidade (MAGNANI, 1986, p. 98).

Nestor Perlongher (1993), no texto *Territórios marginais*, comenta sobre algumas exigências metodológicas que se desdobraram para a antropologia urbana. De forma sucinta, tentaremos elucidar os três pontos principais. O primeiro ponto é a exigência de local: na prática social, não se pode referenciar um lugar único, mas múltiplos. O lugar-território, clássico da antropologia, deve ser deixado de lado e admitido a *plurilocalidade* da vida na sociedade contemporânea, privilegiando os espaços intermediários da existência social, percursos, trajetórias e devires. O segundo ponto é a homogeneidade na etnologia urbana, que funciona como uma demanda para os estudos etnográficos. O pesquisador não deve inventar homogeneidades, mas procurar aprender unidades reais de funcionamento, e, para tanto, deve pesquisar grupos mais ou menos homogêneos. Como último ponto, Perlongher se refere ao segundo ao dizer que o mesmo recurso metodológico deve valer para o plano de crenças e representações.



Terreiros da cidade de Vilhena

Fui a três terreiros da cidade, em um espaço de tempo de seis meses. A partir do Terreiro de Umbanda Pai Baiano do Rio Vermelho da Areia Branca construí o relato presente neste artigo. Contudo, considerando similaridades com os outros terreiros da cidade, também ensejei escrever sobre construções sociais que pudessem ser mais genéricas, ou seja, presentes em todos esses lugares. Além do terreiro principal, fui ao Terreiro Cosme & Damião. Este lugar de umbanda, está em uma chácara, há quinze minutos de carro do centro da cidade. O outro terreiro visitado é o Terreiro da Mãe Suzi e Pai Roque, há vinte minutos de carro do centro da cidade.

Terreiro de Umbanda Pai Baiano do Rio Vermelho da Areia Branca: relato

Ensejando o que escrevi até aqui, o autor do texto deve se apresentar. Meu interesse pelas religiões de matrizes africanas vem de muito tempo. O primeiro livro que eu li sobre magia e espiritualidade foi *Umbanda sem medo* de Flavio de Oxóssi. Um livro que contém explicações ricas e gerais sobre a religião. Apesar de ter lido esse livro há muito tempo, ainda havia em mim certo recalçamento de visitar casas umbandistas, principalmente por ter crescido nas cercanias das igrejas evangélicas, por (in)fluência da minha mãe.

Nesse contexto, eu já estudando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Mato Grosso, fui pela primeira vez em um terreiro de umbanda⁹ na minha cidade, Vilhena (RO). Apesar de não ter chegado lá com intenções claras de construir um relato etnográfico, em alguns momentos, visualizei a possibilidade de ele existir, justamente para “cientificizar” fatos que me aconteceram no terreiro, de forma a não me envolver completamente nas dinâmicas exercidas no ambiente. Tenho um amigo muito próximo, Jhonatan Tozi, que é frequentador e médium assíduo do Terreiro de Umbanda Pai Baiano. Então, convidei-me para ir.

O terreiro fica localizado no bairro Embratel, distante quinze minutos de carro do centro da cidade, o que para uma cidade média, é muito tempo no transporte. O relato a

⁹ Ressalto que a comunidade do Terreiro Pai Baiano do Rio Vermelho da Areia Branca sabia do relato etnográfico que seria construído. Tendo eles acesso ao texto antes de ser submetido à avaliação da Revista Caos.



seguir é fruto de seis visitas espaçadas durante um tempo de dois meses. Portanto nunca fui um frequentador assíduo ou um fiel do terreiro.

Quando cheguei ao terreiro, às 19h30min, horário marcado para começar os trabalhos, as pessoas ainda estavam em frente a casa conversando. Uma residência muito simples, em uma rua sem asfalto, em um bairro pobre da cidade. A casa é pintada de verde, com uma pequena área em frente, onde algumas cadeiras se emparelham para que alguns possam se sentar. Outros estão mais distantes, também conversando. Depois de algum tempo, um senhor passa por nós. Ele parece estar com pressa e vai até seu carro. Alguém lhe grita para que possa pegar o banho que lhe fora preparado, ele volta para buscar a garrafa pet que carrega ervas e água, contudo, percebe-se claramente que ele está incomodado com a situação, ou mesmo que seja, com a exposição que lhe fora imposta no ambiente dos que esperam.

Em relação a horários, nesse terreiro, não há hora exata para começar e nem para terminar os compromissos. Como relata meu amigo Jhonatan no áudio:

Porque assim, como você vai tá comigo, eu só saio de lá amigo, Deus sabe que horas. Tenho horário pra chegar, horário pra sair eu não tenho, tá? Pode ser, dez, dez e meia, onze, meia noite, vai depender de como os trabalhos vão estar acontecendo (informação verbal)¹⁰

Realmente, nesta primeira visita, assim como nas outras, os presentes só puderam sair depois da meia noite.

Já passa das 20h10min quando somos convidados a entrar em uma pequeníssima sala que deve ter três metros de largura e quatro metros de comprimento, é realmente muito simples. A entidade Maria já está incorporada em seu “cavalo”, termo animal que denomina o ser humano a ser usado pela entidade para manifestação em terra. Essa adaptação dos cultos às exigências da cidade, Magnani (1986) também encontrou em São Paulo:

A Casa das Minas de Thoya Jarina, de pai Francelino, instalada num sobrado geminado, é um dos mais contundentes exemplos da dinâmica do sistema simbólico e de adaptabilidade ritual do terreiro às contingências espaciais da cidade. A sala em que as festas acontecem praticamente toda semana (devido ao calendário intenso da nação mina-nagô) ocupa uma minúscula área de

¹⁰ Informação dada por Jhonatan Toze sobre os horários do terreiro em 6 de agosto de 2021 via Whatsapp.



aproximadamente quatro metros quadrados nos quais cerca de vinte pessoas dançam e assistem aos seus alegres e festivos tambores em homenagem aos vodus encantados (MAGNANI, 1986, p. 98).

O cavalo de Maria é uma mulher por volta de seus quarenta anos. A “ritualidade” começou mais tarde, pois o cavalo havia chegado do serviço atrasada, e só pôde começar os trabalhos da incorporação depois de cumprir os protocolos de banho. Por diversas vezes, referindo-se a outras sessões, meu amigo me contou que não haveria reuniões, pois o cavalo estava com alguma dor física, o que na minha cabeça leiga, nunca foi entendido. De um padre, por mais que esteja com dor, se espera que cumpra suas funções no dia da missa, e se não puder estar presente, outro padre o substituirá. O mesmo aconteceria com um pastor de uma denominação evangélica. Porém o cavalo tem trabalho regular, “de carteira assinada”, junto ao fato das grandes exigências físicas demandadas pelos trabalhos, o que abre espaço para que se cancelem as reuniões semanais. Portanto é imprescindível, para que os trabalhos aconteçam, que o cavalo de Maria esteja muito bem de saúde e se sentindo muitíssimo bem-disposto.

Pergunto qual o rito, e a entidade Maria, que é uma entidade da linha de trabalho baiana,¹¹ diz que devo pedir-lhe a benção agachado. A voz da entidade é engrossada e imposta, ela tem um fino senso de humor e é rápida nas respostas. Maria chama a cerveja gelada, com que é servida, de “loira”, e sua cumbuca é sempre abastecida por algum membro do terreiro. Este membro deve estar sempre a postos para encher os copos com bebidas e trazer e levar os apetrechos utilizados pelas entidades, como chapéus, cigarro, charuto, muletas, panos, cocares, entre outros.

Um jovem rapaz toca o tambor, ele deve ter por volta dos vinte e cinco anos. Ele é filho do cavalo de Maria. E embora as observações tenham sido realizadas no Brasil interior, vale trazer as observações realizadas em São Paulo por Magnani:

O toque dos atabaques é inconfundível: anuncia o começo da gira semanal num dos incontestáveis centros de umbanda da cidade, e não é preciso ser filho-de-fé para receber um passe do caboclo ou conselho do preto-velho. É dia da sessão de caridade e todos são bem-vindos em sua busca de ajuda para as aflições e perplexidades que a vida na grande cidade parece multiplicar. (MAGNANI, 2009, p. 19).

¹¹ Baianos são espíritos alegres que trabalham em giras próprias ou de outras linhas de trabalho. Costumam ter o sotaque baiano, são espirituosos, conselheiros, afetuosos, muito sinceros e líderes. Assim como Maria.



A entidade aconselha o rapaz a não beber tanto como anda fazendo, um conselho que carrega uma maternidade consigo. Este mesmo rapaz, posteriormente ao conselho, recebe uma entidade, um preto velho. E então começa a tocar o atabaque. Na sala há poucas pessoas, por volta de dez. A “gelada” vai passando entre uma e outra pessoa, em uma corrente, na qual todos devem beber. Ao centro, Maria, de pé, comanda os trabalhos, em que vários pontos¹² são tocados. Uma senhora idosa, que aparenta ter mais de setenta anos, também incorpora. Cinco pessoas incorporam a linha de preto velho. Maria está feliz, e, entre um ponto e outro, conta um caso. Ela é a entidade que lidera os trabalhos, e aconselha que a entidade incorporada na senhora idosa beba menos: “cuidado com seu cavalo”. Esta senhora idosa, vem a ser a mãe do cavalo de Maria. Mais à frente exploraremos melhor como essas relações de parentesco desenham este terreiro.

Interessante o fato de que por várias vezes a entidade de Maria libera seu cavalo. Ela vai até o pequeno altar e sai do corpo da senhora, desta maneira o cavalo pode resolver algum problema que lhe aparece, como o filho que acabou de chegar do trabalho. Outra nota que se faz é que este terreiro está dentro do quintal da família, mostrando que a grande materialidade com que algumas religiões se versam, não se aplica a esta umbanda interiorana.

O jogo com que Maria “entra e sai” de seu cavalo é interessante, e demonstra que essa incorporação não é difícil para essas duas: o cavalo¹³ (mulher) e a entidade. A incorporação acontece quando uma pessoa recebe um espírito em seu corpo, e esse espírito passa a controlar a totalidade de suas faculdades físicas. O processo de incorporação é difícil, pois exige muito estudo e dedicação. Mas Maria — a entidade que lidera o Terreiro do Baiano do Rio Vermelho da Areia Branca — e seu cavalo fazem a incorporação parecer bastante fácil: o cavalo se aproxima do pequeniníssimo altar, abaixa a cabeça, e, em um pequeno impulso para trás incorpora ou desincorpora a entidade Maria. Gostaria de ressaltar que essa não é uma perspectiva interna da pessoa que incorpora. Portanto o que parece ser fácil pode ter exigido anos de dedicação.

¹² Pontos são os cânticos da Umbanda. Eles ajudam na elevação vibracional e qualificam o ambiente e os médiuns para que recebam as entidades. Cada grupo de entidades: baianos, índios, boiadeiros etc., tem seus próprios pontos.

¹³ Mulheres médiuns também são referenciadas pelas entidades no masculino: o cavalo de Maria.

Já se passava da meia-noite quando Maria, lembrando da importância do trabuco¹⁴, e que muitos que estavam ali trabalhariam no outro dia, vai embora. Pergunto para o meu amigo para onde ela vai, ele diz que ela vive em Aruanda, e ainda trabalha em outros terreiros.

Melhora no espaço físico do terreiro

Fui outras vezes ao terreiro, mas desta vez, por oportunidade dos trabalhos finais das disciplinas de mestrado, fui com maior convicção de construir um relato do ambiente. Nas minhas novas idas, havia um ambiente completamente novo, um espaço muito melhor. Provavelmente seis vezes maior que a pequena sala anterior. O espaço fora recentemente construído pelos fiéis no mesmo terreno da casa, porém, na outra ponta do quintal. Uma construção de madeira com terna decoração colorida em seu interior. Todo o sincretismo religioso das religiões mais disseminadas no Brasil concretizado por meio da decoração do lugar. Imagens de santos em quadros e físicas; bandeirolas de São João no teto; imagens de pretos velhos sentados em tocos; terços (católicos) etc. Um altar diverso e muitíssimo colorido.

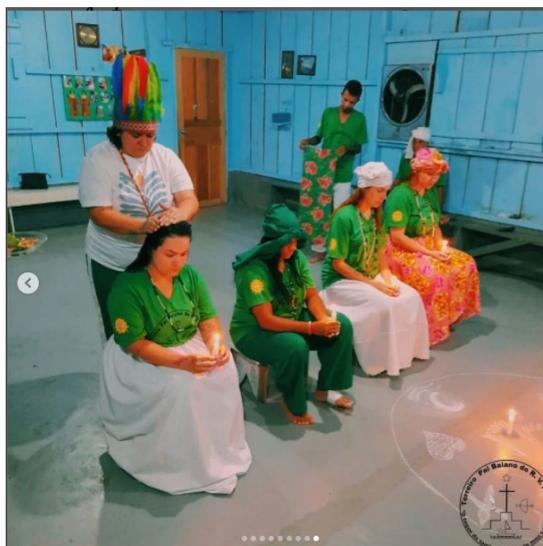
Figuras 1 e 2 – Altar diverso e colorido no novo terreiro



Fonte: página do Instagram do Terreiro do Pai Baiano do Rio Vermelho da Areia Branca (2021).

¹⁴ Trabuco é a forma com que Maria se refere ao trabalho.



Figura 3 – Iniciando os trabalhos: passes

Fonte: página do Instagram do Terreiro do Pai Baiano do Rio Vermelho da Areia Branca (2021).

Em relação às minhas anotações antropológicas, fiquei constrangido de entrar com minha caderneta. A aura não é de estudo, e não há tantas pessoas para que cada um não seja notado. Mas desejo deixar claro aqui a anuência de minha pesquisa pelos fiéis retratados. Deixei minha caderneta em minha mochila e anotei as palavras-chave em um intervalo de cinco minutos que nos deram e ao final da segunda gira. Desta vez, o pai de santo, que é caminhoneiro, está presente. Há mais pessoas. Pelo menos dez médiuns envolvidos em uma gira de movimento circular, rodando ao centro da sala. Ao todo, deviam estar presentes vinte e cinco pessoas. Há também adolescentes e senhoras que estão atentas para possíveis demandas da gira.

Durante a gira, cada linha espiritual é recebida por vez. Em movimentos circulares, os médiuns despertam a corrente magnética. Apenas alguns médiuns da gira recebem as entidades. Assim que incorporadas, as entidades fazem suas demandas materiais. Os primeiros são os pretos velhos que demandam cachimbo e bengala. Quem vêm depois são os espíritos que são índios, estes precisam de cocares, que são adornados com pedrarias e enfeites importantes.

Ciganos, boiadeiros, pretos-velhos, caboclos, exus, todos esses personagens cujos suportes históricos em vida foram explorados, marginalizados, ocupando

os interstícios do sistema, toda a legião dos seres liminares, enfim, são transformados nos terreiros populares, por um processo de inversão, em heróis dotados de força espiritual, capazes de socorrer aqueles que hoje, sujeitos talvez às mesmas vicissitudes, os invocam (MAGNANI, 1986, p. 48).

Todos os visitantes do terreiro podem abordar os guias quando estes estão incorporados em algum médium. Contudo não há um momento específico para que isso aconteça.

Como se tonar médium

A pessoa interessada em se tornar médium deve ir ao terreiro pelo menos três vezes. A partir do interesse em entrar na gira, ela será entrevistada pelo pai de santo da casa incorporado por seu guia, que irá averiguar todos os interesses. O guia dirá quais são os prós e os contras, explicará todos os pesos, responsabilidades e compromissos, principalmente ligados ao comparecimento assíduo do provável médium. Depois disso, essa pessoa pode entrar na gira e começar seu desenvolvimento.

Pelo menos nesse terreiro não há a exigência que se estude por longos períodos para que se receba as entidades, ao contrário do espiritismo kardecista ou de outras religiões cristãs, em que os desenhos hierárquicos são maiores, e, portanto, exigem mais tempo.

Por exemplo, em uma casa espírita kardecista que segue as diretrizes da FEB (Federação Espírita Brasileira), um médium deve ficar em preparação por cinco anos. Estudando o ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita) que são três anos. E depois mais dois anos no Estudo e Prática da Mediunidade.

Preparação física

Quem está na gira não é o pai de santo, nem o cavalo de Maria, estes estão no meio, ou ao lado, comandando os cânticos e trabalhos. Os médiuns da gira, contudo, uma vez incorporados por entidades, não conversam como aquelas entidades recebidas pelos médiuns mais polidos, caso do pai de santo e do cavalo de Maria, eles aceleram a batida do pé e o girar do corpo. Aliás, dessa vez, Maria aparece tarde na reunião, e sagazmente logo diz: “não tenho tempo a perder”.



Outro aspecto importante é a preparação física exigida pela “ritualidade” desse terreiro de umbanda. Os médiuns ficam girando, aproximadamente, quatro horas sem parar, marcadas pelo atabaque. Com pequenos passos criam a corrente magnética exigida para que as incorporações aconteçam. Sintomático desta observação foi quando, eu sentado no banco, olhei diretamente para um jovem rapaz médium que estava em gira, bastante magro. Imediatamente ao perceber meu contato visual, ele respirou profundamente, como se dissesse que estava absolutamente cansado. Também há a importância da sociabilidade para a umbanda; as giras só podem acontecer em um grupo de pessoas.

A marcação de gênero

“Que um homem não te define. Sua casa não te define. Sua carne não te define. Você é seu próprio lar”. Com esse verso da música *Triste, louca ou má* (2016), de Francisco, El Hombre, decidi começar esta parte do texto, para exprimir que, por mais que se possa pensar que ao se morrer, os gêneros sexuais “devam” ir embora, já que a “carne” se esvai, mas não é isso que acontece. Na gira, as mulheres ficam de um lado e os homens de outro. Em dado momento um rapaz colocou uma saia, então, imediatamente foi mandado para o lado das mulheres na gira. O cavalo de Maria, ao receber a entidade feminina usa uma saia roxa, e, ao receber um marinheiro, trocou seu figurino para uma calça branca. Isso também demonstra que as mulheres podem receber entidades masculinas e vice-versa. Maria, na minha primeira ida ao terreiro, contou, entre um caso e outro, que não se pode fazer sexo no mundo espiritual, ou seja, na terra dos mortos, de onde ela vem, lá não há sexo. Aqui também se aprofunda a questão trazida por Judith Butler nos atos performativos e de construção de gênero:

A construção não apenas ocorre *no* tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas; o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou *ritual*, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma. (BUTLER, 2019, p. 9-10).



Com isso podemos aferir que há espíritos que se identificam como “machos”, e espíritos que se identificam como “fêmeas”. O gênero, portanto, dentro do contexto umbandista da casa visitada, pode não estar na “carne”, ou seja, no corpo que temos e nascemos nele, mas pode estar na projeção mental em que nos autodeclarámos, visto que espíritos não têm “carne”, mas continuam expressando, nas incorporações, a dicotomia entre o que é de homem e o que é de mulher. Os espíritos não abrem mão de que seus cavalos estejam usando roupas condizentes com sua sexualidade, por exemplo, um boiadeiro incorporado em uma mulher jamais poderia estar usando uma saia.

As ambiguidades

Clifford Geertz (1978) fala sobre a celebração das ambiguidades que se dá no seio das religiões em geral como forma de superação das duras realidades enfrentadas por todos os povos, pelo simples fato da existência da vida humana. Ou seja, a religião é uma forma de encarar a vida.

A estranha opacidade de certos acontecimentos empíricos, a tola falta de sentido de uma dor intensa e inexorável e a enigmática inexplicabilidade da flagrante iniquidade, tudo isso levanta a suspeita incomfortável de que talvez o mundo, e portanto, a vida do homem no mundo, não tenha de fato uma ordem genuína qualquer – nenhuma regularidade empírica, nenhuma forma emocional, nenhuma coerência moral. A resposta religiosa a essa suspeita é sempre a mesma: a formulação, por meio de símbolos, de uma imagem de tal ordem no mundo que dará conta e até celebrará as ambiguidades percebidas, os enigmas e os paradoxos da experiência humana. O esforço não é para negar o inegável – que existem acontecimentos inexplicados, que a vida machuca ou que a chuva cai sobre o injusto – mas para negar que existam acontecimentos inexplicáveis, que a vida é insuportável e que a justiça é uma miragem (GEERTZ, 1978, p. 123).

A umbanda não contradiz as ambiguidades, e de forma generalista, apoia a ideia de que o sofrimento é necessário para que haja a evolução do espírito. Contudo, *o mal* tem outra inserção na filosofia umbandista se comparado com o discurso cristão ocidental, no qual o mal deve ser totalmente repellido e evitado.

A umbanda, em seu discurso popular, celebra o céu e o inferno, pois alguns dos espíritos que recebem prestações energéticas daqueles que estão encarnados, vêm direto do “profundo”. Estes espíritos que “vêm debaixo da terra” são invocados para que cumpram sua função em relação ao mal, pois são cumpridores das leis divinas, em que o



mal deve ser pago com o mal. Ao mesmo tempo em que essas entidades são invocadas de lugares mais infernais, outras tantas são ternas e paternas, vindas “do céu”. A gira de direita convoca os espíritos “bons”, que são os caboclos, os índios, os pretos velhos... Já a gira de esquerda atua com exus, que são responsáveis por manipular e absorver as energias densas, vindas do inferno.

Carl Gustav Jung (2015) — que passou sua vida procurando por explicações do comportamento humano — enseja a ideia de um Deus ambíguo. Jung esteve inserido em uma sociedade europeia predominantemente católica e protestante, e seu pai foi pastor. A declaração a seguir foi expressa pouco depois da II Guerra Mundial.

[...] o Deus do Novo Testamento não é, em sentido algum, um Deus do amor, e sim, um Deus vingativo, terrivelmente vingativo, que até mesmo sacrifica o seu próprio filho para que ele se livre de seu aborrecimento. As coisas se encaminham dessa forma. A situação psíquica do homem espelha-se claramente nisso. É completamente impossível imaginarmos um criador do mundo que não seja um par de opostos. Ele tem que ser opositivo, caso contrário não teria energia. Não haveria a criação da luz a partir da escuridão. Quando não há escuridão, também não existe luz a partir dela e, se não há luz, não existe escuridão. Assim é. Mas quando as duas coisas são separadas, a questão se torna complicada. Há uma representação ambivalente de deus que constantemente ocultamos de nós mesmos. Os teólogos a ocultam de si mesmos. (JUNG, 2015, p. 28-29).

Para a filosofia umbandista, o bem e o mal são complementares. Como o próprio yin e o yang, conceito oriental do taoísmo, exemplo entre tantos outros conceitos antagônicos que se somam.

Dentro da umbanda, a dualidade se encontra no seio da própria ideia de Deus. Deus não está contra o mal. Mas o próprio Deus se articula através do mal. Ou seja, parte de Deus é má. O livro *O guardião da meia-noite*, psicografado por Rubens Saraceni (1991), mostra como os exus — que são demônios — trabalham *com e para* a evolução dos povos. Os exus também são recebidos através de incorporações no terreiro que fui.

Obrigações e lembretes

Ao final da gira, sabemos que o cavalo do pai de santo vai voltar a viajar de caminhão a trabalho. Segundo o preto-velho incorporado nele, o terreiro está lindo fisicamente, e energeticamente, está forte. Contudo, esta mesma entidade alerta que se ao



voltar, o terreiro tiver piorado, ele faria algo de mau, como já havia feito antes. Aqui vemos a cobrança pela continua espiritualização e esforço dos fiéis que ali estavam.

O pai de santo é irmão do cavalo de Maria. A mãe do pai de santo também está ali, assim como suas filhas e filho, criança que deve ter uns quatro anos. Mostrando, assim, o parentesco deste terreiro no interior de Rondônia. Que não responde a nem um outro terreiro; as grandes hierarquias religiosas, aqui, não são presentes.

Todos os membros do Terreiro do Pai Baiano do Rio Vermelho da Areia Branca são cobrados para que tragam os objetos que suas entidades precisam: cocares, bengalas, cachimbos, saias etc. O preto velho os alerta para que haja maior concentração e entrega durante as giras, o tom de voz usado é incisivo.

Visitas a outros terreiros da cidade

Também fui a outros terreiros da cidade. No Terreiro Cosme & Damião, sempre havia cerca de oito visitantes, em média, dezoito pessoas entre médiuns, instrumentistas e a mãe de santo. Perguntei sobre o parentesco do local para uma médium, já que algumas vezes ouvia um ou outro médium chamando a mãe de santo — quando não estava incorporada por alguma entidade — de vó. Então a jovem médium¹⁵ me respondeu que todos que estavam ali — excluindo os visitantes — eram netos da mãe de santo. Fiquei com isso na cabeça. Em outra oportunidade, não em uma visita ao terreiro, um dos médiuns do local me relata que, na verdade, ela não é vó de sangue dos médiuns, mas os acolhe, e, então, pede que eles a chamem de vó.

Aqui, eu cometi um erro grave ao recolher informações, pois facilmente acreditei que todos os médiuns desse terreiro eram netos consanguíneos da mãe de santo, o que me aludia ao parentesco do Terreiro de Umbanda Pai Baiano. Mas isso faz diferença em um mundo de religião e afetos? Em um texto que se propõe acadêmico, sim. Pois se espera que as informações venham depuradas. Por isso é tão caro à etnografia o tempo e a exposição alongada ao campo.

Nas minhas duas idas ao Terreiro Cosme & Damião pude perceber que as dinâmicas de tempo eram praticamente iguais se comparadas ao Terreiro do Pai Baiano

¹⁵ Todos os médiuns desse terreiro eram jovens que aparentavam ter menos de vinte e cinco anos.



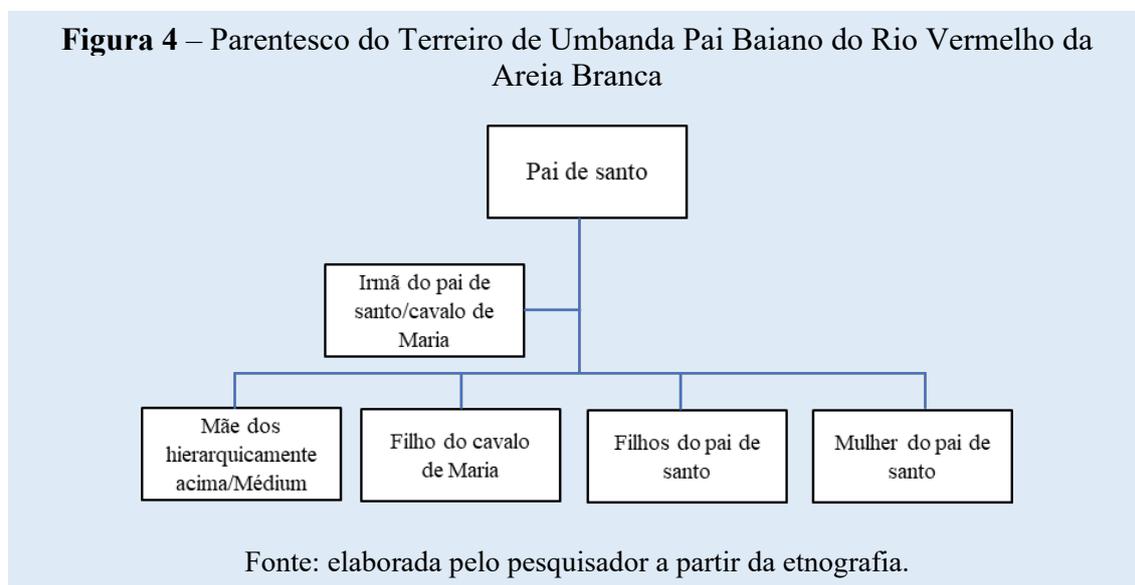
do Rio Vermelho da Areia Branca. Ou seja, os ritos começavam por volta das 19h30min, e terminavam por volta da meia-noite. Havia também um clima muito familiar entre todos os presentes. Como dito, a mãe de santo chamava todos os cerca de quinze médiuns de netos ou filhos. Absolutamente todos.

A localização espacial também se dá em uma zona periférica da cidade. O terreiro também está dentro do quintal de sua mãe de santo. Mas, por se tratar de uma chácara, há mais espaço.

O terceiro terreiro que visitei é o Terreiro da Mãe Suzi e Pai Roque, que também apresentou as mesmas características de tempo, espacialidade e parentesco. Ou seja, o terreiro estava no quintal da família da mãe de santo, muitas relações consanguíneas e duração ritual de cinco horas em média.

Parentesco do Terreiro de Umbanda Pai Baiano do Rio Vermelho da Areia Branca

Na figura a seguir apresentamos o parentesco consanguíneo do terreiro:



Portanto o pai de santo é o grande chefe da casa. Mas, por ser caminhoneiro, não está presente na maioria das reuniões. Sua irmã, então, toca os trabalhos, quase sempre incorporada por Maria. Os fiéis da casa, portanto, obedecem a essas lideranças.

Considerações finais

Em todos os terreiros visitado na cidade, o local de celebração dos cultos era parte do quintal da família do pai ou mãe de santo. Assim, podemos aferir a estruturante noção de família dentro destas celebrações no interior de Rondônia. Todos esses locais eram pequenos, com média de quinze pessoas por culto.

Muitas vezes, nós, antropólogos, como pessoas reais, revestidos ou não do arquétipo científico, vamos a centros como esses esperando um sinal claro de que há um mundo dos mortos. Esperamos um segredo que ninguém mais sabe, algo que comprove a existência do “além”. Mas esse mundo não parece tangível a olhos nus, e não está disponível para reles visitantes, é necessária a reiteração do compromisso com as dinâmicas do culto para que as entidades, de alguma forma, ajudem a vida dos fiéis.

Jeanne Favret-Saada, em 1977, percebe que a bruxaria não se submete à descrição etnográfica, ao menos não ao que se pode obter por meio do distanciamento eficaz:

Descrever a bruxaria de Bocage [...] só é possível voltando a essas situações em que me designavam um lugar. As únicas provas empíricas que eu posso fornecer da existência dessas posições e das relações que elas mantêm são fragmentos de relatos (FRAVET-SAAD, 1977, p. 51, tradução nossa).

Portanto o alcance de qualquer pesquisa que se faça em uma casa de umbanda é limitado, pois as únicas provas empíricas passíveis de serem fornecidas são fragmentos de relatos.

Minha busca que teve como nascituro este texto, nunca teve intenções puramente acadêmicas. Havia uma ligação emocional com os lugares pesquisados, que nunca me deixaram de ser estranhos, mas que também nunca me atraíram a ponto de chamar de lar. Portanto fiz uma pesquisa que me interessava em diversos níveis, e não há por que negligenciar tal fato neste texto.

Referências

BIRMAN, Patrícia. Relações de gênero, possessão e sexualidade. **HYSIS - Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 37-57, 1991.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2019.



- FAVRET-SAADA, J. **Les mots, la mort, les sorts**. Paris: Gallimard, 1977.
- FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- JUNG, Carl Gustav. **Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LIMA, Maria Valéria de. A umbanda em Rondônia. **Muiraquitã**, Rio Branco, v. 4, n. 1, p. 91-100, jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/733/382>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- LIMA, M. V. **Barracão de Santa Bárbara em Porto Velho-RO: mudanças e transformações das práticas rituais**. 2001. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Religião e metrópole. In: ALMEIDA, Ronaldo de; MAFRA, Carla (org.). **Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 19-28.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1986.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.
- PERLONGHER, Néstor. **Territórios marginais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- PREFEITURA DE VILHENA. História de Vilhena. **Site da Prefeitura de Vilhena**. Disponível em: <http://www.vilhena.ro.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1501>. Acesso em: 02 set. 2021.
- SARACENI, Rubens. **O guardião da meia-noite**. 2. ed. São Paulo: New Transcendentalis, 1991.
- TERREIRO DO PAI BAIANO DO RIO VERMELHO DA AREIA BRANCA. Que hoje toda paz e luz seja parte da nossa caminhada. Que Oxalá traga calma, sabedoria e resistência às intempéries da vida [...]. Vilhena. 20 de dezembro. 2021. **Instagram: @terreirapaibaiano_vha**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZKr3bzJtXw/>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- TRISTE, louca ou má. Intérprete: Francisco, El Hombre. In: SOLTASBRUXAS. Intérprete: Francisco, El Hombre, Salma Jô, Helena Macedo, Labaq e Renata Éssis. São Paulo: produção independente, 2016. 1 CD, Streaming, faixa 6. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>. Acesso em: 12 abr. 2022.
- VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

Recebido em: 03/09/2021.

Aceito em: 01/03/2022.



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

DOI: <https://doi.org/10.46906/caos.n28.60774.p143-162>

**“TÁ VENDENDO O QUE EU TÔ FALANDO?”
Reflexões sobre a escuta ativa e as performances da voz no contexto educacional
durante a pandemia da Covid-19**

***“DO YOU SEE WHAT I'M TALKING ABOUT?”
Reflections on active listening and voice performances in the educational context
during the Covid-19 pandemic***

Melissa Contreiras *

Resumo

A transformação experienciada no ambiente educacional em decorrência da pandemia do coronavírus em 2020 foi marcada pela impossibilidade da interação entre os corpos. O imediato estranhamento ocorrido em decorrência dessa situação e a apreensão da sala de aula como um lócus privilegiado para o entendimento da relação entre os sentidos, possibilitaram-me refletir sobre a relação entre a visão e a audição a partir de sua construção histórica e cultural. As aulas, acontecendo de modo remoto e algumas das estratégias didáticas — como o uso de podcasts —, desenvolvidas pelas professoras as quais tive a oportunidade de acompanhar no exercício de sua profissão, ensejaram uma análise a respeito do que optei por chamar de performances da voz no contexto educacional e do próprio processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: educação; escuta; performance; voz.

Abstract

The transformation experienced in the educational environment as a result of the coronavirus pandemic in 2020 was marked by the impossibility of interaction between bodies. The immediate estrangement that occurred as a result of this situation and the apprehension of the classroom as a privileged locus for understanding the relationship between the senses allowed me to reflect on the relationship between vision and hearing from its historical and cultural construction. The classes taking place remotely and some of the didactic strategies - such as the use of podcasts - developed by the teachers whom I had the opportunity to follow in the exercise of their profession, gave rise to an analysis of what I chose to call performances of the voice in the educational context and the teaching-learning process itself.

Keywords: education; listening; performance; voice.

Introdução

Venho refletindo em como pensar na realidade social nos permite enxergar a construção de um mundo em formas binárias. A concepção dessa bidimensionalidade carrega consigo a ideia de que duas coisas se opõem. E a construção dessa distinção, ao

* Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília/Brasil. E-mail: melbevilaquas@gmail.com.



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

ser permeada por um mundo que entende a realidade social por meio de uma hierarquia de valores, carrega essa relação em si. As ideias de oposição e hierarquia dificultam a compreensão e o sentir do como as coisas se interligam. Além de nos fazerem crer que certos conceitos, ações, sentidos¹ etc. estão inseridos em lugares muito específicos do mundo social e servem para explicar determinadas situações, enquanto o que foi construído como seu par de oposição está inserido em um outro lugar e explica outras coisas. Isso pois, construiu-se a ideia de que existe uma fronteira que separa os dois lados das construções binárias (MITCHELL, 1991).

Dessa forma, neste artigo, desejo refletir sobre como essa constituição da nossa percepção do mundo afeta a relação que criamos e a forma como entendemos os sentidos. Opto, então, por partir da ideia de que a relação do corpo com o mundo social a sua volta é percebida e pensada por meio dos sentidos. E os sentidos, por serem, também, construções sociais, encontram-se inseridos nessa construção de relações hierárquicas e de oposição. Dessa forma, anseio realizar questionamentos sobre como dois sentidos em especial — a visão e a audição — foram construídas em comparação e, conseqüentemente, em como a relação de hierarquia entre as duas é definida pelo contexto em que estão colocadas.

Por muito tempo a realidade social, guiada pela oralidade, privilegiou a audição. Refletindo sobre os processos históricos que construíram o mundo ocidental compreende-se como essa relação social se transformou. Assim, percebe-se que, com a criação da tipografia e da prensa, o ocidente coloca a visão — muito relacionada à escrita — numa posição hierarquicamente elevada em relação à audição (CAMPOS, 2020, p. 204). Ainda assim, podemos ver como o rádio representou uma manutenção de uma importância da escuta ativa no mundo contemporâneo. Entretanto, com os processos de urbanização e da disseminação da cultura de massa, a visão garante, no mundo ocidental contemporâneo, a sua superioridade em relação ao ouvir. Tal processo, muito atrelado ao desenvolvimento tecnológico, permite-nos compreender como vivemos no auge de uma sociedade

¹ É importante pontuar que ao longo do texto utilizo duas concepções da palavra “sentido”. O “sentido” como fundamento ou valor sociocultural que orienta/motiva a ação social e “sentido” como faculdade de visão, de audição etc.

imagética (CAMPOS, 2020, p. 204). E essa forma de organização fez com que a sensação do ouvir fosse dominada pela percepção visual.

A partir da compreensão desses processos, pretendo me debruçar sobre o que ocorreu no ano de 2020 — em decorrência da pandemia e do consequente isolamento social que vivemos — com relação à compreensão e construção dos nossos sentidos. Estou inserida no ambiente universitário não somente como aluna do Curso de Graduação em Antropologia na Universidade de Brasília, mas também como integrante da equipe do podcast Mundaréu, e participante do projeto “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um podcast como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem” realizado com o apoio do Centro de Educação a Distância (CEAD UnB). E tive a sala de aula como principal campo para realizar esta reflexão. Destarte, partirei das transformações vividas nos ambientes educacionais durante a pandemia — intensamente influenciados pela tecnologia — para refletir sobre a oralidade e seu principal sentido imbricado: a audição. E é justamente nesse pensar sobre a educação, a oralidade e a tecnologia nesse momento de isolamento social, conjuntamente com minhas experiências nos espaços educacionais, que encontrei interseções possíveis com a mídia do podcast.

1 O que acontece na sala de aula é performance

7:15

abrem-se as cortinas
 inicia-se a performance cotidiana
 uma performance que tem como fim ela mesma
 pois na sala de aula são todos atores
 e a plateia são todos
 cada um ocupando o papel de si mesmo
 e acompanhando o espetáculo que é o ser do outro
 [...] ²

Antes de discorrer sobre as transformações experienciadas pelos atores presentes na sala de aula nesse momento de ensino remoto, desejo refletir sobre as dinâmicas que constroem o ato de ensino-aprendizagem em uma sala de aula e em como isso se liga à

² Parte de um poema escrito por mim como trabalho final da matéria Didática Fundamental, obrigatória para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, no semestre 2/2019.



forma como entendemos e experienciamos os sentidos. Para isso, acredito ser de suma importância uma reflexão sobre o conceito de performance. Na antropologia, falar de performance, inicialmente significava falar sobre as dinâmicas do rito nas sociedades tachadas como tribais. Luciana Hartmann, em sua tese intitulada *Oralidades, gestos, memórias: performances de contadores e contadoras de causos da Campanha do Rio Grande do Sul* (HARTMANN, 2000), discorre sobre como os estudos da performance pela antropologia desenvolveram-se sob três perspectivas teóricas principais, as de Victor Turner, Erving Goffman e Richard Bauman. Não pretendo adentrar a fundo nas descobertas e teorias desses autores. Neste artigo, desejo apenas pontuar algumas questões que acredito serem de grande importância para a compreensão da dinâmica da sala de aula.

Refletindo sobre a trajetória de Turner, a respeito desse conceito-ação que é a performance, Hartmann conclui que, em seus últimos anos de vida, o antropólogo passa a se dedicar às performances culturais. Assim, a sociedade passa a ser entendida como um processo pontuado por performances de vários gêneros que se constituem a partir de vários códigos verbais e não verbais sendo compreendidas como “um conjunto de metalinguagens interligadas” (HARTMANN, 2000, p. 111). E é por meio das performances, destacadas do processo social, que o grupo social se compreende e transforma a si mesmo. Goffman, por sua vez, teoriza em cima do que ele opta por chamar de performances cotidianas. Ou seja, as pessoas atuam seus papéis sociais, performam quem são. A título de exemplo, suas profissões. Dessa maneira, a performance serviu para o autor como uma metáfora na análise da vida cotidiana. Richard Bauman, por fim, constrói sua análise nos meios comunicativos que compõem o evento narrativo. Assim, falar de performance “possibilitou a união de gêneros estéticos distintos e comumente segregados, a outras esferas do comportamento verbal” (HARTMANN, 2000, p. 111). O autor, então, disserta sobre a performance como um modo de comunicação verbal em um contexto que envolve a tomada de responsabilidade de um performer para com uma audiência. E quanto mais hábil a performance, mais intensamente a audiência sente a experiência. A performance, dessa forma, mesmo que ainda se considere seu contexto cultural ligado à esfera teatral, passa a ser abordada por ela mesma.



Assim, aproveitando essas perspectivas em conjunto com a noção que Hartmann (2000) traz da performance como responsável por conferir sentido ao que está sendo narrado, acredito ser possível iniciar minha reflexão sobre as dinâmicas em sala de aula e sua potência para ser considerada um lócus para a compreensão da relação entre os sentidos no mundo social. Isso porque compreendo que, na sala de aula, são todas performers e audiência. Estão todas incumbidas de uma responsabilidade pela comunicação, ao mesmo tempo em que estão todas acompanhando e percebendo as performances umas das outras. Além disso, tanto alunas quanto professoras estão ali atuando estes papéis sociais que ocupam no espaço educacional, e espera-se um determinado comportamento desses atores. Por isso, pode parecer estranho que coloque não só as professoras, mas as alunas como performers, uma vez que, comumente, o que se espera da professora é que seja a única a tomar uma postura ativa, falando ou escrevendo no quadro na frente de suas alunas e essas, por sua vez, sentadas escutando ou anotando passivamente.

Entretanto, o que desejo pontuar é que, segundo muitos estudiosos da área (FREIRE, 2011; HOOKS, 2013), um processo pedagógico eficaz e confortável não se dá por meio da oposição professora-aluna, na qual de uma se espera uma postura ativa e outra passiva, respectivamente. Afirmo que são todas performers pois, além de estarem atuando seus papéis, todas possuem — ou, pelo menos, deveriam possuir — uma postura ativa em sala de aula. É por meio não só do conteúdo que está sendo dito, mas de uma leitura corporal e de uma percepção do espaço que os processos pedagógicos ocorrem. É a escolha dos gestos, das entonações da fala, dos silêncios que dão sentido ao conteúdo que está sendo transmitido. Ao mesmo tempo em que é por essa mesma escolha de gestos e entonações por parte das alunas que uma professora consegue avaliar se elas estão interessadas no conteúdo ou compreendendo o que está sendo dito.

Justifico essa minha afirmação, em primeiro lugar, por meio da ideia de que percepção e ação são processos interdependentes como a antropóloga Viviane Vedana (2018) aborda em seu artigo: *Escutar no som: gravação e edição de etnografias sonoras a partir de um paradigma ecológico*. Ao refletir sobre a percepção, ela afirma que “pessoas, objetos, eventos têm assim uma existência relacional enquanto uma presença no ambiente” (VEDANA, 2018, p.121). Ou seja, é por meio de processos de percepção direta de informações sobre o que compõe os ambientes que nos cercam que conseguimos



compreendê-los. E é na utilização de todos os sentidos e no movimentar do corpo que entendemos como o agir é imprescindível para a percepção. Mesmo que seja um movimento de cabeça ou dos olhos, aparentemente simples, enquanto se olha ou se escuta, a partir dele compreendemos as variações do que está acontecendo naquele ambiente. E, nesse momento, nota-se como perceber é agir e vice-versa: “Perceber constitui-se numa relação mútua e recíproca entre organismo e ambiente – o organismo percebe para agir e age para perceber (Fonseca *et al.* 2007), trata-se de uma exploração ativa do ambiente, e não apenas recepção passiva de estímulos” (VEDANA, 2018, p. 123).

Assim, perceber o ambiente da sala de aula é agir, e agir em sala de aula significa percebê-la. Logo afirmo que o processo de ensino-aprendizagem requer uma postura ativa de todo o corpo das alunas e professoras. Existir na sala de aula é se relacionar com ela, é perceber — por meio do agir — os objetos, os corpos, os sons, as temporalidades ali presentes. Por isso, a leitura corporal é um processo iminente desse ambiente, e é de extrema importância para a realização dos seus objetivos. Ações que derivam umas das outras constituem sistemas comunicativos que são a própria sala de aula, são alunas e professoras, justamente por se engajarem nesses processos comunicativos, fazendo com que aconteçam.

Um segundo ponto que gostaria de trazer para sustentar o meu entendimento de que o que acontece na sala de aula é performance advém das reflexões do “ser intérprete” realizadas por Bruna Queiroz Prado (2017). A autora afirma, em confluência com as reflexões de Paul Zumthor, que o papel da executante de uma canção ou poesia oral conta mais que o da compositora, pois é a performance que determina as reações auditivas, corporais e afetivas de quem está acompanhando a performance. Assim, enxergam-se os “espetáculos de música popular como um regresso das energias vocais que moviam a humanidade antes do predomínio da escrita sobre a oralidade como forma de saber-poder.” (PRADO, 2017, p. 73-74). Dessa forma, a potência de determinados movimentos musicais em mobilizar multidões não reside, muitas vezes, na mensagem textual ou em refinadas criações melódicas, mas na maneira como a artista se comunica.

Opto por trazer essa reflexão não para dizer que o conteúdo do que está sendo dito em sala de aula importa menos do que “o como está sendo dito”, mas para sustentar minha ideia de que “o como se diz” é tão importante quanto o que se diz. Assim pensar na



dinâmica que acontece em sala de aula como uma performance pode ajudar a melhorar resultados dos processos pedagógicos, pois o que define a intensidade de como uma informação irá atingir as alunas e, também, as professoras são os movimentos do corpo, as entonações da voz e os usos do silêncio, ou seja, vários elementos que compõem a performance.

2 E na pandemia? Se não vemos os corpos, também é performance?

Neste tópico, desejo discorrer sobre a minha experiência nas salas de aula em ambientes virtuais. Acompanhei três contextos pedagógicos: o projeto do CEAD, a monitoria discente em “Teoria Antropológica 1” — disciplina obrigatória para o Curso de Antropologia na UnB — e como aluna em outras duas disciplinas no primeiro semestre de 2020. No segundo e terceiro contextos, eu não estava presente com a finalidade de realizar uma pesquisa de campo. Entretanto — como afirmado no episódio do podcast Mundaréu da série “Mundo na Sala de Aula”, intitulado “O tal do estranhamento”³ — a antropologia não é algo que conseguimos deixar de lado enquanto não estamos realizando uma pesquisa. Sinto que somos antropólogas o tempo inteiro. Assim, todo ambiente em que estamos inseridas é uma possível oportunidade para entender o mundo, pois estamos sempre realizando o exercício do estranhamento. Destarte, enquanto acompanhava as minhas aulas, o estranhamento ia acontecendo.

Na UnB, as aulas, quando síncronas, se basearam em videochamadas realizadas a partir de diversas plataformas. A fraca conexão de internet, indisponibilidade de equipamentos e questões de privacidade foram os motivos pelos quais muitas estudantes optaram por deixar suas câmeras desligadas durante as aulas. E, mesmo quando mantidas abertas, expressávamo-nos corporalmente no espaço limitado que a conectabilidade, a luz, as câmeras, as lentes e o enquadramento nos permitiam. Dessa forma, a leitura corporal iminente do processo tanto de ministrar uma aula quanto no de acompanhar uma aula, *a priori*, ficou restrita.

Passadas algumas aulas, notei como a percepção corporal que a professora desenvolve para saber se suas alunas estão compreendendo ou não aquele conteúdo, se

³ <https://mundareu.labjor.unicamp.br/3-mundo-na-sala-de-aula-o-tal-do-estranhamento/>.



estão cansadas ou dispostas, entre outras coisas e, ao mesmo tempo, a percepção corporal que as estudantes desenvolviam para conhecer e compreender a professora e suas colegas começou a ser feita pela fala e suas modulações e pelos silêncios, que também compõem o falar e o escutar. O primeiro momento em que me dei conta disso foi quando a professora da disciplina que acompanhava enquanto monitora, em um momento inicial da aula, enquanto dava “bom dia” às que estavam presentes e recebia “bons dias” de volta, comentou que já estava conseguindo reconhecer a voz de algumas de suas alunas e que, quando voltássemos às atividades presenciais, não reconheceria seus rostos nos corredores, mas talvez reconhecesse suas vozes se as escutasse ao redor. Em vez de reconhecermos pelos rostos, passamos a reconhecer pela voz. Em vez de percebermos as expressões pelo rosto e o corpo como um todo, passamos a perceber pelas tonalidades da voz e pelos usos dos ritmos, cadências e silêncios. Não que isso já não fosse feito em momentos que temos a possibilidade de realizar uma leitura corporal de todo o corpo, mas na impossibilidade de estarmos fisicamente uns com os outros isso ganha um outro sentido.

Assim, mesmo se não vemos os corpos, sugiro que também haja performance. Talvez o questionamento que intitula esse tópico não precisasse ser feito se não vivêssemos em uma sociedade que se constituiu colocando a visão como principal sentido para a percepção do espaço. É claro que também existe a questão de, nesse momento, não estarmos fisicamente na sala de aula e estarmos impossibilitados de perceber as formas e texturas desse ambiente. Mas o ponto é que a performance corporal que compõe os processos que ocorrem numa sala de aula passou a constituir seu foco na fala. Isso não significa que desejo sobrepor a audição à visão, apenas reconhecer esse momento como extremamente potente para relembrarmos a importância do falar e do escutar enquanto performance e ação.

Considerando, como já discutido acima, que a performance confere sentido, compreender o que alguém está explicando por meio da fala significa, para além de compreender o conteúdo do que está sendo dito, compreender também a forma pela qual se está dizendo, pois ela também é parte desse conteúdo. A voz, com suas entonações e silêncios, diz mais que palavras, complementando-as. E escutar é estar assumindo uma postura ativa. A performance da voz sempre esteve e está vinculada ao corpo, uma vez



que, se pensarmos no corpo enquanto organismo no ambiente, todo o corpo reage ao que chega aos ouvidos, ou seja, se engaja na escuta, pois ela é um processo que envolve todos os sistemas perceptivos. Mas, devido a essa construção social dos sentidos que os isola e os hierarquiza, em nossa sociedade prioritariamente imagética, fomos deixando de percebê-la ou colocando-a em segundo plano. Isso porque a importância da fala e da escuta ativa vem se tornando cada vez mais nebulosa com o desenvolvimento tecnológico e a mídia de comunicação de massa.

3 Tudo junto e misturado

Essa noção de que ouvimos com o corpo todo nos ajuda a perceber como os mecanismos sensoriais — como base da compreensão humana sobre o mundo e com as estruturas e códigos que os compõem —, embora possuam suas próprias singularidades, são complementares. Partindo, então, da ideia de que os mais diversos meios de comunicação humana constituem a própria organização das sociedades, podemos compreender como os sentidos estruturam e são estruturados pelo meio social. E, assim, conseguimos entender como, por mais que sejam complementares, são muitas vezes compreendidos por meio de uma hegemonia de um sobre o outro sem o reconhecimento de sua integração.

Compreender essa construção com relação à visão e à audição — que é um dos objetivos que proponho neste artigo — significa, justamente, atentar-se à construção de fronteiras entre a oralidade e a escrita e, também, às próprias audição e visão. A supervalorização da escrita está muito ligada à emergência de construção de um pensamento racional pelo ocidente, numa tentativa de impor sua superioridade em relação a outras culturas que continuavam a privilegiar a oralidade. Pensar na dominação do ocidente mediante os meios culturais de comunicação que as sociedades dispõem e privilegiam — enquanto determinantes da modalidade de pensar — mostra como a aparição da escrita “domesticou” esse pensamento dito selvagem e instaurou o que se pode chamar de “razão gráfica” (SAMAIN, 1995, p. 25-26). Seguindo essa linha de raciocínio, podemos perceber como a visão começa a ser construída em uma posição superior à audição — intrinsecamente ligada à oralidade. Podemos perceber aqui a



construção das variedades quando se pensa na relação escrita-oralidade vinculada à oposição civilizado-selvagem, e como isso constrói, também, a relação visão-audição.

Considero que uma parte importante da reflexão a respeito desse processo histórico de construção dos meios culturais de comunicação, dos mecanismos sensoriais, leve em conta o advento da tecnologia, uma vez que o surgimento da televisão inaugura a decadência do rádio. Entendo que o rádio, com suas singularidades, representou e representa uma forma de garantir a importância de manter viva a oralidade no mundo ocidental. E, quando — tomando como foco o processo estabelecido no Brasil, nos anos 1950 —, estabelece-se uma meta de industrialização, durante o governo Juscelino Kubitschek, e a classe média atravessa um período de relativa prosperidade e passa a ter acesso aos receptores de televisão, não só os ouvintes do rádio migram para a TV, mas também os profissionais, anunciantes e verbas publicitárias. Assim, mais uma vez, a visão atrela-se à ideia de progresso, evolução em oposição à oralidade/audição, que permanece no campo do atraso, uma vez que, a “classificação valorativa dos sentidos que se reflete de forma contundente na comunicação e na elaboração de conceitos e categorias pelos sujeitos” (VEDANA, 2018, p. 133).

E, retomando a ideia que já expus do corpo como organismo que percebe-age o/no ambiente, podemos perceber como a própria organização dos ambientes físicos das salas de aula se configuram como um contexto no qual essas relações binárias e hierárquicas também se constroem e moldam nossas formas de entendimento do mundo. A título de exemplo, a centralidade que o quadro tem nas salas de aula e a forma como se espera que estejam organizados os corpos das alunas. Como estudante e aspirante à professora, reconheço a importância que o quadro tem na sala de aula, mas o que desejo pontuar é que a sua posição atrelada à forma como as alunas se sentam, usualmente, nas salas de aula — de costas umas para as outras e todas olhando em direção ao quadro —, pressupõe que é mais importante o que está sendo escrito no quadro do que uma percepção do ambiente como um todo. Além disso, as fileiras de olhos que encaram nuca reafirmam, no posicionar dos corpos, uma atitude passiva de quem geralmente está no lugar da escuta na sala de aula, ou seja, as alunas.

É, então, como expus no tópico anterior, que justifico a defesa do que vi acontecer nas salas de aula que estive presente durante esse momento de pandemia ao ser potente



em nos lembrar a importância da oralidade e audição pode ser de extrema importância para nos levar para o caminho da compreensão de como os sentidos, ao contrário do que construiu a modernidade, não estão isolados e vice-versa. Ou seja, ao mesmo tempo, perceber a indissociabilidade entre os sentidos nos ajuda a compreender as potencialidades de escutar os sons e performar com a voz e de entender a sala de aula de outra forma. E, neste artigo especificamente, tento compreender como essas relações tornam potente o processo de ensino-aprendizagem. Mas voltarei a esse ponto mais à frente. Agora, desejo me deter em como as percepções visuais e auditivas estão em simbiose, seja com um “olho que ouve” ou um “ouvido que vê” (INGOLD, 2008, p. 26). Campos (2020, p. 199) sugere que descentralizemos da visualidade a interação do corpo com o mundo à sua volta. Para isso, tomarei como base situações em que o som é referência — partindo do ensino remoto na universidade e da presença de podcasts como materiais didáticos.

3.1 O som como referência

Antes de tratar desses universos nos quais o som é referência, desejo evidenciar que utilizarei a “compreensão antropológica das sonoridades como entes em um conjunto de relações e de interações, mais do que simples dados ou aspectos da paisagem” (VEDANA, 2018, p. 118). Assim, o som é parte das relações que ocorrem no ambiente e, por isso, afirmo a necessidade de nos atentarmos para as suas formas de expressão, seus ritmos e o sentido que é capaz de captá-los: a audição.

Dessa forma, os sons nos informam sobre determinado ambiente, guiando a ação de quem escuta, pois a sensação de escutar é uma experiência de presença que ressoa na forma de sentir e se relacionar com outros corpos à nossa volta e com o ambiente. O som não é um enxerto para narrativas visuais, é uma pista de revelação do mundo, é uma condição para o conhecimento, é uma possibilidade de escuta. Aqui, é necessário pontuar que escutar “é um aprendizado que envolve experiências cotidianas de observação e atenção aos sons, não um mecanismo pré-determinado de estímulo-resposta” (VEDANA, 2018, p. 134). Por isso essa capacidade do som de informar sobre o que o produz, uma vez que escutar é engajar-se na percepção.



Então, nesses universos nos quais o som é referência, podemos perceber de forma mais evidente como a escuta, diferentemente do senso comum que a coloca em um lugar de passividade, é ativa. Esses universos sonoros estão lidando com um objeto que é invisível, impalpável, subjetivo, e que se constitui a partir de uma relação som/silêncio (CAMPOS, 2020, p. 219). Assim, falar dessa escuta ativa, que gera um engajamento de todo o corpo, é falar da construção de uma imagem sonora a partir do encontro da subjetividade e dos códigos sociais estabelecidos de quem ouve e quem fala, uma vez que conjugar o ver e o ouvir, sem predispor-los a uma relação de hierarquia, resulta pensar em termos de paisagem sonora e no som enquanto imagem simbólica (CAMPOS, 2020, p. 198). E, também, porque essas imagens sonoras são mobilizadas nas performances da voz em conjunto com a escuta, acionam uma vasta bagagem e mobilizam a questão dos afetos e da emoção, sugerindo uma subjetividade ainda mais potente.

Dessa forma, quando pensamos nas salas de aula e seus eminentes atos de fala e em sua conseqüente escuta, a ênfase não pode estar na palavra em detrimento das expressões vocais e não verbais. A escuta ativa das performances da voz, sendo uma escuta de todo o corpo atrelada a uma percepção do ambiente, possibilita, além do conhecimento do mundo social, um ser afetado intensamente pelos sons. Perceber os atos de fala por meio dos sons é perceber não só o conteúdo, mas a forma como está sendo dito, o que possibilita um maior entendimento. As salas de aula nesse momento de pandemia e os podcasts como universos em que o som é referência, exercitam, então, a escuta ativa e possibilitam um entendimento da importância do som. E o que acontece, então, quando a sala de aula no ensino remoto e os podcasts se juntam?

4 E o podcast no meio disso tudo?

Muitas professoras — que conheci como estudante, monitora e pesquisadora da equipe do Mundaréu —, compreendendo esse momento, passaram a apostar na oralidade como seu principal recurso didático. A escuta ativa em um processo de ensino pôde ser utilizada pelas professoras tanto para que fossem compreendidas e compreendessem melhor suas alunas por meio de suas vozes quanto para a produção de materiais didáticos. O uso de podcast, entre outras coisas, pode ser um desses movimentos de construção de uma escuta ativa para um melhor resultado dos processos pedagógicos.



Professoras de disciplinas das Ciências Sociais e de Saúde Coletiva na UnB aceitaram usar episódios do Mundaréu como parte de seus planos de aula. Esta foi a proposta do projeto desenvolvido com o apoio do CEAD/Unb. Inicialmente, nossa equipe realizaria esse projeto ainda nas aulas presenciais, mas com a chegada da pandemia pudemos observar como as estudantes e professoras se relacionaram com a audição nos processos educacionais na solidão de suas casas durante o isolamento social.

Nas turmas que pudemos utilizar o Mundaréu como recurso didático aplicamos um questionário às alunas ao fim da experiência. Tal questionário era composto de perguntas fechadas que desejavam saber a frequência com que as alunas escutavam podcast, sua relação com a antropologia, se acreditavam que o recurso de áudio atrapalhava ou ajudava, entre outras coisas. Inserimos, também, uma pergunta aberta no questionário, cujas respostas foram as que mais me chamaram a atenção. A pergunta era: “Que diferenças você nota entre aprender com um material escrito e um material de áudio?”. Acredito que o porquê disso se deve ao fato das relações visão-audição que a pergunta engajou nas respostas, já que, como explicitado acima, a escrita está atrelada à construção social da visão enquanto principal sentido para a apreensão do mundo.

Nas respostas que obtivemos, o material de áudio foi recebido de forma muito positiva, podendo-se observar, inclusive, uma preferência do áudio ao texto. E, primeiramente, gostaria de pontuar como essa relação de preferência aparece atrelada a uma reprodução da construção cultural dos sentidos enquanto pares de oposição. Relações como “fluidez-exaustão” ou “livre-cartesiano”, foram mencionadas no falar sobre podcast-escrita ou audição-visão, respectivamente. Entretanto meu desejo é o de enfatizar não as relações de oposição construídas pelas alunas, mas o que pode ser entendido como justificativa para a associação da apreensão do conteúdo por meio de um material de áudio à fluidez e liberdade.

Algumas alunas mencionaram que o aprender por meio do áudio lhes parecia menos cansativo porque ao ouvir se sentiam deslocadas de uma posição ativa que requer a leitura, o que, por sua vez, também é um demonstrativo da construção do entendimento do corpo que ouve como um corpo passivo: “Um material de áudio é menos exaustivo,



você não precisa estar ativamente pensando sobre o tópico, pode ser apenas um ouvinte mais passivo (informação verbal).⁴

Todavia, quando me deparei com o conjunto de respostas que obtivemos por meio dos questionários, é possível perceber como o que pode ser lido como atitude passiva em decorrência de seu processo de construção cultural, que entende o estar ativo atrelado à racionalidade e a escrita — especificamente no ambiente de sala de aula, que é de onde parto —, é um engajamento de todo o corpo que escuta. Isso porque o que essas respostas demonstram é que escutar engendra uma ativação de toda uma construção dessas alunas enquanto indivíduos sociais. A soma de experiências que compõem as suas histórias e construção de suas subjetividades se expressa por meio da imaginação, e seus corpos reagem ao se permitirem serem comovidos. Eles percebem, compreendem e refletem por meio das diversas performances do som existentes em um podcast: “Ao ouvir, de certa forma, se cria uma ideia de participação no evento de campo que a escrita não permite — a voz, a forma de falar, as palavras ditas dão um novo sentido e uma nova interpretação ao fato” (informação verbal).⁵

Primeiramente, é importante ressaltar que, partindo de um enfoque no sentido cultural do som, podemos falar de imagens sonoras que são mobilizadas nas performances, seja na sala de aula, num episódio de podcast ou num episódio de podcast utilizado dentro do ambiente educacional. Para isso, como já pontuado, é importante que compreendamos o “ver” e o “escutar” sem que haja hierarquia entre eles. Partindo dessas reflexões, podemos falar de um convite que a voz nos faz a imaginar, pois pensar na relação do rádio ou do podcast com a visualidade, é pensar nas diferentes relações sensoriais que a voz permite ao engajar todo o corpo de quem escuta nessa leitura de intenções expressivas e das texturas do falar mobilizadas pelas entonações: “Acho que o fato de se ouvir uma pessoa e sua empolgação ou não a respeito de um determinado assunto ajuda a entender melhor a ideia e o posicionamento dela” (informação verbal).⁶

Nesse momento, então, entende-se que a ausência da corporeidade e, consequentemente, do ver alguém não se define como uma inferioridade do podcast, mas

⁴ Estudante do curso de Ciências Sociais cursando a disciplina Sociedades Indígenas.

⁵ Estudante do curso de História cursando a disciplina Introdução à Antropologia.

⁶ Estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo cursando a disciplina Introdução à Antropologia.



pode ser uma de suas potências. Não somente por uma maior atenção que se dá para a voz, por meio de uma escuta ativa e que ajuda a entender melhor uma história, mas também porque na medida em que a ausência de um rosto e a solidão do ouvir um podcast confere certa intimidade: “Escutar as vozes torna o processo muito mais íntimo e, pelo menos pra mim, me faz viajar para dentro das histórias de forma muito mais fácil e eficaz” (informação verbal).⁷

Essa intimidade se fortalece na medida em que os sons que constituem o podcast são construídos em cima de representações sociais coletivas, fazendo com que cada ouvinte empreste sua subjetividade ao locutor, o que os aproxima. Essa intimidade, muitas vezes não racionalizada pelos ouvintes do podcast, vai sendo construída por diversos recursos do ato de falar em um podcast, como o fato de falar se dirigindo aos seus ouvintes e a própria construção dessa relação a partir da solidão.

Assim como o rádio, o podcast constitui uma certa solidão, na medida em que, geralmente, escuta-se um podcast sozinho e, especialmente, nesse período de pandemia, nas nossas próprias casas. O que pode ser um paradoxo, na medida em que podemos observar como muitas pessoas buscavam por companhia, muitas vezes, ao ouvir um podcast. E, nessa solidão, que também pode ser tida como impulsionadora de uma intimidade, a fala transita entre a fantasia e a realidade, impulsionando a imaginação e a criação de uma relação com o que está sendo dito: “O material de áudio tem mais emoção, mais cor” (informação verbal)⁸; “O de áudio possui mais sentimento” (informação verbal).⁹

Sons e música, por mobilizarem a questão dos afetos e da emoção, fazem com que uma história contada em um podcast que escutamos, uma música tocada ao fundo, os diversos efeitos sonoros que podem ser utilizados relembrem nossas próprias histórias e experiências e, também, podem ser pano de fundo para novas (ASSIS, 2011, p. 92). Os sons que escutamos nos episódios de podcast possuem elementos das representações sociais coletivas e falam de temas e imagens sonoras que também apelam para essas representações. Então entramos novamente na questão do modo pelo qual se fala, que dá uma forma, uma significação. Além disso, outro ponto que acredito ser importante que

⁷ Estudante do curso de História cursando a disciplina Introdução à Antropologia.

⁸ Estudante do curso de Antropologia cursando a disciplina Antropologia da Saúde.

⁹ Estudante do curso de Saúde Coletiva cursando a disciplina Ciências Sociais em Saúde.



seja colocado é o rompimento das barreiras temporal e espacial que o podcast permite justamente por esse apelo à subjetividade e pelo fato de poder ser escutado em qualquer lugar.

Falar, assim, dos podcasts em sala de aula é falar de um encontro de práticas cognitivas e comunicacionais seculares, como a oralidade e a escrita, com os aparatos tecnológicos do som que a internet possibilita. Trazendo-os em uma relação de complementaridade e não hierarquização. Exponho, assim, uma última resposta ao nosso questionário em notório diálogo com a pergunta que intitula este artigo: “uma maior facilidade em visualizar o que é dito” (informação verbal).¹⁰

Dessa forma, acredito que tanto a resposta dessa estudante — e outras, também, que qualificam o áudio como “mais palpável” ou, como a que transcrevi acima, que afirma que o áudio possui “mais cor” — quanto a expressão que escolhi como título, materializam essa relação de complementaridade entre os sentidos. Relação que se expressa não somente enquanto formas diferentes de compreender e se relacionar com o mundo — e que por se complementarem são capazes de potencializar os processos de comunicação —, mas que eles coexistem e se mesclam na relação entre corpos e dos corpos com o ambiente. Pois existimos enquanto corpos inteiros, portanto as possibilidades de relações sensoriais, como as imagens sonoras, são muitas e importantes para compreendermos o mundo à nossa volta.

Conclusão

Nessa lógica, afirmo que o podcast, nesse momento de isolamento social, obteve um protagonismo na possibilidade de um movimento de resgate da passagem de conhecimento por meio da oralidade. Ou seja, o podcast utilizado como material didático nas salas de aula do ensino remoto tem sido importante para evidenciar a potência da voz e da escuta nos processos pedagógicos. Ponho em foco o formato da sala de aula do ensino remoto que pude presenciar nas aulas que aconteciam de maneira síncrona, justamente por seu manifesto diálogo com as mídias de áudio. Além do que — acredito que o

¹⁰ Estudante do curso de Ciência Política cursando a disciplina Introdução à Antropologia.



isolamento social e suas consequências, traduzidas no permitir da tecnologia de escutar sem ver o corpo que fala fisicamente em nossa frente — possibilitaram uma percepção interessante para a análise dos podcasts como recurso didático. Então pode ser que em momentos de encontros físicos ainda conseguíssemos encontrar no podcast uma alternativa complementar à escrita na sala de aula, mas, agora, a voz, tanto das professoras e alunas através dos computadores quanto as vozes combinadas com os diversos sons por meio das possibilidades de edição do podcast estão postas como referência no processo de ensino-aprendizagem nessas salas de aula que pude estar presente. E, mais uma vez, não desejo realizar uma inversão de hierarquia, apenas pontuar como está sendo importante focalizarmos o falar-escutar para lembrarmos seus efeitos nos corpos que falam-escutam. Até porque, a hierarquização acontece por meio de um exercício de comparação ao que se constrói enquanto mais importante ou principal, mas os sentidos, por mais que conceitualmente tenham sido unificados dentro dessa categoria, como pude concluir neste artigo, não são elementos de comparação, pois, em que pese sua coexistência e sua relacionalidade, são formas diferentes de apreensão e relação com o mundo, e engendram diferentes engajamentos no corpo.

Isto posto, afirmo que reconhecer a importância da voz e a sua capacidade performativa nos ambientes de sala de aula nos leva a compreensão de que todos os corpos presentes estão engajados na comunicação essencial ao processo de ensino-aprendizagem. E que parte essencial desse engajamento dos corpos é a escuta. Exercitando a escuta ativa, encontramos a possibilidade de potencializar esses processos educacionais fazendo com que, além de que se compreenda melhor os conteúdos em sala de aula, as alunas se sintam tocadas intensamente por eles em sua subjetividade, gerando uma maior conexão entre alunas-conteúdo-professoras.

Então o ensino a distância, como momentos em que o som se torna referência, assim como os podcasts, nos ajuda a perceber essa potencialidade da escuta ativa e das performances da voz. E quando falo especificamente das disciplinas de Ciências Sociais e Saúde Coletiva que fizeram parte do projeto, essa escuta ativa tem uma importância muito grande na formação das estudantes como profissionais de suas áreas, uma vez que uma antropóloga ou uma profissional da saúde coletiva tem o escutar como parte essencial da sua profissão. Enquanto estudante do Curso de Antropologia me foi ensinado desde o início do curso a importância de engajar todo o meu corpo no exercício de uma pesquisa



etnográfica. Para compreender as minhas interlocutoras é preciso exercitar uma escuta ativa. Para além de realizar uma leitura corporal, perceber o ambiente e captar o conteúdo da fala, é necessário um empenho no entendimento da performance dessas vozes, o que suas entonações e silêncios dizem. E, ao participar de uma aula da disciplina Ciências Sociais em Saúde do departamento de Saúde Coletiva enquanto pesquisadora do projeto, pude observar que elas também possuem essa preocupação no exercício de sua profissão. Assim, acredito que o podcast como recurso didático realiza esse duplo movimento, o de possibilitar o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos mais efetivos — ao utilizar os recursos da performance da voz e da escuta — e o de possibilitar um aprendizado no próprio ato de escutar, ao estar ensinando, também, a escutar com o corpo, ou seja, de forma ativa.

Referências

ASSIS, Pablo. O imaginário do rádio e o podcast. **Comunicologia – Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 84-106, 2011. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/2885/1787>. Acesso em: 16 set. 2021.

CAMPOS, Tamara de Souza. O regente sem orquestra: notas de uma etnografia da audição. **Vivência – Revista de Antropologia**, Natal, v. 1, n. 56, p. 198-223, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2020v1n56ID23686>. Acesso em: 16 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HARTMANN, Luciana. **Oralidades, corpo, memórias: performances de contadores e contadoras de causos da Campanha do Rio Grande do Sul**. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/79335>. Acesso em: 16 set. 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 3, p. 1-53, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1925>. Acesso em: 16 set. 2021.

MITCHELL, Timothy. The Limits of state: beyond statist approaches and their critics. **The American Political Science Review**, Cambridge/UK, v. 85, n. 1, p. 77-96, mar. 1991.

PRADO, Bruna Queiroz. Gritos femininos: performances das cantoras de MPB e suas significações políticas (anos 1960 e 2000). **Música Popular em Revista**, Campinas, v. 2, p. 56-78, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/muspop.v4i2.13053>. Acesso em: 16 set. 2021.



SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

VEDANA, Viviane. Escutar no som: gravação e edição de etnografias sonoras a partir de um paradigma ecológico. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 117-144, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2018v20n1p117>. Acesso em: 16 set. 2021.

Recebido em: 20/09/2021.

Aceito em: 13/04/2022.



PANDEMIA DA COVID-19 E USO DAS TICs: as dificuldades no acesso ao auxílio emergencial***COVID-19'S PANDEMY AND THE USE OF ICTS: the difficulties in accessing emergency assistance***

Felipe Franklin Anacleto da Costa *

Maelson dos Reis Dutra **

Resumo

A pandemia da Covid-19 tem ocasionado severas consequências no mundo todo, mas, sobretudo, nos países em desenvolvimento, em que as complexas desigualdades sociais acentuam a crise sanitária. No Brasil, a lógica de confronto com as instituições políticas e com o judiciário adotada pelo governo Bolsonaro, além da sua incompetência de gestão, provoca também uma crise política que dificulta a implementação de medidas para frear a expansão da pandemia e de seus efeitos sociais, a exemplo do Auxílio Emergencial (AE). Dessa forma, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, realizamos uma análise acerca de alguns problemas na execução do AE, mais especificamente a negligência em relação a uma particularidade da população beneficiária, majoritariamente pauperizada e com acesso restrito às tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Palavras-chave: pandemia; covid-19; TICs; auxílio emergencial.

Abstract

The Covid-19 pandemic has caused severe consequences worldwide, but especially in developing countries, where complex social inequalities accentuate the health crisis. In Brazil, the logic of confrontation with political institutions and the judiciary adopted by the Bolsonaro government, in addition to its management incompetence, also causes a political crisis, which hinders the implementation of measures to curb the expansion of the pandemic and its social effects, such as the Emergency Aid (EA). In this way, through bibliographic and documental research, we conducted an analysis of some problems in the execution of the EA, more specifically the negligence in relation to a particularity of the beneficiary population, mostly impoverished and with restricted access to information and communication technologies (ICTs).

Keywords: pandemic; covid-19; ICTs; emergency aid.

* Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba/Brasil. E-mail: feanacetoss@gmail.com.

** Graduando do curso de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba/Brasil. E-mail: maelsonreis3@gmail.com.



1 Introdução

Para compreendermos o Auxílio Emergencial (AE) na complexidade da crise pandêmica gerada pelo vírus SARS-Cov-2 aqui no Brasil, é necessário considerar alguns pressupostos, pois a crise que atravessa nosso país não é apenas sanitária, é, sobretudo, sociopolítica. O golpe de *lawfare* (CITTADINO, 2020) em 2016 é o ponto de inflexão para o aprofundamento do projeto de sociedade neoliberal, por meio da conjunção dos interesses de segmentos econômicos e dos setores mais reacionários de nossa sociedade, reflexo dos elementos mais obtusos de nossa formação social. A partir disso, presenciamos ofensivas constantes no processo de reconfiguração das relações entre Estado e sociedade sob a lógica da racionalidade neoliberal, implicando em contrarreformas mais agressivas, radicalizando seu direcionamento gerencial e viabilizando uma maior exploração da classe trabalhadora e apropriação do fundo público.

Considerando este cenário de ampliação da desigualdade no país, nosso intuito é realizar uma reflexão sobre o AE no atual contexto da pandemia, tendo em vista as contradições do programa na cobertura do público-alvo, diante do contexto de pobreza e desigualdade social no acesso às tecnologias de informação, pois o processamento dos requerimentos do AE ocorreu de forma totalmente digital. Desse modo, estes fatores nos põem o seguinte questionamento: como a população mais pobre irá acessar este benefício, considerando que 28% dos domicílios, segundo o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – CETIC-BR (2019), não possuem qualquer acesso à internet?

Nessa direção, a proposta deste trabalho é realizar algumas considerações sobre a questão e contribuir para o debate acerca da implementação do benefício. Resulta de revisão bibliográfica e do debate acumulado durante a disciplina “Política de Assistência Social”, do curso de graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba, semestre 2020.2, ministrada pela Profa. Dra. Márcia Emília Rodrigues Neves.

2 Neoliberalismo e democracia

Para compreendermos um pouco sobre a forma que é constituída o neoliberalismo no Brasil, é preciso entender que não se trata apenas de um conjunto de práticas político-econômicas, mas é, sobretudo, a razão do capitalismo contemporâneo (DARDOT; LAVAL,



2016), subordinando o Estado e toda a vida social às exigências do mercado (financeirização), radicalizando os preceitos da propriedade privada, livre mercado e livre concorrência (HARVEY, 2014).

Esse processo de financeirização e monetarização das relações sociais é algo que já é gestado continuamente desde a redemocratização, porém, a partir do governo Temer, este fenômeno se expressa com maior agressividade. Desse modo, por meio de práticas político-econômicas e discursivas, é disseminada a noção de “cidadania sacrificial” (BROWN, 2018a), responsável por difundir políticas de austeridade fiscal, criando dispositivos de disciplina, penalizando a população ao ampliar a extração de renda e reduzir/destruir direitos sociais construídos historicamente.

A narrativa de “cultura de crise” (MOTA, 1995), alimentada exaustivamente através dos meios de comunicação, viabilizou a aprovação da Emenda Constitucional 95 (EC-95) em 2016, que estipula um teto de gastos nas despesas primárias do Estado (educação, saúde, segurança pública, assistência social, previdência etc.), engendrando consequências severas para a proteção social. Conforme Dardot e Laval (2016), os direitos sociais adquirem uma visão onerosa sob a dogmática neoliberal, pois, nessa perspectiva, o intervencionismo do Estado sob as questões sociais acaba eximindo os sujeitos de suas atividades, condicionando que as soluções e necessidades sociais sejam mediadas pelo setor privado. Como ressalta Brown (2018a), há uma “economização” da vida social e política por intermédio de mecanismos de controle e subjetivação, radicalizando a exploração e formatando os indivíduos em “capital humano”.

Desse modo, é sob a costura de técnicas de dominação social cada vez mais sofisticadas, atreladas a práticas historicamente conservadoras, que se dão as contrarreformas, pois “a única guerra contra a pobreza que se sustenta é a volta aos valores tradicionais” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 212). Assim, sob esta mesma narrativa moralizante de crise e acúmulo de gastos, foi aprovada a Reforma Trabalhista (Lei 13.467/17), exacerbando as condições de precariedade do trabalho por meio da fragmentação da atuação dos sindicatos, retirando a obrigatoriedade da contribuição monetária por parte dos trabalhadores; possibilitando a negociação entre empregado e empregador sob o legislado; legalizando o trabalho intermitente, dentre outros efeitos. Paralelamente, novas morfologias de trabalho surgem sob a lógica neoliberal, em que os trabalhadores adquirem um “autovalor” absoluto



por meio da subjetivação de técnicas gerenciais, identificando-se como “empresa de si mesmo”, buscando valorizar-se continuamente em busca de seu melhor desempenho (DARDOT; LAVAL, 2016). Tais processos ocasionam o individualismo e concorrência entre os trabalhadores, dificultando a percepção coletiva de classe.

Esse conjunto de regressões de direitos sociais é somado à Emenda Constitucional 103 (EC-103) aprovada em novembro de 2019, constituindo uma perda enorme para a classe trabalhadora, tendo em vista que a contrarreforma da Previdência Social é resultado de um processo contínuo desde o governo FHC, passando pelos governos petistas e chegando ao seu caráter mais predatório no governo Bolsonaro. Uma das principais finalidades dessa mudança é obstruir o acesso da população a aposentadorias e pensões, reconfigurando suas condicionalidades. De acordo com dados do IBGE (apud PAMPLONA, 2019), em 2019, 41,1% dos trabalhadores ativos são constituídos de informais, representando 87,1% dos ingressantes no mercado de trabalho no mesmo ano.

Dessa forma, surge o questionamento: conforme as novas regras de contribuição de 15/20 a 40 anos para ter acesso à aposentadoria, como o trabalhador contribuirá e terá seus benefícios garantidos considerando o alto grau de rotatividade do trabalho, informalidade e desemprego? Essas transformações têm consequências severas para a classe trabalhadora, pois como nos lembra Harvey (2014, p. 194), “vivemos, portanto, numa sociedade em que os direitos inalienáveis dos indivíduos [...] à propriedade privada e à taxa de lucro se sobrepõe a toda outra concepção concebível de direitos inalienáveis.” Portanto as contrarreformas do Estado atendem um objetivo específico: viabilizar a transferência de ativos do fundo público ao setor privado em detrimento do financiamento de políticas públicas.

A partir dos elementos já expostos, podemos entender que o neoliberalismo implica em uma racionalidade política, metamorfoseando a forma que vivenciamos o conteúdo substancial da democracia (BROWN, 2018a). O individualismo, o moralismo, a concorrência desenfreada, a mentalidade custo-benefício, inerente tanto nas relações interpessoais quanto entre instituições públicas ou privadas, são sintomas de uma:

Diluição do direito público em benefício do direito privado, conformação da ação pública aos critérios de rentabilidade e da produtividade, depreciação simbólica da lei como ato próprio do Legislativo, fortalecimento do Executivo, valorização dos procedimentos, tendência dos poderes de polícia a isentar-se de todo controle judicial, promoção do “cidadão-consumidor” encarregado de arbitrar entre “ofertas públicas” concorrentes, todas são tendências



comprovadas que mostram o esgotamento da democracia liberal como norma política. (DARDOT; LAVAL, 2016. p. 379-380).

Conforme Brown (2018a, 2018b), essa crise da democracia não só afeta a legislação social, mas questiona os próprios fundamentos da cidadania, rompendo com qualquer senso de solidariedade coletiva e abrindo caminho para o totalitarismo. Assim, o Estado democrático de direito torna-se um obstáculo para os interesses do capital, sendo por meio de Bolsonaro, síntese de todas as mazelas da nossa formação social, que a burguesia encontrou mecanismos de continuar de forma ampliada o processo de financeirização dos recursos públicos. Desse modo, a pandemia da Covid-19 ocorre durante um cenário adverso de reestruturação do Estado, de ebulição sociopolítica e de agravamento das questões sociais, exacerbando ainda mais as condições de miséria, pobreza, desemprego e desigualdade social, pois a crise que enfrentamos não é apenas sanitária, é, sobretudo, sociopolítica.

3 Pandemia da Covid-19 e a necessidade de proteção social

A pandemia da Covid-19 no Brasil, infelizmente, já matou mais de 600 mil pessoas, deixando evidente a omissão do governo federal na garantia ao direito à vida de sua população. É válido salientar que a maioria das mortes causadas pela doença são de pessoas negras e oriundas da classe trabalhadora por terem maior exposição à contaminação, principalmente os grupos mais vulnerabilizados.

Seus efeitos acarretaram diversas consequências econômicas, políticas, sociais e culturais, mas que podem ser observadas a partir de um fenômeno macrossocial que é a própria crise do neoliberalismo, que mostrou sua vulnerabilidade e inviabilidade diante da pandemia. Nunes (2020) aborda a situação de excepcionalidade diante deste contexto como uma dinâmica neoliberal de securitização da saúde global, em que a pandemia foi tratada como uma ameaça à vida das pessoas e ao normal funcionamento das sociedades. Muitos países adotaram severas medidas de isolamento social total que provocaram cenários de exceção, tornando ainda mais restrita a circulação econômica, que na perspectiva da securitização, deveria ser prioritariamente preservada. Atuando em direção oposta à racionalidade neoliberal, os efeitos econômicos do processo de securitização já superaram as consequências da crise financeira de 2008.



A COVID-19 revela a falta de resiliência do neoliberalismo, exposto a um choque global, e de grande magnitude, com origem num setor não econômico ou financeiro. Mais do que isso, a pandemia demonstra as contradições do neoliberalismo, que exige circulação mesmo quando esta comprovadamente promove o adoecimento e a morte de uma porcentagem significativa da população. Trata-se, portanto, não só de uma crise de saúde pública, mas também de uma crise do modelo neoliberal (NUNES, 2020, p. 2).

A própria lógica do capitalismo neoliberal, que na busca incessante pelo aumento de suas taxas de lucro, vem implementando diversas estratégias que aumentam a exploração da força de trabalho e dos recursos naturais, promovendo, nos dizeres de Netto (2012), a barbárie social contemporânea, em que são agudizadas as mais variadas expressões da questão social. O desenvolvimento do agronegócio trouxe novas formas de criação de animais, em que milhares deles são confinados e alimentados para engordar e serem abatidos no menor tempo possível, provocando desequilíbrios na natureza, e atraindo micro-organismos que podem promover mutações e originar vírus. Esta é a origem da Covid-19, decorrente da ganância humana e da acumulação capitalista (WALLACE, 2020).

Outra característica do neoliberalismo que merece destaque neste contexto é a sua capacidade de penetração estatal a partir da apropriação dos recursos do fundo público, que ao invés de serem direcionados para o conjunto de políticas e serviços sociais que são garantidos pela Constituição de 1988, são destinados para setores do empresariado e para o capital financeiro, sobretudo mediante o pagamento de juros da dívida pública (SALVADOR, 2020), ocasionando a já conhecida precarização da Saúde, da Assistência, da Previdência Social, entre outras políticas setoriais. Nessa direção, ocorre também a ampliação do mercado privado no âmbito da Saúde e da Educação, que mesmo diante dos governos da chamada “maré rosa” (COSTA, 2019) ou “onda progressista latino-americana” (SANTOS, 2018), persistiu e ganhou força.

É nesse cenário de fragilidade dos sistemas públicos de assistência, acentuado pela atuação necropolítica do governo Bolsonaro, que a Covid-19 chegou ao Brasil, provocando rapidamente o colapso dos serviços de saúde. Como afirmam Matta e colaboradores (2021), apesar da pandemia ser um termo que diz respeito a uma tendência epidemiológica que sinaliza que vários surtos estão ocorrendo ao mesmo tempo em muitos lugares, estes surtos não são iguais. Há determinantes sociais nos processos de



saúde e adoecimento que infligem características relevantes às pandemias em âmbitos locais.

A meticulosa análise de Bueno, Souto e Matta (2021), que reconstituiu a trajetória da Covid-19 no país, sintetiza as principais ações do governo federal frente à pandemia. Infelizmente não se trata de medidas de combate ao vírus, mas de propagação deste. A demissão de dois ministros da saúde com formação e experiência na área nos primeiros meses da pandemia, um período essencial para a elaboração de um planejamento estratégico para mitigar os seus efeitos, e a nomeação de um general do exército para ocupar este cargo; a recomendação de um tratamento precoce baseado na ingestão de medicamentos ineficazes no combate à doença, como a cloroquina e a ivermectina; e embates no pacto federativo, cujas iniciativas do governo federal não se alinhavam com as políticas implementadas por estados e municípios são alguns dos mais importantes fatos que caracterizam a experiência pandêmica brasileira.

O estudo citado acima foi publicado no mês de janeiro de 2021, não incluindo, desta forma, os recentes escândalos de corrupção envolvendo a compra de vacinas pelo governo, cujo cronograma de vacinação já está extremamente atrasado em comparação a diversos países. Podemos observar que a não gestão da pandemia no Brasil é permeada por diversos fenômenos já profundamente conhecidos de sua formação sócio-histórica (corrupção, incompetência, patrimonialismo, mandonismo), acrescidos de particularidades que emergem neste momento histórico, como o negacionismo e a promoção de *fake news*.

As consequências de tal gestão irresponsável e criminosa afetam de maneira mais contundente as populações mais vulnerabilizadas. Trabalhadores como empregadas domésticas, vendedores de rua, autônomos, entregadores e motoristas de aplicativos e trabalhadores urbanos em geral, tiveram sua renda prejudicada pela necessidade do isolamento social. Além disso, muitos deles não possuem residência fixa, e devido à perda de seus rendimentos, não possuem condições financeiras para custear o aluguel, ou no caso de grandes centros urbanos, o indivíduo precisa se manter fora de casa ao longo da semana por residir muito distante do seu local de trabalho. Assim, ficam evidentes as inúmeras dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora, principalmente seus segmentos mais pauperizados. É uma questão de emergência e urgência a instauração de



ações estratégicas do Estado na efetivação da proteção social diante dos efeitos mais severos da pandemia.

Nesse âmbito, surge a necessidade de o Estado criar medidas emergenciais por meio da organização de uma política redistributiva. Após muitos embates entre governo e oposição, é criada a Lei 13.982/2020, alterando a Lei Orgânica de Assistência Social (Lei 8.743/1993), modificando as condicionalidades de acesso ao Benefício de Prestação Continuada (BPC) temporariamente em razão da pandemia, porém “sua operação depende da regulamentação de critérios marcados por muita subjetividade, demandando uma complexa discussão entre os atores envolvidos na gestão do BPC” (BARTHOLO et al, 2020 p. 07-08).

A mesma lei citada acima possibilitou a criação do AE, regulamentado pelo Decreto 10.316/2020, com intenção de minimizar os impactos causados pela pandemia, tendo como público-alvo trabalhadores de baixa renda, desempregados e descobertos pela Previdência Social. O benefício concedeu o valor de 600 reais aos usuários maiores de 18 anos sem emprego formal e com renda familiar mensal *per capita* de até meio salário-mínimo, ou com quantia de três salários. O valor do AE é pago em dobro (1.200 reais) em situações de famílias monoparentais, podendo chegar até 1.800 reais em domicílios que tenham outro membro familiar, que não seja o cônjuge, maior de 18 anos e que seja elegível (BARTHOLO et al, 2020). Mas como ressaltam Nalesso, Rizzotti e Mustafa (2021), o Estado já estava desregulamentando as garantias protetivas, e na criação do AE não foi diferente, pois a operacionalização do benefício foi totalmente alheia à estrutura do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), desqualificando a política quando ela se torna mais necessária.

4 Tecnologias de informação e comunicação como instrumento de acesso ao AE e suas implicações

Na contemporaneidade, sabemos que o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm proporcionado novas implicações para a composição do trabalho, alterando o consumo e, até mesmo, o tecido social da própria sociedade, pois as próprias relações sociais são “virtualizadas”, constituindo-se como uma extensão de como nos identificamos e enxergamos a realidade.



Lemos (2002) denominou este novo estágio da cultura como cibercultura, pois considerava que as tecnologias digitais entrelaçadas à cultura contemporânea possibilitariam uma nova relação entre a técnica e a vida social, ocasionando uma verdadeira forma estética que funcionaria como vetor de novas agregações sociais.

Os impactos de tamanha transformação nas relações sociais trouxeram inúmeros pontos positivos, mas também aspectos negativos, dos quais podemos destacar a intensificação das formas de desigualdade, dominação e exclusão (GROSSI; COSTA; SANTOS, 2013). Mesmo que parte da literatura acerca da exclusão digital invista no determinismo tecnológico para defender a utilização das TICs como estratégia para a superação da pobreza e da desigualdade, na realidade, corrobora para a persistência destas.

A introdução de novos produtos, que passam a ser indicativos de uma condição de vida “civilizada” (seja telefone, eletricidade, geladeira, rádio ou TV), aumenta o patamar abaixo do qual uma família é considerada pobre. Como o ciclo de acesso a novos produtos começa com os ricos e se estende aos pobres após um tempo mais ou menos longo (e que nem sempre se completa), há um aumento da desigualdade (SORJ e GUEDES, 2005, p. 102).

Nessa direção, é necessário problematizar a percepção da exclusão digital como o contraponto da inclusão. Echalar e Peixoto (2016) realizam uma crítica a iniciativas de inclusão digital a partir do âmbito escolar que, ancoradas em orientações de organizações multilaterais que influenciam a implementação de políticas econômicas neoliberais, buscam qualificar jovens para o mercado de trabalho mediante a apropriação de softwares utilizados em escritórios, um conteúdo meramente tecnicista para atender as demandas do capital. O simples acesso às tecnologias nestes moldes contribui para uma “inclusão excludente”, pois não promove a reflexão sobre a origem da exclusão digital, não capacita para o uso crítico das ferramentas tecnológicas e não questiona o modelo econômico baseado na concentração de renda. “Como poderia ocorrer a inclusão no bojo de relações socioeconômicas, elas próprias, as primeiras responsáveis pela exclusão?” (ECHALAR e PEIXOTO, 2016, p. 44).

Isto posto, é válido pensarmos nas consequências da implantação de TICs como mecanismo de acesso ao AE, pois, segundo a pesquisa *TIC Domicílios 2019*, realizada em 2020, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da



Informação – CETIC-BR (2020a), 28% da população não possuem acesso à internet, destes 45% possuem renda mensal de até 1 salário-mínimo e 49% não possuem nenhuma fonte de renda. A partir disso, percebemos a relação contraditória entre a forma como o AE foi planejado e implantado, não considerando os excluídos digitais que compõem uma parcela significativa da sociedade em situação de vulnerabilidade, obstruindo o acesso ao benefício. Ainda segundo a *TIC Domicílios* (2020), os motivos para o não acesso à internet por esta população são diversos, passam desde o custo alto do serviço (59%); o medo por questões de segurança e privacidade (44%); por não saberem utilizar a ferramenta (49%); e até mesmo a falta de interesse (53%).

Outro estudo do CETIC-BR (2020b), o *Painel Covid-19: pesquisa sobre o uso da internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus* até verificou que praticamente todas as áreas de políticas públicas analisadas registraram aumento na procura por informações ou prestação de serviços públicos via internet. Os serviços relacionados aos direitos dos trabalhadores, a exemplo do auxílio emergencial, e à previdência social foram os mais buscados desde o início da pandemia (72%). Em 2019, este percentual totalizava 40%. Entretanto distintas desigualdades no acesso foram ressaltadas pelo estudo, principalmente relacionadas a questões de classe, pois usuários das classes DE (22%) tiveram menor uso dos serviços em comparação com classes C (33%) e AB (38%), respectivamente.

Estas inúmeras barreiras enfrentadas pelos usuários em busca de conseguir o acesso às TICs prejudicaram o acesso ao AE de acordo com o levantamento do Centro de Estudos em Microfinanças e Inclusão Financeira divulgado pela UOL (ANDRETTA, 2021), atingindo majoritariamente segmentos de classe mais pobres. Tais fatores contribuíram tanto para o indeferimento do benefício quanto para as filas excessivas em frente às agências bancárias, gerando aglomerações e risco de contaminação da doença.

A má operacionalização do benefício também demandou maior detalhamento sobre os indeferimentos, muitas vezes por questões do próprio cruzamento de dados utilizados pelo governo federal, como o Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS), o Sistema Integrado de Administração de Pessoal (Siape), a Relação Anual de Informações Sociais (Rais), pois “parte dos auxílios negados se deve ao hiato temporal entre as bases de dados” (BARTHOLLO et al, 2020, p. 12). Nesse âmbito, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2021, p. 20) ressalta “à estranheza causada pela



falta de articulação dos serviços assistenciais — acostumados a lidar com o público de baixa renda — no fluxo de concessão do Auxílio Emergencial, tendo em vista tratar de medida convergente com a segurança de renda”, conforme as diretrizes da Política Nacional de Assistência Social (PNAS).

Portanto, apesar do AE se caracterizar como um benefício eventual, toda a estrutura do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) foi desqualificada, dado que apenas por uma articulação concomitante com os serviços socioassistenciais da política, é que se chega a uma proteção social integral dos indivíduos, garantindo seus direitos. Essa ofensiva neoliberal do Estado tem como intuito aprofundar o processo de precarização da política, compondo sua investida na condição de produção e reprodução da classe trabalhadora, deixando os indivíduos mais passíveis das condicionalidades do trabalho precarizado.

É importante ressaltar que o próprio Tribunal de Contas da União (TCU), por meio de seus relatórios, deixa evidente a importância da Política de Assistência Social nesta conjuntura pandêmica, pois:

[...] dá a entender que as bases de dados disponíveis são insuficientes para se apurar os critérios legais para o recebimento do Auxílio Emergencial, cabendo à rede socioassistencial continuar acompanhando essas famílias, incluindo ou atualizando suas informações no CadÚnico. A rede, no entanto, tem sido alijada do processo de operacionalização do auxílio, o que foi reforçado por gestores municipais e estaduais em manifestações públicas. (INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA, 2021, p. 21).

Nesse âmbito, deveria ser importantíssimo para o Estado a articulação com a rede do SUAS não apenas para a viabilização imediata do AE, mas também para o acompanhamento socioassistencial desta população “extra-CadÚnico” no decorrer da pandemia e até mesmo após esta crise sanitária. Porém “a característica financeirizada e mercantil do auxílio emergencial impôs uma limitação que dificulta avanços à consolidação e aprimoramento do SUAS e, por conseguinte, do modelo protetivo” (NALESSO; RIZZOTTI; MUSTAFA, 2021, p. 234).

Outro aspecto relevante da desconexão entre a execução do AE e a estrutura da Política de Assistência Social diz respeito ao impacto no trabalho dos assistentes sociais, categoria profissional que integra a maioria dos trabalhadores nas instituições que

compõem a rede socioassistencial, como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Conforme Silva e Silva, Sousa e Lima (2021), apesar da desconsideração do potencial e da experiência desses profissionais pelo governo federal, dois serviços foram bastante requisitados durante a pandemia: 1) a frequente recorrência à ajuda desses profissionais nos CRAS para preenchimento do aplicativo da Caixa Econômica Federal, tendo em vista as limitações com o manuseio das TICs pelos usuários; 2) a contribuição dos/as assistentes sociais aos usuários do AE acerca da prestação de informações e apoio em caso de problemas no processo de seleção e implementação do benefício.

Rizzotti, Vieira e Magalhães (2021) trazem dados sobre as condições de trabalho no SUAS durante a pandemia no Estado da Paraíba. Debatendo as condições estruturantes do mercado de trabalho brasileiro, marcado por desigualdades de raça, classe e gênero, enfatizam a situação dos/as trabalhadores da assistência social em meio à crise sanitária. No tocante às mudanças referentes aos vínculos empregatícios, 62% afirmaram ter sofrido alteração nas condições de trabalho e, mesmo que a maioria deste grupo tenha mencionado a redução do tempo de trabalho sem redução de salários, 59% responderam que houve manutenção ou aumento do volume de trabalho, ou seja, as atividades foram intensificadas mesmo com o menor expediente e o não funcionamento de parte dos serviços. Em relação ao acesso a equipamentos de proteção individual (EPIs) e à testagem para Covid-19, apenas 10% disseram que ocorreu distribuição universal, contrastando com os 73% que mencionaram haver proteção apenas para uma parcela dos/as trabalhadores. Quando questionados sobre a formação específica para atuação no período pandêmico, 78% responderam que não receberam nenhum tipo de formação.

5 Considerações finais

Observamos que as políticas de austeridade fiscal preconizadas pelo neoliberalismo, cujas consequências se materializam na precarização dos serviços públicos e sociais, como a Assistência, a Saúde e a Previdência, surtiram efeitos ainda mais nocivos, num momento de calamidade e agudização das variadas expressões da questão social como a pandemia da Covid-19. A organização da vida econômica e social



postulada por preceitos neoliberais escancarou a sua fragilidade e inviabilidade diante deste contexto.

Em países com desenvolvimento capitalista dependente, a exemplo do Brasil, que ainda guarda a particularidade de ser desgovernado por forças políticas e econômicas ultraliberais e ultraconservadoras, a gestão da pandemia falhou miseravelmente, condenando mais de 600 mil pessoas, em sua maioria negras e periféricas, à morte, à invisibilidade e ao desprestígio social. Trata-se da gestão diferencial entre as vidas dignas de assistência e às vidas indignas, destinadas às valas comuns (ARAÚJO; MEDEIROS; MALLART, 2020), um lamentável retrato do enquadramento necropolítico dado pelas autoridades brasileiras no (des)controle dos efeitos da pandemia.

O Auxílio Emergencial, uma das medidas econômicas e assistenciais mais importantes no socorro à classe trabalhadora, também passou por problemas de gestão. Aprovado depois de muitos embates no Legislativo, não foi acompanhado por um processo de planejamento, nem esteve articulado à estrutura e às diretrizes da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), acarretando diversas dificuldades em seu acesso, que não consideraram as complexas desigualdades no acesso a internet no Brasil, aspectos importantíssimos para a efetivação de qualquer política social, mesmo dentro de uma perspectiva focalizada e financeirizada.

Ademais, cabe neste momento indagarmos sobre as perspectivas para a reprodução social desta população vulnerabilizada num futuro próximo, quando se encerrar o recebimento do benefício. Precisamos pensar soluções para possibilitar os mínimos sociais a esta população no contexto de um desgoverno “austericida”, cuja política econômica deficitária é responsável pelo número de mais de 14 milhões de desempregados (dados de junho de 2021) e por crescentes taxas de inflação que encarecem os itens da cesta básica. Certamente não será por meio do Auxílio Brasil, uma repaginação ainda mais seletiva do Programa Bolsa Família, mas sim a partir de uma gestão sensível e competente que considere que, para a mitigação das expressões da questão social, é necessária a efetivação dos direitos de cidadania previstos em lei, com políticas públicas de caráter universal.



Referências

ANDRETTA, Filipe. Por falta de celular e de internet, mais pobres ficaram sem auxílio, diz FGV. **Uol**, 27 maio 2021. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/05/27/auxilio-emergencial-2021-exclusao-digital-celular-caixa-aplicativo.htm>. Acesso em: 05 jul. 2021.

ARAÚJO, Fábio; MEDEIROS, Flavia; MALLART, Fábio. As valas comuns: imagens e políticas da morte. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-33>. Acesso em: 05 jul. 2021.

BARTHOLO, Letícia; et al. **As transferências monetárias federais de caráter assistencial em resposta à COVID-19: mudanças e desafios de implementação**. Brasília: Ipea, 2020. (Nota Técnica). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10042/1/NT_72_Disoc_As%20Transferencias%20Monet%c3%a1rias%20Federais.pdf. Acesso em: 30 jun. 2021.

BROWN, Wendy. **Cidadania sacrificial, neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade**. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018a.

BROWN, Wendy. Hoje em dia, somos todos democratas. **Revista Sapere Aude**. Belo Horizonte, v. 9, n. 17, p. 291-302, jan./jun. 2018b. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2018v9n17p291-302>. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/20158>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BUENO, Flávia Thedim Costa; SOUTO, Ester Paiva; MATTA, Gustavo Corrêa. Notas sobre a trajetória da Covid-19 no Brasil. In: MATTA Gustavo Corrêa et al (orgs.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. p. 27-39.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO – CETIC-BR. **TIC Domicílios 2020**. São Paulo: CETIC-BR, 2020a. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>. Acesso em: 25 maio 2022.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO – CETIC-BR. **Painel TIC Covid-19: pesquisa sobre o uso da internet no Brasil durante a pandemia do novo Coronavírus**. 2. ed. São Paulo: Serviços públicos online, Telessaúde e Privacidade, 2020b. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20200817133735/painel_tic_covid19_1edicao_livro%20eetr%C3%B4nico.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO – CETIC-BR. **TIC Domicílios 2019**. São Paulo: CETIC-BR, 2019. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

CITTADINO, Gisele. Lawfare, pacto constitucional e pacto social no Brasil. In: CITTADINO; Gisele; FEITOSA, Maria Luiza; LIZIERO, Leonam (org.). **Lawfare: o calvário da democracia brasileira**. Andradina: Meraki, 2020. p. 50-55.

COSTA, Sérgio. Desigualdades, interdependência e políticas sociais no Brasil. In: PIRES, Roberto Rocha Coelho (org.). **Implementando desigualdades: reprodução de desigualdades na implementação de políticas públicas**. Rio de Janeiro: Ipea, 2019. p. 53-78.



DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

ECHALAR, Adda Daniela Lima Figueiredo; PEIXOTO, Joana. Dos excluídos às razões da exclusão digital. **Revista Científica de Educação**, Inhumas, v.1, n.1, p. 41-54, dez., 2016. Disponível em: <https://seer.facmais.edu.br/rc/index.php/RCE/article/view/5>. Acesso em: 17 set. 2021.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro; COSTA, José Wilson da; SANTOS, Ademir José dos. A exclusão digital: o reflexo da desigualdade social no Brasil. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 2, p. 68-85, maio/ago., 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v24i2.2480>. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2480/2225>. Acesso em: 14 set. 2021.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Políticas sociais**: acompanhamento e análise. Brasília, n., 28, 2021. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/politicas_sociais/210507_boletim_bps_28_assistencia_social.pdf. Acesso em: 29 jun. 2021.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MATTA, Gustavo Corrêa et al. Apresentação. In: MATTA, Gustavo Corrêa et al (org.). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil**: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. p. 15-24.

MOTA, Ana Elizabete. **Cultura da crise e seguridade social**: um estudo sobre as tendências da previdência e da assistência social brasileira nos anos 80 e 90. São Paulo: Cortez, 1995.

NALESSO, Ana Patrícia Pires; RIZZOTTI, Maria Luiza Amaral; MUSTAFA, Sâmia Machado. Desmonte da proteção social: uma análise da implementação do auxílio emergencial. **Temporalis**, Brasília, v. 21, n. 41, p. 219-236, jan./jun., 2021. DOI: <https://doi.org/10.22422/temporalis.2021v21n41p219-236>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/34798>. Acesso em: 30 jun. 2021.

NETTO, José Paulo. Capitalismo e barbárie contemporânea. **Argumentum**, Vitória, v. 4, n. 1, p. 202-222, jan./jun., 2012. DOI: <https://doi.org/10.18315/argumentum.v4i1.2028>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/2028/2717>. Acesso em: 05 jul. 2021.

NUNES, João. A pandemia de Covid-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00063120>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/sng9pd8tLNdY3cQrDChhqPr/?lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2021.

PAMPLONA, Nicola. Informalidade no país atinge quase 40 milhões de pessoas, diz IBGE. **Folha de São Paulo online**, 27 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/09/quase-40-milhoes-de-trabalhadores-estao-na-informalidade-diz-ibge.shtml>. Acesso em: 01 jul. 2021.



RIZZOTTI, Maria Luiza Amaral; VIEIRA, Maria do Socorro Souza; MAGALHÃES, Jaciana Moura. Condição de trabalho no SUAS no contexto da pandemia do Covid-19. **Argumentum**, Vitória, v. 13, n. 1, p. 81-94, jan./abr., 2021. DOI: <http://10.47456/argumentum.v13i1.33031>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/33031/23385>. Acesso em: 17 set. 2021.

SALVADOR, Evilásio. Disputa do fundo público em tempos de pandemia no Brasil. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 1-15, jul./dez., 2020. DOI: <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2020.2.39326>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/39326/26504>. Acesso em: 05 jul. 2021.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. **Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016)**. São Paulo: Elefante, 2018.

SILVA e SILVA, Maria Ozanira da; SOUSA, Salviana de Maria Pastor Santos; LIMA, Valéria Ferreira Santos de Almada. Auxílio emergencial e o trabalho do Serviço Social no contexto da Covid-19. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 48, v. 19, p. 107-123, jul./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/rep.2021.60299>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/60299/38409>. Acesso em: 17 set. 2021.

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 72, p. 101-117, jul. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002005000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/vZ6fSRKr6SDKBHP6vdxGTP/?lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2021.

WALLACE, Rob. **Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência**. São Paulo: Elefante, 2020.

Recebido em: 02/05/2022.

Aceito em: 25/05/2022.



| RESENHAS LIVRES |



TRADIÇÕES JOGADAS

RELEASED TRADITIONS

Gabriel Farias Pereira *

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos**: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana. Salvador: EDUFBA, 2012.

O que é a tradição para capoeira angola? Essa é uma questão que o praticante de capoeira angola em algum momento de sua vida faz a si mesmo ou àquele que lhe ensina. “Por que tal golpe é chamado de formas diferentes em grupos diferentes de capoeira?” ou “Por que lá é aceito o que aqui é proibido?”. A percepção da diferença das formas de tal prática não é, apesar disso, uma questão que mobilize unicamente os capoeiristas iniciantes. Essa diferença das formas do fazer que a tradição de um grupo particular absolutiza é ela mesma o alvo das disputas dos jogadores autorizados de diversas linhagens da capoeira angola. Paulo Andrade Magalhães Filho em seu livro, resultado de sua pesquisa de dissertação pela UFBA, *Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana*, toma a tradição da capoeira angola baiana por objeto de pesquisa, e, através de um percurso pela história da capoeira baiana do século passado e do atual e de suas relações com as instituições e com a política de Estado, com os intelectuais e os movimentos sociais, aponta a dimensão histórica, as estratégias e disputas simbólicas e os processos de constituição e instituição de uma forma, até então particular da prática da capoeira angola, no modelo dominante quando se trata de pensar o que é a capoeira angola. Apesar de uma forma particular ter se tornado dominante — ou nas categorias trabalhadas pelo autor, hegemônica — as suas concorrentes não foram excluídas e, dela mesma, outras maneiras diferenciadas vieram a ganhar existência.

Paulo Magalhães é um acadêmico, jornalista e capoeirista (conforme lemos no livro), no meio da capoeira possui o apelido de Sem Terra. Foi na qualidade de capoeirista que já havia passado por diversos grupos e linhagens diferentes que o problema do ser da

* Aluno do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/Brasil. E-mail: gabriel.pereira@academico.ufpb.br.



tradição lhe surgiu, como ele nos descreve na introdução do livro (MAGALHÃES, 2012, p.16). Na época em que redigiu sua pesquisa, era aluno do mestre Renê, fundador da Associação de Capoeira Angola Navio Negreiro (ACANNE), de Salvador. Foi com o intuito inicial de pesquisar seu “bisavô” de capoeira, o mestre Canjiquinha, que o autor pôde fazer descobertas significativas para pesquisadores da capoeira e da cultura popular.

Se debruçando sobre o trajeto de mestre Canjiquinha na capoeira, Magalhães observou que havia discursos diferentes em torno de Aberrê — quem ensinou capoeira ao mestre Canjiquinha. Segundo alguns, Aberrê teria sido aluno do mestre Pastinha (1889-1981), promotor de uma linhagem que veio a dominar a definição e a representação do que se compreende como capoeira angola. Contudo o autor nos mostra discordâncias entre os relatos históricos e os discursos presentes, por exemplo: mestre Pastinha estava afastado da capoeira pelos idos de 1912, só retomando-a em 1941. Nesse período, Aberrê figurou em importantes disputas em ringues de capoeira (década de 1930), inclusive contra o mestre Bimba (1899-1974), criador da capoeira regional. Por outro lado, como o autor destaca em uma de suas hipóteses no subcapítulo *Polêmicas Pastinha e Aberrê* (p. 84), tendo Pastinha dado aulas de capoeira de 1910 a 1912, Aberrê só teria sido seu aluno por dois anos; outro problema que se coloca também é a remissão que a tradição oral faz da linhagem capoeirística de Aberrê que nos enviaria ao Recôncavo Baiano. Uma terceira questão é a de que naquela época — anterior à possibilidade de instituição de espaços reservados para a prática e ensino da capoeira, as academias (grupos ou escolas de capoeira, na concepção atual) — a relação aluno-mestre era muito mais fluída do que a atual relação de rigidez e fidelidade que a determina atualmente (MAGALHÃES, 2012, p. 85).

Parte dessa disputa sobre a ascendência de Aberrê faz eco aos dissensos do tempo presente no campo onde estão em luta aqueles que defendem a possibilidade da diversidade na unidade do que se compreende — e se busca fazer compreender por meio dessas disputas simbólicas e corporais, discursivas e acadêmicas — por capoeira angola e aqueles que impingem o estigma de *descaracterização* para formas, ou melhor dizendo, maneiras de ser e estar *em jogo* que não se conformam ao modelo hegemônico determinado pela linhagem pastiniana. Dentro desse robusto tecido de disputa pelo passado e memória que encontramos em tal pesquisa, a pertença a uma linhagem ou a oposição a ela, os interesses nas reconstituições práticas e teóricas das genealogias, de



modo concreto, configuram para o ponto de vista teórico um espaço de disputa da legitimidade, de jogos para fortalecer ou enfraquecer os direitos associados a uma linhagem e, assim, de ter uma prática diferenciada da definição dominante de capoeira angola podendo, então, esses praticantes identificarem-se como angoleiros com maneiras particulares de *ser* e *se fazer* capoeira, implicando uma mudança na própria definição de capoeira angola.

Conforme nos relata, foi enquanto se dedicava aos materiais históricos sobre a capoeira baiana do século XX que o autor viu-se enredado em materiais jornalísticos da década de 1980, que apontavam para uma disputa em torno da tradição (e definição) da capoeira angola na forma de controvérsias entre jovens mestres que arrogavam para suas respectivas práticas a maior conformidade com a capoeira angola, sendo protagonistas dessa disputa político-simbólica, dentro do campo da capoeira angola baiana, os mestres Moraes e Renê. O primeiro, que se situa na linhagem de mestre Pastinha, e o segundo, na linhagem do mestre Aberrê. Segundo outro mestre baiano famoso (Paulo dos Anjos), mestre Aberrê pertenceria a uma outra linhagem da capoeira angola que se formou a partir da década de 1930.

A descoberta desse material histórico fez o pesquisador alterar seu objeto de pesquisa. Entretanto, apesar das pesquisas históricas do autor e dos debates entre descendentes de Aberrê, no meio capoeirístico ainda se mantém a indecisão quanto à ascendência do mestre Aberrê. Então, é a partir de tal deslocamento provocado pela empiria histórica que a pesquisa ganhou corpo: o autor vai em busca, na dialética entre as estratégias dos agentes e das conjunturas para sua ação, do significado das práticas e discursos propostos a respeito da tradição da capoeira angola.

Foram várias as contribuições que Paulo Magalhães ofertou para os pesquisadores da cultura afro-brasileira em seu livro. A historicidade das disputas simbólicas que constituem a prática da capoeira, desde o período de sua ilegalidade, passando pela criação da capoeira regional em 1928 por mestre Bimba e, mais ou menos na mesma época, da capoeira angola até sua descriminalização no Estado Novo. Magalhães, a partir da pesquisa nos jornais na década de 1930, falando sobre a criação da capoeira angola, traz contribuições importantes por apresentar, na contramão de hipóteses de outros pesquisadores, que a capoeira angola e o seu recurso à tradição (MAGALHÃES, 2012,



p. 55) como estratégia central de sua oposição à capoeira regional e de disputas políticas dentro do seu próprio espaço não é uma criação dos intelectuais, posteriormente apropriada pelos praticantes.¹ Simone Vassalo, em artigo de 2003, *Capoeira e intelectuais: a criação coletiva da capoeira autêntica*, apresentando as observações do folclorista Edison Carneiro sobre a pureza da capoeira angola, escreve-nos:

[...]Em seguida, [Edson Carneiro] acrescenta: "*A capoeira de Angola me parece a **mais pura** das formas de capoeira, podendo servir de paradigma à análise*" (Carneiro, 1937: 149). Os critérios que o levaram a essa conclusão não são explicitados nesse artigo, nem nos outros que escreve posteriormente sobre essa mesma atividade. [...] *A partir desse momento, intelectuais e capoeiras passaram progressivamente a veicular a expressão "Capoeira d'Angola", considerando-a a forma mais autêntica de jogo*. Desde então, os estudos sobre a luta afro-brasileira referem-se quase que exclusivamente a essa modalidade de luta, que se cristaliza progressivamente, adquirindo contornos específicos. Não pretendo afirmar aqui que Édison Carneiro tenha sido o criador dessa expressão. Mas sugiro que a veiculação que ele fez dessa categoria tenha contribuído em muito para a sua consolidação (VASSALO, 2003, p. 110-111, grifo nosso).

Os dados apresentados por Magalhães põem em suspeição a ideia de que a capoeira angola seria uma invenção dos intelectuais. Em um debate jornalístico de março de 1936, momento marcado por tentativas de esportivização iminentes ao campo da capoeira (MAGALHÃES, 2012, p. 58 e 63) em que se via “duas vertentes da capoeira como dois modelos negros de esportivização” (REIS, 1994 apud MAGALHÃES, 2012, p. 63), e em que mestre Bimba buscava afirmar a capoeira regional como a capoeira que conservou e desenvolveu as suas características marciais; é citada por Magalhães a fala do mestre Samuel em um jornal em que ele nos diz que “a capoeira por Bimba introduzida no Parque Odeon não é *a legítima de Angola*, mesmo porque para se praticá-la mister se faz a presença do berimbau e pandeiro marcadores do ritmo” (MAGALHÃES, 2012, p. 60, grifo nosso). Para além do debate aí implícito dos limites da prática e da própria concepção do que seria a capoeira, tal enunciado nos mostra que, tal como a capoeira regional foi uma inovação orgânica do desenvolvimento da capoeira e atendeu direta ou indiretamente às necessidades sociais de seus praticantes, a capoeira angola surge como resposta (e classificação opositora) *prática* à tal inovação, de antemão pondo a capoeira

¹ Importante destacar que o próprio autor nos remete à função política — assomada a função de homogeneização de um grupo — que a tradição realiza em sua afirmação e reposição, tornando-a também um instrumento de disputa de um determinado grupo social, no caso específico, os angoleiros baianos. Nesse sentido, ele recorre à noção de “essencialismo estratégico” do teórico cultural Stuart Hall (MAGALHÃES, 2012, p. 16).

regional como ilegítima e promotora de uma espécie de heresia em relação à capoeira que vem a tomar o apelo “à tradição como sua marca distintiva” (MAGALHÃES, 2012, p. 65). Apesar da grande importância desses achados de Paulo Magalhães, ele põe com isso uma questão que não nos responde, a saber: qual a razão, então, da tradição — essa lei do passado que rola a cabeça dos vivos — vir a ser, quase que espontaneamente, o instrumento de luta dos angoleiros?

Em relação aos aspectos referentes à construção do objeto de pesquisa, o autor é claro: “Não é nossa intenção aqui [...] efetuar uma ruptura epistemológica e submeter a uma crítica teórica o discurso angoleiro” (MAGALHÃES, 2012, p. 46). Tomar por objeto científico aquilo que em um espaço específico da vida social determina os limites do certo e errado, do que está dentro ou fora, do que é honroso ou desonroso é uma tarefa difícil e cheia de ciladas em sua execução, essas oposições naturalizadas na capoeira angola compõem a ideia de tradição. O recurso à relativização antropológica de uma sociedade ou grupo social através do método comparativo, a historicização de um determinado fenômeno social, a descrição etc., são instrumentos importantes da objetivação científica que visam dar ao pesquisador um coeficiente de objetividade fundamental para evitar as tomadas de posição inconscientes a favor da sociologia espontânea mobilizada pelos agentes em disputa em um jogo social particular. Em um momento histórico de reviravoltas epistemológicas e críticas aos pressupostos das formas oficiais e dominantes de saber e expressão, quer seja a filosofia, a ciência, a religião ou a arte, tomadas como cúmplices conscientes ou inconscientes de doutrinas coloniais e racistas, pode parecer socialmente risível, politicamente descuidado e academicamente ultrapassado falar em buscar alguma objetividade do conhecimento. A razão de nossa desconfiança se fundamenta em certa incoerência dos argumentos do autor, algumas contradições internas do texto e do seu conteúdo, por exemplo: a opção, dada *a priori*, por um conceito nativo de tradição e a forma como é apresentada.

Paulo Magalhães, no subcapítulo: *Sobre a tradição* (MAGALHÃES, 2012, p. 46) e nas suas *Considerações finais* (MAGALHÃES, 2012, p. 225), expressa as intenções de sua pesquisa, a de não efetuar “uma ruptura epistemológica” (MAGALHÃES, 2012, p. 46) com o discurso nativo: “Nos colocamos aqui na posição do intelectual orgânico gramsciano, que expressa na linguagem da ciência o pensamento e os interesses de



determinado grupo social” (MAGALHÃES, 2012, p. 228). Um raciocínio por oposição veria em ambas as citações os riscos de que, sobre a égide da política e de uma crítica à forma dominante de saber se acabe endossando academicamente uma visão particular de um grupo ou mestre específico sobre o que é a tradição angoleira ou mesmo a capoeira, sendo um fato observado pelo autor e demais pesquisadores a extensão e transformação do âmbito acadêmico em mais um espaço de disputa dos grupos e mestres para implementação de sua visão particular da capoeira: “Uma parte significativa das pesquisas sobre capoeira hoje são realizadas por praticantes de capoeira, e há aí uma relação de legitimação em duas vias” (MAGALHÃES, 2012, p. 31). O próprio autor faz tal tipo de crítica no fim do subcapítulo *A crítica regional à tradição* (MAGALHÃES, 2012, p. 33) para apontar mediações importantes que também condicionam a crítica de pesquisadores-praticantes ao objeto constituído desde um ponto de vista teórico (e não-prático) como fundamento das disputas de poder para os angoleiros:

É importante não deixar de frisar *o lugar de onde se fala*, que grupo social é referência para estes autores que criticam, relativizam e desestabilizam o discurso nativo tradicionalista da capoeira angola. Leticia Reis foi aluna de Mestre Kenura, na Associação de Capoeira Fonte do Gravatá, em São Paulo; Simone Vassallo treinou com o grupo Senzala, no Rio de Janeiro; Luiz Renato e Falcão são mestres do grupo Beribazu, de Brasília. São todos representantes da capoeira contemporânea do Sudeste, e coincidentemente questionam de forma contundente a tradição da capoeira angola baiana [nordestina] (MAGALHÃES, 2012, p. 34).

Mas o risco de o feitiço se virar contra o feiticeiro é bloqueado em tal pesquisa? A forma de articulação do discurso do autor (próximo ao objeto em jogo) derrapa, às vezes, no uso espontâneo de jargões próprios ao ponto de vista da capoeira angola baiana, passando implicitamente da descrição de uma realidade à defesa dela, sendo essa operação a forma invertida daquela criticada por Magalhães, a historicização objetivista feita por José Cirqueira Falcão (FALCÃO, 1994 apud MAGALHÃES, 2012, p. 32), que ataca o recurso à tradição pelos praticantes da capoeira angola, taxando-os de “românticos” e “ingênuos”, presos a “superfluidades que supostamente se perderam nas brumas do tempo” (FALCÃO, 1994 apud MAGALHÃES, 2012, p. 32). Tal crítica de Falcão demonstra sua incompreensão das funções políticas que a tradição cumpre nas disputas entre os praticantes de capoeira angola, entre esses e os praticantes de capoeira regional e com a sociedade e suas instituições políticas. Nesse sentido, o historicismo



objetivista de Falcão se torna ideológico por reduzir e, com isso, pensar destituir o objeto de significado a partir da exposição teórica de sua dimensão histórica, parte de um arbitrário cultural, pretendendo com isso desvalidar, retirar o valor através de um juízo teórico sobre esses jogos sociais — e capoeiranos — que a tradição motiva.

Como o próprio autor demonstra ter ciência, há uma “relação dialética intensa entre o campo angoleiro e a academia” (MAGALHÃES, 2012, p. 46), sendo as produções de conhecimento acadêmicas e não acadêmicas importantes instrumentos apropriados e mobilizados historicamente por mestres e grupos de capoeira para concorrer entre si no “mercado da capoeira”. A tradição, que é apresentada em várias acepções ao longo da pesquisa, é assombrada implicitamente, mesmo no seu uso nativo e positivo, pelo fantasma de sua mobilização instrumental na determinação de recurso em disputas simbólicas entre diferentes mestres e grupos; porém, qual é o conteúdo que as categorias constituintes da tradição — e ela própria — visam conquistar para si ao se realizar? Segundo Vivian Fonseca:

[...] tudo acontece como se a capoeira estivesse imune a tensões econômicas. Os jogos de linguagem presentes no campo da capoeira atribuem motivações somente ideológicas, esvaziando-se a tensão presente relativa à disputa de alunos e do mercado externo (workshop, palestras, batizados etc.) [apoios estatais incluso] (FONSECA, 2009 apud MAGALHÃES, 2012, p. 54)

A passagem e desenvolvimento do entendimento da função simbólica da tradição na construção das identidades e fronteiras dos grupos (MAGALHÃES, 2012, p. 53-55) para a compreensão, também, da função política do recurso à tradição — através da gênese da tradição hegemônica e das disputas dos agentes em torno dela — e da legitimidade que ela oferta é essencial para se apreender a dimensão dinâmica de tal realidade social.²

Ao combinar a empiria histórica com entrevistas feitas com mestres de capoeira angola, o autor oferece um amplo espaço de reflexão sobre as diferentes propostas político-identitárias para a capoeira angola; entretanto, a “busca de um conceito nativo consensual” (MAGALHÃES, 2012, p. 19) de tradição o enreda, a nosso ver, em mais um

² Ver também a página 40 sobre a denúncia das estratégias de controle de mercado feitas pelos mestres brasileiros e a página 56 onde o autor aponta que “a defesa da tradição está ligada intrinsecamente” às disputas no mercado da capoeira — que como mercado de um bem simbólico, raramente aparece como tal e muitas vezes tem suas disputas em formas transfiguradas.



problema: não só a colcha de retalhos que a disposição das respostas dos mestres questionados sobre o que é tradição cria, como também o fato de algumas respostas conterem em si elementos que forçam e, em certa medida, “desrealizam” a “dimensão” secreta e imponderável (MAGALHÃES, 2012, p. 222) da tradição tal como defende o autor, aparentando, assim, posicionar-se a favor de certa visão específica sobre a capoeira angola, o que nos leva à questão: afinal, não seria esse o significado denegado que orienta a abdicação do autor em construir um conceito de tradição?

Em se tratando de tradições, o passado (sempre mediado pelas urgências atuais) se torna a medida das práticas presentes, é interessante notar, por exemplo, a visão positiva sobre as modificações da capoeira que o mestre Virgílio traz (p. 214), “porque a violência foi tirada”; ou a fala do mestre Nô que apresenta uma valoração inversa que associa a descaracterização da capoeira angola com a emergência dos princípios da atual tradição dominante vinculada, tal como Magalhães demonstra em sua pesquisa, ao surgimento do Grupo Capoeira Angola Pelourinho — GCAP (p. 214), que reinterpreta e continua ao seu modo o trabalho de racionalização da capoeira angola operado por mestre Pastinha. Ou também o mestre Raimundo Dias que “interpreta o discurso de descaracterização como um ataque hegemônico às linhagens minoritárias, que seriam coagidas a seguir o modelo dominante” (MAGALHÃES, 2012, p. 214). Contudo, de todas as respostas dadas, a que, a nosso ver, melhor ilustra a necessidade de fazer aquilo que o autor não intenciona — a ruptura epistemológica — é a anunciada pelo mestre Cobra Mansa.³ Ele é um dos personagens centrais nos processos sociais estudados em tal pesquisa, sendo um dos fundadores de um dos dois grupos responsáveis pela “reascensão angoleira” (MAGALHÃES, 2012, p. 127), o Grupo Capoeira Angola Pelourinho (GCAP), após a morte do mestre Pastinha — figura central na criação de uma tradição angoleira, e que após sua morte, tornou-se um símbolo solicitado positiva ou negativamente para afirmação de tradições e linhagens dentro da capoeira angola. Em

³ Observemos que a “contradição” que o mestre Cobra Mansa nos relatará a seguir indica-nos que há uma modificação em curso no espaço da capoeira angola em que nos são sinalizados os contornos de uma compreensão da tradição mais particularizada, mais intelectualizada, ciente da arbitrariedade das tradições. Somemos a isso que a intuição da arbitrariedade no cerne do apelo à tradição é bastante presente em mestres angoleiros que não são da linhagem pastiniana, hegemônica, isto é, que são dominados nesse espaço, que não se conformam com o modelo estabelecido pelo GCAP, como o autor documenta nas desconfiças dos mestres Raimundo Dias, Nô e Lua Rasta (MAGALHÃES, 2012, p. 214-215).

uma de suas respostas na entrevista, em parte citada por Magalhães (que citamos aqui a resposta inteira), dada a Rosângela Araújo, o mestre Cobra Mansa nos diz que:

Hoje em dia eu vivo mais contradição do que tradição. No meu meio, eu tenho vivido uma fase muito difícil de capoeira, nos últimos 4, 5 anos... tem sido muito difícil... já teve momento em que eu tive vontade de parar de dar aula de capoeira, porque eu já não aguento mais, eu já não sei o que é verdade, o que é mentira, o que é tradição, o que é história, o que é mito, *perdi a referência total*, então é difícil para mim hoje em dia, chegar para um aluno e dizer: olha, isso é pau, isso é pedra. Porque, na verdade, você aprende que tradição é feita todos os dias, tradição é uma coisa que as pessoas adotam e que outras pessoas vão adotando e que com o processo passa a fazer parte daquele grupo, e aí vira tradição. Então eu tento passar para os meus alunos, hoje em dia, uma *visão um pouco aberta do que é Capoeira Angola* e ao mesmo tempo colocar para eles que tem certas coisas que não devem ser mudadas.

E tem outras coisas que *você tem que ter a mente aberta o suficiente para entender que não existe verdade, não existe mentira*. Eu mesmo, hoje em dia, não ensino mais nomes de toques, porque *eu mesmo já me perdi, me perdi mesmo...* porque cada tempo que passa *eu vejo que existe mais contradição do que tradição*. Então, um mestre decide que esse toque vai ser assim e por aí vai passando. Também não discuta, aprenda a maneira que ele tem e guarde para você, você só vai ganhar mais conhecimento com isso (ARAÚJO, 2004, p. 206, grifo nosso).

Elementos importantes são aí mobilizados e abertamente relativizados. O fundamento inquestionável ou ignorado que dá a certeza para que um olhar e fazer particular se acredite como o único correto, próprio do apelo à tradição, vê-se em xeque nesse depoimento. Seria preciso, contudo, situar o olhar do mestre Cobra Mansa a partir de seus traços biográficos, sociologicamente pertinentes, o que não é adequado nos limites desta resenha, ficando tal tarefa para pesquisas posteriores.

É por intermédio desses jogos na história da capoeira em geral, e da capoeira angola em particular, que o autor abre novos horizontes e nos instiga para a pesquisa das práticas culturais populares a partir de novos conceitos e problemas. O livro, com as suas reflexões teóricas sobre a constituição da hegemonia em um espaço social específico, os novos achados históricos, as analogias com as demais práticas culturais e religiosas afro-brasileiras, as estratégias práticas dos agentes sociais em jogo, é um convite aos leitores para entrarem no jogo (dentro e fora da roda de capoeira), na história e contradições das práticas culturais produzidas pelas classes sociais marginalizadas no processo de formação do Brasil.



Referências

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre**: a capoeira angola da “escola pastiniana” como práxis educativa. 2004. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos**: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana. Salvador: EDUFBA, 2012.

VASSALO, Simone Pondé. Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira autêntica. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 32, p. 106-124, 2003.

Recebido em: 11/08/2021.

Aceito em: 12/04/2022.



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

DOI: <https://doi.org/10.46906/caos.n28.60497.p199-208>

| TRADUÇÃO |



PREFÁCIO À FILOSOFIA POSITIVA DE AUGUSTE COMTE
PREFACE TO THE POSITIVE PHILOSOPHY OF AUGUSTE COMTE

Harriet Martineau *

Tradução: Fernanda Henrique Cupertino Alcântara **

Pode parecer estranho que, nestes dias, quando a língua francesa é quase tão familiar para os leitores ingleses como a sua própria, eu devesse ter passado muitos meses na interpretação para o inglês de um trabalho que não apresenta nenhuma dificuldade de linguagem, e que é, indubitavelmente, conhecido de todos os estudantes filosóficos. Raramente como o nome de Comte é mencionado na Inglaterra, não existe dúvida nas mentes dos estudantes de seu grande trabalho, que a maioria ou todos daqueles que adicionaram substancialmente ao nosso conhecimento, por muitos anos passados, são completamente familiarizados com isso, e estão sob obrigações para as quais teriam felizmente reconhecido, exceto pelo medo de ofender os preconceitos da sociedade na qual vivem. De qualquer forma que nós olhamos sobre todo o campo da ciência, nós vemos as verdades e as ideias apresentadas por Comte aparecendo da superfície e tacitamente reconhecidas como a fundação de tudo o que é sistemático em nosso conhecimento. Sendo este o caso, pode parecer ser um trabalho desnecessário trazer dentro de nossa própria língua o que está claramente existindo em tantas das mentes que estão guiando e formando as visões populares. Mas não foi sem razão que empreendi um trabalho tão sério, enquanto muito trabalho estava aguardando para ser feito, que poderia parecer ser mais urgente.

* Harriet Martineau (1802-1876) é considerada a primeira socióloga e sistematizadora dos métodos de pesquisa de campo. Apesar de sua vasta obra, com dezenas de livros, inúmeros artigos e editoriais para jornais e revistas, geralmente é lembrada apenas por ter condensado e traduzido o *Curso de filosofia positiva*, de Auguste Comte, para a língua inglesa. Trazer aos leitores o contato com o prefácio desta obra ajuda a esclarecer algumas confusões a respeito e mostrar o papel ativo de Martineau (já com 50 anos de vida e 30 de carreira como escritora) na divulgação tardia da obra de Comte e sem, entretanto, figurar como uma seguidora deste ou uma positivista. Martineau produziu na primeira metade do século XIX obras fundamentais para a fundação da Ciência da Sociedade, entre elas: *Sociedade na América* (1837) e *Como observar: morais e costumes* (1838).

** Professora do Departamento de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora/Brasil. Doutorado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)/Brasil. E-mail: fernandahcaltantara1980@gmail.com.



Uma razão, embora não a principal, foi dizer que me parece injusto, por medo ou indolência, usar os benefícios que nos foram conferidos pelo Sr. Comte sem reconhecimento. Sua fama está sem dúvida salva. Tal trabalho como esse tem certeza de receber a devida homenagem, cedo ou tarde. Antes do fim do século, a sociedade em geral terá se tornado ciente de que este trabalho é uma das principais honras do período, e que o nome do seu autor será classificado com aqueles dos dignos que ilustraram épocas anteriores: mas não me parece correto ajudar a atrasar o reconhecimento até o autor de tão nobre serviço estar fora do alcance de nossa gratidão e honra: e que é desmoralizante para nós mesmos aceitar e usar tal vantagem, como ele nos deu, em um silêncio que é um fato de ingratidão. Suas honras nós não podemos compartilhar: elas são dele e incomunicáveis. Seus ensaios nós podemos compartilhar, e, por compartilhar, esclarecer; e ele tem a reivindicação mais forte sobre nós por simpatia e companheirismo em qualquer descrédito popular que, nesse caso, como em todos os casos de sinalizar o serviço social, atende a um primeiro movimento. Tal simpatia e companheirismo serão despertados e estendidos, eu confio, na proporção com o espalhar entre nós de um conhecimento popular do que o Sr. Comte fez: e essa esperança foi uma razão, embora, como eu disse, não a principal, para meu compromisso em reproduzir seu trabalho na Inglaterra de uma forma tão popular quanto sua natureza admite.

Uma razão mais forte foi que o trabalho do Sr. Comte, em sua forma original, não faz justiça à sua importância, mesmo na França; e muito menos na Inglaterra. É na forma de palestras, a entrega da qual foi espalhada sobre um longo curso de anos; e essa extensão do tempo necessitou de uma quantidade de recapitulação muito injuriosa, para seu interesse e aspecto filosófico. O estilo do Sr. Comte é singular. É ao mesmo tempo rico e difuso. Toda sentença é carregada com significados; e ainda está sobrecarregada com palavras. Seu escrúpulo honesto o conduz a guardar suas enunciações com epítetos que são constantemente repetidos, apesar disso, para sua própria mente, eram necessários em cada instância individual, tornam-se cansativos, especialmente em direção ao fim do trabalho, e perdem seu efeito pela constante repetição. Essa prática, que pode ser forte em uma série de instruções espalhadas sobre 20 anos, torna-se fraqueza quando aquelas instruções são apresentadas como um todo; e pareceu-me que vale a pena condensar seu trabalho, se eu não empreendesse mais, em ordem para despojá-lo de desvantagens surgindo apenas da redundância. Minha crença é que, então, se nada mais fosse feito,



poderia ser trazido eco perante as mentes de muitos seria desterrado do estudo dele por sua massa. O que dei nesses dois volumes ocupa no original seis volumes com, em média, quase 800 páginas: e, ainda, acredito será percebido que nada essencial de cada declaração ou ilustração foi omitido.

Meu incentivo mais forte para esse empreendimento foi minha profunda convicção de nossa necessidade deste livro em meu próprio país, em uma forma que renderia acessível para amplo número de leitores inteligentes. Nós estamos vivendo em um tempo notável, quando o conflito de opiniões rende uma firme fundação de conhecimento indispensável, não apenas para nosso progresso intelectual, moral e social, mas para nossa manutenção de tal terreno como nós ganhamos de tempos passados. Enquanto nossa ciência está dividida em divisões arbitrárias; enquanto as ciências abstrata e concreta são confundidas juntas, e mesmo misturadas com suas aplicações para as artes, e com a história natural, e enquanto as pesquisas do mundo científico são apresentadas como meros acréscimos para uma massa heterogênea de fatos, não pode existir esperança de um progresso científico que deva satisfazer e beneficiar aquelas amplas classes de estudantes cujos assuntos são, não para explorar, mas para receber. O crescimento de um gosto científico entre as classes trabalhadoras deste país é um dos mais impressionantes sinais dos tempos. Eu não acredito que ninguém possa inquerir dentro do modo de vida do homem jovem do círculo das classes médias operativas sem ser golpeado com o desejo que é mostrado, e os sacrifícios que são feitos, para obter os meios do estudo científico. Que tal disposição devesse estar confusa, e tal estudo rendesse quase ineficaz, pelo caráter inconstante da exposição científica na Inglaterra, enquanto tal trabalho como de Comte foi em existência, não foi para ser carregado, se um ano ou dois de uma humilde labuta pudessem ajudar, mais ou menos, para promover a necessidade.

Em ligação próxima com isso estava outra de minhas razões. O pavor supremo de todos aqueles que cuidam para o bem da nação ou da raça é que os homens deveriam estar à deriva pela falta de uma ancoragem para suas convicções. Eu acredito que ninguém questiona que uma muito ampla proporção de nosso povo está agora, então, à deriva. Com dor e medo, vemos que a multidão, que poderia e deveria estar entre o mais sábio e melhor dos nossos, cidadãos, está alienada para sempre do tipo de fé que bastou para tudo em um período orgânico que passou, enquanto ninguém lhes apresentou, e não podem obter por



si mesmos, qualquer base de convicção tão firme e clara quanto esta que bastou para nossos pais em seus dias. Os perigos morais de tal estado de flutuação como tem crescido, então, são temerosos no extremo, quer a transição do estágio de uma ordem de convicções para outra seja longa ou curta. O trabalho do Sr. Comte é inquestionavelmente o maior esforço individual que foi feito para obviar este tipo de perigo; e minha profunda persuasão é que será encontrado para recuperar uma vasta quantidade de errantes, de especulação doentia, de apatia ou dúvida imprudente, e de uma incerteza e depressão moral. Para qualquer outra coisa que possa ser pensada do trabalho, não será negada que verifica com sagacidade singular e solidez as fundações do conhecimento humano, e seu verdadeiro objeto e escopo; aridez que estabelece a verdadeira filiação das ciências dentro de seus limites de seus próprios princípios. Alguns podem querer interpolar isso ou aquilo; alguns amplificar, e talvez, aqui e lá, no mais escuro recesso do grande edifício, para transpor, mais ou menos: porém, qualquer que questione a solidez geral da exposição, ou das relações de suas partes, são de outra escola, e simplesmente negligenciarão o livro, e se ocuparão como se nunca tivesse existido. Não é para isso que tenho estado trabalhando! Abrigo para estudantes que não são escolásticos; que precisam de convicção e devem melhor conhecer quando sua necessidade é satisfeita. Quando esta exposição da Filosofia Positiva se desdobrar em ordem perante seus olhos, eles encontrarão nela, eu estou persuadida, no mínimo um lugar de descanso para o seu pensamento (um ponto de encontro de suas especulações disseminadas) e, possivelmente, uma base imóvel para suas convicções intelectuais e morais. O tempo virá quando o próprio livro será, por um tempo, mais discutido por conta das deficiências que o próprio Sr. Comte pressiona sobre nossa atenção; e quando sua filosofia sustentará amplificações das quais ele mesmo não sonha. Deve ser assim, no inevitável crescimento do conhecimento e evolução da filosofia; e é o destino do qual o próprio filósofo deveria cobiçar, porque é apenas um livro verdadeiro que poderia sobreviver a ser apenas tratado: mas, no meio tempo, dá-nos a base que nós demandamos, e o princípio de ação que nós queremos. E como muitas instruções no proceder, e informação tanto para o que já tem sido alcançado, quanto poderia ser dado em nosso tempo; — possivelmente mais do que poderia ter sido dado por qualquer outra mente do nosso tempo. Mesmo a matemática está aqui primeiro constituída uma ciência, venerável e inquestionável como verdades matemáticas foram por tempos passados: e somos conduzidos, traçando como vamos a



clara genealogia das ciências, até nos encontrarmos entre os elementos das Ciências Sociais, como ainda muito brutos e confusos a serem estabelecidos pelos outros, por uma revisão do que foi alcançado antes; mas agora, pelas mãos de nosso mestre, discriminada, arranjada e consolidada, de forma a estar pronta para preencher as condições da ciência verdadeira quanto a gerações futuras, trazendo suas contribuições de conhecimento e experiência para construir sobre a fundação aqui assentada. Uma familiaridade completa com o trabalho no qual tudo isto é feito iria aproveitar mais para extinguir a anarquia da opinião popular e seccional neste país do que qualquer outra influência que já tem sido exercida, ou, acredito, proposta.

Foi sob tais convicções como essas que comecei, na primavera de 1851, a análise deste trabalho, em preparação para uma tradução. Uns poucos meses mais tarde, uma inesperada ajuda se apresentou. Minha proposta estava relacionada com a do falecido Sr. Lombe, que foi então residir em Florença. Ele era um perfeito desconhecido para mim. Ele me contou, em uma carta subsequente, que tinha desejado, por muitos anos, fazer o que eu estava tentando então e somente tinha sido impedido por má saúde. Minha estima do trabalho de Comte e minhas expectativas de sua introdução na Inglaterra na forma de uma condensada tradução eram totalmente compartilhadas com ele; e, para meu espanto absoluto, ele enviou-me, como o primeiro ato de nossa correspondência, uma ordem de £500 para seus banqueiros. Houve tempo, antes de sua lamentada morte, para me comunicar com ele sobre minhas visões quanto à disposição deste dinheiro e para obter a garantia de sua aprovação. Nós planejamos que a maior proporção deveria ser gasta em lançar o trabalho e promover sua circulação. As últimas palavras de sua última carta eram uma súplica de que deveria informá-lo se mais dinheiro, de qualquer forma, fosse melhorar a qualidade da minha versão ou ajudaria na disseminação do livro. Era uma questão profunda, no que diz respeito a mim, o fato de ele morrer antes que pudesse obter sua opinião quanto à forma como fiz meu trabalho. Tudo o que permaneceu era para realizar seus desejos tanto quanto possível; e para fazer isto, nenhuma dor foi poupada por mim ou por Sr. Chapman, que lhe deu a informação que invocou sua generosidade.

Quanto ao método como implementei meu trabalho — existirão diferentes opiniões sobre isso, claro. Alguns irão desejar que não tivesse havido omissões, enquanto outros teriam reclamado do comprimento e peso, se eu tivesse oferecido uma tradução



completa. Alguns irão perguntar por que não é uma versão mais próxima tanto quanto foi o original; e outros, eu tenho razão para acreditar, teriam preferido um breve relato, da minha mente, do que a filosofia de Comte ser acompanhada pelas ilustrações de minha imaginação. Uma expectativa mais ampla parece ser a de que deveria registrar minha dissidência e de alguns críticos de muito mais peso, de certas visões do Sr. Comte. Eu pensei muito e ansiosamente sobre isto; e não fui insensível à tentação de ofertar meu protesto, aqui e lá, contra uma declaração, uma conclusão, ou um método de tratamento. Eu deveria ter ficado bem satisfeita, ainda, para ter aduzido alguma opinião crítica de muito alto valor do que qualquer das minhas pode ser. Mas minha deliberada conclusão foi que este não era o lugar nem a ocasião para qualquer controvérsia. O que me engajei a fazer foi apresentar o primeiro grande trabalho de Comte em uma forma útil para o estudo inglês: e me parece que seria presunçoso empurrar-me em meu próprio criticismo e fora do lugar para inserir aquelas de outros. Aqueles outros podem falar por si mesmos e os leitores do livro podem criticar por eles mesmos. Sem dúvida, podem estar seguros não para confundir meu silêncio por assentimento, nem para me modificar com negligência de tal criticismo como o trabalho já foi evocado neste país. Enquanto omiti algumas páginas dos comentários do autor sobre assuntos franceses, não tentei alterar sua visão francesa da política europeia. Em resumo, tenho me esforçado para trazer o Sr. Comte e seus leitores ingleses face a face, com tão poucas desvantagens de intervenção quanto possível.

Isso de jeito nenhum implica que esta seja uma tradução próxima. É uma muito livre tradução. É mais uma condensação do que um resumo: mas é um resumo também. Meu objetivo foi transmitir o significado do original na forma mais clara que pude; e, para isso, todas as outras considerações aqui feitas para render. A visão séria que tenho tomado de minha iniciativa está provada pela quantidade de trabalho e de sacrifício pecuniário que tenho devotado a minha tarefa. Onde errei, é por falta de habilidade, por ter tomado todas as dores que poderia.

Uma sugestão que fiz para o Sr. Comte, e que ele aprovou, foi que as três seções (Matemática, Astronomia e Física) deveriam ser revisadas por um qualificado homem de ciência. Meu amigo pessoal, professor Nichol, de Glasgow, foi o tipo suficiente para empreender este serviço. Depois de duas cuidadosas leituras, ele não sugeriu nenhum material na forma de alteração, no caso das primeiras duas seções, exceto a omissão da



especulação de Comte sobre a possível verificação matemática da cosmogonia de Laplace. Exceto que mais tivesse que ser feito com relação ao tratamento da Física. Todo leitor verá que esta seção é a parte mais fraca do livro, com relação a ambas para a organização e os detalhes do assunto. Com relação ao primeiro, o autor explica o fato, da natureza do caso — que a física é, ao invés de um repositório de um pouco fragmentárias porções de ciência física, a correlação das quais ainda não é claro, do que uma ciência circunscrita isolada. E nós devemos dizer para ele, no que diz respeito ao outro tipo de imperfeição, que tais avanços têm sido feitos em quase todo departamento de Física desde que seu segundo volume foi publicado, que seria injusto apresentar o que escreveu sobre aquilo o que tinha na cabeça em 1835, com o que ele teria para dizer agora. A escolha assenta, portanto, entre quase reescrever esta porção do trabalho de Comte, ou, então, amplamente resumi-la num somente esqueleto apresentado dos princípios gerais que devem permanecer. Mas como o sistema de filosofia positiva é muito menos uma exposição do que um trabalho crítico, a última alternativa sozinha parecia aberta, sob duas considerações de justiça para com o autor. Eu tinha adotado, portanto, o plano das omissões extensivas, e tinha retido o bem curto memorando no qual o professor Nichol sugeriu isso, como notas. Embora o cavalheiro tenha sancionado minha apresentação dos capítulos de Comte sobre Matemática e Física, não deve ser inferido que ele concorde com este método em Filosofia Mental ou consente para outras conclusões realizadas de principal importância para os discípulos da Filosofia Positiva. O contrário, de fato, está, então, aparente no tom dos seus próprios escritos, que tão longe quanto seus numerosos leitores são considerados, esta observação necessita não ter sido oferecida. Com a reserva que tenho feito, estou limitada a tomar a inteira responsabilidade — o trabalho sendo absoluta e inteiramente meu.

Será notado que os trabalhos tardios do Sr. Comte não serão referidos em nenhuma parte deste livro. Parece para mim que eles, como nosso criticismo inglês sobre o presente trabalho, tinham que ser melhor tratados se separadamente. Aqui seu gênio analítico tem escopo completo; e o que existe de síntese é, em consideração com a ciência social, apenas o que é necessário para renderizar sua análise possível e disponível. Por razões vítreas, penso ser melhor parar aqui, sentimento seguro que este trabalho cumpre sua função, todo o resto com o qual o Sr. Comte pensou bem para acompanhar será obtido como é demandado.



Durante o inteiro curso de minha longa tarefa, tenho apelado a mim mesma que o trabalho de Comte está fortemente encorpado, repreensão sempre dada para a forma da intolerância teológica, que censura a Filosofia Positiva pelo orgulho da razão e baixeza de morais. A imputação não será descartada e o inimigo das religiões mundiais para o livro não irá afrouxar a sua aparição entre nós numa versão inglesa. Não pode ser de outra forma. O mundo teológico não pode exceto odiar um livro que trata das crenças religiosas como um estado transitório da mente humana. E, de novo, os pregadores e os professores, de todas as seitas e escolas, que mantêm a antiga prática, uma vez inevitável, de contemplar e julgar o universo pelo ponto de vista de suas próprias mentes, em vez de aprender a tomar seu destaque de nós mesmos, investigando frente ao universo para dentro, e não de dentro para fora, deve necessariamente pensar em um trabalho que expõe a futilidade de seu método e a inutilidade dos resultados para os quais leva. Como o Sr. Comte trata da teologia e metafísica como destinada a falecer, teológicos e metafísicos devem necessariamente abominar, temer, e desprezar seu trabalho. Eles apenas expressam seus próprios sentimentos naturais em nome dos objetos de sua reverência e o propósito de suas vidas, quando cobram a filosofia positiva com irreverência. Falta de aspiração, rigidez, falta de graça e beleza, e assim por diante. Eles não são juízes do caso. Aqueles que são — aqueles que têm passado pela teologia e metafísica e descobriram o seu valor, têm passado além deles — pronunciarão um julgamento muito diferente sobre os conteúdos deste livro, embora nenhum recurso para tal julgamento seja feito nele, e esse tipo de discussão não está expressamente previsto. Para aqueles que têm aprendido a difícil tarefa de postergar sonhos para realidades, até a beleza da realidade é vista em sua completa divulgação, enquanto de sonhos derretidos dentro da escuridão, o charme moral deste trabalho será tão impressionante quanto suas satisfações intelectuais. O aspecto no qual apresenta o Homem é tão favorável para sua disciplina moral, quanto é novo e estimulante para seu gosto intelectual. Nós nos encontramos de repente vivendo e movendo no meio do universo — como parte disso, e não como seu objetivo e objeto. Nós nos encontramos vivendo, não sob condições caprichosas e arbitrarias, desconectadas com a constituição e os movimentos do todo, mas sob grandes, gerais e invariáveis leis, as quais operam sobre nós como uma parte do todo. Certamente não posso conceber de instrução tão favorável para a aspiração como que quais nos mostra quão grandes são nossas faculdades, quão pequeno o nosso conhecimento, quão sublime esta altura que nós



podemos esperar para alcançar, e quão sem limites um infinito pode ser assumido para se espalhar além. Nós encontramos aqui indicações em passar dos males que nós sofremos por nossos baixos objetivos, nossas paixões egoísticas, e nosso orgulho ignorante; e, em contraste com eles, animando exibições de beleza e glória das leis eternas, e da doce serenidade, coragem elevada, e nobre resignação que são as consequências naturais de propósitos tão puros, e objetivos tão verdadeiros, como aqueles da filosofia positiva. O orgulho do intelecto certamente permanece com aqueles que insistem sobre crenças sem evidência e sobre uma filosofia derivada de sua própria ação intelectual, sem material e corroboração de fora e não com aqueles que são tão escrupulosos e tão humildes para transcender a evidência, e para adicionar, fora de suas próprias imaginações, para o que esta é, e pode ser referida, para outros julgamentos. Se será desejado para extinguir a presunção, afastar de objetivos baixos, preencher a vida com ocupações dignas e prazeres elevados, e criar a esperança humana e o esforço humano para o mais alto ponto atingível, me parece que a melhor fonte é o propósito da Filosofia Positiva, com seu trem de verdades nobres e incentivos irresistíveis. Os prospectos abertos são sem limites; para entre as leis estabelecer que do progresso humano é conspícuo. As virtudes que promovem são todas aquelas das quais o Homem é capaz; e os mais nobres são aqueles que são mais eminentemente promovidos. O hábito de buscar a verdade e falar a verdade, e a negociação verdadeira consigo e com todas as coisas, é evidentemente um requisito primário; e seu hábito uma vez aperfeiçoado, a consciência natural, então disciplinada, treinará até todos os outros atributos morais para alguma igualdade com ela. Para todos os que sabem o que o estudo de filosofia realmente é (o qual significa o estudo da Filosofia Positiva) seu efeito sobre a aspiração e a disciplina humana é tão claro que qualquer dúvida pode ser explicada somente sobre a suposição de que acusadores não sabem o que é que eles estão chamando em questão. Minha esperança é que este livro possa conseguir, ademais, o propósito entretido pelo seu autor e o mais um que ele não pretendeu, de transmitir uma suficiente repreensão para aqueles que, no egoísmo teológico ou orgulho metafísico, falam mal de uma filosofia que é tão suave e tão simples, tão humilde e tão generosa, para o hábito de suas mentes. O caso está claro. A lei do progresso está conspicuamente no trabalho em toda a história humana. O único campo do progresso é agora este da Filosofia Positiva, sob qualquer nome que possa ser conhecida para os



estudantes reais de toda seita; e, portanto, deve esta filosofia ser favorável para aquelas virtudes, cuja repressão seria incompatível com o progresso.

Referência da tradução

MARTINEAU, Harriet. Preface by Harriet Martineau. In: MARTINEAU, H. (org.). **The positive philosophy of Auguste Comte**. London: John Chapman, 1853. p. v-xv. Vol. 1. Versão PDF. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044012632121&view=1up&seq=5>. Acesso em: 8 fev. 2022.

Recebido em: 05/12/2021.

Aceito em: 15/04/2022.



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) e adaptar (remixar, transformar e “criar a partir de”) este material, desde que observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.